



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**CÍCERA DE ANDRADE PONTES**

**“É SÓ CORAGEM!”: TRAJETÓRIAS, SABERES E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS  
DAS MULHERES MÃES NA COMUNIDADE GEREBA – JANGURUSSU**

**FORTALEZA**

**2018**

CÍCERA DE ANDRADE PONTES

“É SÓ CORAGEM!”: TRAJETÓRIAS, SABERES E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS  
DAS MULHERES MÃES NA COMUNIDADE GEREBÁ – JANGURUSSU

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Celecina de Maria Veras Sales.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- 
- P858e Pontes, Cícera de Andrade.  
“É só coragem!” : trajetórias, saberes e práticas de resistências das mulheres mães na Comunidade Gereba – Jangurussu / Cícera de Andrade Pontes. – 2018.  
309 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.  
Orientação: Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales.
1. Saberes. 2. Experiência. 3. Mulheres. 4. Cotidiano. I. Título.

CDD 370

---

CÍCERA DE ANDRADE PONTES

“É SÓ CORAGEM!”: TRAJETÓRIAS, SABERES E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS DAS  
MULHERES MÃES NA COMUNIDADE GEREBA – JANGURUSSU

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 31 / 07 / 2018.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Celecina de Maria Veras Sales (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ângela Maria Bessa Linhares  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria do Socorro Ferreira Osterne  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Shara Jane Costa Adad  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

À minha mãe Maria Helena pela graça de existir e por preencher minha vida de sons, cores e delicadezas.

Às minhas avós Dos Anjos e França (*in memoriam*) – Perdão e Gratidão.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Celecina por lembrar-me que o contraponto das asas são as raízes, e também pela atenção, acolhida, pelos aprendizados e por acreditar que esse trabalho seria possível.

À professora Ângela Linhares pela sensibilidade em antever a realização dessa pesquisa, quando ainda era minha orientadora de mestrado, e por já naquele momento abrir veredas para o que se tornaria os seus primeiros passos - meus primeiros voos. Grata também pelas valiosas contribuições.

Aos meus amigos e amigas Kamila, Inambê, Sílvia, Lidiane, Nadja, Jaiane, Marcos, Alexandre, Sahmaroni pelo carinho e por tentarem entender minhas excentricidades – e também a querida Ana Cariri! Encontrá-los na UFC tornou esse caminho mais leve e enriquecedor.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo financiamento da pesquisa.

Às professoras Socorro Osterne, Gema Galgani e Shara Adad pelas valiosas contribuições durante esse percurso.

Às professoras do programa de Pós-graduação da FACED Kelma Matos, Ercília Braga e Rose Cruz.

por partilhar saberes acadêmicos, saberes sensíveis e pela convivência Sou grata às funcionárias e funcionários que secretariam o PPGE da FACED, pelo compromisso, interesse e dedicação prestada ao longo desses anos.

Às mulheres mães na comunidade Gereba, sujeitos dessa pesquisa, por suas histórias, suas resistências, seus saberes, seus devires e pelos diversos atravessamentos que não cabem no papel. Certamente não sou mais a mesma.

Ao meu pai, o Sr. Pontes, pela oportunidade de estar aqui vivendo essa experiência na terra, caminhando e evoluindo. Foi ele que me disse já ao final da graduação: “Você chegou onde não era pra chegar”. Fomos um pouquinho além... Chegamos pai!

Às minhas irmãs queridas “Dadá”, chuva de amor na minha vida e “Vi”- heroína anônima que me ensina muito mais do que supõe.

Aos meus sobrinhos Emanuel Pontes e Maria Helena por encher nossa casa de alegria e por me ensinarem a ser uma pessoa melhor.

À minha sobrinha Ana Vitória e aos meus sobrinhos netos José Yuri e Yan com quem divido os meus melhores momentos. Pra vocês todo o amor que houver nessa vida!

Aos seres de luz que guiam o meu caminho e mostram que viver é mais. Gratidão, gratidão, gratidão!

Ao meu mestre espiritual Sri Prem Baba por me tornar “caçadora de mim”, acreditando cada dia mais “nos motivos escondidos na razão de estar aqui.”

À Mãe Divina pela fonte de amor e confiança. Por erguer a minha cabeça nos momentos difíceis e me conduzir nesta travessia.

À Deus, Mistério maior, o grande Maestro... sem o qual nada faria o menor sentido.

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser  
Bem melhor e será  
Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita.  
(Gonzaguinha)



## RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo compreender como as mulheres mães da comunidade Gereba, bairro Jangurussu, vivenciam suas experiências de ser mãe e mulher num contexto de extrema pobreza e violência e se elas conseguem produzir saberes e práticas de resistência em prol de um melhor viver individual e coletivo. Realizou-se um percurso de inspiração etnográfica, num período que abrange os anos de 2013, 2016 e 2017, com procedimentos que envolveram a observação, entrevistas individuais, registros em diário de campo e fotográficos. Analisou-se a trajetória de 7 mulheres mães. Percebeu-se que as mulheres mães no Gereba são sujeitos de saberes e práticas sutis de resistência, desencadeadas a partir de suas experiências cotidianas, individuais e/ou coletivas, capazes de minorar os desafios de ser mãe e mulher na periferia e os danos de se viver em um cotidiano de escassez e violência. Por meio de experiências que envolvem tanto as relações familiares, principalmente com os filhos e filhas e as práticas de serviço, individuais ou em grupo, sobretudo na forma de voluntariado, as mulheres mães desenvolvem astúcias, táticas, *artes de fazer* – reinventam por exemplo os signos de pobreza advindos do lixo a favor de seus desejos, desestabilizando estigmas e produzindo subjetividades mais afirmativas -, num processo onde descobrem nas relações de cotidianidade importantes territórios educativos, que estimulam o cuidado consigo, com o outro e com a comunidade, e o cultivo de valores humanos. Nesse contexto a afetividade, a alegria, a sociabilidade, a solidariedade e a espiritualidade aparecem como campos educativos reestruturadores de si, que abrangem experiências e práticas capazes de possibilitar a esses sujeitos, enquanto mulheres e mães, ferramentas para o enfrentamento de uma vida de negação de direitos e de privação material, não obstante o caráter intermitente, contraditório e por vezes dramático dessas experiências e práticas.

**Palavras-chave:** Saberes. Experiência. Mulheres. Cotidiano.

## ABSTRACT

This research aims to understand how women mothers of the Gereba community, Jangurussu neighborhood, experience their experiences of being a mother and a woman in a context of extreme poverty and violence and if they can produce knowledge and resistance practices in favor of a better individual and collective. An ethnographic inspiration course was carried out during a period covering the years 2013, 2016 and 2017, with procedures involving observation, individual interviews, field journal and photographic records. The trajectory of 7 mothers was analyzed. It was noticed that women mothers in the Gereba are subjects of subtle knowledges and practices of resistance, triggered from their daily experiences, individual and / or collective, able to alleviate the challenges of being a mother and a woman in the periphery and the damages of live in an everyday life of scarcity and violence. Through experiences involving both family relationships, especially with the children and the service practices, individual or group, in the form of volunteering, women mothers develop cunning, tactics, arts of making – reinvent for example the signs of poverty deriving from garbage in favor of their desires, destabilizing stigmata and producing more affirmative subjectivities –, in a process where they discover in the relations of daily life important educational territories, that stimulate the care with the other and with the community, and the cultivation of humans values. In this context, resilience, affectivity, joy, sociability, solidarity and spirituality appear as self-restructured educational fields that encompass experiences and practices capable of enabling these subjects, as women and mothers, to cope with a life denial of rights and material deprivation, notwithstanding the interminable, contradictory and sometimes dramatic character of these experiences and practices.

**Keywords:** Knowledge. Experience. Women. Everyday.

## RÉSUMÉ

Cette recherche vise à comprendre comment les femmes mères communauté Gereba quartier Jangurussu, l'expérience de leurs expériences d'être une mère et la femme dans un contexte de pauvreté extrême et la violence et si elles parviennent à produire des connaissances et des pratiques de résistance à un meilleur individu vivant et collectif Nous avons effectué une voie inspiration ethnographique, une période couvrant les années 2013, 2016 et 2017, des procédures impliquant l'observation, des entretiens individuels, les dossiers de journal et sur le terrain photographique. La trajectoire de 7 mères a été analysée. Il a été remarqué que les femmes mères Gereba sont sujets de la connaissance et des pratiques subtiles de résistance, déclenchées à partir de leurs expériences quotidiennes, individuelles et / ou collectives, afin de remédier aux difficultés d'être une mère et une femme dans la périphérie et les dommages vivre dans une vie quotidienne de pénurie et de violence. Grâce à des expériences impliquant les relations familiales, en particulier avec les fils et les filles et les pratiques de service, individuelles ou collectives, en particulier sous forme de bénévolat, les femmes mères développent gimmicks, la tactique, les arts ne – réinventent par exemple signes de pauvreté liés à la poubelle en faveur de leurs désirs, ce qui déstabilise stigmas et la production de subjectivités plus positive – dans un processus où ils découvrent la vie quotidienne des relations territoires éducatifs importants, qui stimulent le soin de vous-même, avec les autres et avec la communauté et la culture des valeurs humaines. Dans ce contexte, la résilience, l'affectivité, la joie, la sociabilité, la solidarité et la spiritualité apparaissent comme des champs éducatifs auto-restructurés qui englobent des expériences et des pratiques capables de permettre à ces sujets, en tant que femmes et mères, de faire face une vie de déni de droits et de privation matérielle, malgré le caractère intermittent, contradictoire et parfois dramatique de ces expériences et pratiques.

**Mots-clés:** Connaissances. Expérience. Femmes. Quotidienne.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tela “Pôr do sol atrás da Rampa” .....	48
Figura 2 – Tela “Catadores do Jangurussu.” .....	49
Figura 3 – Mapa com o bairro Jangurussu e os seus diversos conjuntos habitacionais .....	52
Figura 4 – Mulheres à frente da caminhada sobre a lei Maria da Penha .....	55
Figura 5 – Mãe amamentando no campo de futebol, acompanhada das filhas pequenas .....	56
Figura 6 – Dona Acácia com a filha e a neta no campo de futebol do Coritiba .....	57
Figura 7 – Mapa da entrada da comunidade Gereba – Rua São Francisco .....	60
Figura 8 – Mapa com os marcos ilustrativos do entorno do Gereba .....	63
Figura 9 – Jovens jogam bola no campo de futebol da comunidade Gereba .....	63
Figura 10 – Salão de beleza ao lado de um depósito de lixo .....	65
Figura 11 – Fachada da antiga associação de moradores e moradoras do Gereba .....	65
Figura 12 – Rua Paraíso com suas casas e barracos .....	66
Figura 13 – Casa no Gereba decorada com garrafas pet .....	67
Figura 14 – Parte central da usina de reciclagem .....	69
Figura 15 – Mulheres trabalhando na usina de reciclagem .....	70
Figura 16 – Encontro do grupo de gestantes na associação .....	76
Figura 17 – Grafite em muro de escola .....	80
Figura 18 – Ação Social com a comunidade Gereba .....	101
Figura 19 – Roda de conversa com as crianças .....	102
Figura 20 – Grafite alusivo ao Gereba no início da rua principal .....	103
Figura 21 – Cuidador do templo indiano toca flauta em frente a imagem de Krishna .....	104
Figura 22 – Poste com um grafite alusivo à paz, em meio a casas sob a rampa no Gereba ...	110
Figura 23 – Vendedora na Floricultura .....	113
Figura 24 – Boneco do Homem Aranha em frente à Avenida Perimetral .....	113
Figura 25 – Crianças tocando e cantando na entrada da associação .....	117
Figura 26 – Reapresentação do cordel “O Lobisomem do Jangurussu” em frente à associação .....	119
Figura 27 – Mulheres e comunidade reunida para ouvir a história do Gereba por meio do cordel do Lobisomem .....	120

Figura 28 – A cozinha psicodélica de Dona Rosa .	123
Figura 29 – Decoração da entrada da casa de Dona Rosa	127
Figura 30 – Bonecas enfeitam as paredes do barraco de Dona Rosa	128
Figura 31 – A cozinha inventiva do barraco de Dona Rosa	129
Figura 32 – O quarto psicodélico de Dona Rosa	129
Figura 33 – Dona Begônia na frente de sua residência	139
Figura 34 – Participação em mesa de evento representando os catadores e catadoras de material reciclável	145
Figura 35 – Apresentação em evento com os catadores e catadoras de material reciclável	146
Figura 36 – Participação em mesa de negociação com o prefeito de Fortaleza	147
Figura 37 – Dona Magnólia e outra recicladora na ASCAJAN	149
Figura 38 – Dona Magnólia segurando a bandeira do MNCR, vestida com a blusa da ASCAJAN, ao lado da filha Verbena em uma manifestação	154
Figura 39 – Lótus vestida de azul com as pessoas do projeto Amo Cuidar	159
Figura 40 – Gravação de filme sobre a comunidade Gereba na rua da associação	163
Figura 41 – Dona Orquídea no lançamento do curta-metragem “Gereba”	164
Figura 42 – Criança do Gereba vendo imagens do documentário sobre a comunidade	164
Figura 43 – Crianças em atividade na biblioteca do Gereba	170
Figura 44 – Flor com crianças na biblioteca da associação de moradores e moradoras no Gereba	170
Figura 45 – Ilustração Gestalt	172
Figura 46 – Eu segurando Átial, ao lado de Acás e da cadela Jully	187
Figura 47 – Garota indiana juntamente com voluntários e voluntárias limpando o templo de Shiva	214
Figura 48 – Altar do antigo terreiro de umbanda de Dona Rosa	218
Figura 49 – Dona Magnólia com a blusa da ASCAJAN ao lado da filha Verbena, ao microfone, em manifestação pelos direitos dos catadores e catadoras	227
Figura 50 – Cartaz sobre a implantação da Bolsa Catador	229
Figura 51 – Flor e Alfazema preparando a alimentação	233
Figura 52 – Contação de histórias com crianças na associação (salão 1)	234
Figura 53 – Contação de histórias com crianças na associação (salão 2)	235

Figura 54 – Ensaio do grupo de dança na associação .....	235
Figura 55 – Aula de capoeira com as juventudes .....	237
Figura 56 – Roda dialógica na associação Dom Aloísio Lorscheider .....	238
Figura 57 – Festa com os idosos do Gereba .....	240
Figura 58 – Professor, alunos e alunas durante aula de violão .....	244
Figura 59 – Reunião do grupo de mulheres na associação .....	246
Figura 60 – Facilitadora do Jangurussu em apresentação sobre artesanato e reciclagem .....	246
Figura 61 – Artigos de artesanato produzidos pelas mulheres da associação .....	248
Figura 62 – Confraternização do grupo de mulheres no Gereba .....	249
Figura 63 – Exposição de fotos sobre o Gereba .....	251
Figura 64 – Eu e família indiana as margens do Rio Ganges .....	255
Figura 65 – Família indiana em sua moradia .....	257
Figura 66 – Entrada da casa de Alfazema .....	258
Figura 67 – Oficina de artesanato realizada pelo grupo de mulheres .....	262
Figura 68 – Mulheres expõem o resultado da oficina de artesanato .....	265
Figura 69 – Vivência corporal com as crianças .....	268
Figura 70 – Crianças e jovens divertem-se com um tambor .....	269
Figura 71 – Oficina de colagem .....	270
Figura 72 – Crianças e jovens brincam com pneus .....	270
Figura 73 – Oficina de pintura em parede .....	271
Figura 74 – Garotas dançando funk na associação .....	274
Figura 75 – Oficina de Maquiagem no Gereba .....	279
Figura 76 – Grupo de teatro se preparando para a apresentação na rua principal .....	281
Figura 77 – Pessoas da comunidade observam os preparativos para a apresentação de teatro .....	281
Figura 78 – Atividades com crianças na biblioteca .....	284
Figura 79 – Preparação da festa de carnaval com as crianças e as mulheres mães voluntárias .....	284
Figura 80 – Festa de carnaval das crianças .....	285

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ASCAJAN	Associação dos catadores do Jangurussu
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CONVIDA	Conselho Nova Vida
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e adultos
FUNCI	Fundação da Criança e da Família Cidadã
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
ONG	Organização Não Governamental
REAJAN	Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri
SEMAS	Secretaria Municipal da Assistência Social
SDH	Secretaria de Direitos Humanos

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2</b>	<b>SOBRE CAMINHOS E PONTES POSSÍVEIS – AS METODOLOGIAS TRILHADAS NA PESQUISA DE CAMPO</b> .....	46
<b>2.1</b>	<b>Primeira Ponte – (Re) conhecendo o Jangurussu: Território de dores e de flores</b> .....	48
<b>2.2</b>	<b>Segunda Ponte – A comunidade Gereba e as primeiras aproximações com as mulheres mães: O início de uma inserção</b> .....	59
<b>2.2.1</b>	<i>A usina de triagem e os primeiros desafios em relação ao campo empírico</i> .....	68
<b>2.2.2</b>	<i>Os projetos sociais como expressões de resistência no Gereba – palco de atuação para os saberes e para as artes de fazer das mulheres mães</i> .....	73
<b>2.2.3</b>	<i>As ações desenvolvidas na antiga Associação de Moradores e Moradoras Dom Aloísio Lorscheider e o surgimento do projeto Amo Cuidar</i> .....	74
<b>2.2.4</b>	<i>Os conflitos territoriais, o medo e as primeiras expressões de resistência – em meio a tudo uma pesquisadora</i> .....	80
<b>2.3</b>	<b>Inquietações, desafios e o caminhar metodológico da pesquisa</b> .....	88
<b>2.3.1</b>	<i>A inspiração etnográfica na pesquisa</i> .....	96
<b>3</b>	<b>TRAJETÓRIAS, SABERES E ARTES DE FAZER – EXPRESSÕES DE RESISTÊNCIA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES MÃES NA COMUNIDADE GEREBA</b> .....	122
<b>3.1</b>	<b>Dona Rosa e sua caixinha de surpresas: catadora, mãe, avó e mãe de santo</b> ....	123
<b>3.2</b>	<b>Dona Begônia: mãe, avó, ex catadora e uma das rezadeiras no Gereba</b> .....	133
<b>3.3</b>	<b>Do Gereba para o mundo: a graduanda em serviço social e membro da organização do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)</b> .....	140
<b>3.4</b>	<b>Dona Magnólia: Entre dores, flores, superações e uma vida de serviço</b> .....	148
<b>3.5</b>	<b>“Eu morri e depois voltei”. Lótus, mulher de muitas quedas e muitos voos</b> ....	154
<b>3.6</b>	<b>Dona Orquídea: Agente de saúde e avó. Uma liderança que pra ser, nem precisa se sentir</b> .....	159
<b>3.7</b>	<b>Flor, a pernambucana que foi adotada pela comunidade e pelas crianças: “Aqui eu aprendi a rir!”</b> .....	166
<b>3.8</b>	<b>Entre o instituído e o instituinte: Como é ser mãe e mulher na comunidade Gereba</b> .....	171



<b>4</b>	<b>AS PRÁTICAS SOCIAIS EM SERVIÇO COMUNITÁRIO/ VOLUNTÁRIO DESENVOLVIDAS PELAS MULHERES MÃES NA COMUNIDADE GEREBA</b> .....	209
<b>4.1</b>	<b>As experiências de Dona Begônia e de Dona Rosa: saberes, potências, desterritorializações (e mistérios) na prática do serviço comunitário entrelaçado à espiritualidade</b> .....	210
<b>4.2</b>	<b>Entre idas e vindas – As experiências de Dona Magnólia e de Verbena na militância-serviço junto ao MNCR e a ASCAJAN</b> .....	219
<b>4.3</b>	<b>Flor, Lótus e Dona Orquídea – um Gereba que resiste, por meio do serviço voluntário das mulheres mães na Associação Dom Aloísio Lorscheider</b> .....	229
<b>4.3.1</b>	<b><i>Desafios e mudanças no trabalho junto à associação – novas experiências para as mulheres mães e novas desterritorializações para a pesquisadora</i></b> .....	242
<b>4.3.1.1</b>	<b><i>O Grupo de Mulheres na associação: novo formato, novos sujeitos e uma nova postura em relação às práticas sociais desenvolvidas no Gereba</i></b> .....	245
<b>4.3.2</b>	<b><i>Novos aprendizados, novas provocações e parcerias – sementes de mudança em relação às práticas sociais e ao serviço voluntário desenvolvido pelas mulheres mães no Gereba</i></b> .....	250
<b>4.3.2.1</b>	<b><i>A Festa de Natal das Crianças – Potências e desafios diante de um Gereba que resiste em meio a deslocamentos e capturas</i></b> .....	250
<b>4.3.2.2</b>	<b><i>As oficinas de artesanato impulsionando os afetos, os saberes, a sociabilidade entre as mulheres mães no Gereba e o sentimento de pertença da pesquisadora</i></b> ....	259
<b>4.4</b>	<b>Um novo ano, novos desafios e possibilidades para as mulheres mães e suas práticas de serviço no Gereba</b> .....	267
<b>4.4.1</b>	<b><i>A Ação Cultural no início de 2018: Fluxos de inventividade, resistência e subversão – novas desterritorializações para a pesquisadora</i></b> .....	267
<b>4.4.2</b>	<b><i>A implantação da biblioteca – mudanças, desafios e oportunidades em relação às práticas de serviço desenvolvidas pelas mulheres mães na associação</i></b> .....	283
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	288
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	297

## 1 INTRODUÇÃO

“E é inútil procurar encurtar caminho e querer começar já sabendo [...] Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos.”

(Clarice Lispector)

Embalada pelas entrelinhas de Clarisse, essa pesquisa de inspiração etnográfica<sup>1</sup>, nasceu dentre outras motivações, de várias dobras (DELEUZE, 1991), percursos que envolvem o que está para além do próprio estudo, mesmo caminhando com ele. Nasceu também de minhas experiências (LAROSSA, 2002) com as mulheres e as juventudes das classes populares, e comigo mesma enquanto mulher, educadora e pesquisadora. Aos 22 anos, eu que era (sou ainda) de uma família de classe média bem baixa e que sempre estudara em escolas públicas, para espanto de muitos concluía uma monografia pela UECE, no curso de serviço social, sobre a prática educativa desenvolvida com jovens na antiga Fundação da Ação Social (FAS) – viabilizada por uma bolsa de pesquisa, coisa rara a época.

Na faculdade, encantei-me com as ideias de Gramsci (1982) sobre a prática pedagógica e a necessidade do intelectual orgânico não apenas saber, mas sentir e estar apaixonado, assim como pela paixão de Paulo Freire em querer construir um novo mundo, a partir de novas práticas, relações e afetos, projeto esse alicerçado em grande parte por uma educação popular. De modo não planejado, a vida me levaria a trilhar caminhos que se entrelaçavam a essa educação. Concluído o curso, trabalhei em algumas ONGs com mulheres e jovens, em contexto urbano e rural, acompanhando a produção de jornais juvenis escolares e fortalecendo as práticas das juventudes de assentamentos em Itapipoca. Trabalhei também na gestão municipal petista, pós eleição de Lula, na área de assistência social. Participei de ações com adolescentes e adultos em situação de rua nos anos em que fiz parte da Fundação da Criança e da Família Cidadã (FUNCI) e na então Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS). Na secretaria de saúde, algum tempo depois, pude trabalhar com prevenção a AIDS e diretamente com portadores e portadoras de HIV, com destaque para um momento em especial: uma oficina sobre prevenção com mulheres sob restrição de liberdade no presídio Auri Moura Costa. A primeira surpresa foi encontrar dentro do presídio um bonito salão intitulado Paulo Freire e saber que seria ali o local da atividade. A segunda, poder ver de perto

---

<sup>1</sup> Desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação (FACED) na Universidade Federal do Ceará (UFC). Linha de Pesquisa “Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola”. Eixo Temático “Educação ambiental, juventude, arte e espiritualidade”, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celecina de Maria Veras Sales.

a riqueza das narrativas das mulheres e constatar que em muitos contextos dor e alegria, escassez e abundância podiam caminhar juntos.

O encontro com o Jangurussu e a comunidade Gereba se deu há mais de 10 anos, em 2007, quando eu conheceria o bairro “de longe”, no momento em que coordenava o núcleo de gênero da FUNCI, na gestão da professora Glória Diógenes. Mais recentemente, conheci o Jangurussu um pouco mais de “perto”, em função de um novo assombro: a entrada no curso de mestrado em Educação Brasileira em uma importante universidade federal e a realização de uma pesquisa dissertativa, defendida no ano de 2013, que tinha como eixo central as culturas juvenis naquele território, especificamente as práticas educativas desenvolvidas com base nas experiências dos Grupos Meninas do Rap (moradoras da comunidade Gereba) e Meninos e Meninas de Deus (moradores e moradoras do conjunto Santa Filomena).

Hoje me arrisco a dizer que todo esse trajeto reverberou num desvio de rota e num certo desejo de nomadismo, em virtude dos fortes ventos que vieram na minha direção a partir dos 42 anos de idade, convergindo com a minha entrada no curso de doutorado: – fluxos geradores de um profundo repensar sobre a minha vida afetiva, familiar, acadêmica, interações, feminilidade, espiritualidade. Desterritorializações.

Penso que minha formação e trajetória profissional influenciaram diretamente a opção analítica de, mesmo estando normalmente em contextos de aguda precariedade, situar os sujeitos sociais com os quais interagia também para fins de investigação, numa composição de redes que envolviam valores, afetos e intensidades, não apenas escassez – a partir da tessitura das narrativas sobre si, dos sentidos atribuídos a suas práticas culturais e políticas, e das relações travadas em sua cotidianidade.

Buscando a continuidade da coerência com esse olhar mais alargado, este estudo visa refletir sobre a periferia, no que ela tem de precariedade e potência, nessa relação tão complexa, intrigante, sinuosa e desafiadora que envolve sombra e luz, morte e vida, queda e voo, entendendo ser esse um debate epistemologicamente relevante e que aqui toma como base as trajetórias, experiências, saberes e as práticas sociais cotidianas que constituem as resistências das mulheres que são mães no Jangurussu, mais precisamente na comunidade Gereba, num diálogo com o serviço voluntário, num contexto de extrema pobreza e violência.

O objeto deste estudo<sup>2</sup> dialoga, pois com os saberes sutis estudados por De Certeau (1990, 1995)<sup>3</sup>, e reconhecidos por autores como Paulo Freire (1977, 1984, 2008). Saberes tecidos nas e pelos sujeitos das classes populares – e aqui mais especificamente pelos moradores e moradoras na periferia –, saberes subestimados, escamoteados, postos à margem, mas permeados de intensidades que se expressam nos afetos, nas suas práticas irruptivas, nas corporeidades, nos seus movimentos intermitentes e muitas vezes meteóricos, e em valores colaborativos também, como a amizade a solidariedade – bases para a construção de um outro mundo dentro deste.

Convém ressaltar que meu interesse inicial não era esse. Tendo conseguido a aprovação no curso de doutorado, tudo levava a crer que o meu estudo seria uma investigação sobre o potencial de redes juvenis a partir das juventudes que se formavam no entorno do Cuca Jangurussu,<sup>4</sup> o que só veio a mudar após um ano de curso.

Em abril de 2016 eu estava com um projeto de tese em educação, recém aprovado pela UFC em uma primeira qualificação, e infeliz. Após alguns meses de uma pesquisa exploratória no Conjunto São Cristóvão eu me via diante de uma efervescente conjuntura política, tanto local quanto nacional: uma gestão municipal com fortes retrocessos na área social, principalmente no tocante a saúde e segurança e uma gestão federal que sofria a abertura de um processo com vistas ao impedimento da continuidade do mandato de Dilma Rousseff como presidente da república.

Para completar, eu estava em uma área que ainda sofria o abalo da chacina de Messejana ocorrida no final de 2015, onde um dos jovens do Conjunto São Cristóvão fora vitimado. Acompanhando um pouco a rotina do Cuca Jangurussu, a impressão que eu tinha era que os jovens e as jovens que por ali circulavam, estavam sendo disputados por diversas tendências ideológicas e partidárias, fazendo daquele um espaço em “pé de guerra”. Isso podia ser percebido nas frequentes reuniões de articulação que ocorriam principalmente à noite. Alguns dos jovens militantes de esquerda e já alguns dos jovens do referido conjunto, reagiam ao complexo cenário político com sectarismo parecendo ser “vítimas” do fenômeno

---

<sup>2</sup> Refiro-me aqui especificamente a questão da tese e não as interlocutoras, as mulheres mães que participam como sujeitos desta pesquisa.

<sup>3</sup> Conheci esse autor logo após o início do curso de doutorado, por meio de minha orientadora de tese, a professora Dra. Celecina Veras Sales, que muito gentilmente me apresentou em meu aniversário com o livro “A invenção do Cotidiano”. No mesmo período, o grupo de estudos sobre cultura e juventudes, coordenado na UFC pela referida professora, e do qual eu faço parte, também se debruçou sobre as obras do mesmo autor.

<sup>4</sup> Equipamento da prefeitura inaugurado no final de 2012 e parte da Rede CUCA – política municipal da Prefeitura de Fortaleza ligada à Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude e que oferece formações principalmente no campo da arte (FORTALEZA, 2018).

que Paulo Freire (1987) denominou de “aderência”.<sup>5</sup> Esse cenário provocou em mim certa angústia, resvalando num posterior desinteresse investigativo, por mais que eu tentasse me conectar com o que “deveriam ser” os sujeitos potenciais da minha pesquisa.

Em minha última ida ao equipamento, lembro-me que ao entrar no banheiro feminino deparei-me com um espelho pintado de uma ponta a outra com a frase escrita a batom: “Vai morrer!”. Meses depois, nem mesmo a ocupação do Cuca pelas juventudes do Jangurussu, ocorrida em março de 2016, no sentido de pressionar o poder público municipal contra o corte de investimentos no equipamento, fez renascer a motivação por aquela pesquisa em potencial.

Como diz Sales (2003, p. 14): “[...] toda pesquisa, desde a escolha do tema, não se define por acaso, pois as questões vão surgindo em um movimento contínuo de encontros e desencontros.” Faço aqui a opção de discorrer sobre esse percurso e não citá-lo apenas em nota de rodapé, mesmo correndo o risco de estender o texto além da conta, por considerar que pesquisador e pesquisa se unem a partir de uma trajetória e por também entender isso como um ganho metodológico para o texto.

Eu precisei passar um tempo “na muda” – tomo aqui a expressão usada por Duarte Júnior (2004), para elaborar a minha frustração, exercitar a arte da humildade e me abrir para novos experimentos, reconhecendo que naquele momento a realidade que eu vivia refletia a letra da música de Moska “A seta e o Alvo”<sup>6</sup>: “Sempre a meta de uma seta, mas o alvo na certa não te espera.” Parafraseando Deleuze e Guatarri (1995, p. 262) eu precisava de uma corrente de ar, uma saída do caos, que me trouxesse visão.

Tal como uma lagarta antes de virar borboleta foi necessário vivenciar as fricções no meu casulo, ter paciência e fluidez para deixar a vida me afetar. Lentamente fui percebendo que parte desse processo já estava se dando desde 2015, por meio do encontro com a minha espiritualidade a partir de vivências que faziam pontes com o Santo Daime<sup>7</sup>,

---

<sup>5</sup> O conceito alude a introjeção simbólica dos valores do opressor feita pelo oprimido com reverberações nas suas práticas: “Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização.” (FREIRE, 1987, p. 32).

<sup>6</sup> CD Contrasenso, Gravadora Emi Brasil, 1997.

<sup>7</sup> Uma manifestação religiosa surgida na região amazônica nas primeiras décadas do século XX. Consiste em uma doutrina espiritualista que tem como base o uso sacramental de uma bebida enteógena, a ayahuasca – uma amplificadora da consciência e uma ferramenta de autoconhecimento capaz de promover curas nos planos físico e psicoemocional.

com o então uso religioso da ayahuasca<sup>8</sup> e com o Mestre Espiritual Sri Prem Baba<sup>9</sup> –, reverberando na ressignificação processual do meu próprio feminino.

Prestes a fazer 43 anos, eu nunca havia casado ou tido filhos e minha persona, numa linguagem jungiana, estava ligada a figura da mulher independente e ao mesmo tempo refém dos tradicionais padrões de beleza femininos, investindo nesse campo grande parte do meu tempo e dinheiro.

Tendo começado a elaborar internamente essas questões, tornou-se mais claro para mim que não me interessava por uma ciência que não fosse capaz de transcender os muros institucionais e de agregar elementos do humano e do não humano, entrelaçando múltiplas esferas, dentre as quais esferas da vida pessoal com esferas da vida social, impulsionando novas formas de olhar, sentir, agir e se relacionar. Sincronisticamente, passada a fase de ansiedade em “achar” e ser “achada” por um “outro objeto”, como também por outros sujeitos, aos poucos fui percebendo que eu não queria deixar a investigação no Jangurussu; no entanto, sempre que pensava no bairro, o que me ocorria era uma conexão com outra comunidade, a comunidade Gereba que me apresentou no passado ao próprio bairro, e mais precisamente com as mulheres, na verdade algumas das mães das jovens por mim pesquisadas na dissertação de mestrado e que acabaram por ganhar um notado destaque naquele estudo, justamente pela sua influência naquelas culturas juvenis.

Nessa etapa de reelaboração da pesquisa a questão geral que me vinha de início era: Como é ser mãe no Jangurussu e mais particularmente na comunidade Gereba, perpassada pela miséria e violência, mas também por uma latente vontade de potência que há anos eu já havia percebido de certo modo em função de minhas experiências profissionais e como pesquisadora. Todos os desdobramentos relacionados à educação emergiram desse pano de fundo. Ainda assim, minha visão sobre o serviço voluntário e as experiências e práticas sociais das mulheres não era muito clara, mesmo que eu soubesse que ali era um terreno fértil para a atuação de ações desenvolvidas por ONGs e organizações internacionais voltadas para os direitos humanos. Reconheço que isso comprometeu em parte um olhar mais assertivo naquele momento quanto à delimitação mais precisa do objeto da minha pesquisa. Por outro

---

<sup>8</sup> Ver O Oco do Vento de Jacques Gauthier no qual há uma análise sobre a articulação entre ciência, o santo daime e o uso da ayahuasca. Dois artigos sobre esse tema escritos pelo mesmo autor estão disponíveis em: [www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/download/214/260](http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/download/214/260) e <http://fedathi.multimeios.ufc.br/entrelugares/antigo/pdf/jacques.pdf>

<sup>9</sup> Mestre brasileiro, reconhecido na Índia aos 36 anos por seu guru indiano Maharaj Ji como mestre da ancestral linhagem Sachcha.

lado, tal como sugerido nos versos da canção de Lulu Santos<sup>10</sup>: “A vida vem em ondas como o mar”, pude perceber que o caminho se faz de fato ao caminhar.

Foi somente ao conhecer as interlocutoras do nosso estudo, seus modos de viver e relacionar-se e principalmente sentir, ver e conviver com aquela comunidade e com o que ela tinha de potencial e limitação, que eu experienciei uma maior abertura de olhar e um melhor fluir do meu devir pesquisadora. Foram as minhas interações com as mulheres, “naquele espaço/tempo específico”, que geraram um maior sentimento de “presença” da minha parte.

Remoer tudo isso serviu também para que eu percebesse que na verdade eu não queria investigar precisamente as significações sobre a maternidade no Jangurussu. Esse deslocamento do meu olhar foi construído gradualmente, num movimento que em nada lembrava uma reta. Ao contrário, foi a partir de muitas idas e vindas e em meio a muitas pausas, e porque não dizer, muitas quedas, muitas desterritorializações, que aos poucos ele foi se delineando, de início a partir daquilo que eu não queria investigar. Isso me exigiu dentre outras coisas, “abrir mão”, de certo modo, da identidade de pesquisadora em juventudes.

Esse deslocamento/dilatamento de olhar passou a se dar de modo mais consistente, a partir de dois fatores. O primeiro foram as lembranças que passei a acessar das narrativas das jovens por mim pesquisadas durante a tessitura do estudo dissertativo sobre os saberes e as práticas sociais desenvolvidas na comunidade pelas suas mães ou avós. Depois, passei a resgatar lembranças mais antigas das mulheres moradoras da comunidade, com as quais eu tinha interagido quando trabalhava na FUNCI, e que de algum modo deixaram marcas em mim.

Para entender melhor essa tessitura, assim como os ventos que me assolaram, se faz necessário, pois uma viagem no tempo. É desse passado que emergem os fluxos que a ela me possibilita conexão, fluxos que dialogam com a minha formação em serviço social e com o meu devir educadora.

Em novembro de 2007, eu comecei a trabalhar na Fundação da Criança e da Família Cidadã como coordenadora de um núcleo de gênero, e pude participar indiretamente da organização de uma caminhada no bairro Jangurussu, alusiva a divulgação da então recém-lançada Lei Maria da Penha. Tratava-se de uma iniciativa do movimento popular do bairro,

---

<sup>10</sup>Como uma onda, CD O ritmo do momento, Gravadora WEA, 1983.

mais precisamente da Rede de Articulação do Jangurussu e do Ancuri (REAJAN) e apoiada mais diretamente pela FUNCI por meio do projeto Crescer Com Arte Jangurussu.<sup>11</sup>

A caminhada começou na Avenida Presidente Costa e Silva popularmente chamada de Avenida Perimetral, indo até a comunidade Gereba, sede do antigo aterro sanitário do Jangurussu, transformado depois em usina de reciclagem, e um dos maiores ícones de pobreza nos anos 1980 e 1990.

Mas “a gente não quer só comida” já dizia a conhecida música do grupo Titãs que fez sucesso na década de 1980. Naquele momento a comunidade estava mobilizada também para responder a outras questões, dilatando a própria noção de “conflito”. A ideia era articular diferentes sujeitos políticos, entidades governamentais e não governamentais e contar com a participação dos moradores e moradoras: jovens, adultos e adultas, mulheres ligadas ao movimento, crianças, idosos e idosas.

Na ocasião pude ficar muito próxima das “Meninas do Rap”, jovens percussionistas que abriram a caminhada – em meio aos carros na avenida Perimetral, com o soar dos seus instrumentos e do seu canto em forma de rap –, e das mulheres adultas que entregavam folhetos, tiravam dúvidas das pessoas, seguravam faixas, ou simplesmente cantavam e dançavam – elas viam e eram vistas. Muitos rapazes também caminhavam, num percurso que abrangeu as ruas da comunidade Gereba, terminando apoteoticamente na sede da Associação de Moradores D. Aloísio Lorscheider, com um animado evento cultural ao fim da tarde.

Como não lembrar-me de Paulo Freire (2011a), ao analisar a quebra da impossibilidade de “ser mais” pelos sujeitos, a qual passa pelo nível individual até chegar ao social, se articulando diretamente com a noção de empoderamento proposta por esse mesmo autor e apresentada mais detidamente no livro *Medo e Ousadia?* Nessa obra o educador defende que, em última instância: “A libertação é um ato social” (FREIRE, 2011a, p. 185).

Não obstante, o que chamara definitivamente a minha atenção na experiência com aquelas mulheres, mais do que as sementes que elas carregavam de qualquer movimento político, a se consolidar futuramente talvez, eram os seus corpos em movimento e a analogia daquele caminhar; o que ele teve de surpresas – mulheres idosas cantando, rapazes segurando faixas contra a violência de gênero; de alegrias – um “caminho-festa” em plena Perimetral sob

---

<sup>11</sup>O projeto Crescer com Arte desenvolvia atividades em arte educação com os jovens e as jovens e funcionava dentro da usina de reciclagem, no antigo aterro sanitário. Posteriormente o projeto passou a funcionar no prédio do Conselho Nova Vida (CONVIDA), no conjunto Santa Filomena.



o olhar pasmado dos motoristas que passavam espremidos; de superação – vencer o medo de abordar os homens na calçada para lhe entregar um folheto por exemplo.

Dias depois eu teria mais algumas vivências na comunidade por meio da FUNCI, também com mulheres e jovens, dentro da usina de reciclagem de resíduos sólidos, onde funcionava o projeto Crescer com Arte Jangurussu. Um prédio feio e mal cheiroso, com paredes exalando mofo, mas com muitas expressões de resistências, muitas intensidades. Realizamos algumas oficinas sobre relações de gênero com as mães dos jovens e das jovens participantes do projeto e acompanhamos algumas das atividades com as juventudes. Tudo isso ficaria guardado na minha memória. O tempo jogaria as suas sementes, prepararia a terra e mais tarde me possibilitaria bons aprendizados.

Passados sete anos, eu concluiria um trabalho dissertativo sobre as culturas juvenis no Jangurussu. As mulheres, todavia, sempre estiveram “à minha espreita”. A começar pela experiência vivida já em minha primeira incursão etnográfica na comunidade Gereba ainda naquela pesquisa, de onde emerge possivelmente a cena que se constitui como o fio condutor para a realização da presente tese, sendo tal experiência, pois, um divisor de águas no meu caminhar de pesquisadora. Acompanhemos o diário de campo:

15h: Estou próxima à antiga rampa do Jangurussu e quase em frente à associação de moradores D. Aloísio Lorscheider. Adentro a casa de Esmeralda<sup>12</sup>, uma das Meninas do Rap, para nossa primeira conversa. Uma casa pobre num lugar mais pobre ainda. Peço que ela me conte um pouco da sua história: “Eu sou adotada”, me diz a garota. “Mas eu sou feliz! Minha mãe me adotou, cuidou de mim. Ela trabalha catando lixo. As vezes ela briga comigo, mas é para o meu bem”. [...] Em determinado momento da conversa, ao entrarmos na cozinha, tal como no filme Avatar<sup>13</sup>, me transporto para outra dimensão. O colorido dos desenhos no lençol, que fora transformado em papel de parede (teria sido trazido da usina?), o brilho das panelas ariadíssimas e dispostas sobre ele como estrelas em galáxias, a profusão de imãs que iam de cima abaixo na geladeira, o primor da capinha do fogão e do bujão de gás, tudo isso me fazia sentir, não apenas crer: havia vida no Jangurussu, no Gereba. “Ah, isso é coisa da minha mãe! Diz a garota ao ver a minha reação. Como não interromper a conversa com a garota - a qual começara ainda na área -, e concentrar-me no meu “objeto” depois disso?

17:15: Antes de ir embora, descubro um terreiro de umbanda ao lado da casa. Uma tia da garota me conta que a mãe de Esmeralda era a mãe de santo do bairro. Ondas de entusiasmo me invadem. Desisto de sair. Entro no terreiro rodeado por carrinhos de carregar lixo. No chão, sacos plásticos enormes, de coleta, por todo lado. Fico sabendo um pouco da história de resistência daquela mulher, que eu nem conhecia ainda, em prol do direito de expressar a sua fé junto aos outros moradores da comunidade. “Os caboclos dela recebia era pedrada que vinha de cima!” – diz a tia da garota. Hoje eles fazem é vim! Na saída, passando pelo corredor da casa, impossível não olhar para o quarto com a porta entreaberta: uma mulher deitada em uma cama, olhando pra cima, prestes a levantar. Já estava anoitecendo e Dona

<sup>12</sup>No trabalho dissertativo os nomes das jovens foram substituídos por pedras preciosas.

<sup>13</sup>Trata-se de uma história de ficção que se passa no ano de 2154. O filme se passa em Pandora, um satélite com uma natureza exuberante, e também rico em um mineral muito valioso para os seres humanos, o unobtânium, que resolveria a crise energética do planeta. Lançado em 2009. Distribuído por 20th Century Fox.

Rosa<sup>14</sup>, mãe de Esmeralda precisava se preparar para mais uma noite de trabalho na usina de reciclagem. (Diário de Campo, 08/05/2012).

O trecho do diário de campo, retrata algo que me afetou como uma quase epifania. Aquela cozinha “psicodélica” produzira viagens desterritorializadoras em mim, e a maior delas, que a partir do instituído correm fluxos indomáveis, instituintes. De Certeau (1990) em seus estudos, que envolvem também a análise de bricolagens a partir de sucata, mostra com maestria como pessoas comuns são capazes de subverter os cânones e os sentidos que as instituições buscam impor sobre elas. Esses seriam os heróis anônimos, que com suas astúcias e artes de fazer, rompem o estigma de não-criadores e não-produtores, consumidores passivos, reféns dos produtos da cultura recebida. Esse autor afirma ainda que a cultura “[...] consiste não em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um marca aquilo que outros lhe deram para viver e pensar” (DE CERTEAU, 1995, p. 145). Dona Rosa valia-se da tática, da astúcia analisada por De Certeau (1990), a fim de subverter, para seus próprios fins, uma significação imposta pela cidade que a via como uma “mulher do lixo”.

Durante a pesquisa dissertativa com o objetivo de contextualizar a relação “juventudes e comunidade”, já durante as primeiras entrevistas eu pedia para as jovens apontarem alguém no bairro que para elas fosse especial. Para a minha surpresa, quase todas citavam as referências femininas, suas mães ou avós, quer pelo trabalho social realizado com a comunidade, ou pelo apoio dado ao grupo de *rap*, ou simplesmente como uma figura acolhedora, cuja importância era determinante para que elas estivessem “tentando vencer na vida”.<sup>15</sup>

Ao investigar as juventudes ligadas ao movimento hip hop, Sales (2001, p. 32) analisa que junto com os sonhos coletivos de uma sociedade outra, liberta das amarras do capital, “[...] nos seus sonhos carregam consigo o desejo de ajudar a família, ressaltando principalmente a figura da mãe.” Outras pesquisas desenvolvidas nessa área também evidenciam o papel da mãe como uma importante referência afetiva no desenvolvimento dos jovens e das jovens. É o caso dos estudos sobre juventudes realizados por autores como Juarez Dayrell (2003). Segundo ele as relações interfamiliares acabam por constituírem-se em

---

<sup>14</sup>Os nomes das mulheres que participam desta pesquisa (e de alguns dos seus filhos) foram substituídos por nomes de flores, tanto por questões de segurança, como um contraponto a atividade de reciclagem exercida por quase todas. No caso das jovens Meninas do Rap, cujas mães ou avós são nossas interlocutoras, foram mantidos os nomes adotados no estudo anterior.

<sup>15</sup>Ver: Onde Mora a Esperança? Um Estudo das Culturas Juvenis no Jangurussu: as Meninas do Rap e os Meninos e Meninas de Deus (PONTES, 2013).

espaços de conflito e afetividade, cuja síntese é na maior parte das vezes a sua valorização pelas próprias juventudes.

Podemos dizer que essa postura dos jovens e das jovens de periferia acabou por ganhar relevo durante os quase dois anos de pesquisa no Jangurussu, como se observa na parte final do trabalho:

Vimos que o papel social das mães comparece como decisivo muitas vezes, e possui comumente o sentido de segurança, cuidado e acolhimento em relação aos filhos e filhas. Há que se revalorar as mães, as avós, pois não só as jovens demonstraram ser de certo modo resistentes. As mulheres adultas, as senhoras moradoras do bairro também tinham uma história. (PONTES, 2013, p. 227-228).

Afirmar a importância da família e das mulheres mães era estar aberta, porém, à percepção das sinuosidades que envolvem o imaginário sobre a maternidade. Nem sempre as mães eram associadas a um contexto de amorosidade. Por vezes as ambiguidades, contradições e conflitos faziam parte do exercício da maternagem. Na segunda fase da pesquisa, levando em conta a fala dos jovens e das jovens também no Conjunto Santa Filomena – os participantes e as participantes dos grupos Meninos e Meninas de Deus –, pude continuar percebendo outros perfis de feminilidades e de maternidades que se entrelaçavam aos próprios dramas vivenciados no Jangurussu, como é o caso da mãe de Bebeto:

Tia a senhora não sabe o que é acordar de manhã e ver que não tem nada pra comer e a tua mãe num canto usando crack. Dá uma sensação tão ruim, tão ruim tia! Uma sensação horrível... A gente só pensa em roubar, matar e destruir, por isso que tem uma gangue com esse nome! (RDB) [...] A minha mãe só não faz vender as coisas de dentro de casa, mas o resto...O meu padrasto trabalha e ela corta cabelo, é cabelereira. Apesar dela usar crack, vai muita gente, mas é mesmo que nada...porque ela usa... Quando eu chego eu vejo, aí nem digo nada. Tanto que eu tô morando hoje com um amigo. Eu fui lá hoje de manhã. Aí ela disse assim: “O que é que tu veio fazer aqui?” Eu fui e disse: “Vim só aqui, não posso vim não?”. Aí eu peguei e saí de novo. (Bebeto, 09/05/2013).

Muitas vezes imersa num amálgama de questões estruturantes como as que possivelmente explicam o comportamento da mãe de Bebeto, dependente química, a maternidade, assim como a infância (ARIÉS, 1981), é tecida por dimensões complexas, fatores de ordem social e psicológica que se assentam no imaginário social presente na nossa cultura. Dele surgiram também historicamente discursos reafirmadores do cuidado, da proteção e da bondade como elementos incondicionais, naturalizados. Badinter (1985) rechaça esse estereótipo da representação feminina que pretende atribuir à mulher uma natureza biológica para a maternidade. Em O Mito do Amor Materno a autora defende a tese de que nem todas as mulheres desejam ser mães, não tratando-se segundo ela de "instinto". O

afeto nesse caso se formaria da convivência e seria algo “conquistado”, como é o caso da recente ressignificação da paternidade por boa parte dos homens, fenômeno sobre o qual chega a discorrer ao final da obra.

Os estudos de Scott (1995), caminham nessa linha ao analisar a categoria gênero:

O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Esse uso rejeita a validade interpretativa da idéia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Além disso, o termo gênero também é utilizado para designar as relações social entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente, explicações biológicas como aquelas que encontram um denominador comum para as diversas formas de dominação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo gênero torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. (SCOTT, 1995, p. 7).

As mudanças ocorridas no final do século, com especial ênfase para a descoberta da pílula anticoncepcional, o avanço das mulheres no mercado de trabalho e mais recentemente um maior interesse dos homens pela paternidade, mudanças essas encabeçadas em grande parte pelos movimentos feministas, acabaram por desestabilizar a maternidade como algo inato, inerente à condição feminina, imutável e universal. As conclusões das narrativas em que me amparo em relação a esse fenômeno aludem muito mais ao resultado de um processo contínuo em constante (re) construção. Em o Mito do Amor Materno Badinter chega a afirmar que não é contrária à ideia de família, mas aos discursos normatizadores que envolvem a questão da maternidade e que se arvoram da biologia e de uma lógica universalizante, suprimindo o seu caráter cultural.

Concluído o trabalho dissertativo no Jangurussu, a percepção da influência das mulheres mães nos modos de ser e fazer juvenis, para o bem ou para o mal, era algo visível. Se em alguns casos elas pareciam ser vítimas e produtoras da violência como no caso da mãe de Beбето que é usuária de crack e provavelmente por conta da drogadição aparentava não o querer por perto, de um modo geral elas surgiam como uma rajada de vento na vida dos jovens, na forma de carinho, cuidado, acolhida. Diante dos fenômenos marcantes no bairro tais como a violência, o abuso e a exploração sexual, assim como o tráfico de drogas, todos com grande impacto na vida dos jovens e das jovens, não raro elas, as mulheres mães eram

percebidas por esses como um porto seguro, “um refúgio num mundo sem coração” (LASH, 1991), e muitas vezes também como fonte inspiradora de superação e compromisso social, como aparece no relato da jovem que eu chamei de Ametista.

A minha mãe terminou os estudos e trabalha na secretaria de direitos humanos da cooperativa<sup>16</sup>, na parte de reciclagem, dos catadores do Jangurussu. Ela já viajou pra Minas Gerais e pra Curitiba [...] Ela é catadora, recicla na ASCAJAN. Trabalhava lá na infância dela também. Depois foi pro Pão de Açúcar, pro Extra. Ela passou um tempo desempregada, daí surgiu essa vaga, ela se inscreveu e passou [...] Eu acho que no Jangurussu, a minha mãe é uma das pessoas que eu mais admiro. Porque ela estudou, ela batalhou pra ter o que ela tem hoje. Acho que a minha mãe é um exemplo. Mesmo sendo pobre, mesmo trabalhando, ela estudou. Está planejando fazer faculdade. Não é porque ela trabalhava na usina que ela parou de estudar. Ela me teve e nem por isso parou de estudar. (Ametista, Meninas do Rap, Entrevista 01/08/2012).

Ao longo da pesquisa, ter contato com mulheres como a mãe de Ametista, que em uma tarde me rendeu uma entrevista de dez laudas, me fazia por alguns momentos até “esquecer” o meu objetivo principal e perguntar: Como as mulheres tecem essas expressões de resistência na periferia? Minha orientadora à época, a professora Ângela Linhares, atentou para o quão interessante seria aprofundar essas questões para efeito de um futuro doutorado também em educação. Mas como na canção de Rita Benneditto, é o tempo “[...] compositor de destinos, tambor de todos os ritmos”.<sup>17</sup> O fato é que eu enxergava, mas “não via” ainda, ao menos suficientemente, aquela potencialidade, e se a via, o que eu não via naquele momento, e mesmo tendo concluído o estudo, era o porquê desse meu encantamento e ao mesmo tempo dificuldade em lidar com as mulheres que eram mães, mesmo com tantas aproximações ensaiadas. Cheguei ainda a entrevistar pelo menos mais duas mulheres durante o decorrer da pesquisa, levada de certo modo por fluxos intuitivos e com a justificativa de captar um pouco do olhar das moradoras. Mas “o fruto só dá no tempo certo e a folha só cai quando tem que cair”, afirma Mãe Beata de Iemanjá com sua sabedoria ancestral (informação verbal)<sup>18</sup>. Sou levada a concordar novamente com outra mulher, Celecina Sales (2003, p 16) quando diz que “[...] em toda prática, incluindo a de pesquisar, somos constituídos e atravessados por vários tempos e espaços.”

Concordo também com Larossa (2014, p. 39) quando diz:

A experiência é sempre impura, confusa, demasiado ligada ao tempo, à fugacidade e à mutabilidade do tempo, demasiado ligada a situações concretas, particulares,

<sup>16</sup> Associação dos Catadores do Jangurussu.

<sup>17</sup> Tecnomacumba, Gravadora Biscoito Fino, 2006.

<sup>18</sup> Em palestra no Teatro José de Alencar, Fortaleza, 26 maio 2012.

contextuais, demasiado vinculada ao nosso corpo, a nossas paixões, a nossos amores e a nossos ódios.

Esse ponto para nós é importante uma vez não é nossa intenção neste estudo investigar os sentidos sobre maternidade no Jangurussu, mas a complexa relação entre ser mãe - o que de certo modo pressupõe um diálogo com tais significações, num contexto de extrema precarização material, a comunidade Gereba -, e a potencialidade das suas expressões de resistência, suas “*artes de fazer*”, táticas e astúcias (DE CERTEAU, 1990) naquele espaço-tempo, a partir das suas experiências, seus saberes, e das suas práticas cotidianas de serviço comunitário.

As mulheres mães que ali atuavam socialmente e que emergiram de modo enfático na pesquisa de mestrado eram mulheres de diferentes perfis, mas com uma coisa em comum, normalmente desenvolviam práticas de algum modo ligada à educação popular ou ao serviço voluntário, ou de forma mais sutil acabavam contribuindo com a comunidade: era a mãe de santo do bairro ou a militante do movimento de catadores e catadoras, ou alguma mãe que espontaneamente mediava conflitos junto às famílias.

Remexer em todas essas peças para apresentar o objetivo do meu estudo e os sujeitos de minha pesquisa é aventurar-me a perceber em outras composições do campo político a fonte do meu devir pesquisadora, do meu desejo. Composições que dialogavam mais diretamente com os sentidos, os saberes sutis, o serviço comunitário, traduzido na maior parte das vezes em serviço voluntário, as “*artes de fazer*”, as astúcias e táticas estudadas por De Certeau (1990) e com a noção de cotidianidade nelas contidas. Dimensões que na experiência com as juventudes do São Cristóvão eu não fui capaz de “sentir” e acessar suficientemente -, composições essas mais fluidas, despretensiosas e intermitentes - como a própria condição de vida das mulheres no Gereba.

Todo ato é um ato político me diz Freire em sua *Pedagogia da Indignação* (2000) e *Pedagogia do Oprimido* (1994), assim como toda educação é necessariamente política - um instrumento político, mediado por forças sociais em conflito. Ela seria potencialmente mantenedora das estruturas e relações, ou de outro modo propulsora da liberdade, autonomia e esperança (FREIRE, 1984, 2008, 2011). Esse educador planta as bases de uma educação histórica e popular no Brasil, fortalecedora dos saberes populares e capaz de articular estrutura e subjetividade, realidade e utopia, teoria e práxis. Ao impulsionar a valorização dos saberes populares, Paulo Freire reconhece a intensidade das práticas de homens e mulheres simples, do seu potencial de organização em prol de uma transformação social, que é também individual.

De algum estranho modo eu sentia estar próxima a algo que se entrelaçava a tudo isso. As trajetórias das mulheres da comunidade Gereba, os caminhos que haviam percorrido e que estavam a percorrer, bem como as “*artes de fazer*” (DE CERTEAU, 1990) protagonizadas no decorrer desse caminho, mais precisamente nos espaços onde se desenvolviam fazeres sociais, num diálogo com os saberes populares e o serviço voluntário, a partir daí serviriam de baliza para a delimitação do “meu objeto”.

E foi em meio a esse gradual caminhar, repleto de idas e vindas, e na correnteza desse fluxo de deslocamentos que em junho de 2016, também influenciada pelas contribuições da professora Sarah Jane Adad em minha primeira banca de qualificação, fui afetada por uma irruptiva inspiração: era preciso confiar na voz interior que me pedia para fechar o ciclo passado, ritualizando isso de algum modo. A forma encontrada por mim foi uma devolutiva da pesquisa, na forma de uma publicação, recém-lançada à época, contendo um artigo sobre o estudo realizado com as jovens na comunidade Gereba<sup>19</sup>, o qual deveria ser entregue para cada uma das Meninas do Rap.

Desse intuitivo e desprezioso modo, acabei por reencontrar algumas das jovens da comunidade, iniciando um novo ciclo junto à pesquisa qualitativa, recomeçando minhas incursões de inspiração etnográfica no Jangurussu e por conhecer novos e importantes sujeitos nessa travessia - que acabaram por me trazer maior clareza sobre o desejo de investigar os saberes, experiências e as práticas protagonizadas pelas mulheres mães, por meio do serviço voluntário no Gereba. Na ocasião eu conheceria aquela que se tornaria uma das principais informantes deste estudo<sup>20</sup>. Vejamos:

Só depois de quase três anos eu retornaria a uma das comunidades na qual a pesquisa dissertativa se realizara, o conjunto Nova Perimetral, mais conhecido como Gereba. O fato de a avenida estar um pouco mudada, possivelmente fez com que eu me confundisse e passasse da parada de ônibus que dava acesso a casa das garotas, motivo que me levou a andar mais. Ao invés de ficar chateada, preferi respirar fundo e descer do ônibus sorrindo e pensando: “Ok! Isso faz parte do cotidiano de uma pesquisadora!” Chegando perto do campo de futebol, entrada da comunidade, percebi que não estava tão certa da exata localização de suas casas, o que me fez ter um pouco de receio e me informar com uma jovem senhora que até então viera andando na minha frente. Ela não só morava na comunidade como conhecia as garotas, informando-me sobre a mudança de endereço das mesmas. Gentilmente levou-me não só ao novo endereço de cada uma delas, mas a locais não visitados durante a pesquisa anterior, como a usina de reciclagem e a associação de catadores e catadoras de materiais recicláveis. Durante as horas que passamos juntas ela demonstrou interesse sobre o meu trabalho e contou-me aos poucos a sua história:

<sup>19</sup>Tratava-se do livro *Cultura de Paz, Educação e Espiritualidade II*. Ano 2015. No caso dos grupos Meninos e Meninas de Deus foi entregue posteriormente um exemplar dessa e de outra publicação, contendo um artigo que aludia mais diretamente ao contexto da investigação na comunidade Santa Filomena.

<sup>20</sup>Sobre a importância do informante na pesquisa etnográfica ver *Sociedade de Esquina*, de William Foote Whyte.

chamava-se Lótus, era dependente química há mais de 12 anos, há dois sem usar nada, contudo. Sofreu muito para poder estar hoje bem e morando com as suas 4 filhas: “No parto da minha filha mais nova eu tive um derrame cerebral, consequência do uso de drogas, me deram como morta; eu fui lá em cima! Conversei com um rapaz que tinha morrido aqui, mas eu achei engraçado ele estava bem... Ele me acalmou. Nisso eu pedi a Deus com muita força que me desse mais uma chance que a partir dali eu ia ser uma mãe melhor para as minhas filhas e ia deixar as drogas. Pois eu voltei, fui voltando... sobrevivi, comecei a trabalhar e melhorei a minha vida. A paz que eu tenho hoje não troco por nada. Eu até faço parte de um projeto social lá da associação! O projeto de um padre que chegou há pouco tempo aqui: “Amo Cuidar!”. (Diário de campo, 27 de junho de 2016).

A experiência vivida por Lótus era algo que a racionalidade cartesiana não é capaz de explicar <sup>21</sup> e que provocou diversos atravessamentos em mim. Naquele dia voltei para casa tomada daquele entusiasmo genuíno ligado diretamente a acepção da palavra: Entusiasmo (do grego *en + theos*, que significa literalmente 'em Deus').<sup>22</sup> Foi como se Lótus, pura intensidade, tivesse me ligado às mulheres do Jangurussu e me (re) conduzisse no (re) encontro com os sujeitos da minha pesquisa. Mesmo sendo ex dependente química, ex profissional do sexo e vítima de diversos abusos e maus tratos na infância, mais tarde eu viria a saber, Lótus era um corpo vibrátil, demonstrava muita paixão pela vida, um encantamento quase infantil, e tinha um profundo desejo de melhorar a sua comunidade por meio da participação “na associação de moradores”<sup>23</sup>, ainda que fosse casada e mãe de quatro filhas pequenas.<sup>24</sup>

Na semana seguinte eu começaria a conhecer as ações que Lótus ajudava a desenvolver juntamente com outras mulheres no projeto Amo Cuidar. Ao participar de algumas dessas atividades naqueles dias<sup>25</sup>, pude ver nos olhos de Lótus algo contagiante:

O simples varrer o chão do prédio, após a reunião, ao passo que contava sobre o seu engajamento nas ações, mobilizava em seu corpo energias pulsantes que o meu também acaba por afetar. Vi naquela mulher mais do que alegria em estar contribuindo socialmente com a comunidade. Vi de modo muito intenso o

<sup>21</sup>Lótus relatou uma Experiência de Quase Morte (EQM). O termo refere-se a um conjunto de visões e sensações frequentemente associadas a situações de morte iminente, sendo as mais divulgadas a projeção da consciência (também chamada de "projeção astral", "experiência fora do corpo", "desdobramento espiritual", "emancipação da alma", etc.), a "sensação de serenidade" e a "experiência do túnel". Esses fenômenos são normalmente relatados após o indivíduo ter sido pronunciado clinicamente morto ou muito perto da morte.

<sup>22</sup>Originalmente significava inspiração ou possessão por uma entidade divina ou pela presença de Deus. Atualmente, pode ser entendido como um estado de grande arrebatamento e alegria (ENTUSIASMO, 2018).

<sup>23</sup>O relato de Lótus alude na verdade a atuação em um dos projetos que funcionam no prédio da mais antiga associação de moradores do Gereba, hoje espaço sócio-cultural: O projeto Eu Amo Cuidar.

<sup>24</sup>Na semana seguinte eu conheceria o projeto social do qual ela havia falado, o projeto Eu Amo Cuidar, e veria em seu rosto e em seu olhar a alegria de contribuir socialmente e fazer parte ativamente de uma “associação”. O “cuidado” que fora “construído” até então com as filhas, com o marido e com a casa, parecia querer ganhar uma dimensão maior.

<sup>25</sup>Dois encontros com o grupo de gestantes no papel de observadora e uma reunião informal de avaliação e planejamento.



florescimento da esperança nela e no grupo de mulheres, um alargamento das possibilidades do feminino. (Diário de campo, 06 de julho de 2016).

Passado esse momento, cada vez que lembrava de Lótus, ou das mulheres da caminhada pela não violência e divulgação da lei Maria da Penha que abrem esse texto, parecia estar diante dos “heróis e heroínas anônimas” estudadas por De Certeau (1990), uma de nossas principais referências teóricas nesse estudo, e de suas práticas subterrâneas de contestação e desobediência.<sup>26</sup> E foi isso de fato que deu “o grande estalo” e que fez disparar definitivamente o meu interesse pesquisador pela relação “mulheres mães” no Jangurussu, na comunidade Gereba e a tessitura de seus saberes, suas experiências, suas *artes de fazer* (DE CERTEAU, 1990), articuladas ao serviço comunitário (quando feito individualmente como no caso da mãe de santo) e voluntário (quando feito coletivamente e estando ligado a algum projeto ou movimento social). Foi o que vi no rosto de Lótus quando esta falava sobre a sua participação em um projeto social que vinha mudando a cara da comunidade. Foi o meu interesse por seu entusiasmo, num momento em que toda a vida daquela mulher era impulsionada por um fluxo positivo, que ia desde o assumir definitivamente as filhas, parar de usar drogas, conseguir manter-se num emprego, reconstruir o primeiro casamento e por fim, contribuir com a comunidade por meio do serviço voluntário.

A periferia não é um lugar só de morte – física, social, emocional – há uma vida pulsante expressa por meio de inventivas práticas protagonizadas na cotidianidade de pessoas comuns, mulheres mães, saberes e resistências possíveis, para além dos espaços formais, que brotam das experiências desses sujeitos e contribuem para um viver melhor individual e coletivo.

Por meio de De Certeau iniciamos uma abordagem dos conceitos e categorias principais que consubstanciam esse estudo, valendo-me, todavia, convém ressaltar, da abordagem foucaultiana da “Caixa de Ferramentas” (FOUCAULT, 2003, p. 251), analogia que sugere uma postura mais flexível em relação à leitura do seu próprio trabalho, inaugurando um campo de maior liberdade na relação com o conhecimento, sem que isso signifique, entretanto, no plano intelectual, a sugestão de uma leitura descuidada, ou sem qualquer traço de rigor.

Meu discurso é, evidentemente, um discurso de intelectual e, como tal, opera nas redes de poder em funcionamento. Contudo, um livro é feito para servir a usos não definidos por aquele que o escreveu. Quanto mais houver usos novos, possíveis,

---

<sup>26</sup>O tão rico encontro com esse autor se deu no início do doutorado, por meio de minha orientadora, professora Dra. Celecina Veras Sales, através das vivências no grupo de estudos sobre juventudes da UFC por ela coordenado.

imprevistos, mais eu ficarei contente. Todos os meus livros seja História da loucura seja outros podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultam, pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT, 2006, p. 52).

Penso que o referencial utilizado neste estudo é fruto de um diálogo que envolve liberdade, responsabilidade, sensibilidade e flexibilidade em relação ao que é pensado e ao que emerge do campo empírico (sem poder ser escamoteado), o que igualmente pressupõe honestidade, ruptura de uma pretensa ideia de neutralidade, e a consciência de que pesquisar é também um ato político. Como diz Scott: “[...] decidir quais categorias se deve historicizar é inevitavelmente político, está necessariamente ligado ao reconhecimento do lugar do historiador na produção do conhecimento (SCOTT, 1998, p. 325).

Tendo levado isso em consideração, na medida em que De Certeau, volta-se para a potencialidade das micro resistências expressas nas “*artes de fazer*” dos “mais fracos”-daqueles que são tidos como ordinários -, encontro boas chaves para a realização deste estudo. O autor demonstra que tais *artes de fazer*, ainda que existam de forma inconsciente muitas vezes, formam um corpo de resistência propulsor de “micro liberdades”, frente aos processos de exploração e de controle aos quais estão expostos. Assume, pois o compromisso de narrar práticas comuns, sutis, retirando-as da invisibilidade, exaltando sentidos e práticas no universo popular que, de outro modo, seriam despercebidos.

O autor reconhece nessas *artes de fazer*, o lugar da criatividade, das “táticas de resistência”, das “astúcias sutis” e de um possível deslocamento da dominação. Após a convivência com Lótus e com algumas mulheres da comunidade, fui tomada por inquietações que reformularam a minha questão: Como as mulheres mães da comunidade Gereba, invisibilizadas pelo mercado, pela mídia, pela cidade que lhes impunha o estigma da escassez, vivenciam suas experiências de ser mãe e mulher num contexto de extrema pobreza e violência? Quais desafios enfrentam? Elas conseguem a partir de suas experiências desenvolver astúcias (DE CERTEAU, 1990), produzir saberes, e práticas de resistência em prol de um melhor viver individual e coletivo? Que saberes são esses, quais práticas sociais e experiências são protagonizadas por elas e como se dá o diálogo com o serviço comunitário /voluntário? Em quais contextos, sob quais linguagens e espaços/tempo esses saberes, experiências e práticas em serviço florescem e como esse reverbera em suas vidas e no modo como se veem?

O bairro Jangurussu é um dos bairros de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade e é também o terceiro mais populoso de Fortaleza, com mais de 63.000 habitantes, numa área de 1,558 Km<sup>2</sup> segundo o Censo 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010). A sua formação está diretamente relacionada ao êxodo rural e as relações de trabalho que foram tecidas com o surgimento da rampa que depois virou “lixão” (FRANCO, 2007, p. 50). Em 1978 começou a funcionar o aterro sanitário que por quase duas décadas, abrigou mais de 300 pessoas, catadores e catadoras que disputavam com os urubus os restos de consumo da sociedade que eram ali despejados todos os dias (IZAIAS, 2010). O aterro sanitário, mesmo sendo oficialmente desativado em 1986, de fato teve suas atividades encerradas somente no ano de 1998 (SILVA, 2007, p. 4). O Jangurussu fica localizado à beira da estrada do Itaperí, às margens do rio Cocó, área leste da cidade. Faz parte da Secretaria Executiva Regional VI e é composto por seis conjuntos habitacionais: Maria Tomásia, Sítio São João, Santa Filomena, São Cristóvão, Conjunto Palmeiras I e II e João Paulo II. Trata-se de uma região “esquecida culturalmente” e que ainda hoje tem o lixo como estigma e identificação territorial (LIMA, 2015), até porque, na ausência de políticas públicas que venham a incidir na vida do bairro, melhorando a qualidade de vida daquela população, apropriar-se do lixo, beneficiar-se dele, parece lugar comum para os seus moradores e moradoras. Como afirma Cordeiro (2009), é na lacuna do Estado, que se faz o que se pode, que se luta com as armas que se têm, mesmo que frágeis e efêmeras.

Talvez a imagem mais forte sobre a área em volta do antigo aterro tenha sido esboçada durante a pesquisa de mestrado por uma das gestoras de um importante equipamento social com forte atuação no bairro:

Lá os moradores têm a autoestima muito baixa. Vivem de sobras. Eles não conseguem sonhar. Nada lá floresce. Lá eles olham mais para a morte do que para a vida. Não tem força, não tem garra, por isso a nossa esperança são esses jovens. (Bárbara, Entrevista, em 16/03/2012).

Lembro-me de como naquele instante senti-me quase desafiada, instigada como pesquisadora a conhecer os sentidos que seriam valorados por aqueles moradores e moradoras do Jangurussu e identificados como morte e vida, ainda que meu principal interesse fosse investigar as culturas juvenis. A morte simbólica expressa nas relações trabalhistas que envolvem ao longo das décadas o Jangurussu e a comunidade Gereba acaba por denunciar a permanência de um agudo modelo de espoliação, que não obstante o vigoroso papel da

sociedade civil,<sup>27</sup> transforma até hoje os seus moradores e moradoras em pessoas “invisíveis” perante o olhar da cidade. Ao longo do estudo dissertativo pude perceber, todavia que mesmo diante da face mais perversa de um trabalho “produzido” num e pelo sistema capitalístico, existiam brechas de inconformismo, efetivadas em grande escala pelos movimentos sociais, que funcionavam como estratégias para que o ciclo da pobreza fosse minimizado.

Naquele momento (2012 e 2013) o bairro vivia um cenário um pouco mais tranquilo no tocante à incidência do tráfico de drogas e da violência, em comparação com os anos anteriores. Vivia a famosa “trégua” entre os grupos rivais. Os dados evidenciavam, contudo, um sombrio cenário de exclusão social, revelando dentre outras coisas que num passado recente quase todos os jovens já tinham presenciado a morte violenta de pelo menos um colega. Paralelamente, e em contrapartida, outra conclusão foi o reconhecimento da existência de propulsoras práticas cotidianas que floresciam a partir da resignificação da própria cultura, mediadas pela educação popular e pela inventividade das juventudes.

A problematização deste estudo, que leva em conta as experiências, os saberes e as práticas sociais desenvolvidas pelas mulheres mães na comunidade Gereba, foi sendo tecida e se intensificando em meio ao ziguezaguear do próprio movimento da vida. Após um mais ou menos “tranquilo” ano de 2016, com a mudança de nosso foco investigativo e nossas primeiras incursões no bairro a partir desse novo formato, o ano de 2017 trouxe uma nova e desafiadora composição para a comunidade Gereba e para o meu devir pesquisadora. Essa passou a ser duramente afetada pelo recrudescimento da violência logo no início do ano<sup>28</sup>, fenômeno que se acirrou em todo o Estado, tendo uma íntima relação com o ressurgimento dos conflitos ocasionados pelo narcotráfico, com a eclosão de um novo elemento a nível estadual: a grande profusão das facções criminosas, impulsionada pela crise do sistema penitenciário. Como prova disso, o mês de maio trouxe um dado com ampla repercussão em toda a imprensa escrita e televisiva local: em comparação com dados do mesmo mês, alusivo ao ano anterior, Fortaleza apresentou um aumento de 124% no número de Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLIs), com 191 pessoas assassinadas em 31 dias. A quantidade homicídios no Ceará bateu recorde, superando a quantidade dos últimos cinco anos, o que demonstra o grande alcance da ação das facções em todo o Estado.

Esse momento foi como se o chão se abrisse sob os meus pés. Eu saíria da minha zona de conforto de pesquisar uma área de certo modo conhecida preliminarmente, não

---

<sup>27</sup>Traduzida principalmente na ação da Associação dos Catadores do Jangurussu (ASCAJAN).

<sup>28</sup>Em menos de 20 dias uma das escolas da comunidade, a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental André Luiz foi assaltada 6 vezes, com a incidência em algumas ocasiões de trocas de tiros por conta dos conflitos de território (Diário do Nordeste, 17/10/2017).

apenas do ponto de vista geográfico, mas principalmente no campo das interações. Tudo ali parecia desestabilizar-se. Contrariando as minhas expectativas iniciais, meu objeto se tornaria cada vez mais desafiador, o que incluía um alargar do levantamento bibliográfico que iria fazer, em função da aproximação de temas como o tráfico e a violência.<sup>29</sup> Foi preciso sentir na pele as palavras de Gilberto Velho (2008, p. 128): “[...] o processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico.” Estar acostumado a um certo cenário social não implica num conhecimento sobre a lógica das suas relações. “O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo posso ter um mapa, mas não compreendo necessariamente os princípios que o organizam” (VELHO, 2008, p. 128).

Como resposta ensaiada pelos mecanismos do Estado nos últimos anos em relação à violência, verifica-se o incremento na polícia de ação intensiva e ostensiva. “Em paralelo à ausência de uma resposta efetiva do Estado, organizações criminosas de âmbito nacional podem se organizar nas periferias da cidade e subjugar a população às novas formas de fazer o crime, que muitas vezes são feitas por meio de crueldade” (Laboratório de Estudos da Violência, UECE).<sup>30</sup> A problemática da violência e particularmente do narcotráfico incide diretamente nas juventudes de periferia, como aponta os dados fornecidos pelo LEV:

Fortaleza possui o triste título de capital do Brasil onde mais morrem adolescentes: o Índice de Homicídios na Adolescência (IHA), de acordo com relatório divulgado pela Unicef em 2017 com base em dados de 2014, chega a 10,94 por 100 mil habitantes, quase 3 vezes maior do que o IHA do Brasil (3,65 por 100 mil habitantes). O Ceará também ocupa o topo da lista entre os estados, com o IHA de 8,71 por 100 mil habitantes. (ACCIOLY; LINS, 2017, p. 1).

Quando “ser mais” parece algo distante da realidade dos moradores e moradoras do Jangurussu, o vazio começa a querer instalar-se no lugar da potência. Mas como nos versos de Gilberto Gil: “É sempre bom lembrar / Que um copo vazio está cheio de ar”, os “Agilulfos”<sup>31</sup> que povoam as periferias, acabam por fabricar nas redes do tráfico um paradoxal contra poder. Segundo César Barreira (2013), coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV UFC), “Os jovens passam a ser o ‘braço armado’ dos traficantes

<sup>29</sup>Refiro-me principalmente aos estudos de Diogénes (1998, 2011, 2013) e Barreira (1999, 2013), além de vasta pesquisa em jornais e sites de internet.

<sup>30</sup>Sobre esse tema ver entrevista do sociólogo César Barreira (LEV /UFC) ao jornal O Povo, disponível em <https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/06/bate-pronto-do-cesar-barreira.html>.

<sup>31</sup>Agilulfo é a personagem principal do livro O Cavaleiro Inexistente, de Italo Calvino. Um cavaleiro de armadura branca que logo no primeiro capítulo revela-se fisicamente inexistente. Por dentro de sua couraça há um grande vazio e uma voz que apenas combate e delira.

nas resoluções ou enfrentamentos dos conflitos sociais, principalmente em litígios de cobranças de dívidas.” (BARREIRA, 2013, p. 226).

Perceber-me nesse caminho investigativo sinuoso foi ao mesmo tempo revelador e inquietante, já que eu havia reconhecido que estava desistindo do estudo anterior em parte por querer “fugir da guerra”. Deparar-me com a face aguda da violência no Gereba, fenômeno que torna visíveis as tensões e contradições da sociedade em que se vive, em plena iminência da pesquisa, me fez refletir ainda mais sobre as estratégias de sobrevivência das classes populares num cenário onde o contexto social e a força das estruturas acabam por prescrever boa parte das suas condutas, por um lado, e por outro, se gestam possibilidades “miúdas”, dessas mesmas estruturas serem questionadas e tiradas da sua zona de fixidez e absolutismo, a partir da cotidianidade e do agir (quase invisível) dos sujeitos.

Mesmo desestabilizada eu preferi acreditar no movimento da vida e perceber ali um terreno que ajudava a fecundar e a melhor problematizar finalmente o meu objeto por meio do repensar sobre as composições engendradas no meu campo.<sup>32</sup> A partir dele eu me deparava cotidianamente com mulheres que viviam no “fio da navalha”, vivendo um contexto muito específico, tanto exercendo o papel de mães, num desafio diário pela sobrevivência dos seus filhos e filhas, quanto tentando elas mesmas sobreviver e manter a comunidade viva através das práticas que dialogavam também com o serviço comunitário, quase sempre de caráter voluntário, que revelavam e propiciavam os seus saberes, táticas e astúcias, os quais ganhavam ares de experiência naquela situação limite.

A subversão da busca por um viver melhor individual e coletivo no Gereba, por parte das mulheres mães, se revelava em práticas como militar na ASCAJAN, no Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis ou fomentar as atividades na Associação Dom Aloísio Lorscheider, tais como ajudar a promover vivências de contação de histórias para as crianças e a disponibilização de livros na biblioteca por elas recém criada, viabilizar um grupo de mulheres gestantes; aulas de violão, karatê ou capoeira para os jovens e as jovens - atividades culturais diversas, ainda que o mundo o tempo todo lhes dissesse não: “As

---

<sup>32</sup>Sincronisticamente eu mergulharia num trabalho de autoconhecimento maior, enfrentando mais diretamente as minhas sombras e me deparando com as minhas “guerras internas”. Esse processo envolveu leituras com base no método Pathwork, livros como Não Temas o Mal de Eva Pierrakos, O Eu Sem Defesas de Susan Thesenga e Transformando o Sofrimento em Alegria de Sri Prem Baba. O cinema também me ajudou nesse processo de quebra dos maniqueísmos, com os filmes: Malévola (2014), Pequena Miss Sunchine (2006), Bem Vindos (2000); animações como Kiriku e a Feiticeira (1998), Meu Malvado Favorito (2010), O que será de Nozes? (2014), Megamente (2010) e séries como Once Upon a Time (2011).

atividades com o cineminha no sábado à noite pararam porque tava tendo bala!” (Flor, conversa informal, em 13/11/2017).<sup>33</sup>

Se como pesquisadora eu podia sentir em meu corpo o impacto das transformações na conjuntura do bairro, a partir de gestos antes tidos como simples – como caminhar pela comunidade ou ficar temerosa à espera pelo transporte na parada de ônibus -, como seria para aquelas mulheres sobreviver num cenário que fazia lembrar um filme de guerra, tendo um olho na escassez e outro na violência, e ainda por cima criar, produzir “saberes” (FREIRE, 1977, 2008), experiências inventivas, táticas e astúcias possíveis? (DE CERTEAU, 1990) Como seria e de que modo conseguiriam engajar-se socialmente a partir de pequenas e teimosas iniciativas, *artes de fazer* que se voltavam para a coletividade, ultrapassando a atual lógica “pós modernamente individualizante”? (BAUMAN, 2008; SANTOS, 1997, 2000, 2004)? Que energias criativas impulsionariam os seus devires? Em quais espaços e dimensões, e por meio de quais linguagens estariam ancoradas suas potências irruptivas expressas na forma de experiências?

É com esse “novo” desenho do bairro – lembro-me aqui de outra canção de Moska (2010): “É tudo novo de novo” – de coloração cinza intenso, e das relações nele travadas que desafiavam o instituído, que me deparo com o conceito de experiência proposto por Larrosa (2002, p. 20): “O que vou lhes propor aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido.”

O autor sinaliza algo que está para além da informação e da opinião num mundo globalizado, do saber sem sabedoria, para além do tempo produtividade, do próprio trabalho nas sociedades capitalísticas. Assim como propõe um sujeito que não é o sujeito dessa informação, dessa opinião, deste trabalho, que não é o sujeito desse saber, nem “do julgar, do fazer, do poder e do querer” pós-moderno (LARROSA, 2002, p. 24). Veredas se abrem a partir desse encontro fecundo, que é também um reencontro com a simplicidade, com o sujeito simples, de desejos simples, de práticas simples, mas restituidoras do humano em nós.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSA, 2002, p. 21).

---

<sup>33</sup>Fala de uma das nossas interlocutoras, participante do Projeto eu Amo Cuidar e do Grupo de Mulheres da comunidade, ambos funcionando na sede da antiga associação de moradores.

Afirma Larossa (2002, p. 26): “É experiência aquilo que [...] ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.” A experiência envolve travessia e perigo, abertura e exposição, receptividade, transformação, paixão e uma relação diferenciada com o conhecimento e o saber:

Definir o sujeito da experiência como sujeito passional não significa pensá-lo como incapaz de conhecimento, de compromisso ou ação. A experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética. O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. O que ocorre é que se trata de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica e do trabalho. O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. (LARROSA, 2002, p. 26).

Buscando a aproximação desse autor e do conceito de experiência com a nossa pesquisa, e delineando melhor o perfil de nossas interlocutoras, começo por citar Roudinesco (2003) ao fazer uma análise das complexas questões familiares na atualidade, situando-as nos planos indissociáveis do social, físico e mental. Nesse sentido, e diante da agudização da violência e da escassez na comunidade,<sup>34</sup> nosso olhar pesquisador se volta para as trajetórias e experiências de mulheres que vivem na periferia, experiências que brotam da cotidianidade de suas relações, práticas e afetos e que mesclam os campos público (vida comunitária) e privado (vida familiar).

É nesse amalgamar de tramas e relações produzidas por experiências que partem do cotidiano na periferia que apreendemos a noção de território em Guattari e Rolnik (1996), entendida num sentido muito amplo que transcende os códigos da etologia e da etnologia:

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

De acordo com Guattari e Rolnik a criação do território se dá por meio de agenciamentos coletivos de enunciação e agenciamentos maquínicos de corpos (ou de desejo). Os agenciamentos maquínicos de corpos são as máquinas sociais, as relações entre os corpos humanos, corpos animais, corpos cósmicos. Os agenciamentos maquínicos de corpos dizem respeito a um estado de mistura e relações entre os corpos em uma sociedade. A mão cria um território na ferramenta por exemplo. Os agenciamentos coletivos de enunciação não dizem

---

<sup>34</sup>Intensificadas durante o governo Temer, com o aumento do desemprego e a precarização das políticas sociais.



respeito a um sujeito, pois a sua produção só pode se efetivar no próprio socius, já que dizem respeito a um regime de signos compartilhados, à linguagem, a um estado de palavras e símbolos. Podemos nos territorializar em qualquer coisa, desde que façamos agenciamento maquínico de corpos e agenciamentos coletivos de enunciação. Outros dois componentes dos territórios é que sempre comportam dentro de si vetores de desterritorialização e de reterritorialização. Pensar é desterritorializar. Isto quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro:

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

A desterritorialização, segundo os autores, é o movimento por meio do qual se abandona o território, e a reterritorialização é o movimento de construção do território. No primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam e no segundo eles se reterritorializam como novos agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação.<sup>35</sup>

É possível perceber um diálogo entre os conceitos de território, territorialização e reterritorialização em Guattari e Rolnik (1996) e o conceito de cidade empreendido por De Certeau (1990). Na análise desse autor, há um deslocamento da compreensão sobre a cidade de seus atributos físicos para as relações entre as pessoas, para o movimento. Nesse caso a cidade é percebida para muito além de um campo de operações planejadas, programadas e controladas:

[...] sejam quais forem os avatares desse conceito (de cidade), temos de constatar que se, no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias socioeconômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre mais remontar aquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder "se urbaniza", mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico. A Cidade se torna o tema dominante dos legendários políticos, mas não é mais um campo de operações programadas e controladas. Sob os discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir. (DE CERTEAU, 1990, p. 174).

<sup>35</sup>Um bom exemplo é o do bóia-fria morador de periferias urbanas. Este trabalhador vivencia constantes processos de desterritorialização e reterritorialização. Enquanto não chega o tempo da colheita, ele habita a periferia urbana e se insere em um conjunto de agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação, bastante diferentes dos agenciamentos que teria como trabalhador rural assalariado.

Pode-se entender, acompanhando o pensamento de De Certeau (1990), que embora os arquitetos, engenheiros e planejadores urbanos se utilizem das lógicas geométricas para organizar a cidade, a apreensão do espaço como “espaço praticado”, que só adquire sentido pela ação, modifica totalmente o olhar em relação ao urbano. Supera-se assim a conceitualização reduzida de cidade como um horizonte espacial ou como imperativo territorial e ela pode ser pensada como espaço pluridimensional onde coexistem projetos diferenciados. A cidade aparece como uma grande rede de comunicação que interpela os sujeitos de diversas maneiras. A análise da cidade como um campo de forças, de contradições, denota a sua própria instabilidade, movimento e interdependência e cria pontes com o conceito de cotidiano.

De Certeau (1990) percebe o cotidiano como espaço por excelência do que é tido como invisível, descartável, aparentemente desprovido de possibilidades e de potência. O autor promove assim um deslocamento do olhar que é ao mesmo tempo um convite ao desvelamento do que na cidade parece ocultar-se:

[...] o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível [...] (DE CERTEAU, 1990, p. 31).

No sentido de apreender o que vaza nos interstícios da cidade, De Certeau (1990) direciona a atenção para as astúcias e as *artes de fazer* dos que são tidos como “fracos”, heróis e heroínas anônimos – agentes táticos: “[...] os agentes táticos são aqueles que diante deste poder estabelecido o desconstroem, a partir das oportunidades, dos momentos e dos lugares que acabam por escapar aos instrumentos de controle social.” (DE CERTEAU, 1990, p. 32).

Segundo De Certeau (1990, p. 31), o cotidiano não está dado, nascendo das relações; “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada.” Caça que se dá no mundo diário - de profusão de gentes, falas, gestos, movimentos, coisas – que abriga o que ele denomina “invenções anônimas”, “*artes de fazer*”, desvios, que se traduzem na multiplicidade de táticas do homem comum que age e transforma o mundo. Para De Certeau (1990), no cotidiano há sempre um sujeito produtivo e esse lugar não é lócus da mera reprodução, sendo sempre um lugar de invenção, das “*artes de fazer*”.

Fecundas conexões podem ser percebidas entre o conceito de cotidiano apresentado por De Certeau (1990) e o analisado por Maffesoli (1995, 1998), e Melluci

(2004). Valorar o cotidiano é assumir a possibilidade historicamente colocada da criação – afirma Maffesoli (1995, 1998), a partir de um investimento sobre aquilo que é dotado de força e que está, no aqui e no agora, ao alcance dos sujeitos. Há possibilidades de viver cotidianamente sem pensar que esse cotidiano seja necessariamente repetitivo e sem alterações. Para além do poder cerceador das estruturas capitalísticas, há possibilidade da (re) invenção no campo da imaginação criadora, de onde brotam irruptivas e sutis experimentações. O sujeito é percebido dessa maneira como um lugar de cruzamentos, em que acontecimentos o atravessam.

O cotidiano constitui-se, pois, numa rede complexa, com situações, acontecimentos, eventos, ações, pensamentos com organicidade e relação com um conjunto mais vasto. O lugar que o cotidiano vem ocupando na contemporaneidade pode ser lido, segundo Maffesoli (1995, p. 66), a partir de dois aspectos: “[...] ele não se reduz à simples razão instrumental do utilitarismo e recoloca a experiência vivida, depreciada pelo racionalismo.” Neste outro movimento, é preciso outro olhar, outro corpo.

Em uma linha de análise semelhante, Melucci (2005), analisa que é nas espacialidades e nas temporalidades da vida cotidiana que “[...] os sujeitos constroem o sentido do seu agir e no qual experimentam as oportunidades e os limites da ação.” (MELUCCI, 2005, p. 29). O cotidiano seria, pois um conceito erroneamente subestimado pelo cânone generalista, quando na verdade ele é propulsor da criação de importantes sentidos e energias - uma fina, mas potente malha de tempos, espaços e gestos:

[...] as experiências cotidianas parecem minúsculos fragmentos isolados da vida, tão distantes dos vistosos eventos coletivos e das grandes mutações que perpassam a nossa cultura. Contudo, é nessa fina malha de tempos, espaços, gestos e relações que acontece quase tudo o que é importante para a vida social. É onde assume sentido tudo aquilo que fazemos e onde brotam as energias para todos os eventos, até os mais grandiosos. (MELUCCI, 2004, p. 13).

Vejo-me profundamente inspirada por Freire, De Certeau, Maffesoli e Melucci, dadas as observações no campo empírico da pesquisa, a partir das práticas sociais desenvolvidas na cotidianidade das mulheres mães na comunidade Gereba tendo como pano de fundo o serviço comunitário. Este envolve não apenas o trabalho em grupo, os desafios da convivência, o planejamento das atividades, a preparação da infraestrutura, a divulgação, o acompanhamento e supervisão, a (auto) avaliação, a interação com a comunidade, a articulação com a cidade, os movimentos sociais e as instâncias estatais de poder – como também a sociabilidade, os saberes, a espiritualidade, os afetos e as redes de solidariedade que brotam espontaneamente na periferia e consubstanciam uma micropolítica.

Ao longo desses dez anos de contato intermitente com a comunidade Gereba, fui deparando-me aos poucos com os seus projetos sociais, associações comunitárias, seus diversos contextos culturais, e fui percebendo-os como lócus para a produção de saberes e para as práticas sociais de diferentes mulheres. A partir de 2016, nossas vivências em campo aos poucos me levaram a conhecer e a ter como parte dos sujeitos desta pesquisa sete mulheres: quatro delas foram escolhidas em função do contato indireto na pesquisa anterior. São mães ou avós das jovens Meninas do Rap, por meio de quem inicialmente conhecemos ainda que de modo superficial a riqueza de suas histórias individuais e coletivas: uma está ligada a Cooperativa de Reciclagem ASCAJAN<sup>36</sup> (ex coordenadora), e outra ao Movimento Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis. As outras duas dialogam mais diretamente com práticas ligadas à cultura e a espiritualidade: uma é rezadeira e a outra mãe de santo. Nossas outras três interlocutoras conhecemos a partir do ano de 2016, são mulheres que organizam diversas ações sociais realizadas pela mais antiga associação de moradores e moradoras do bairro, Associação Dom Aloísio Lorshcheider, dentre elas o projeto “Amo Cuidar”<sup>37</sup>, o grupo de mulheres, o grupo de artesanato e mais recentemente as atividades com as crianças envolvendo a biblioteca.

Importa ressaltar que o meu olhar de pesquisadora está direcionado para as trajetórias dessas mulheres, sobretudo no tocante às vivências e significações que perpassam as relações entre ser mãe/mulher/voluntária em projetos comunitários ou movimentos sociais, “produtoras de saberes”, de “*artes de fazer*”, na comunidade Gereba. Desse modo, não se trata de uma análise específica sobre tais projetos sociais ou movimentos, mas aos movimentos, que ocorrem na vida dessas mulheres e os que são por elas produzidos naquele contexto e território (espacial, social, político, afetivo, cognitivo etc.) Movimentos que são também comunitários, colaborativos, maternais, familiares. É daí que nasce o diálogo com a etnografia, com esses fluxos caminantes, não institucionalizados; com os sentidos, os símbolos e as significações.

Segundo Moreno (2008) o trabalho voluntário é definido como uma atividade não remunerada, assumida de livre vontade, em que alguém, o voluntário, oferece o seu tempo de forma estruturada e durante um período determinado. Essa atividade tem se ampliado consideravelmente nas últimas décadas em vários países, diante das grandes alterações sociais, culturais, políticas e econômicas pelas quais vem passando o mundo globalizado. Ora

---

<sup>36</sup>Associação de Catadores do Jangurussu.

<sup>37</sup>Projeto social idealizado pelo padre Theodoro por meio de atividades educativas e culturais em diversas comunidades de Fortaleza, sendo desenvolvido a um ano e meio na comunidade Gereba.

pensado como crítica social concreta, ora como adesão e cooptação ao instituído; ora visto em seus aspectos de altruísmo, ora como assistencialismo; por vezes “fazendo pelo Estado”, o trabalho voluntário tem mostrado crescimento cada vez mais acelerado especialmente em nosso país.

Mas o que levaria as mulheres mães no Gereba a realizar práticas de serviço? Perguntava-me. Azevedo (2007) afirma que o trabalho voluntário tende a ser visto como lugar de vivência da solidariedade, espiritualidade, compartilhamento. A autora ressalta a percepção de união com o todo, a partilha com a coletividade e a sensação de pertencimento a um grupo, como aspectos que mobilizam o desejo de engajamento nesta modalidade de ação coletiva.

No percurso traçado até aqui o campo empírico da pesquisa foi fundamental para a (re) definição do nosso estudo, (re) definição dos sujeitos, escolha dos espaços de investigação e das estratégias de abordagem. A pesquisa tem como objetivo: Compreender como as mulheres mães da comunidade Gereba, vivenciam suas experiências de ser mãe e mulher num contexto de extrema pobreza e violência e se elas conseguem produzir saberes e práticas de resistência em prol de um melhor viver individual e coletivo.

Apresento também alguns objetivos específicos tais como: Conhecer os sentidos, desafios e aprendizagens que envolvem o ser mãe e mulher no Gereba; Investigar os saberes, experiências, astúcias e práticas tecidas pelas mulheres mães para sobreviver no Gereba; Perceber em quais contextos e sob quais linguagens são tecidos seus saberes, suas experiências e suas práticas de inventividade e resistência; Perceber as reverberações possíveis na vida das mulheres mães e na produção de si, a partir das práticas educativas que envolvem o serviço comunitário/ voluntário com a comunidade.

Nos jornais e meios de comunicação de um modo geral, as notícias alusivas a contextos de extrema violência e pobreza, “zonas opacas” (SANTOS, 1997)<sup>38</sup>, costumam dar uma maior visibilidade aos homens. São eles que cometem os crimes e ameaçam o sistema, assumindo simbolicamente um papel ativo. As mulheres tendem a ser vistas como as que sofrem as perdas, as que choram pelos filhos ou maridos. Não se percebe o movimento de suas “identidades” e de seus corpos: suas astúcias, seus modos de fazer, seus saberes (DE CERTEAU, 1990). O contraponto disso é um destaque menor para a análise das mulheres que praticaram a violência e se inseriram em algum contexto de criminalidade, ou de outra forma, para aquelas mulheres que atuam assumidamente como lideranças de longa data nos movimentos sociais, heroínas não tão anônimas, homenageadas vez por outra por suas

---

<sup>38</sup>Entrevista concedida ao programa Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xPfkIR34law>

trajetórias. Onde estariam as narrativas sobre as mulheres com experiências mais comuns e sobre seus saberes sutis, suas práticas anônimas de resistência, “*artes de fazer*” e seus modos de vida capazes de apontar sociabilidades não apenas marcadas por situações de violência e precariedade?

Dar visibilidade às trajetórias, às experiências dessas mulheres “anônimas”, a partir de sua cotidianidade, em mediação com os seus saberes e práticas de resistência, são para nós elementos que justificam a realização dessa pesquisa em educação. Educação esta sobre a qual Freire sempre aludia ao vislumbrar os processos de transformação social: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (FREIRE, 2000). Ainda inspirada em Freire, principalmente em sua *Pedagogia da Esperança* (2008), onde além de responder a algumas das críticas que recebeu em sua trajetória, o autor faz também uma autocrítica, uma análise tocante e corajosa das suas falhas como educador, faço na mesma linha, por todo o trabalho, reflexões sobre os meus próprios deslizes, grandes ou pequenos, como pesquisadora e educadora ao interagir com as mulheres e com a comunidade Gereba – reverberações da experiência com o campo empírico na minha própria formação.

O estudo também é justificado pelo que está posto na LDB 9.394/96 desde o seu artigo primeiro – uma educação que não tem como base somente a escola formal, mas todo o universo relacional dos sujeitos:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996, p. 1).

Tendo delineado os passos introdutórios para esse caminhar, pretendo a partir daqui, apresentar o ordenamento metodológico de divisão do estudo por capítulos: Sobre Caminhos e Pontes Possíveis – As Metodologias Trilhadas na Pesquisa de Campo. (Capítulo 2), discorro sobre as pontes alicerçadas com base na pesquisa qualitativa e na inspiração etnográfica, que até aqui foram percorridas e/ou criadas, para encontrar-me com as mulheres mães de periferia, mulheres no Gereba. Proponho tratar dos passos teórico metodológicos que vêm compondo esse percurso, numa análise dos cenários que tecem este trabalho: O bairro Jangurussu, a comunidade Gereba, a partir de um contexto que envolve desafios, assombros e êxtases como pesquisadora inserida no campo empírico da pesquisa. Apresento ainda determinadas compreensões, escolhas e valorizações que dão pistas de como as interpretações e significações contidas neste estudo foram sendo construídas nesse caminho.

No capítulo 3 – Trajetórias, Saberes e Artes de Fazer – Expressões de Resistência a partir das Experiências das Mulheres Mães na Comunidade Gereba, apresento os diferentes percursos das mulheres mães que participaram desse estudo, fragmentos de suas narrativas de vida, permeadas por desafios, saberes, *artes de fazer* que emergem a partir de suas experiências cotidianas. Analiso também os aspectos alusivos às significações e simbolizações referentes a ser mãe e mulher na comunidade e a existir “no fio da navalha”, divididas entre os fluxos e as dimensões de morte e vida, os quais também são abordados.

O capítulo 4 – As Práticas Sociais em Serviço Comunitário/Voluntário Desenvolvidas Pelas Mulheres Mães na comunidade Gereba aborda a relação tecida entre os saberes, as experiências, as artes de fazer das mulheres mães no Gereba e a dimensão do serviço comunitário e voluntário – práticas sociais desenvolvidas em meio a um cotidiano que envolve desafios e esperanças, quedas e recomeços, adaptações e resistências, contradições e afetos, e que por assim ser refletem o próprio pulsar da vida das mulheres mães na comunidade.

“É só coragem!” Trajetórias, Saberes e Práticas de Resistências das Mulheres Mães na Comunidade Gereba-Jangurussu, constitui-se por fim como um percurso de inspiração etnográfica, no qual mulheres mães, comunidade e pesquisadora se atritam, se relacionam e de algum modo se transformam. Entendemos que as questões que foram aqui apresentadas demonstram a relevância e o potencial de originalidade deste trabalho que representa um fluxo, um devir, um impulso de movimento em relação às pesquisas etnográficas em educação com as mulheres de periferia.

## 2 SOBRE CAMINHOS E PONTES POSSÍVEIS – AS METODOLOGIAS TRILHADAS NA PESQUISA DE CAMPO

Como é que faz pra lavar a roupa?  
 Vai na fonte, vai na fonte  
 Como é que faz pra raiar o dia?  
 No horizonte, no horizonte  
 Este lugar é uma maravilha  
 Mas como é que faz pra sair da ilha?  
 Pela ponte, pela ponte  
 Como é que faz pra sair da ilha?  
 Pela ponte, pela ponte  
 A ponte não é de concreto, não é de ferro  
 Não é de cimento  
 A ponte é até onde vai o meu pensamento  
 A ponte não é para ir nem pra voltar  
 A ponte é somente pra atravessar  
 Caminhar sobre as águas desse momento.

(Lenine)<sup>39</sup>

A instigante letra da canção de Lenine sugere respostas a muitas indagações, muitos “comos”, sinalizando um caminho diferente para cada coisa perguntada, nos levando a perceber, principalmente com a metáfora “da ponte”, que *o caminho se faz ao caminhar*. Mesmo nos círculos informais, com a família ou entre amigos, antes de adentrar nos ambientes acadêmicos, eu já ouvira essa expressão. Ao tratar-se de uma pesquisa de caráter científico, contudo, ela ganha contornos específicos.<sup>40</sup>

Este capítulo vai tratar do caminho traçado para a realização desse estudo, o qual, só foi possível porque muitos outros caminhos nele desembocaram. Muitas pontes foram construídas. Pretendo fazer aqui uma descrição do meu olhar, clarificando na medida do possível quais as pontes, alicerçadas na pesquisa qualitativa e na inspiração etnográfica, que precisei percorrer e por vezes erigir para encontrar e me deixar afetar pelas mulheres mães de periferia, mulheres na comunidade Gereba. Exponho dessa maneira, os passos teórico metodológicos que compõem esse caminhar, os desafios como pesquisadora no campo empírico da pesquisa, os questionamentos e as motivações que estabelecem os capítulos e os cenários que tecem este trabalho. Apresento ainda determinadas compreensões, escolhas e valorizações que dão pistas de como as interpretações e significações contidas neste estudo foram sendo construídas nesse caminho.

<sup>39</sup> LENINE, O dia em que faremos contato.

<sup>40</sup> Parte desses contornos são tratados no livro “O Caminho se Faz ao Caminhar” – Elementos teóricos e práticas na pesquisa qualitativa, por meio das reflexões do grupo de pesquisa Cultura, Juventude e Sociedade ligado a Faculdade de Educação Brasileira da UFC –, organizado pelas professoras Dras. Maria Nobre Damasceno e Celecina de Maria Veras Sales.



Concordo com Joca (2013, p. 49) quando diz:

[...] antes mesmo de adentrarmos o campo, ou mesmo antes de conhecê-lo, os procedimentos acadêmicos nos mobilizam a projetar o “fazer”, de modo que “definimos” os percursos da pesquisa a serem realizados, os instrumentos, as técnicas e os procedimentos tradicionalmente empreendidos. Do mesmo modo, elaboramos um referencial teórico que nos auxilia nesse sentido.

Os cuidados analisados pelo autor, servem de bússola, de baliza, contribuindo dentre outras coisas, no trato com o tempo, nosso e de nossos interlocutores e interlocutoras, e com os prazos exigidos pela academia. Ao fazer a escolha pela pesquisa qualitativa e pela abordagem de inspiração etnográfica é preciso abrir espaços para flexibilizações, no sentido de melhor lidar com incertezas, dificuldades, desterritorializações e possibilidades que costumeiramente emergem a partir das relações travadas no campo empírico, e que ajudam a compor a própria tessitura do caminho investigativo.

É com esse olhar que me (re)aproprio da abordagem de “Caixa de Ferramentas” proposta por Foucault (2003, p. 251), no trato das categorias e dos conceitos que foram expostos na introdução deste trabalho, alargando-o aqui também em relação aos instrumentos para captação e interpretação dos dados, construindo um aporte teórico-metodológico que se inspira também em Pais (2003), Deleuze e Parnet (1998, p. 10). Estes, por afirmar que “Não há nenhuma questão de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são exatamente como sons, cores, ou imagens, são intensidades que convém a você ou não, que passam ou não passam.” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10) E aquele por observar a necessidade e “[...] tentar captar os significados da vida corrente sem os reduzir apressada ou grosseiramente a categorias científicas rígidas, previamente definidas.” (PAIS, 2003, p. 20).

Acredito que, para que o pesquisador ou pesquisadora possa estabelecer, além desse olhar cientificamente mais alargado, também uma atitude mais alargada, é necessária uma abertura para a construção de pontes verdadeiras com os enunciados do campo da pesquisa, deixando que estes ajam como fios condutores na mediação entre o objetivo da investigação e a complexidade da realidade em estudo.

Falando como pesquisadora a partir desse lugar, o do compromisso com os enunciados que vão sendo apontados pela pesquisa, trago procedimentos que serão mais à frente detalhados, por se adequarem aos pressupostos da pesquisa qualitativa, como a observação participante e as entrevistas individuais.

A abordagem qualitativa caracteriza-se, dentre outros elementos, pela imersão no cotidiano em que os dados são coletados; pela descrição dos fenômenos observados e pelo

interesse maior no processo do que no resultado dos produtos (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Configura-se como “[...] uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Eis que me vejo aqui, partilhando como me inseri no universo das mulheres mães que adquirem e produzem saberes na periferia, *artes de fazer* (DE CERTEAU, 1990), a partir da cotidianidade de suas experiências na comunidade Gereba, no bairro Jangurussu, onde desenvolvem um tipo de cuidado peculiar, o cuidado com a comunidade, por meio do serviço comunitário, quase sempre em caráter voluntário. Reitero, finalizando esses primeiros passos, que as experiências anteriores a essa investigação, as que foram vivenciadas também durante o estudo dissertativo, tudo isso ajudou a compor essa pesquisa e esse caminhar metodológico que é permeado por pontes, as quais agora, mais detalhadamente, passo a apresentar na forma de texto.

## 2.1 Primeira Ponte – (Re) conhecendo o Jangurussu: Território de dores e de flores

Figura 1 – Tela “Pôr do sol atrás da Rampa”



Fonte: Gadelha (1980b).<sup>41</sup>

A tela retratada pelo artista Descartes Gadelha<sup>42</sup> na década de 1980 alude à população de imigrantes do interior do Ceará, que no início dos anos setenta se formou ao

<sup>41</sup>Exposição Descartes Gadelha, 1980 – Divulgação. Matéria completa disponível em: <http://notasdator.blogspot.com/2016/01/>.

<sup>42</sup>Exposição Catadores do Jangurussu, mostra composta de 72 obras no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.

redor de um antigo aterro sanitário, situado sobre uma rampa, em uma das áreas mais pobres da capital, dando início ao bairro Jangurussu<sup>43</sup>. Seus traços ativam o meu baú de memórias e me levam para o final dos anos 1980, quando ainda adolescente, moradora de periferia, sempre que me dirigia a zona norte e mais rica da cidade, observava de ônibus, da avenida Presidente Costa e Silva, conhecida como Perimetral, a repetida cena: urubus sobrevoando uma grande rampa de lixo próxima ao maior estádio de futebol da cidade – o “Castelão”.

Figura 2 – Tela “Catadores do Jangurussu”



Fonte: Gadelha (1980a).<sup>44</sup>

Aquilo chamava a minha atenção e ao mesmo tempo me causava estranhamento. Eram dois “cartões postais” com motivações bastante diferentes. O Castelão sediava grandes jogos e campeonatos, era palco da alegria e também símbolo de prosperidade. Quanto ao outro, tal como sugere as telas de Descartes Gadelha, era palco de estigma (GOFMAN, 1975), visto que sediava o aterro de lixo do Jangurussu, um dos principais ícones da pobreza da cidade nas décadas de 1970 e 1980.

Segundo Gofman, estigma, para os gregos, significava um sinal corporal com o qual se procurava evidenciar alguma coisa de mau ou extraordinário sobre o status social de uma pessoa. Atualmente, nos estudos relacionados à patologia social, o caráter físico do estigma dá lugar a uma relação inserida no imaginário e nas simbolizações, construída pelo

<sup>43</sup>O próprio nome Jangurussu surgiu em relação ao chorume gerado pelo aterro que havia no bairro (ESTUDANTES..., 2011).

<sup>44</sup>Exposição Descartes Gadelha (1980) – Divulgação. Matéria completa disponível em: <http://notasdator.blogspot.com.br/2016/01/>.

olhar interpretativo da sociedade sobre a sua realidade. O estigma denotaria o caráter maléfico de determinadas pessoas da sociedade, sendo normalmente associado a algum tipo de exclusão social. Uma de suas principais características é que faz recair sobre os indivíduos a culpa das contradições inerentes a organização social.

Naquele momento, eu quase nada sabia sobre aquele bairro. Os programas policiais – dos quais ninguém oriundo das classes baixas escapa de ouvir, em virtude de sempre ter algum membro da família que os assistem –, ainda não tinham invadido os canais abertos.<sup>45</sup> As significações por mim criadas sobre o Jangurussu se restringiam, desse modo, basicamente à miséria, o que só veio a mudar, como dito antes, a partir do acesso a referenciais outros, propiciadores de uma visão um pouco diferenciada, como a que era mostrada nos anos 1990 pela bailarina Dora Andrade, por meio de um trabalho de dança com as garotas moradoras do bairro, mais precisamente da comunidade Gereba onde estava situada a “famosa” rampa de lixo, experiência que mais tarde daria origem a ONG e escola de dança EDISCA.<sup>46</sup>

A partir dos anos 2000, aumenta o sensacionalismo midiático em relação às comunidades de periferia em Fortaleza, com a eclosão dos programas policiais em canal aberto<sup>47</sup>, cujas matérias e apresentadores fortalecem a reprodução de estigmas sobre os seus moradores e moradoras, expressos, via de regra, no binômio pobreza x violência. Tais fenômenos que guardam inúmeros entrelaçamentos, de fato ficam mais agudos ao longo dos anos seguintes, ganhando ainda maior expressividade na conjuntura econômica atual.<sup>48</sup> Como afirma Adad (2004 p. 6): parece que “instalou-se na consciência do corpo social a convicção de uma equivalência entre a miséria, a agressividade e o perigo. Esta foi a grande moldura para o início da exclusão dos pobres.” Prática assentada por saberes que foram produzidos

---

<sup>45</sup>No Brasil, o telejornalismo de cunho sensacionalista, ganhou visibilidade com o surgimento do telejornal *Aqui Agora*, que foi ao ar em 1991, apresentado por Gil Gomes, e *O homem do sapato branco*, apresentado por Jacinto Figueira Júnior, ambos veiculados pelo Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, sendo que o *Aqui Agora* é considerado o programa precursor do telejornalismo policial na televisão. Ver mais sobre o tema em: *Jornalismo policial na televisão: gênero e modo de endereçamento dos programas Cidade Alerta, Brasil Urgente e Linha Direta* (OLIVEIRA, 2007).

<sup>46</sup>Um dos frutos da escola foi o espetáculo de balé Jangurussu que tinha a rampa como um dos símbolos principais.

<sup>47</sup>Dentre eles: *Barra Pesada* (TV Jangadeiro); *Cidade 190* (TV Cidade); *Cidade Alerta* (Rede Record).

<sup>48</sup>No relatório “A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras”, a Ong Oxfam Brasil revelou que os 5% mais ricos do país detém a mesma fatia de renda que os demais 95%. E que um grupo de seis pessoas possuem riqueza equivalente ao patrimônio dos 100 milhões de brasileiros mais pobres. A PEC 95, aprovada em 2016, congelou em 20 anos os investimentos na área social no país, inviabilizando a implementação do Plano Nacional de Educação (PNE) e a expansão do Sistema Único de Saúde (SUS) e de programas da assistência social, entre outras políticas centrais para o combate à pobreza e às desigualdades no Brasil (UNISINOS, 2017).

historicamente em larga escala, numa profusão de técnicas e discursos científicos que tem como pano de fundo a garantia do poder de vigiar, punir e decidir (FOUCAULT, 1993).

O próprio modo como o bairro se forma, o vínculo entre o êxodo rural e as relações de trabalho que foram tecidas com o surgimento “da rampa” naquela comunidade - e que depois virou “lixão” -, ajudam a fortalecer o estigma. Partindo dessa problemática, o surgimento do Jangurussu nos remete geográfica e simbolicamente a comunidade Gereba como o fio condutor para entender toda a sua complexidade, o seu desenrolar econômico, histórico e político, como vemos a seguir:

Foi a presença dos catadores que deu início ao surgimento do bairro. Eles foram seus primeiros habitantes. [...] Ainda hoje o bairro abriga a maioria dos catadores de materiais recicláveis da capital (PMF, 2006). Quando, em 1978, o destino dos resíduos passou a ser este local, transferiram-se de outros lixões para seus arredores aproximadamente oitenta catadores [...] o grande lixão atraiu famílias inteiras. Os trabalhadores foram aos poucos se instalando nos arredores, abrigando-se em locais abandonados ou construindo seus barracos. (IZAIAS, 2010, p. 89).

Sem ver os seus direitos mínimos atendidos pelas estruturas do Estado, as famílias viram no aterro a única saída para as suas dificuldades. Simbolicamente o bairro era uma promessa para os pobres imigrantes do interior, porque lá eles construiriam a sua vida nova. Diante de uma fonte acessível para o suprimento parcial das suas necessidades básicas, todas as outras questões passaram a ter uma menor importância, fato que motivou um crescimento desordenado naquela área:

Esta região da cidade abrigou em décadas anteriores os imigrantes do interior do Estado fugidos da seca e inúmeros trabalhadores, em sua maioria desempregados [...] O aterro chegou a atingir uma quota de lixo de quarenta metros de altura, gerando um problema na questão socioambiental. O aterro empregava cerca de 1500 catadores entre adultos e crianças que viviam em condições sub-humanas. (SILVA, 2007, p. 4).

Viver das sobras do que a cidade não quis, ter os olhos voltados para a imediatividade do existir, passou a ser o lema daquelas famílias e o modo de simbolização do próprio bairro:

Este novo Lixão do Jangurussu ou “rampa”, como é comumente chamado tanto pelos meios de comunicação como pelos catadores e moradores da área que o veem como fonte de subsistência, emergiu no pátio do Complexo do Jangurussu a partir dos resíduos urbanos descarregados pelos caminhões municipais, ou de terceiros. (FRANCO, 2007, p. 50).

Nos anos oitenta a questão da pobreza e da violência no bairro atingiu níveis insuportáveis, tendo como uma expressão positiva, todavia, a organização popular e o surgimento da Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri (REAJAN), criada a partir de



país, durante os seus dois mandatos como presidente (2003 – 2011) –, o Jangurussu viveu um período um pouco mais tranquilo<sup>50</sup>, voltando a ter índices alarmantes de violência nos dois últimos anos, com ênfase para os crimes oriundos do narcotráfico, cujas vítimas preferenciais são as populações jovens e negras.

Uma das mais recorrentes nuances dessa violência no bairro mereceu registro no estudo de Araújo (2014, p. 41):

Nas avenidas que tangenciam o “aterro do Jangurussu”, é possível perceber uma “rota empobrecida” da prostituição, são mulheres, meninas e travestis que vendem o uso dos seus corpos por poucos reais, algumas (uns) aceitam fazer o programa em troca de drogas, em especial o crack.

No cerne desse fenômeno, dentre outros elementos que ajudarão a compor a costura desse texto, tais como as questões de gênero, está o sucateamento a nível nacional das antigas políticas de bem-estar, principalmente a partir dos últimos anos. Mesmo no contexto atual, com o recrudescimento dos antigos fantasmas, nunca totalmente distantes, apenas mais distraídos nos anos anteriores, penso que é preciso fugir do cerco das narrativas totalizantes e mediatizadas sobre as áreas periféricas, zonas “opacas”, estando aqui em questão o Jangurussu. Trata-se de um movimento necessário para que se desvelem as suas dobras, criando condições para deslocamentos de olhares, rupturas com o pensamento instituído e com a comodidade das visões maniqueístas; perceber o movimento da vida – e dos sujeitos das áreas periféricas, das mulheres mães-, que extrapola em muito a violência, ainda que a ela se entrelacem; perceber suas “*artes de fazer*”, como nos diz De Certeau (1990), e as relações que estabelecem no tecido social, em sua cotidianidade – que além de conflituosas, são também afetivas, de solidariedade, de vizinhança, –, suas práticas sócio-culturais, que segundo Freire (2008) são também práticas políticas, mesmo sem de todo sabê-las.

Estruturas mais organizadas como as redes de articulação, as ONGs, os projetos sociais, assim como expressões mais espontâneas, como a dança, a capoeira, o teatro, o hip hop e tantas outras formas de linguagens culturais, são pequenos exemplos das muitas e diversas formas de resistências que pululam no Jangurussu a partir da cotidianidade vivenciada por seus moradores e moradoras, compondo um conjunto de ações normalmente mediados pela participação direta ou indireta das mulheres.

---

<sup>50</sup>Além dos grupos Meninas do Rap e Meninas e Meninos de Deus, moradores e moradoras do Gereba e do Conjunto Santa Filomena respectivamente, estudados na pesquisa dissertativa, tivemos contato com as juventudes ligadas a REAJAN, ao Cuca Jangurussu e com os jovens do conjunto São Cristóvão, ligados ao coletivo Ambiental e ao grupo de dança “Da Sul” – uma provocação a parte rica da cidade.

Mas somente um olhar mais apurado, olhar “sensível”, como defende Duarte Júnior (2004), é capaz de captar, reconhecer e deixar-se afetar nessas áreas opacas, pelos heróis e heroínas anônimas analisados por De Certeau. Pude encontrá-los a partir das andanças pelos programas educativos, pelas organizações populares, pelas ONGs, pelas associações e projetos sociais (como o CONVIDA<sup>51</sup> e o Crescer com Arte), mas também nas feiras populares como as do São Cristóvão, nos bares onde a prática do karaokê ainda é comum, nas festas de reggae e rock promovidas pelo Cuca, nos eventos enfim<sup>52</sup>, nas casas, nas ruas, nas calçadas, onde por acaso, a partir do “vagabundear” das conversas informais, a algum deles eu era apresentada. A cada novo encontro eles e elas me apresentavam a outro Jangurussu, o que pode ser visto nos versos do grupo de rap Relato Ativo, formado por dois irmãos do projeto Meninos de Deus:

A cada amanhecer uma nova chance,  
 O sol brilhou mais uma vez  
 Eu vou adiante  
 Na missão do dia a dia  
 Eu vou vivendo  
 Eu tô na luta, nos “corre” vou vencendo. (Na luta, nos Corre e Vencendo) (GRUPO RELATO ATIVO, 2018).

Retomando o objeto de pesquisa, esse olhar sensível em relação ao grande Jangurussu que capta as ações empreendidas pelas mulheres pode surgir até mesmo de um “não – encontro.” Como o que não tive com pessoas como a aposentada e moradora há 22 anos do Sítio São João, Dona Raimunda Freire, uma das mães/avós que eu não conheci. Através de seu olhar, igualmente sensível, registrado por um meio de comunicação local, vislumbramos outro Jangurussu:

Para Raimunda Freire, de 75 anos, “há bastante respeito” entre os moradores da região. A aposentada afirma que se sente segura no local e cultiva hábitos pouco adotados nos dias atuais, como sentar na calçada quando o sol se esconde e visitar frequentemente o santuário de Santa Rita, localizado no coração do Sítio São João.” Todo mundo aqui se conhece e gosta de manter essas relações positivas”, reforça. (BAIRRO..., 2017).

Um contato mais direto com as mulheres do Jangurussu, como já foi dito, se fez no passado, na primeira visita a comunidade, ao participar da caminhada alusiva a divulgação

<sup>51</sup>Conselho Nova Vida, ONG que viabilizava dentre outros projetos, as atividades dos grupos Meninas do rap e Meninos e Meninas de Deus.

<sup>52</sup>Em um desses eventos participei da exibição de um documentário feito por jovens do bairro sobre o processo de limpeza da lagoa do São Cristóvão. Mais uma vez pude constatar o vigor dos saberes de margem (DE CERTEAU, 1990), evidenciados pela fala de uma das jovens que estiveram à frente do movimento em defesa da lagoa: “Era dito para as pessoas que elas eram lixo, e elas acreditavam. Acho que depois dessa conquista feita com a participação deles, alguma coisa talvez tenha mudado.”



da recém lançada Lei Maria da Penha, experiência percorrida na parte introdutória deste trabalho. Vejamos o registro da caminhada:

Figura 4 – Mulheres à frente da caminhada sobre a lei Maria da Penha



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Já discorreremos preliminarmente também sobre uma aproximação mais dialógica com as mães a partir de então, a qual passou a ocorrer por meio das oficinas sobre relações de gênero, realizadas com as mulheres ligadas ao Projeto Crescer com Arte. Foram elas que, por meio de suas lembranças e narrativas, também ajudaram as juventudes ligadas aquele projeto social, a contar a história do bairro, tendo como resultado o cordel “O lobisomem do Jangurussu”. Acompanhem os versos dessa produção coletiva:

Eu vou tirar uma história lá do fundo do baú. A cidade é Fortaleza, o bairro é Jangurussu. É no rumo de quem vai lá pra Maracanaú. Fortaleza toda sabe: é ali que se joga o lixo, mas de uns tempos para cá, aumento o rebuliço, porque no Jangurussu o povo tá vendo um bicho. É um bicho diferente, não é boi nem urubu. Raposa também não é, nem cobra nem cururu. O bicho é um lobisomem, terror do Jangurussu. Há uns vinte anos atrás, quando ali só era mato, tinha a rampa do lixo, uns quatro ou cinco barracos e uma casa abandonada toda cheia de buracos. Ali não passava ônibus, só bicicleta ou carroça, pra ter uma inundação, bastava uma chuva grossa, empurrado pela fome, vem o povo e se apossa [...] Tem muito caco de vidro, prego, veneno e arame, é um trabalho arriscado só pra não morrer de fome. E o perigo de morrer na boca do lobisomem? Ele é um cachorro grande com as unhas de felino, olhos grandes e vermelhos de instinto assassino, foi visto por uma avó, uma mãe e um menino. Voltaram lá do Barroso, no meio da escuridão, avistaram um vulto preto ali perto do lixão, a avó teve um infarto que foi parar no Frotão. [...] Chamaram lá um velhinho, lá do Sítio Timbaúba. O velho falou e disse: Se eu não derrubar o bicho ninguém no mundo derruba. O velho chamou seu neto, que é lá do Jangurussu [...] um atalhou pelo norte e o outro foi pelo sul. Ouviram à meia noite, um uivo que o chão tremeu, foram tomando chegada, quando o bicho apareceu. Atacou logo o menino, mas o velho se meteu. Mirou, puxou o gatilho da espingarda amarela, que o coração do bicho saiu fora da titela. Mas a fera abocanhou o velho pela canela. O menino se soltou, seu avô ficou na briga. Gritou pro neto: Depressa! Tá Vendo aquela camisa? Desavesse e solte os nós que o lobisomem desvira. O

menino desatou a camisa do cachorro, que voltou à forma humana e ainda pediu socorro, mas deu último suspiro e o céu deu um estouro. Quem quiser ver a verdade, pode ir lá que tem a cova. Tudo voltou ao normal e aqui se acaba a história. Hoje no Jangurussu ninguém mais se apavora. Mesmo com toda a pobreza é uma comunidade. A usina de reciclagem é sinal de modernagem, ainda tem muitos problemas, mas ninguém vê mais visagem. Só o neto do caçador, por estar muito febril, saindo pra comprar remédio num tal de mercantil, viu um cachorro dourado foi aí que deu psiu, mas o danado do bicho da sua vista sumiu!!!. (Cordel O Lobisomem do Jangurussu). (Projeto Crescer Com Arte, 2006).

Experiências como essas já dilatavam o meu olhar sobre o Jangurussu e sobre a importância das mulheres na vida da periferia. Anos depois, no Conjunto Santa Filomena, pude ter contato com algumas mulheres jogadoras de futebol, experiência que me garantiu uma visão mais abrangente sobre gênero e geração e cultura, principalmente a partir dos relatos de Dona Acácia e de Dona Papoula. Eis a imagem de uma mãe amamentando no campo de futebol do Coritiba e o relato na íntegra das duas mulheres:

Figura 5 – Mãe amamentando no campo de futebol, acompanhada das filhas pequenas



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora 04/04/2013.

Eu escrevera em meu diário de campo: “uma mãe amamentando uma criança, com os outros filhos ao redor, unindo ali também outras possibilidades do feminino: a mãe, a jovem e a jogadora de futebol. Pedi então para tirar uma foto, elas riram e todas quiseram ver o resultado.” (DIÁRIO DE CAMPO, 04 de abril de 2013).

Figura 6 – Dona Acácia com a filha e a neta no campo de futebol do Coritiba



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora 04/04/2013.

Segue o relato de Dona Acácia que me concedeu uma pequena entrevista em pleno campo de futebol:

Cícera: Dona Acácia o que trouxe a senhora aqui e qual a sua relação com o futebol?

D. Acácia: Atualmente quatro dos meus filhos participam dos Meninos e Meninas de Deus, mas eu fui a primeira, né? Desde os nove anos eu jogo. Eu cheguei aqui no Santa Filomena e a minha primeira amiga eu já encontrei com uma bola de futebol na mão me chamando pra jogar. Minha irmã também participa dos jogos. Ela tem trinta e sete (37) anos (diz apontando para a irmã).

Cícera: A senhora sofreu algum tipo de dificuldade por ser mulher e jogar?

D. Acácia: Depois de casada eu sofri muito preconceito por jogar com as meninas, meu marido achava que era um grupo de lésbicas. Mas eu não me importo com o que ele pensa, me importo com o que eu sou.

Cícera: Além da senhora tem outra mulher na sua família que joga também?

D. Acácia: Minha filha mais velha que tai, ela tem dezenove (19) anos, já é casada e ainda joga. Vem menos agora porque tá trabalhando. (Dona Acácia. Entrevista em 04 de abril de 2013).

Por fim o relato de Dona Papoula que não quis que eu tirasse foto, mas que dá uma importante contribuição quanto à memória da intrigante relação entre mulheres e futebol no Jangurussu:

Cícera: Dona Papoula, como o futebol entrou na vida da senhora?

Tenho trinta e sete (37) anos e jogo futebol desde 92. Aí eu casei, depois parei. Nós temos um grupo de futebol, têm senhoras, jovens, a de mais idade tem quarenta e um (41) anos. Quando a gente treinava era com as meninas que são lésbicas e aí o pessoal dizia: “Fulana também é, porque tá jogando com as meninas que são!” Mas não importa se é ou não, a convivência não influi nada, pelo contrário, a gente faz é aprender.

Cícera: E como a senhora começou a jogar futebol aqui no Jangurussu?

Desde 91 que eu me interessei por futebol. Desde o “Dia da Mulher” que o Convida fez aqui. Um jogo de futebol, com mulheres de mais idade, que tinha filho, neto. A gente jogava torneio fora e tudo. Era muito engraçado. As Meninas de Deus ficavam olhando a gente jogar. Elas não tinham time ainda. E a gente tinha que fazer o treino que nem de homem. (Dona Papoula. Entrevista em 04 de abril de 2013)

Penso que o relato dessas duas mulheres é uma afirmação dos direitos, da liberdade e da delicadeza, essa matéria da qual deveria ser revestida a vida. Através dele é possível perceber de que forma são captados e acessados os canais possíveis de ruptura com aquilo que poderia ser tomado como “sina” – “uma existência relegada ao sofrimento e a vitimização -, “caso não fosse a insurgência criativa dos sujeitos do Jangurussu, das mulheres em especial, por meio da experiência de grupalização com o futebol, dos processos de auto formação e da educação com abordagem popular.” (PONTES, 2013, p. 215).

Ao final deste tópico posso dizer que procuro perceber o bairro como um território de vida social e real, posto que a compreensão de todo fenômeno social implica um conhecimento – uma apreensão das condições de existência, bem como das circunstâncias –, do lugar no qual ele é produzido. Desse modo posso dizer também que os moradores e moradoras do Jangurussu, ao mesmo tempo em que são regulados por um lado, modelados pelo duplo estigma “pobreza e violência”, parecem apontar também dimensões de potência e ruptura. É o que sugere minhas andanças etnográficas realizadas pelo bairro até aqui – mais precisamente nas comunidades Gereba, Santa Filomena e São Cristóvão, algumas delas já interagindo com as mulheres mães, ainda que o estudo dissertativo tivesse como foco as juventudes. Isso mostra que é possível para o pesquisador ou a pesquisadora acessar um olhar sensível e acolhedor para com aquilo que a vida traz e que o campo nos oferece.

De algum estranho e inventivo modo, a partir de suas práticas sociais, essas mulheres realizam com o que podem e o que têm a produção de novos sentidos, subjetividades outras, ancoradas em experiências formadoras que se dão nos espaços-tempo cotidianos. Pode-se dizer mesmo, que o Jangurussu existe em parte como bairro, pelas práticas produzidas nos fluxos que tecem os movimentos das suas moradoras. O que parece se dar, na proporção dos desafios que se colocam ao longo dos anos, e que a cada nova conjuntura assume novos contornos – como a que agora para fins de tese, analiso a partir das

trajetórias, saberes e experiências cotidianas das mulheres mães, das suas *artes de fazer* (DE CERTEAU, 1990) na comunidade Gereba, onde superar-se parece ser um constante devir.

## **2.2 Segunda Ponte – A comunidade Gereba e as primeiras aproximações com as mulheres mães: O início de uma inserção.**

Da mais pura inspiração  
Essa prosa vai começar  
De um povo hospitaleiro  
Na comunidade Gereba  
Que nós fomos visitar

Poderia contar uma  
história de tristeza e dor  
Mas não posso deixar de  
mencionar  
O que os racionais falou  
Tenha fé, tenha fé, que até  
no lixão nasce flor.

As libélulas voando  
Sobre aquela multidão  
Que separavam o lixo  
Pra ganhar um tostão  
Isso logo me veio  
A chamar-me a atenção  
Pois lá pras bandas do Oriente  
Libélula é um símbolo de libertação.

Sobre o horizonte, a natureza  
A nos impressionar, onde era  
Um monte de lixo, agora é um verde  
sem par.

Não posso deixar de falar  
Dos sorrisos das crianças que  
Mesmo sem acesso às políticas públicas  
Tinham os olhos cheios de esperança.  
A gente se divide em raça  
Etnia e cor, mas é a natureza  
Que sabe que todo humano  
Tem o seu valor  
Vi muitas noites escuras,  
mas o sol nasce pra todos sem temor.

Hoje volto ao meu caminho  
Mas com muita gratidão  
Pelo aprendizado de vida  
Que tive como lição  
A comunidade Gereba



longe o Gereba”, para depois conhecer o Grande Jangurussu. Também posso dizer, que já nesse primeiro momento, o meu próprio olhar, que até então coadunava com o da cidade, apenas pautado talvez menos pelo medo do que pela indiferença, começou a ser desconstruído.

O encontro inicial com a comunidade se deu por meio de algumas idas a usina de reciclagem, quando trabalhava na FUNCI, e pude acompanhar e ser fortemente afetada pelas atividades desenvolvidas pelo projeto Crescer com Arte, percorridas tanto na introdução quanto no tópico anterior.

Naquele tempo, eu ainda a chamava de comunidade Nova Perimetral, termo esse que acompanha o próprio texto dissertativo, o que justifica a expressão “conhecer de longe”, usada anteriormente. Foi preciso um caminhar etnográfico maior para conhecer o nome Gereba, abraçado pelos moradores e moradoras.

Nos anos em que trabalhei na FUNCI, e nos momentos episódicos em que estive no Gereba, eu não ultrapassara os limites da usina de reciclagem – com a exceção de participar de alguns dos eventos anteriormente citados. Mesmo anos depois, em função da minha pesquisa de mestrado, apesar de percorrer as suas ruas, saber dos desafios socioeconômicos, ter algum contato com as famílias das jovens, conhecer espaços importantes como o campo de futebol e a rampa do Jangurussu, eu não buscara um maior aprofundamento dos dados, talvez pelo próprio caráter do trabalho dissertativo – dividido com a análise de outra comunidade, o conjunto Santa Filomena, sob o olhar das suas juventudes.

Mergulhar mais a fundo na sua problemática e conhecer as práticas sociais das mulheres mães, percebendo as suas dores e alegrias, suas experiências, de onde brotam os seus saberes, a diversidade das suas intensidades, suas *artes de fazer*, táticas e astúcias (DE CERTEAU, 1990), me exigia um espaço/tempo maior, só agora possível. Era preciso “[...] captar e interpretar o sentido que os próprios atores sociais têm de sua realidade, aprender como eles vivem, como pensam, como produzem suas concepções de mundo, desvelando assim, sua mentalidade, suas direções e perspectivas.” (DAMASCENO, 2005b, p. 52).

No entanto devo confessar, que mesmo aquelas primeiras experiências com o Gereba foram muito potentes, ainda que superficiais. Realizar anos depois uma pesquisa dissertativa tendo como parte do lócus investigativo tal comunidade, reafirmou um olhar mais dilatado, fluído, capaz de captar em meio a um contexto de “morte e vida”, como eu chamara no texto do trabalho, alguns movimentos subterrâneos – por parte de seus moradores e moradoras, precisamente as juventudes –, afirmadores da beleza, da poesia, dos saberes que brotam despreziosos e que podem se ramificar.

Eis que agora, começando a discorrer sobre a comunidade, que não é mais a mesma pois o rio corre, e tendo que me deparar com um olhar cada vez mais “de perto”, confesso que cheguei a me perguntar em algum momento: Até que ponto, ter desenvolvido esse olhar mais propositivo – sendo que um dos conceitos mais trabalhados por mim na pesquisa anterior foi o de esperança –, não me amorteceria de certo modo face a essa nova, mais árdua e complexa conjuntura do bairro e da comunidade, comprometendo o desenrolar do estudo?

Eu receava por um lado, desenvolver certo complexo de Pollyana<sup>54</sup>, e a tudo querer pintar com cores coloridas. E se assim fosse, qual seria o tamanho do meu tombo? O fato é que meu desafio agora era maior, assim como o contato que eu teria com as sombras no Gereba – e a sombra nunca é só do outro. “Como terei a coragem infantil de me perder?” (LISPECTOR, 1998, p. 13). Confesso que em muitos momentos tive medo. Senti-me às vezes patinando no gelo fino. Tomo pra mim as inquietações de Adad (2004, p 4): “Por que escolhi algo tão escorregadio, inóspito e desconhecido para estudar?” E por que fui escolhida por esse objeto? Outra inquietação, que vai numa linha oposta à anterior: Minha lente pesquisadora será capaz de captar para além das sombras que cercam o meu objeto, como as dores relacionadas aos crimes do narcotráfico e a violência que atingia direta e indiretamente as mulheres na comunidade, dores as quais já começavam a me espreitar?

Às vezes me sinto quase rasgando veredas, externas e internas, por entre o caos, o medo e as notícias policiais que se espalham como pólvora pela cidade. Tudo para fazer jus a essa opção em apreender esse olhar “dos de dentro” – inspirada em muito por Foote White em sua magistral *Sociedade de esquina* (2005), por Michel de Certeau, por Paulo Freire, por Larrosa...

Em sua pesquisa dissertativa de cunho etnográfico sobre as crianças no Jangurussu, Araújo (2014) traça um caminho parecido:

Entrei em campo com a preocupação de etnografar os sentidos atribuídos pelas crianças aos eventos de violência das quais elas eram vítimas. Contudo, ao conhecer as crianças e deixar-me levar pelo que o campo queria me mostrar e não pelo que eu forçadamente queria ver, modifiquei a direção do meu olhar. (ARAÚJO, 2014, p. 21).

Oficialmente a comunidade Gereba faz parte do bairro Passaré, mas ela se concentra de fato na divisa entre os dois bairros, estando quase ao lado do Conjunto São Cristóvão, de modo que toda a sua identidade simbólica está ligada ao Jangurussu. O

---

<sup>54</sup>Personagem dos livros de Eleanor H. Porter. Uma menina de 11 anos, órfã de pai e mãe, que sempre percebia algo de bom e positivo em tudo, mesmo nas coisas aparentemente mais desagradáveis.



deslocamento até lá, para quem vai de ônibus, como eu, tem como ponto de partida o terminal de ônibus da Parangaba. O trajeto até o Gereba dura cerca de meia hora ou um pouco menos, com descida na avenida Costa e Silva, apelidada de Perimetral, próximo a escola municipal Delma Hermínia. No local há bares, como o “bar da Diva”, pequenos restaurantes e um depósito de reciclagem logo na entrada da comunidade. Um pouco mais a frente ocorre aos sábados a conhecida feira do São Cristóvão, que fica próximo a Lagoa das Pedras. Ali também funciona o CUCA Jangurussu.

Figura 8 – Mapa com os marcos ilustrativos do entorno do Gereba



Fonte: Adaptado do Google Maps (2018)

Ainda na avenida Perimetral, vê-se um trecho do rio Cocó e até pouco tempo uma parte considerável de vegetação, onde atualmente é realizada uma obra de urbanização da prefeitura, a construção de mais uma praça na cidade. Mais para o lado o campo de futebol, onde por vezes reúnem-se para jogar, até simultaneamente, adultos, jovens, crianças e mesmo mães – sendo por isso um dos lugares mais importantes da comunidade.

Figura 9 – Jovens jogam bola no campo de futebol da comunidade Gereba



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (27/06/2016).

Normalmente, enquanto a noite não caiu ainda e os jogos não começaram, ficam ali alguns cavalos pastando e uma ou outra criança soltando pipa sob o sol da tarde, horário normalmente dedicado por mim a pesquisa de campo. À frente, alguns carrinhos de lixo e umas poucas mangueiras que servem de abrigo para moradores que armam a rede após o almoço. Eles bebem e conversam, sentados também em sofás velhos, ao lado de um barraco que parece ter sido algum dia um botequim. Bem próximo dali, em uma casa de esquina, há um grafite feito em uma das casas – uma intervenção urbana onde lê-se: “GEREBA” e a frase “Canta Liberdade”.

Curiosamente, nas minhas primeiras idas à comunidade eu olhava para o grafite e só conseguia ler a palavra Gereba. O seu complemento só consegui” ter olhos para ver/ler“ em uma situação específica que será narrada mais à frente.

A casa de esquina com esse grafite é na verdade a entrada da Rua São Francisco, principal rua da comunidade. Casas simples de ambos os lados, mais a frente dois mercantis, um quase de frente para o outro. Ainda assim, ali parece que estão as melhores moradias, a maioria de tijolos, diferente dos barracos que se multiplicam à medida que nos aproximamos da usina de triagem de resíduos sólidos, rodeados de esgotos a céu aberto e ruas enlameadas, denunciando o descaso do poder público e a ausência de uma política de urbanização e segurança. Ali as marcas da desigualdade vazam por todos os lados. A área que circunda a usina, quase fronteira entre duas comunidades rivais, Gereba e Babilônia, desde o início de 2017 voltou a ser alvo de constantes tiroteios, culminando com a expulsão de muitos moradores e moradoras, dada a queima e destruição dos seus barracos.

Tudo ali gira em torno do lixo. Há vários depósitos na comunidade, pelo menos 7, que compram o material dos moradores e moradoras que lá trabalham; o dia todo há homens carregando sacos e sacos de lixo e pessoas passando para lá e para cá com os seus carrinhos de coleta.

Mas o Gereba tem também as suas peculiaridades e uma delas é um salão de beleza colado a um desses depósitos, o salão *Mariahs*, na Rua “Paraíso”. Lembro-me do riso que se fez em meu rosto ao perceber ali tamanha sutileza. Duas dimensões tidas como opostas, dividindo o mesmo lugar.

Figura 10 – Salão de beleza ao lado de um depósito de lixo



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (27/06/2016).

Salão e depósito ficam em frente ao prédio onde funcionava uma antiga e já citada associação de moradores, Associação Dom Aloísio Lorscheider, mesmo local que sediava os ensaios das Meninas do Rap e que hoje é espaço de socialização para a comunidade, simbolicamente uma das suas “Meninas dos Olhos”. É também palco para boa parte das experiências que nos propomos a investigar; para a tessitura de saberes protagonizados pelas mulheres mães; para as suas artes de fazer na relação com o serviço voluntário.

Figura 11 – Fachada da antiga associação de moradores e moradoras do Gereba



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (08/05/2012).

Da avenida que tem oficialmente nome de presidente militar do regime ditatorial, mas que é chamada de outro pela população: Perimetral (haveria aí algum elemento contestador?), até a peculiaridade do salão Mariahs; Da comunidade que do ponto de vista geográfico oficialmente faz parte do bairro Passaré – sem nenhuma legitimação afetiva por parte dos moradores e moradoras contudo<sup>55</sup>-, até a descoberta do salão da associação, uma das pérolas da comunidade, tudo isso me “preparava” para o alargamento do meu olhar, fenômeno esse que só se dava a partir do cultivo das relações cotidianas. Afinal o que era realidade ali? Ou, como analisa Duarte Junior (1994), tratar-se-á de realidades?

Percorrer as ruas do Gereba de modo mais apurado me fez ver tanto o peso brutal da estrutura quanto as dobras. Ali há várias casas com plásticos e papelão misturados às paredes e portões – como algumas existentes na rua paradoxalmente chamada “Rua Paraíso”. Estas mais parecem extensões das sucatas e galpões.

<sup>55</sup>No imaginário da população e da mídia o Gereba faz parte do Jangurussu e chega a delimitar o seu próprio surgimento em termos de representações e simbolismos ligados ao antigo aterro.

Figura 12 – Rua Paraíso com suas casas e barracos



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (08/05/2012).

Á beira da primeira rampa, inúmeras casas e barracos. É um dos locais onde a pobreza diz o seu nome de forma mais acentuada. Uma delas chama a minha atenção pela composição estética à entrada, feita com inúmeras flores e borboletas de garrafas PET.

Figura 13 – Casa no Gereba decorada com garrafas pet



Fonte: acervo Cuca Jangurussu (23/12/2017).

O saneamento é precário, mas sempre há crianças brincando descalças nas ruas, embora em menor número do que nos anos anteriores, devido à violência e aos constantes

tiroteios entre os grupos que disputam o tráfico na região.<sup>56</sup> É comum vê-se casas rudimentares com duplex, normalmente para abrigar algum membro da família que casou. É comum também vê-se a convocação dos afetos – um desses duplex fica ao lado da moradia onde lê-se na parte de cima, quase no telhado: “Amor só de Rerinaldo”.

Sempre há jovens nas ruas, andando de bicicletas, em grupo nas calçadas ou sentados olhando os seus celulares. Quando acontece algum crime mais grave na comunidade eles se recolhem um pouco, aparecem menos por um ou dois dias, mas logo retornam às ruas na sua sede de liberdade. Ao cair da tarde e início de noite, pode-se observar grupos que se reúnem para ouvir funk em suas caixinhas de música, contrastando com alguns moradores evangélicos que ocasionalmente fazem pregações em frente às suas residências.

De acordo com Dona Orquídea, líder comunitária das mais antigas e agente de saúde, no Gereba há cerca de 3.000 moradores, compondo aproximadamente 360 famílias. Duas escolas compõem a rede de educação pública da comunidade: a Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Delma Hermínia da Silva Pereira e a Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental André Luiz, onde também funciona uma fundação de mesmo nome que acolhe crianças, jovens e idosos. Há apenas uma unidade de saúde, a Policlínica João Pompeu Lopes Randal, sendo que a outra unidade que cobre a área funciona no Passaré, mais distante portanto – o Posto de saúde Alarico Leite. Não há nenhuma igreja católica na comunidade, mas alguns salões onde funcionam projetos sociais acabam sediando missas ocasionais. Há pelo menos 3 igrejas evangélicas que segundo alguns moradores acabam sendo uma das poucas alternativas para minimizar a influência do tráfico entre os jovens.” Os meninos aqui estão virando pastores para não entrar no tráfico”, afirma Verbena, moradora da comunidade, uma das quatro primeiras mulheres mães que conheci no Gereba, e uma das participantes da pesquisa. Ela faz parte do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis e é mãe de uma das poucas jovens que compunham o grupo Meninas do Rap e que hoje cursam uma faculdade.

Todas as outras três mulheres que conheci inicialmente são ou foram catadoras e participam também da presente pesquisa, tanto por serem mães que moram na comunidade, quanto por nela realizarem alguma prática de serviço: Dona Begônia, rezadeira e avó de Pérola, uma das Meninas do Rap, Dona Rosa, que também é mãe de santo e que adotara desde pequena Esmeralda – outra Menina do Rap, e Dona Magnólia, recicladora na usina, mãe de Verbena e ex coordenadora da ASCAJAN.

---

<sup>56</sup>O final de 2017 trouxe um período de maior tranquilidade quanto aos crimes motivados pelo tráfico. A população alude esse cenário ao aumento substancial do policiamento na área.

A problemática dos crimes ligados ao narcotráfico atualmente assume um caráter tão ou mais importante que as próprias condições de trabalho da população e sobre ela tratarei no decorrer de toda a narrativa do trabalho, a começar pelo tópico seguinte uma vez que apresentarei algumas inquietações preliminares e os primeiros desafios da pesquisadora, perfazendo o caminhar metodológico da própria pesquisa. Antes disso, porém, e como um ritual de passagem para essa análise maior, falarei sobre a usina de reciclagem da comunidade, dada sua importância histórica e simbólica na formação do próprio bairro, e na vida de várias das mulheres que compõem o grupo pesquisado, sendo ainda a sua principal forma de subsistência.

### ***2.2.1 A usina de triagem e os primeiros desafios em relação ao campo empírico***

Conhecer a usina de triagem do bairro Jangurussu é antes de tudo um ato de coragem, visto que ela situa-se no marco divisório entre duas comunidades rivais.<sup>57</sup> É também adentrar em uma relevante parte da memória do lugar, um território repleto de importantes simbolismos e palco das mais diversas estratégias de reprodução e resistência por parte dos sujeitos que ali interagem. Talvez esse contexto explicasse um pouco dos meus sentimentos quando comecei a visitá-la em função da presente pesquisa. Na verdade, eu já tinha ido antes, rapidamente com Lótus, a procura de Dona Magnólia, mas no dia referente ao relato a seguir, eu começaria a fazer o mesmo trajeto sozinha:

Cruzar a Escola Delma Hermínia, a Policlínica, o FAC, os diversos galpões e depósitos e ir aos poucos me aproximando da maior referência da comunidade, a usina de triagem fazia daquele um dia especial. Um fio de medo me atravessou por ser aquele um caminho praticamente desconhecido que me levaria cada vez mais perto à linha divisória entre as comunidades. Sentia-me de fato estrangeira naquele dia. Ao entrar na usina, vi uma grande quantidade de flores perto do prédio da administração. Sorri. Andando mais um pouco, em frente à cooperativa, um centro de formação dos catadores e catadoras, local onde antes funcionara o programa Crescer com Arte<sup>58</sup>. Ao reconhecer o prédio senti uma lembrança suave dos momentos que ali passei quando trabalhava na FUNCI.<sup>59</sup> Ao lado, a área onde os caminhões descarregavam o grosso do material e onde vários moradores não vinculados à associação trabalhavam por conta própria. A cooperativa funcionava num enorme galpão. Vejo basicamente mulheres trabalhando. Há moscas por todo lado, uma esteira parada no meio e montes e montes de caixas de papelão dispostas no chão de cimento. (Diário de campo, 10/05/2017).

<sup>57</sup>As visitas foram realizadas ainda no primeiro semestre de 2017. Por todo o segundo semestre a avenida que dá acesso a usina foi palco de raptos de pessoas que depois descobria-se ter sido mortas com requintes de crueldade em função do tráfico de drogas.

<sup>58</sup>Fundação da Criança e da Família Cidadã.

<sup>59</sup>Ver Pontes (2013), Onde Mora a Esperança? Um estudo das culturas juvenis no Jangurussu: as Meninas do Rap e os Meninos e Meninas de Deus.

Vejamos o registro fotográfico da usina de reciclagem:

Figura 14 – Parte central da usina de reciclagem



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (10/05/2017).

Dou bom dia a um grupo de mulheres que sentadas fechavam grandes sacos de material. Quase todas usavam o uniforme da associação (ASCAJAN). De várias idades, provavelmente boa parte delas, aparentava mais idade do que o que realmente possuía. Do outro lado, mulheres de pé e de costas, dispostas em divisórias que pareciam guichês individuais. Cada uma das divisórias ficava sob uma extensa rampa na qual eram depositados os resíduos sólidos que deveriam ser reciclados. Ao lado de cada mulher, vários galões que serviam de depósito para diferentes tipos de material: plástico, latinha, papel, papelão. Uma vez cheios eram carregados para o meio do galpão e substituídos. O barulho das garrafas no interior do galpão se misturava aos dos caminhões do lado de fora transportando o material reciclável. Um sistema de som reproduzia a programação de uma rádio popular, alternando forró e músicas religiosas. As mulheres não usavam nenhum material mais específico para o trabalho.” (Diário de campo, 10/05/2017).

Figura 15 – Mulheres trabalhando na usina de reciclagem





Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora. 10/05/2017.

Antes do centro de triagem o que havia era o antigo aterro do Jangurussu, projetado para uma vida útil de 10 anos, mas acabou funcionando por 20 anos. Atendia toda Fortaleza, recebendo uma média diária de 3.300 toneladas de lixo, que era distribuída numa área de 31,6 hectares. Ao ser inaugurado o local era um aterro que obedecia às normas técnicas sanitárias, mas com o passar dos anos devido à falta de manutenção e descaso com essas normas o aterro sanitário acabou virando “lixão” (ANTIGO..., 2015).

Como parte da pesquisa bibliográfica, documental e virtual, reproduzo neste tópico alguns relatos de uma pesquisa sobre a memória do bairro realizada pela juventude moradora do Jangurussu:

Em 1973, quando as primeiras pessoas construíram casas de taipa cobertas com folhas de palmeira e era tudo lama, cheio de cobras, não havia nenhum meio de transporte. Só tinha um caminhão que buscava os trabalhadores. Quem perdesse a hora, faltava o trabalho. (Vanessa Ribeiro, 18 anos, moradora do conjunto Palmeiras. Pesquisa Jangurussu Digital).<sup>60</sup>

Em 1996 a carga máxima permitida para o funcionamento do aterro foi ultrapassada, mas o mesmo só foi desativado em 1998. Foi uma longa negociação. Muitos moradores não queriam abrir mão do trabalho por conta própria, mais rentável, ainda que sem suporte ou segurança. Para eles a insalubridade era compensada por verem suas necessidades de vestimenta e alimentação “supridas” pelo que o lixão lhes fornecia.

Os moradores mais velhos dizem que o bairro melhorou. Na década de 90, eles ganharam umas 70 casas e o pessoal saiu da beira do rio. O difícil é entender que o lixo é a alegria do povo. É dele que eles tiram o sustento e como o aterro fechou, as pessoas reclamam. (Clézio de Oliveira, 17 anos, morador do Grande Jangurussu).<sup>61</sup>

Tratava-se de uma questão delicada uma vez que do ponto de vista ambiental os prejuízos eram muitos: ocorrência de incêndios devido à combustão de metano; produção de chorume (líquido tóxico resultado da decomposição dos resíduos) causando a contaminação do rio Cocó e o comprometimento da saúde da população.

A rampa só foi totalmente desativada em 2003, sendo criada a ASCAJAN que assumiu junto com o poder público a administração do espaço. Há muitos barracos ao redor da usina. Como dissemos, são famílias que vivem das sobras da cidade, algumas por falta de opção e outras porque ainda veem no lixo uma fonte de abastecimento das suas necessidades.

<sup>60</sup>Página Jangurussu Digital (ESTUDANTES..., 2011).

<sup>61</sup>Página Jangurussu Digital (ESTUDANTES..., 2011)

Margarida, filha de Dona Rosa, falou-me certa vez sobre a opção de ser catadora e não fazer parte da ASCAJAN. Ela tem 28 anos e trabalha com reciclagem desde os 12 anos de idade. São 16 anos trabalhando com reciclagem. Encontro-a em seu barraco que ficava ao lado da usina de reciclagem, de cócoras, lavando roupa em uma bacia:

A maior parte das coisas aqui de casa vem da usina. Lá tem de tudo. Eu acordo às 5h e vou trabalhar. Quando volto é de tarde. Aí venho arrumar uma ou outra coisa dentro de casa. Eu tiro R\$ 400,00, R\$ 500,00 por quinzena. Tem um lado difícil, quando chove é horrível. Só dá pra trabalhar com uma bota que proteja muito. Tem muita lama, o mau cheiro aumenta. Tirando isso eu não acho ruim ser catadora. (Margarida. Entrevista em 03/05/2017).

Na época da entrevista, Margarida ainda morava com as suas filhas num barraco bem ao lado da usina. No segundo semestre de 2017 os moradores dos barracos tiveram que se mudar porque foram expulsos pelos membros da facção que atua no bairro Barroso. O pai de Margarida quase foi baleado. Atearam fogo nos casebres e a população passou a viver de aluguel. No dia em que fui entrevistá-la tive que ir sozinha, enfrentar o caminho enlameado e o meu medo, mesmo que ainda não tivesse a noção exata do perigo que eu corria.<sup>62</sup>

Antes de percorrer a linha formada pelos barracos, vejo mulheres com olhares curiosos nos portões de suas casas, como a se perguntar: Quem é essa mulher? O que ela faz aqui? Grupos de homens sentados nas calçadas me olham desconfiados e o meu constrangimento aumenta mais. Mesmo com uma aparência bem mais discreta que antes, me sinto vulnerável. Uma súbita vontade de sair correndo dali, disfarçada sob um sorriso amarelo ao notar alguém me encarando. A sensação de mal estar aumenta. Em meio a vontade de chegar logo ao meu destino, agora sou eu que me indago por dentro: O que eu faço aqui? Onde é que eu fui me meter? (Diário de Campo. 03/05/2017).

“Nem todos os catadores fazem parte da associação”, continua me contando Margarida. Segundo ela, é melhor se responsabilizar pela venda e comercialização do que coletam, sem a ação de atravessadores. Várias famílias vivem assim porque preferem “não ter patrão” e podem fazer o seu horário já que “o dia inteiro tem caminhão trazendo material”. Além do que, eles não precisam repassar nenhum valor para a associação e nem lidar com os desafios do trabalho em grupo. Por outro lado, não possuem direitos trabalhistas como férias ou 13º salário, nem aparato legal caso adoçam.

De qualquer modo, trabalhando diretamente na usina ou não, morar nos seus arredores era estar na parte mais desassistida da comunidade, num lugar onde a precarização da vida material era a regra e a violência ganhava ares de barbárie. Os barracos eram feitos em grande parte de uma combinação de madeira, plástico, papelão e tijolos. Não havia

---

<sup>62</sup>A usina e os barracos ao redor demarcam a linha divisória entre duas facções rivais na região. Da usina para lá fica o bairro Barroso e a comunidade Babilônia, na parte de cá, o Jangurussu e a comunidade Gereba.

saneamento, quando chovia fazia muita lama e era possível que estivesse misturada com chorume.

Nada comprometia mais a qualidade de vida dos moradores e moradoras do que o fato da usina estar há poucos metros da divisa entre o Gereba e a comunidade Babilônia, região considerada atualmente como um dos grandes redutos do narcotráfico em Fortaleza. “Teve até tiroteio lá dentro da usina, depois disso só entra lá se deixar a identidade”, diz Dona Orquídea, uma de nossas interlocutoras.

No sentido de minorar tanto a problemática da pobreza quanto a da violência na comunidade, historicamente foram sendo criadas estratégias a partir da sociedade civil, algumas vezes em parcerias com o Estado, traduzidas na ação dos projetos sociais no Gereba. Por ser esse o lócus de onde surgem as bases para a contextualização do nosso objeto, consideramos relevante, portanto, apresentar a seguir um quadro geral desses projetos e ações sociais, pontuando rapidamente o trabalho desenvolvido na sede da antiga associação de moradores e moradoras e o surgimento do Projeto Amo Cuidar.

### ***2.2.2 Os projetos sociais como expressões de resistência no Gereba – palco de atuação para os saberes e para as artes de fazer das mulheres mães***

Vários projetos sociais atuam no Gereba, alguns desde o início dos anos 1980. Estes atuavam inicialmente como forma de minimizar a precariedade material, mas com o passar dos anos e com o aumento da complexidade dos problemas sociais, passaram a considerar mais diretamente os seus desdobramentos – o acirramento do tráfico e da violência na comunidade. Por vezes são assessorados por ONGs e organizações internacionais. “Até os Hare Krishnas, é assim que se fala? Já vieram aqui?” – me disse Lótus certa vez. “Distribuíam comida para as pessoas, cantavam. Era legal, oh!”

Além da Fundação André Luiz, obra espírita já citada, e do projeto Amo Cuidar, existem outros projetos sociais importantes na comunidade como o Fundo de Apoio Comunitário (FAC) que funciona com o apoio da iniciativa privada e da Universidade Estadual do Ceará. O prédio foi criado para funcionar um matadouro, ao invés disso abrigou uma obra que oferece horta comunitária e escola para crianças (Escola Padre Fred Solon). A ideia surgiu há 28 anos, a partir da iniciativa de participantes de encontros de casais da Igreja Católica e pelo protagonismo do Padre Fred Solon. Sobre a importância do FAC nos fala novamente a moradora Verbena:

A nossa escola aqui era o FAC. Nós não tinha escola. O FAC era maternidade, era escola. Aí vinha um médico voluntário, vinha um dentista voluntário. E ela nunca teve convênio nem com prefeitura, nem com o Estado, sempre sobreviveu de doações. Realmente ele é um ponto de referência muito forte. Lá nós tínhamos a educação que a gente não tinha em casa por nossos pais serem analfabetos. A minha família inteira é analfabeta. Ou seja, minha mãe, minhas tias, meus avós. Nós fomos colocados na escola e começamos a estudar. Lá foi dada a gente os primeiros passos para a cidadania. Lá foi onde eu aprendi que eu tenho direitos. Onde eu aprendi que eu também tenho deveres na sociedade. Saber falar, me comportar. Aprender a ler então, nossa! Foi como se eu descobrisse outro mundo. Como se você tivesse uma venda nos olhos e tirasse. Quando eu comecei a ler textos, a compreender até melhor, com as críticas de quem está no poder, a quem está no poder, aí a gente passa a criar outra concepção. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).<sup>63</sup>

Próximo ao FAC é desenvolvida a obra LUMEN também de origem católica, que realiza um trabalho social voltado para crianças, aproximadamente 70, realizando atividades culturais com os moradores, como aulas de violão, que conta com um público basicamente juvenil, e a parte de evangelização coordenada pelo padre Luciano. A sede do projeto é também o espaço de atuação de uma das antigas associações de moradores da comunidade. Mas para os fins desta investigação, optamos por lançar um olhar mais específico para o trabalho realizado na sede de outra antiga associação, atualmente desativada, a Associação Dom Aloísio Lorscheider, em função das práticas ali experienciadas por parte das nossas interlocutoras.

### ***2.2.3 As ações desenvolvidas na antiga Associação de Moradores e Moradoras Dom Aloísio Lorscheider e o surgimento do projeto Amo Cuidar***

De tão importante para a comunidade ao longo de todos esses anos a antiga associação Dom Aloísio Lorscheider daria também um belo objeto de estudo. A antiga associação de moradores e moradoras, transformada em espaço onde são realizadas atividades socioculturais, sempre se entrelaçou aos meus fazeres de pesquisadora - quer há 12 anos atrás, fechando com chave de ouro a passeata com as mulheres e a comunidade que de certo modo inspirou o presente trabalho, quer durante a pesquisa dissertativa, quando por várias vezes lá estive para observar as ações de formação e os ensaios das Meninas do Rap.

Pouco tempo depois da conclusão da pesquisa de mestrado, com o fim das atividades da associação, boa parte das ações culturais, inclusive as que envolviam as

---

<sup>63</sup>Ver Pontes (2013, p. 43).

Meninas do Rap, também foram canceladas.<sup>64</sup> O prédio, porém – uma estrutura simples formada por dois salões, duas salas menores, dois banheiros e uma pequena cozinha, todos com piso apenas “no cimento” –, continuou a pertencer à comunidade. Passaram a ocorrer com uma frequência maior eventos religiosos, missas, velórios e encontros de confraternização. Se o fazer político propriamente dito ficara comprometido com o fim legal da associação, sua sede ia se consolidando no Gereba como um importante espaço de sociabilidade, uma verdadeira “Casa do Povo”, onde os moradores e moradoras teciam outras maneiras de se associar.

Aos poucos, novas atividades socioculturais foram sendo implementadas. E eis que os moradores e moradoras da comunidade Gereba, alguns com um histórico de trabalho comunitário nessa antiga associação, são procurados no início de 2016 por um padre com um perfil pouco convencional.<sup>65</sup> Ele estava interessado em fazer parcerias para a implantação de um projeto realizado também em outras áreas periféricas da cidade, intitulado Amo Cuidar – ações socioculturais desenvolvidas sem o apoio dos órgãos governamentais e voltadas para a socialização, formação e minimização da problemática da violência e da pobreza, envolvendo algumas iniciativas na área de assistência.

Um grupo de mulheres se interessa em participar, dentre elas: Dona Orquídea, Lótus, Dália, Flor, Alfazema e Sálvia. Mulheres negras em sua maioria. Todas mães. Orquídea já é avó. Algumas delas com experiência de atuação em outros projetos sociais do bairro Jangurussu. Juntos iniciam um trabalho com a comunidade. O padre ficaria responsável pela coordenação geral, por conseguir doações para o projeto, facilitar parte das atividades e conseguir outros facilitadores e facilitadoras que fariam um trabalho voluntário, algumas vezes por semana.

As mulheres também comporiam a coordenação e ficariam responsáveis pelas atividades gerais, dando suporte na parte de tesouraria, articulação mais direta com os facilitadores e facilitadoras e os movimentos sociais, divulgação, alimentação, limpeza e preparação do ambiente. Elas também ajudariam na distribuição de cestas básicas conseguidas mediante doações. Uma taxa de R\$ 5,00 seria cobrada por cada associado, sendo utilizada

---

<sup>64</sup>Na verdade, em uma redefinição da sua parceria com o Conselho Nova Vida (CONVIDA), a ONG Visão Mundial que viabilizava o projeto, passa a priorizar as ações com o projeto Meninos de Deus. Com isso as jovens Meninas do rap acabaram por perder a ajuda de custo que recebiam na forma de bolsas, tendo que procurar um emprego para manter-se e ajudar a família.

<sup>65</sup>Pedagogo, filósofo e estudante de serviço social, ligado aos direitos humanos e com uma visão mais aberta sobre diversidade sexual, divórcio, celibato, e a própria visão de espiritualidade: “Minha mãe é médium e eu cansei de ver as entidades que ela recebia. Eu tenho um profundo respeito por todos os credos que levam a Deus.” Admirador de São Francisco de Assis. Ligado a Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB).

basicamente para o pagamento das contas de água e luz.<sup>66</sup> Conhecer essa história gerou em mim um sentimento de empatia e interesse, que influenciou na escolha de algumas das mulheres que participaram da pesquisa.

Nosso primeiro contato com as atividades do projeto Amo Cuidar ocorreu por acaso. E o que seria cuidar? A noção de cuidado envolve o cuidar de si, cuidar do outro e cuidar do ambiente, nos âmbitos comunitário, social e natural. Cuidar é tocar na complexidade da força e da fraqueza que envolve cada um desses elementos. Assim afirmo o humano em mim e mobilizo o humano no outro (GAUTHIER, 2012).

Eu havia marcado um encontro com Lótus, mas chegando a sua casa fui informada por seu companheiro que ela estava na associação. Apesar do estranhamento inicial, senti que poderia ser aquele um bom momento para rever aquele espaço. Fazia tempo que não o visitava e desde a pesquisa dissertativa ele se mostrara como uma referência importante para a comunidade como pode ser visto nas anotações do diário de campo:

O prédio da associação comunitária desativada, uma casa de esquina, agora estava pintado de branco, sem o grafite da época da antiga pesquisa. Cheguei ao final de uma reunião com um grupo de mulheres gestantes, grupo semanal, facilitado por uma psicóloga e pelo padre idealizador do projeto, que ficava responsável pela parte pedagógica. (Diário de Campo, 06 de julho de 2016).

Figura 16 – Encontro do grupo de gestantes na associação



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (06/07/2016).

Há em média de 15 a 20 mulheres presentes nas reuniões do grupo de gestantes. Participam das reuniões também as mulheres que estão à frente do projeto, dando suporte na

<sup>66</sup>Com o passar do tempo o padre e suas ideias começam a ficar conhecidas e as ações do projeto começam a ser de certo modo boicotadas. Outros projetos sociais com atuação no Gereba passam a se sentir ameaçados e inicia-se uma disputa “subliminar” na comunidade.

parte da organização do espaço, acolhida, alimentação, limpeza, distribuição de cestas básicas e peças de enxoval. Eis as anotações do diário de campo:

Naquele dia, havia acontecido uma reunião, marcada de última hora, sobre as relações interpessoais no grupo, apelidada de “lavagem de roupa suja” – disso eu ficaria sabendo momentos depois de chegar. O padre já havia saído, mas as mulheres estavam reunidas ainda em círculo com a psicóloga em uma conversa informal, num tom que parecia amigável. Apresentei-me e fui convidada a falar sobre a minha pesquisa. Foi uma fala rápida, uma vez que o local precisava ser limpo e preparado para as atividades que aconteceriam logo mais na calçada da associação. Era um grupo de mulheres bastante alegres. Ficamos conversando com algumas delas após a reunião. Quase todas iriam participar de uma aula de Zumba<sup>67</sup>. Pedi que me explicassem que aula era essa e elas me disseram parecer com uma ginástica aeróbica, envolvendo vários ritmos musicais. Após a limpeza do salão iriam em casa trocar-se: “Sei, vocês vão é se produzir!”, disse brincando, e todas riram. (Diário de Campo, 06 de julho de 2016).

Havia algo de subversivo na alegria contagiante e no agir-dançar daquelas mulheres, que tantas vezes eu iria rever. Algo de instigante, potente e formador que fazia com que em alguma medida (e a mim não importa exatamente qual), elas pudessem se recriar, se redescobrir e se refazer, se percebendo e se revelando como corpo consciente. Se para a cidade elas eram invisíveis, e por isso mesmo, muitas vezes impedidas de dizer a sua voz, em momentos como aqueles, prevalecia a máxima de Pierre Weil (1999, p. 88): “O corpo fala”.

Por outro lado, ao tratarem os conflitos “na roda”, demonstravam uma dinâmica que me pareceu interessante. “Quando tem problema a gente diz logo: ‘vamos sentar, vamos sentar e conversar!’”, comentou Flor, certo dia. Mais uma vez me remeto a Freire ao defender e acreditar em uma educação dialógica, visto que, se a práxis é o motor da transformação e a educação é justamente um de seus componentes mais relevantes, *o diálogo* é o fio condutor desse processo: “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam” (FREIRE, 1977, p. 43). Diálogo esse que ao invés de romântico, ou negador do humano em nós, se faz por vezes radical, combativo, sem ser sectário. Eis o desafio da amorosidade proposta por Freire.

A continuação de nosso diário segue sinalizando dentre outras coisas, a necessidade desse exercício:

Somente duas mulheres ficaram para a limpeza do local, dentre elas Lótus, cujas filhas pequenas já estavam por cercá-la, querendo a sua atenção. Me prontifiquei para ajudá-las, acabando por distrair as crianças, distribuindo giz de cera e papel trazido de casa. Enquanto Lótus varria o salão, ela conversou comigo dizendo estar tensa e com dor de cabeça. Contou-me de uma questão que acabara de colocar na reunião: Em um evento que acontecera recentemente, havia sobrado um panelão de sopa. Com o intuito de ajudar uma família da comunidade que naquele momento

---

<sup>67</sup>Exercício físico aeróbico baseado em movimentos de danças latinas, como o merengue, a cumbia e a salsa entre outros.

estava em uma situação muito difícil, Lótus sugeriu distribuir parte do que havia restado, ideia rejeitada por uma das participantes, por achar que só o grupo que trabalhou na organização deveria ter direito. “Cadê a solidariedade? Disse Lótus. A gente é um grupo coordenado por um padre e ainda tem esse tipo de egoísmo?” (Diário de Campo, 06 de julho de 2016).

O registro no diário de campo, ao contrário de uma visão idealizada do projeto e das ações por ele desenvolvidas, revela um movimento de luz e sombra (não será esse o movimento da própria vida?), sinalizando alguns limites e possibilidades da vivência grupal que me reportam a um conhecido poema de Madalena Freire (2011, p. 30-31):

Eu não sou você  
 Você não é eu.  
 Mas encontrei comigo e me vi  
 Enquanto olhava pra você  
 Na sua, minha insegurança  
 Na sua, minha desconfiança  
 Na sua, minha competição  
 Na sua, minha birra infantil  
 Na sua, minha omissão  
 Na sua, minha firmeza  
 Na sua, minha impaciência  
 Na sua, minha prepotência  
 Na sua, minha fragilidade doce  
 Na sua, minha mudez aterrorizada.  
 E você se encontrou e se viu, enquanto olhava a pra mim? [...]  
 Eu não sou você  
 Você não é eu  
 Mas somos um grupo, enquanto somos capazes de, diferenciadamente,  
 eu ser eu, vivendo com você e você ser você, vivendo comigo.

A existência de conflitos, ao invés de algo necessariamente ruim, pode evidenciar fecundos territórios de aprendizagens onde se gestam horizontes formativos sutis, cotidianos e pulsantes, capazes de fortalecer os vínculos entre as pessoas de um grupo ao invés de inviabilizar o caminhar coletivo, como vemos na conclusão do diário de campo:

Mesmo irritada com a colega do grupo, ao falar sobre as ações sociais que eram realizadas ali, e de como vinha participando, os olhos de Lótus brilhavam, seu sorriso resplandecia e ela era toda intensidade. Pude ver um entusiasmo genuíno naquela mulher tão sofrida e perceber o quanto contribuir na organização das atividades da associação era importante para o seu crescimento e formação. (Diário de Campo, 06 de julho de 2016).

Delory-Momberger (2006) apreende uma implicação direta entre sujeitos e processos formativos, considerando-os como os atores responsáveis por sua própria formação. Essa capacidade auto formativa segundo a autora é um construto que envolve a reflexividade e a leitura das experiências num movimento que lhes permite agir sobre si mesmos e sobre o seu ambiente, tendo acesso às ferramentas necessárias à reescrita de suas histórias pessoais e coletivas, tendo como pressuposto que “[...] toda atividade humana, desde a mais rotineira até



a mais excepcional, implica um horizonte de possibilidade, um espaço diante dela mesma que a conduz à existência e que lhe confere sua finalidade e sua justificação.” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 364).

O projeto Amo Cuidar, afora o grupo de gestantes possui outras atividades: As crianças podem brincar durante as aulas de dança e a contação de histórias que ocorre aos sábados. Há também capoeira para os jovens, karatê e aulas de violão. Os adultos no passado iam com R\$ 1,00 para o cinema comunitário, assistir filmes como “Os Trapalhões”, atividade suspensa dada a violência. As mulheres por sua vez podem ocupar outros espaços para além do espaço doméstico, chegando a ter aulas de zumba em espaço aberto, na entrada do antigo prédio da associação. Elas participam também de palestras educativas e de oficinas de artesanato. Um grupo de mulheres ligado ao projeto teve início no ano de 2017, mas devido à impossibilidade da antiga voluntária e coordenadora, uma assistente social colega do padre, continuar a frente das atividades, houve um período de suspensão das atividades, retomando meses depois, mas desvinculado do projeto e com outra coordenação e proposta.

O projeto possui fases de expansão e contração. No meio do ano de 2017 ele enfrentou uma séria crise financeira, dada à inadimplência dos contribuintes. Houve corte de água e de luz em virtude das contas que ficaram atrasadas. Afora isso o coordenador adoeceu e uma das principais lideranças precisou fazer uma cirurgia. Tudo isso fez diminuir o número de atividades e gerou um clima de ansiedade e preocupação no grupo. O padre também começou a ficar desmotivado com o fato de muitos moradores e moradoras atrelarem a participação das ações ao recebimento de cestas básicas e outros tipos de ajuda, assim como com o interesse de outros grupos, dentre eles o de jovens educadores e artistas da cidade, em realizar ações em parceria com a associação.

Após alguns meses de conversas e da realização de bingos e rifas para a regularização das contas de água e luz, as ações foram aos poucos sendo retomadas, algumas delas num outro formato e perspectiva, como ocorreu com o grupo de mulheres. Do mesmo modo se deu com o grupo de artesanato, o qual passou a ter autonomia e uma atuação mais direta das mulheres à frente das atividades. Sobre esses grupos falarei mais detalhadamente no capítulo seguinte, assim como sobre as ações que envolvem a biblioteca recém criada pelas mulheres (em parceria com os jovens educadores), com sede também no prédio da associação.

Acredito que parte das motivações sobre o refluxo nas ações do projeto Amor Cuidar, no segundo semestre de 2017, deveu-se ao acirramento da violência na comunidade em função dos crimes ligados ao narcotráfico. “Tu tá no meio da bala!” Disse o padre em uma das reuniões com o grupo de mulheres, aludindo ao comentário de um colega de fora, sobre o

trabalho idealizado por ele no Gereba. “Em uma das reuniões, tivemos que fechar tudo e ir embora porque estava tendo bala mesmo!” - complementa.

A importância desse tema nos faz começar a discorrer a seguir, sobre esse contexto de agudização da violência, os impactos na qualidade de vida das mulheres da pesquisa e sobre os desafios que essa questão traz para a própria pesquisadora.<sup>68</sup>

#### ***2.2.4 Os conflitos territoriais, o medo e as primeiras expressões de resistência – em meio a tudo uma pesquisadora***

Em setembro de 2017, num dos dias dedicados por mim a pesquisa de campo, antes mesmo de atravessar a Avenida Perimetral e subir a calçada, no caminho que me levava rotineiramente a entrada principal da comunidade, vi um grafite no muro da escola Delma Hermínia, nele, a palavra “Compaixão”.

Figura 17 – Grafite no muro de escola



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (07/11/2017).

Na mesma hora entendi as motivações para aquele grafite. Semanas antes, ocorreu um dos fatos mais graves em relação à violência na comunidade, segundo os moradores e moradoras. Um grupo de crianças, a caminho daquela mesma escola, ao passar pela rua da usina, que fica na lateral, foi surpreendido por uma “chuva de balas” atiradas de dentro de um carro. Felizmente, nenhuma criança foi ferida, mas esse fato reverberou intensamente na vida

---

<sup>68</sup>No momento em que escrevo esse capítulo, final de março de 2018, cinco ônibus foram totalmente queimados na cidade, e cinco parcialmente queimados, um deles na entrada da comunidade Gereba, em mais uma ação orquestrada pelas facções.

das mulheres mães pesquisadas, especialmente em Lótus, cuja primeira simbolização sobre o ocorrido aparece em um trecho de diário de campo:

[...] Mulher aqui tá tão perigoso. Anteontem de tarde, antes de uma hora, um grupo de crianças quase foi atingido por balas, do lado da Policlínica indo pro Delma. Era pra elas, não tinha mais ninguém na rua naquele horário. Correram tudim e graças a Deus não pegou em ninguém. Ontem nem teve aula porque as mães não levaram. Quem é que ia levar seu filho pro colégio numa situação dessa? (Diário de Campo, em 25/10/2017).

Em seus estudos sobre gangues e galeras Diógenes (2011) afirma que ao realizar ações violentas, os grupos “promovem um estatuto singular de suas existências, “acreditando muitas vezes, “que têm de definir, dominar e defender territórios”: “É nesse campo específico da necessidade de se fazer ver, de alardear suas presenças, de intensificar movimentos e estabelecer táticas de ocupação do espaço que se configuram a insegurança e o medo.” (DIÓGENES, 2011, p. 225).

Os dados sobre violência, que emergiram do campo empírico no diálogo tecido a partir da cotidianidade das mulheres mães, por meio de suas narrativas, são repletos de simbolizações e de significações sobre o que é ser mãe naquele contexto e naquela comunidade. Contudo, essa análise será melhor empreendida e aprofundada no capítulo seguinte. Por enquanto penso ser importante continuar analisando a violência no Gereba – principalmente no tocante aos crimes ligados ao narcotráfico e a rivalidade entre as facções-, em função dos desafios postos a realização do próprio estudo.

Em pesquisa realizada a partir da leitura de diversos jornais da cidade e o acompanhar de alguns programas policiais de televisão, o ano de 2017 trouxe um acirramento do conflito a nível nacional entre facções que disputam o tráfico de drogas também no Ceará como um todo. Tais facções estão representadas nos diversos presídios do Estado e tem ramificações em várias comunidades da capital. Até o meio daquele ano várias chacinas tinham ocorrido tais como a ocorrida no bairro Praia do Futuro, e posteriormente a chacina no município de Horizonte, onde uma criança veio a falecer (O Povo Jornal, 21/04/2017). Uma das práticas usuais tem sido o assassinato simultâneo de pelo menos duas pessoas como forma de retaliação ou pela demarcação de território.

O Ceará vem crescentemente atraindo traficantes do eixo Rio São Paulo e se tornou um lugar estratégico para a disseminação das drogas na Europa. Em virtude disso multiplicam-se as facções que se estabelecem em comunidades periféricas. Elas passam a controlar a área, arregimentando jovens e até crianças (Matéria Diário do Nordeste, 23/04/2017). No Jangurussu tem forte incidência e estão em quase todos os seus conjuntos

habitacionais, dentre eles o conjunto São Cristóvão, o Santa Filomena e o próprio Gereba. (O Povo Jornal, 25/01/2017, 21/04/2017; Diário do Nordeste, 22/12/2010).

Por meio das entrevistas e conversas informais com as mulheres mães, participantes direta ou indiretamente da nossa pesquisa, pude constatar que a combinação da problemática dos conflitos territoriais, do narcotráfico, com forte influência entre os jovens, aliada à precariedade material, tem feito muitas famílias quererem deixar a comunidade de vez. A violência na região retrata a disputa entre facções em duas comunidades vizinhas: Gereba<sup>69</sup> (Jangurussu) e Babilônia (Barroso).<sup>70</sup> Novamente a moradora Lótus nos ajuda a saber mais desse universo: “Estava tudo calmo ano passado. A partir do carnaval deste ano os tiroteios começaram. Nós não podemos passar para o lado de lá da usina, porque já é reduto deles.” (Diário de Campo, 14/06/2017).

Em referência aos males causados pela problemática do tráfico, já na pesquisa anterior sobre culturas juvenis, os jovens e as jovens aludiam principalmente à negação do direito de ir e vir, fenômeno que mesmo anos depois, continua a ocorrer na comunidade, como podemos perceber por meio das anotações de um diário de campo feito em abril de 2017, uma semana após os conflitos em penitenciárias do Ceará<sup>71</sup> que mudaram a rotina das cidades, da capital e da comunidade:<sup>72</sup>

Naquele tarde dentre outras coisas, eu queria saber de Lótus como estava o Gereba após uma semana de muita violência na cidade. Um ônibus tinha sido queimado bem próximo dali, nas imediações da UPA. “Escolas também foram atacadas em Messejana.” - disse Lótus. Em meio a nossa conversa, um grupo de mulheres passa animado e sonoro indo para a aula de Zumba. Nesse instante a filha mais velha de Lótus, de uns 10 anos aproximadamente, chega correndo da escola: “Tia!” Ela grita e me abraça, me deixando desconcertada com tamanho carinho. Eu retribuo feliz. Assustada, ela vira pra mãe e exclama: “Mãe! Invadiram o André Luís! (escola onde estuda) 3 homens armados! Todo mundo saiu correndo! Não teve mais aula! ”. Soube depois tratar-se de um jovem que ao fugir da polícia refugiara-se na escola. Ao se acalmar, a garota aproveitando o material de desenho que eu havia levado e que estava no sofá, fez um desenho para mim, enquanto eu tentava disfarçar o meu medo: ela desenhou um sol, montanhas e a inscrição acima: “Tia Ciça”. Eu agradeço

<sup>69</sup>Segundo o relato de moradores, da polícia, e as pichações nas paredes das casas, trata-se de um grupo ligado ao Comando Vermelho (CV), segunda maior facção criminosa do Brasil. O CV domina o território das favelas cariocas e atua nas fronteiras brasileiras. Tem como líder o conhecido traficante Fernandinho Beira-Mar.

<sup>70</sup>Comandada pela facção Guardiões do Estado (GDE), atualmente uma das maiores existentes no Ceará. A G.D.E é uma Facção criminosa originária da cidade de Fortaleza e aliada do Primeiro Comando da Capital (PCC), maior facção criminosa brasileira. Sua cúpula está sediada na penitenciária de segurança máxima de Presidente Venceslau, no interior de São Paulo. Dentre os atos de maior repercussão da G.D.E está a série de atentados a ônibus e equipamentos públicos na Grande Fortaleza em abril de 2017, considerada a maior da história de Fortaleza (GUARDIÕES..., 2018).

<sup>71</sup>Resultado da quebra do acordo nacional de paz entre o PCC e o Comando Vermelho, antigos aliados, com documento formal que foi divulgado amplamente na internet, com orientações para todos os grupos ligados ao PCC. Fonte: Revista Época: O crime está em guerra: maiores facções brasileiras romperam (RIBEIRO; CORRÊA; FONSECA, 2016).

<sup>72</sup>Fortaleza teve 22 ônibus queimados, além de delegacias e empresas de ônibus. Ver mais em Facções... (2017).

e digo que trouxera o giz cera para as meninas menores, mas como ela já era uma mocinha resolvera lhe dar outra coisa, mais adolescente. Falo isso lhe entregando uma lapiseira de um azul transparente e uma caneta bem simples de escrita lilás. Ela olha, acha bonito, mas referindo-se a lapiseira, pergunta que objeto é aquele. (Diário e campo, 26 de abril de 2017).<sup>73</sup>

Há momentos em que o Gereba parece com qualquer outro local da cidade - as pessoas acordam cedo, vão para o trabalho ou escola, voltam, assistem televisão, amam, discutem, fazem compras no supermercado, cuidam da casa, se alimentam. Os moradores podem ter acesso à cultura e diversão com as atividades de projetos sociais como as do projeto Amo Cuidar e também com o futebol na entrada da comunidade, acompanhado por treinador profissional dois dias por semana. Mas há outros momentos como os relatados acima no diário de campo, em que uma realidade de um cinza escuro se faz maciçamente presente: Aquela garota de 11 anos no mesmo dia em que precisou, junto com os demais alunos e alunas fugir da escola, deu a entender que vira uma lapiseira pela primeira vez na vida:

O objeto foi tão desejado naquela casa que a filha menor ao ver a irmã mais velha desenhando, me devolve a caixa de giz de cera e diz chorando preferir também “aquilo”. O choro é interrompido pelo mesmo grupo de mulheres que vem voltando e avisa que não vai haver aula de zumba na sede do Projeto Amo Cuidar: “Parece que a professora está doente.” Enquanto eu fazia um desenho para entreter a garota que ainda chorava, fiquei me perguntando até que ponto o acontecido na escola não implicaria na ausência daquela professora.<sup>74</sup> De qualquer modo, eu já desistira de me demorar mais, já eram quase 18h e era mais prudente ir embora. A garota sorri para mim e continua o meu desenho fazendo outras flores em volta. Naquele dia vi o entusiasmo e a frustração das mulheres, a violência e o medo reverberando em mim, e a descoberta por parte de uma garota de que lapiseiras existem. Tudo em tão pouco tempo. Deixei a casa junto com Lótus que me acompanhou até a parada de ônibus, sempre com a filha menor no braço, só indo embora ao me ver dar sinal. A filha mais velha ficara na rua, esperando ansiosa com outros adolescentes pela capoeira, na esperança de que ainda pudesse acontecer. Naquele dia fiquei preocupada com o desenrolar da pesquisa naquelas condições. Saí do bairro com um novo boato de ações de presos para o dia seguinte na cidade, o que me fez avisar a Lótus que ficaria em casa. Uma nova onda de receio passa por mim ao escrever esse diário de campo. Como os moradores do Jangurussu estariam agora? Mas penso também na flor desenhada no papel capaz de arrancar o sorriso de uma criança. (Diário e campo, 26 de abril de 2017).

Ao analisar o crescimento da violência entrelaçada ao tráfico de drogas, César Barreira (2013), chama a atenção para os riscos de um posicionamento aligeirado incapaz de dar conta da complexidade do fenômeno:

<sup>73</sup>Dias depois eu ficaria sabendo que tratava-se da tentativa de fuga de um rapaz que tinha saltado da viatura da polícia e entrado na escola para se esconder.

<sup>74</sup>As aulas de Zumba na comunidade por meio do Projeto eu Amo Cuidar de fato foram interrompidas desde então.

O aumento da violência e das taxas de homicídio não pode ser explicado apenas pelo tráfico de drogas, pois o fenômeno se insere em um cenário mais amplo que passa, necessariamente, pela forma de enfrentamento dos conflitos sociais e, mais especificamente, pela resolução dos embates interpessoais na sociedade brasileira, bem como pela ausência de uma política de segurança pública nacional, mais eficiente e também racional. (BARREIRA, 2013, p. 227).

Em seus estudos sobre o conceito de experiência, Jorge Larrosa (2002) aponta como um dos grandes males da atualidade o fato do conhecimento haver se transformado em informação; o que me faz lembrar uma prática tão a gosto dos comentários de redes sociais, onde cada um tem uma opinião. No caso da violência, não raro são sugeridas pelo cidadão e cidadã comuns, soluções como pena de morte, linchamento, uso ilícito da força policial e retorno do regime militar.<sup>75</sup> Mas “o outro sou eu, negado, oculto, camuflado”, como bem expressa Sri Prem Baba (2014) em um de seus satsangs.<sup>76</sup>

Ao analisar os entrelaçamentos contemporâneos sobre juventudes e violência Glória Diógenes (2011) chama a atenção para a capacidade de projeção juvenil como termômetro e vitrine por excelência para dar visibilidade às tensões sociais. O alarde de sua presença no âmbito da cidade que lhe é indiferente, provoca de certo modo sua inserção e o desejo de filiação em grupos fechados:

Signos da violência, práticas do espaço e estratégias de expressão e visibilidade pública tornam-se argamassas centrais e ambivalentes na construção e ampliação de práticas de inserção social. Ultrapassa-se a direta correlação entre cidadania e inserção no mundo do trabalho. A crescente situação de desemprego, os salários que mais parecem degradar que valorizar os trabalhadores, apontam novos signos de reconhecimento social. A expansão das demandas de consumo sem uma correspondência proporcional ao poder de compra parece lançar uma sociedade que se constrói sob esses referentes numa condição generalizada de desesperança e medo. (DIÓGENES, 2011, p. 214).

Durante as minhas idas a campo no ano de 2017, pude observar que partir do segundo semestre, tão comum quanto os anúncios de venda nas paredes de algumas casas eram as pichações com as siglas C.V, como forma de demarcação de território, mesmo na sede das ações do projeto Amo Cuidar e do grupo de mulheres.

Pesquisando sobre juventudes de periferia Glória Diógenes (2013, p. 47-48) afirma: “No universo dos pixadores, repetir é um modo de marcar, de não deixar o “nome” ser esquecido [...]” A sigla do pixador expressa o seu “grupo” de referência, sua galera.” Segundo

---

<sup>75</sup>“O regime militar só foi ruim para quem não andava na linha”, dizia um senhor idoso para outro num banco de ônibus periférico, outro dia. E uma jovem senhora conversava com um pequeno grupo de pessoas na fila da agência lotérica da Parangaba, bairro onde moro: “Eu sou mulher, mas eu sou danada, comigo não tem moleza pra vagabundo não!”

<sup>76</sup>Palestras disponibilizadas virtualmente contendo parte dos seus ensinamentos.

a autora, o esquecimento significaria, para muitos moradores e moradoras da periferia, “o preço muito alto que comumente se paga no dia a dia da vida urbana. Há uma luta incessante por visibilidade pública” (DIÓGENES, 2013, p. 49).

Uma vez que o tráfico vem arregimentando um número cada vez maior de jovens, é comum vê-los em vídeos gravados pelas facções entoando gritos de guerra numa gestualidade celebrativa ou ameaçadora, fartamente compartilhada nas redes sociais. “São eles os primeiros a tentar romper ou simplesmente se rebelar contra uma ordem que fala através deles e, concomitantemente, os excluí.” (DIÓGENES, 2011, p. 215). Isso afeta o próprio imaginário infantil<sup>77</sup>, o que nos remete a um curioso fato registrado em diário de campo durante o mês de novembro de 2017:

Era quase noite e eu voltava de uma das atividades, já passando pelo campo de futebol. Vejo um caminhão parado com inúmeras crianças brincando. Elas pulavam, gritavam. Pareciam querer extrair dali a cada momento um jeito novo de se divertir. Achei engraçado, atípico e potente aquilo. A ocupação do caminhão pelas crianças e a sua transformação em intensidade e passaporte de alegria. Tanto que pedi para tirar uma foto o que os deixou ainda mais agitados. “Oba! Tira aí uma foto minha tia!” Eles se encostaram um nos outros, fizeram pose, sacudiram seus corpos freneticamente, fizeram barulho e gestos com as mãos. “Não coube todo mundo”, avisei. “Tem nada não tia!” Os menores então decidem ficar agachados. Um deles ecoa um grito/canto: Uh é o CV! Uhu! Outros repetem. Agradeço e saio pensativa, olhando em volta. E se alguém mais tivesse visto? A cada carro que passa na avenida sinto o medo passar novamente por mim. (Diário de campo, 06 de novembro de 2017).

Durante uma pesquisa de inspiração etnográfica é em momentos como esse que se descobre na prática o que significa “pesquisar com o corpo todo”. Muitas vezes eu saía do Gereba sendo perpassada por inúmeros fluxos: de alegria, entusiasmo, amor, preocupação, medo e preconceito. Sentia-me mais que pesquisadora, humana, demasiado humana. Ria, chorava, sentia raiva, frustração, gratidão. No caso específico dessa experiência com as crianças, onde fui tomada pelo medo, como fugir do cerco estigmatizador?

Em seu estudo sobre as crianças moradoras do conjunto Santa Filomena, Araújo (2014, p 78) aborda indiretamente essa questão, quando ao investigar o imaginário infantil sobre a violência nas comunidades de periferia, narra um interessante diálogo realizado entre ela e aquelas crianças:

Pesquisadora: O que tu menos gosta no Santa Filomena?

Henrique: Dos malandros. Esses caras usam drogas e ficam por aí mexendo com as pessoas. Aqui tem muita gente que usa drogas [...]

<sup>77</sup>Não só no Brasil, muitas crianças são assediadas nas comunidades para atuarem como “aviões do tráfico” – pessoas que levam o tóxico para um comprador e volta com o dinheiro para o traficante dono da droga.

Teodoro: Pois eu gosto dos malandros. Nem todo malandro é ruim. Eles ajudam as pessoas, teve um até que me deu 1 real, já deu cinquenta centavos para aquele outro menino ali (apontando). (Diário de Campo, 23/01/2013).

O diálogo acima descrito parece revelar que não somente de medo e sujeição se constitui a relação traficantes/moradores e moradoras na periferia. A pesquisa dissertativa com as juventudes, principalmente durante a investigação no Conjunto Santa Filomena, já apontava complexas dimensões entre esses sujeitos que iam da amizade, apadrinhamento, admiração e até mesmo amor. Muitas vezes as jovens cresciam junto, brincavam com pessoas que futuramente teriam um envolvimento direto com o tráfico no bairro, e que ainda assim não rompiam aquele vínculo afetivo, traduzido muitas vezes em boas relações de vizinhança. Em outros casos era a relação amorosa entre as jovens e os garotos envolvidos com atos ilícitos que provocavam um repensar e um desejo em mudar de vida por parte daqueles, não raro expresso de fato na atitude de deixar o tráfico.

Passados alguns meses da cena vivenciada no campo de futebol, deparei-me com algumas crianças que durante uma atividade cultural na comunidade realizada em janeiro de 2018, que envolvia pintura em paredes, acabaram por fazer, num momento de desatenção dos facilitadores, uma composição alusiva a amizade e no meio a sigla C.V dentro de um coração. O que uma pesquisadora deveria fazer em uma cena como essa? Apenas observei o desenrolar dos acontecimentos. Após uma conversa com algumas mulheres mães voluntárias, tais facilitadores acabaram por apagar a sigla, preservando, todavia a totalidade do painel.

Barreira (1999, p. 120) nos diz que “[...] muitas vezes o modo de conceber a violência passa pela estigmatização de certa categoria de pessoas que passam a ser vistas como portadores do mal”. Ele nos convoca a uma instigante reflexão:

O modo de ver a violência não é independente dos padrões sociais violentos. Não podemos apreender a violência sem levar em consideração os discursos e as ideias sobre a violência [...] E não esqueçamos que para Oswald de Andrade as ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. (BARREIRA, 1999, p. 120).

Curiosamente, em outra atividade de lazer na comunidade, deparei-me com crianças que pareciam ter uma relação de amizade com os policiais, como pode ser acompanhado no registro abaixo:

Era o início das atividades do dia. Pra começar, uma contação de histórias infantis. Os animadores e animadoras chamam as crianças que circulam pelo espaço, mas várias delas são atraídas pelo carro da polícia que vai passando em frente ao local. Elas correm para falar com os policiais. Algumas se penduram no carro. Eles parecem ter intimidade com o grupo, pegam nas mãos, sorriem, conversam



animadamente. Um policial desce sorrindo do carro para falar com elas. Aquilo chama a minha atenção por destoar de certo modo da postura policial em relação à população pobre e negra da periferia. A contação de histórias começa e as crianças olham tudo com bastante atenção. Algumas crianças fantasiadas ficam de pé e começam a repetir, quase simultaneamente a fala da atriz, gerando certa confusão. A moça entra em acordo com eles para repetirem o texto somente após a fala dela. As crianças parecem entusiasmadas até que são atraídas novamente para fora. Quase todas correm para a rua deixando a atriz perplexa. Me surpreendo ao ver tratar-se de um outro carro de polícia. A cena se repete. As crianças são recebidas calorosamente pelos policiais. A atriz solta um comentário com uma conotação de protesto. Minutos depois as crianças voltam e a atividade recomeça sem mais interrupções. (Diário de campo, 13 de janeiro de 2018).

A experiência vivenciada com as crianças na comunidade Gereba, a partir das duas situações acima descritas, aparentemente tão diferentes, parece querer revelar que a infância vivenciada na periferia insere-se cada vez mais numa relação pendular, dividida entre a sociedade do espetáculo e a exclusão e invisibilidade impostas pelo estigma (GOFFMAN, 1975) “pobreza versus violência”. O que mais, além disso, caberia nas narrativas e imaginários a respeito da relação tráfico-crianças-polícia-periferia? O diálogo com o antigo imaginário coletivo infantil que envolve o “querer ser mocinho e/ou bandido”, tal como nas nossas lembranças criancieiras, introduz nesse debate um campo de complexidades, simbolizações e afetos que precisa ser melhor investigado. Como vislumbrar, a partir desse cenário e para além dos maniqueísmos, um campo fértil para possíveis desterritorializações?

Mesmo não sendo o objetivo central deste trabalho, questões como essas foram parte das inquietações que acabaram por eclodir ao longo do nosso caminho de inspiração etnográfica, na medida em que pude mergulhar nas situações, experiências e relações empreendidas no campo empírico, aproximando-me do olhar “dos de dentro” (WHITE, 2005). Inquietações que a partir de agora passam a ser delineadas na sequência do nosso texto.

### **2.3 Inquietações, desafios e o caminhar metodológico da pesquisa**

“O diálogo é esse encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu [...] o diálogo é uma exigência existencial”, me diz Freire (1987, p. 78). É a partir do Jangurussu, que posso iniciar esse diálogo visando conhecer, contextualizar e entender as trajetórias e a produção de saberes e de práticas sociais, artes de fazer, das mulheres que são mães na comunidade Gereba, mediante os olhares, as visões de mundo e as experiências que ali vivenciam, numa cotidianidade que envolve o exercício do serviço voluntário.

O início de tudo? Uma pesquisa bibliográfica a partir de teses, dissertações e artigos de pesquisadores e pesquisadoras, que sobre o Jangurussu se debruçaram antes de mim. Paralelo a isso, uma revisão envolvendo pesquisas com mulheres na periferia.

Realizo um estudo a partir da análise qualitativa com base na observação participante e de instrumentos como a realização de entrevistas abertas. Me deixo guiar por uma inspiração etnográfica com ênfase no registro por meio de diários de campo. Geertz (1978, p. 15) me alerta contudo: “Mas não são estas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é um tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma *descrição densa*.”<sup>78</sup>

Estar atenta a essa questão foi um de meus primeiros desafios. Confesso que a princípio, de tão encantada com o potencial e a complexidade do campo empírico, oscilava entre os objetivos acadêmico científicos da pesquisa e minhas subjetividades, minhas vontades de simplesmente andarilhar com as mulheres e vivenciar aquele universo de certo modo tão diferente do meu. Passado o deslumbramento inicial, presente principalmente na fase exploratória, penso ter atingido um certo equilíbrio tribalista: “Mão no teto e chão no pé”.<sup>79</sup> Liberando meus fluxos intuitivos e racionais, antevia que meus primeiros esforços, como também meus primeiros riscos, se dariam a partir de uma imersão que envolveria a princípio, e no decorrer da pesquisa, dois importantes elementos que se entrelaçavam: ter condições de observar as interlocutoras a partir das experiências que emergiam na cotidianidade do grupo, que acabou sendo composto por um total de 7 pessoas, e ser aceita pelas mulheres mães.

Parte dessas mulheres, 4 delas, como já disse eu conhecia “de longe”, desde a pesquisa anterior. Com elas já tinha tido conversas informais e mesmo pequenas entrevistas, mediadas normalmente por alguma jovem do grupo que eu pesquisava: duas delas eram avós e lidavam com a questão da espiritualidade, sendo uma mãe de santo e a outra rezadeira, as outras duas mulheres eram respectivamente mãe filha, ambas militantes do Movimento de Catadores de Materiais Recicláveis - todas foram escolhidas em virtude da relevância de suas trajetórias e do compromisso com o serviço comunitário. A outra parte do grupo composta por 3 mulheres mães eu conhecera por meio de Lótus, a primeira e uma das minhas principais informantes, em função do trabalho como voluntária por ela realizado na sede da antiga associação.

---

<sup>78</sup>Para o autor “descrição densa” é a apresentação de detalhes, contextos, emoções e nuances de relacionamentos sociais a fim de evocar o “sentimento” de uma cena e não apenas seus atributos superficiais.

<sup>79</sup>CD Tribalistas Gravadora Phonomotor Records – EMI, 2002.

Interagir com novos sujeitos naquele território, as mulheres mães, e não mais as jovens, e em um novo contexto, possibilitou-me “estranhar o comum” (DAMATTA, 1978). Não tardou para que eu me deparasse com importantes desterritorializações. Tive que desconstruir muito do que eu havia construído no trabalho anterior. Dessa vez eu não teria um informante de fora do grupo pesquisado, como acontecera anteriormente, seria sempre eu e elas. Afora o fato de que adentrar no universo cotidiano das mulheres mães de periferia numa conjuntura mais atual e bem mais violenta, era deparar-me com o medo delas - e o meu, mais tarde eu descobriria -, e com o risco de não encontrar um número suficiente de participantes, mesmo se tratando de uma pesquisa qualitativa. Tudo isso era muito diferente da pesquisa dissertativa, na qual havia até uma disputa subliminar por parte das juventudes para participar da pesquisa. Os jovens e as jovens gostavam e queriam falar. Se por um lado isso me deixava um tanto apreensiva, me tirava da zona de conforto e me trazia consideráveis desafios – como no caso das experiências envolvendo contextos de violência, narrativa já iniciada, mas que a ela voltarei –, por outro me enchia de fascínio a cada nova descoberta sobre “como pesquisar” naquela realidade.

Lembro-me do dia em que Lótus convidou-me para acompanhá-la até a casa de uma amiga que cedera a máquina de lavar. Apesar do meu constrangimento, fui invadida por um fluxo de entusiasmo ao perceber que “o caminho se faz caminhando” e que o nosso campo por vezes se dilata nos ofertando a possibilidade de enxergar, no pulsar da cotidianidade dos sujeitos e de suas relações, elementos tais como os valores comunitários de solidariedade e vizinhança. Adentrar uma casa estranha, deparar-me com o olhar curioso das pessoas por si só já era uma experiência; uma vez que me fazia lembrar que se aquele campo mudara, também mudara eu. Inúmeros códigos inscritos em meu próprio corpo denunciavam isso: normalmente batas indianas e calças frouxas, sandálias rasteiras, cabelos curtíssimos, quase sem nenhuma pintura ou adereços.” Deve ser alguma pessoa de alguma igreja” – ouvira uma vez de um grupo de homens que estavam em frente ao campo de futebol, em uma de minhas primeiras idas à comunidade no ano de 2016.

Ademais, travar uma conversa relevante para a investigação, em meio a um trabalho doméstico em condições inusitadas, tudo isso fazia com que eu me adequasse ao tempo e as condições que aqueles sujeitos poderiam me disponibilizar – considerando seus ritmos, hábitos e compromissos cotidianos – e não apenas aos meus esquemas preformatados, meu *background* sobre estudos etnográficos, ou sobre os tempos e prazos presentes nos processos acadêmicos que envolvem esta pesquisa. Com a continuidade da investigação, eu me sentia mais disposta a correr riscos e mais aberta às surpresas às quais como pesquisadora

não estou imune, tais como a que compartilho, por meio de trecho de diário de campo, referente a uma entrevista com Flor em sua casa:

Naquele dia o cachorro de Flor me estranhou, eu estava sozinha na cozinha, já que ela tinha pedido licença para ir atender uma vizinha. Ele veio correndo do quintal e pulou a porta. Fiquei com muito medo. Uma cena hilária, agora percebo, eu derrubando minhas coisas, tentando me esconder em volta da mesa e o cachorro ali me estranhando e latindo. A filha de Flor, uma garotinha de 4 anos chegou e disse: “Ele não faz nada não.” Ainda assim, só me acalmei quando Flor voltou e riu de tudo. Agora sentada aqui, escrevendo, reflito sobre o porquê eu não aprendo a rir mais de tudo. Por que ainda levo as coisas tão a sério meu Deus? Flor, sua filha e seu cachorro começavam a me ensinar que eu precisava rir mais de mim. (Diário de campo, 18 de outubro de 2017).

Nesse processo de reconstrução de olhares, de descoberta de novas possibilidades e do cultivo de vontades é que reencontro a etnografia. E o faço caminhando pelas ruas do Gereba, escutando não somente as mulheres mães, mas outros moradores e moradoras, jovens, pessoas idosas, crianças. Inúmeras vezes tive que brincar com as filhas de Lótus para que ela pudesse terminar o serviço com a casa e ter um tempo para mim. Costumava levar em minha bolsa canetas coloridas, lápis de cor e papel para com elas desenhar, assim como algum doce, biscoito ou fruta. Fui percebendo aos poucos que pesquisar era fazer pontes possíveis, o que só acontecia por meio da observação sensível como diz Duarte Júnior (2004), do diálogo e da experiência.<sup>80</sup>

É justamente por meio da experiência que posso de certa forma me esvaziar, me deixando aberta a novos e por vezes desconcertantes aprendizados. Como diz Fontenele (2011, p. 12) “[...] não nos ocorrerá nada se não aprendermos a esvaziarmos um espaço nas nossas subjetividades, para que algo novo possa chegar e acontecer.” Foi justamente o que se passou quando eu comecei a ter contato com o grupo de gestantes da associação.

Essa decisão se deu em parte por tratar-se de uma das minhas primeiras estratégias de inserção, quando “buscava” encontrar mais mulheres, afora as que eu já havia conhecido em virtude da pesquisa dissertativa. Era importante para o estudo antes de tudo observar. Tratava-se da única atividade que envolvia toda a equipe organizadora, eu estava em um movimento exploratório ainda, e conviver com o grupo naqueles momentos, nos quais eu

---

<sup>80</sup>Me sinto inspirada a relatar mais detalhadamente como me marcou para além dos pais da etnografia, a leitura sobre Cornerville, uma área pobre e degradada de Eastern City, habitada por imigrantes italianos. White questiona os estereótipos sobre áreas como Cornerville e a perspectiva da classe média branca norte-americana da qual ele mesmo fazia parte, que percebia tais áreas como caóticas. Em contrapartida e com a valiosa contribuição de Doc, seu principal informante, apresenta de modo fascinante a percepção dos “de dentro”, que veem naquele lugar um sistema social organizado e integrado. O autor propõe compreender a organização social ali existente, a partir do instigante cenário que vai traçando ao longo dos 4 anos de estudo.

poderia lançar mão da observação participante, conhecer mais sobre o projeto e as mulheres voluntárias se fazia primordial.

Mesmo que o ambiente das reuniões sempre fosse amistoso, alegre e acolhedor, aos poucos fui percebendo que algo me incomodava. Talvez a própria temática, tão distante do meu universo de mulher solteira e com 43 anos a época, realçasse o meu olhar “de fora”. Tornou-se rotina assistir vídeos sobre parto e cuidados durante a gravidez e a observar a distribuição de cestas básicas e material de enxoval, condição subliminarmente colocada pelas moradoras para participar das atividades – certamente uma astúcia (DE CERTEAU, 1990). Afora isso, havia uma inquietude nas mulheres gestantes, uma rebeldia que às vezes me fazia sentir provocada.

Se a relação pesquisador e sujeitos é um “encontro de afinidades”, como designa Gilberto Velho (1999, p. 129), como fazer daquele um campo vivido e experimentado pela pesquisadora? Eu que normalmente só observava o grupo e vez por outra fazia um ou outro comentário, normalmente ao final da reunião, sentia que precisava correr alguns riscos a mais.

Um deles se deu ao final de um dos encontros, quando o facilitador precisou acompanhar o preparo do lanche a ser distribuído e pediu-me para dizer alguma coisa. Após alguns segundos de surpresa, tive uma ideia. Eu poderia propor um exercício para ajudar aquelas mulheres a lidar com as suas emoções. Sabendo ser isso algo importante em uma gravidez, levantei-me e sugeri uma rápida técnica de meditação, com base no ato de respirar. Acontece que poucas mulheres prestaram atenção, várias ficaram conversando e outras preferiram olhar para o que se passava na cozinha. Ainda que eu falasse alto ou tentasse comunicar-me com entusiasmo, ou intencionasse convencê-las de aquilo poderia ser útil antes do parto, elas em sua maioria me ignoraram – fato que me entristeceu um pouco. Algum tempo depois, acabei voltando o meu olhar para outros grupos com os quais pude desenvolver uma maior empatia.

Hoje percebo que nossas diferenças acabaram por promover pequenos desafios com os quais eu não soube lidar. Em parte não me senti muito acolhida por aquelas mulheres, mas confesso que também não soube acolhê-las. Digo isso não apenas pela verticalidade da abordagem que eu tentara fazer, sem sucesso, e que logo depois fui capaz de reconhecer, mas pela fricção que causaram em mim e na minha própria feminilidade. Lembro-me o quanto costumava estranhar suas roupas nos eventos mais formais: normalmente muito curtas, com muitos decotes e fendas, apesar da barriga bastante avantajada em muitos casos. Teria sido aquela uma relação mais fácil para a pesquisadora de antigamente, que usava cabelos longos, maquiagem e mesmo uma ou outra roupa justa quando às vezes ia a campo? Por outro lado,

parecia que eu lidava melhor com “as lideranças”, as mulheres que tinham vivências, inclusive intelectuais, um pouco mais parecidas com as minhas.

Quanto de preconceito nós pesquisadores não estaríamos a carregar, só nos dando conta a partir de experiências como essas? Os desafios dessa ordem, continuariam, ainda que em menor escala. Senti que eu precisava me colocar no lugar daquelas mulheres que tendo uma condição social e intelectual diferente da minha, e tendo o corpo de certo modo como “passaporte para o existir”, análise que será melhor feita posteriormente, se deparavam com uma mulher de cabelo quase raspado, sem maquiagem e de práticas tão diferentes das delas. Uma cena ocorrida tempos depois, com a voluntária Alfazema em uma das atividades oferecidas pela associação, deixa isso ainda mais claro:

A oficina de maquiagem já havia acabado. Muitos pincéis e batons ainda sobre a mesa, misturados com os livros para a biblioteca que a associação vinha recebendo. O almoço já havia sido servido. Alfazema está retocando a pintura da irmã, Dália. Ao me ver olhando a cena comenta com um ar desolado que entrara no meu face e vira as minhas fotos de antigamente. “O teu cabelo era tão bonito, pra que tu cortou? Expliquei que meu cabelo era crespo e que eu precisava investir muito tempo e dinheiro para deixá-lo aparentemente liso. Nesse momento olho para Dália que estava sentada e que tem um mega hair, um *hasta fari* lindo. Fico constrangida. Percebo estar patinando no gelo fino que é lidar com as diferenças. Como se não bastasse Dona Orquídea me chama para almoçar, dizendo que a comida seria servida em breve. Agradei e diante da sua insistência disse que era vegetariana. Alfazema me pergunta num sobressalto: Por que você não come carne? Esperei alguns segundos para responder. “Por uma questão política e espiritual”. Mesmo tentando ser cuidadosa com as palavras e não disparar valores sobre vegetarianismo ou culto a beleza, aquele momento foi um dos que mais me senti estrangeira. Pude ver mais de uma vez como elas não se viam em mim... (Diário de campo, 13 de janeiro de 2018).

Paulo Freire (1987, p. 87) analisa que o nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele “[...] sim de adotar uma postura de diálogo e de troca entre saberes intelectuais e populares.” Mas e quando mesmo uma interlocutora lhe espreme, lhe provoca até quase o limite do suportável? Gilberto Velho (2008, p. 10) analisa que por mais que devamos ter um compromisso com a objetividade de um estudo e o cuidado com nossas interpretações, ainda assim, “[...] a minha subjetividade está presente em todo o trabalho.” Como em minha pesquisa eu conseguiria então compreender o lugar e os sujeitos, adotar os procedimentos metodológicos mais adequados e construir uma intimidade simbólica e cultural (CORSARO, 2005), um “status de membro” (GEERTZ, 1978, 1997) ao interagir com aquele grupo de mulheres?

Roberto DaMatta em “O ofício do etnólogo, ou como ter Antropological Blues” (1978) analisa dois movimentos do olhar antropológico: “Transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico.” O primeiro remete ao ofício do etnólogo, o de ir ao encontro do

“outro”. Um exercício de alteridade que envolve suspender de certo modo os códigos que o associam a sua sociedade e observar a realidade da outra cultura. No segundo movimento o desafio do etnólogo é observar a sua própria realidade, perceber estranheza naquilo que parece estar cristalizado pelo cotidiano.

Ao etnografar sobre juventudes, Joca (2013) observa que é importante numa pesquisa mostrar-se disponível às pessoas, acessível, aberta àquelas circunstâncias vividas. É certo que eu não comia carne, mas sentei-me no chão aquele mesmo dia junto com as mulheres enquanto almoçavam e fiquei conversando com elas. Em outras situações, reconheço que principalmente tratando-se das moradias ao redor da usina, não costumava tomar suco caso alguma mulher me oferecesse, por medo da contaminação da água, mas sempre agradecia com um sorriso e com gestos cordiais.

Esses contextos e espaços apresentava-se como oportunidades de percepção das singularidades das mulheres, de suas diferenças. Todavia, confesso que cheguei a me sentir um pouco incomodada com algumas moradoras do Gereba com as quais me deparei no caminho investigativo e me perguntavam enfática e espontaneamente: “Porque tu não tem filhos? Porque tu não é casada? Porque tu não usa pintura? Por que tu desgraçou teu cabelo? Mesmo que eu respondesse a todas sempre de forma serena, o não entendimento delas quanto a um perfil tão “exótico” como diria Roberto DaMatta (1978, p. 9), era algo visível e me fazia por vezes cobrada, invadida naquela parcela de estranhamento necessária e saudável em uma pesquisa, analisada também por Velho (2008) e Magnani (2002). Mais uma lição de humildade e um novo aprendizado se colocava diante de mim. Parafraseando Joca (2013), na inserção no campo, o pesquisador, além de observar, vê-se também interpelado, objeto da observação e dos olhares e “impressões”.

E eu, será que as entendia nesse não entendimento? Como realizar um estudo que fosse capaz de expressar o ponto de vista dos nativos, tal como propunha Geertz (1997); o olhar de dentro, acessado por Whyte (2005)? Que pontes seriam possíveis?

Às vezes tudo levava a crer que em alguns casos, essas seriam poucas. Como quando tentava me aproximar de uma ou outra mulher que havia sinalizado querer participar do estudo, mas na hora em que eram abordadas diziam que estavam sem tempo, diziam isso por mais de três vezes, como chegou a acontecer com a própria Alfazema. A mesma chegou a justificar, que a transferência da filha para uma escola de ensino médio estava consumindo todo o seu tempo. Agindo daquele modo, as mulheres estavam me apresentando as suas realidades, os seus tempos. Cabia a mim, como pesquisadora compreender isso e não tentar a rigor trazê-las para os meus tempos e os meus prazos acadêmicos – ainda assim, senti-me um

pouco frustrada. Diante dos aparentes nãos que eu recebia das mulheres mães, muitos deles simbólicos, foi preciso ressignificar sentidos. Entender (melhor) com o tempo que uma das principais condições para a realização de um estudo com inspiração etnográfica é o “encontro”, e que este se faz somente possível quando nos deixamos permeáveis, enquanto pesquisadores e pesquisadoras, aos riscos e deslocamentos que dele podem advir.

Por vezes em uma pesquisa, acontece também de entrarem raios de sol por algumas brechas e veredas se abrirem, lugares onde boas oportunidades de transformação podem florescer, na medida em que nos colocamos abertos para que elas aconteçam. Naquele mesmo dia, horas depois, após o almoço sentei-me ao lado de Alfazema num banco do salão menor da associação. Dália estava sentada em uma cadeira, estava com um ar de sono. Comecei a conversar informalmente com Alfazema. Ela me mostrou fotos da conclusão de curso da filha que chegou a seguir e ficou tirando fotos com a tia. A conversa foi fluindo normalmente e a partir dela, Alfazema deu importantes contribuições sobre a sociabilidade no bairro e sobre como ela se sentia diante de aspectos como a violência.

Algo bonito se dava ali. Eu começava a vislumbrar a movimentação ontocriadora estudada por Paulo Freire (2008), tecida a partir das relações uns-com-os-outros-no-mundo, onde um olhar novo para as experiências humanas e as suas intencionalidades se gestam por meio da educação dos sentidos, como propõe Duarte Júnior (2004) e da abertura de canais de percepção e criatividade.

Eu que ficara entristecida com a impossibilidade de entrevistá-la naquele dia, aos poucos fui percebendo que ela já estava falando comigo, e assim foi em vários outros momentos. Aquilo também era pesquisar e aquela também era uma forma de interação e também de acolhida por parte de Alfazema. Eu é que não entendera antes como isso podia acontecer. Freire (1987) me diz ainda que numa relação dialógica cada um atua com um olhar crítico sobre o outro e, no mesmo gesto, surge a possibilidade de se transformar.

Ao convidar Dália, irmã de Alfazema, para também compor o grupo direto de interlocutoras da pesquisa, ela agradeceu, mas disse que era tímida e que achava que não ia saber falar. Penso que o que eu vivera até ali como pesquisadora me inclinava a concordar com Joca (2013) quando afirma que os sujeitos nem sempre se colocam disponíveis a vivenciar a posição de interpelados, em função do formalismo de procedimentos de pesquisa que muitas vezes os tiram de suas rotinas e podem causar estranhamento.

Foi preciso lidar com a minha frustração para descobrir o poder / “espírito” da etnografia e de recursos como a observação participante. Percebi que estava atribuindo boa parte do “sucesso” da tese a realização das entrevistas com as mulheres – até porque esse



instrumento tinha sido bastante utilizado no trabalho anterior. Tive que entender que os jovens tinham uma maior predisposição a falar, mas que aqueles eram outros sujeitos e que essa minha postura estava subestimando outras possibilidades de investigação, em alguns casos mais adequadas. Aprendi desse modo que não é possível “aplicar procedimentos” metodológicos em um estudo de inspiração etnográfica, posto que não se tratam de objetos feitos de material descartável, são instrumentos que fluem na e a partir da dinâmica de interações que se dão no decorrer da pesquisa.

Acabei por assumir que, no plano mais profundo eu estava partindo de generalizações sem de fato levar em conta àquela realidade, e ainda por cima querendo fazer algo próximo à etnografia. Estava contraditoriamente esquecendo de Foucault e o do uso dos instrumentos de pesquisa como ferramentas e não como “camisas de força” teóricas e metodológicas. Aos poucos comecei a ver que eu estava descobrindo outro modo possível de pesquisar<sup>81</sup>, e me desidentificando do modelo anterior.<sup>82</sup>

Desde então as coisas começaram a fluir mais facilmente. Passei a acolher tanto o grupo de mulheres que interagiram comigo durante as entrevistas, quanto algumas que mesmo de outra maneira me ajudaram a acessar os objetivos do trabalho. As minhas primeiras interlocutoras mais diretas foram Dona Rosa (55) anos, mãe e avó, mãe de santo e catadora, Verbena (39 anos), membro da coordenação do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), Dona Magnólia (58 anos), catadora e ex coordenadora da ASCAJAN e Dona Begônia (76 anos), avó e rezadeira. Todas foram escolhidas com base na vivência da pesquisa anterior e a elas eu cheguei por meio das jovens Meninas do Rap. Em seguida conheci e comecei a frequentar a casa de Lótus (37 anos), recicladora de um grande supermercado, convidando-a também. As outras mulheres que passaram a fazer parte desse grupo mais direto são Flor (30 anos) ex voluntária no projeto Amo Cuidar – membro do grupo de mulheres e atualmente responsável por cuidar da biblioteca da associação, além de desenvolver uma ação com as crianças – e Dona Orquídea (62 anos) agente de saúde, avó, voluntária no projeto Amo Cuidar e também membro do Grupo de Mulheres que reúne-se no mesmo espaço. O convite em relação à participação das duas na pesquisa surgiu a partir da

---

<sup>81</sup>Ler a tese de Shara Jane Adad e Camila Holanda muito me ajudou a perceber a riqueza da observação em pesquisas onde os sujeitos pouco falam, como no caso dos garotos em situação de rua de Teresina e de Fortaleza.

<sup>82</sup>Um dos pontos sempre colocados por minha orientadora era essa abertura para o novo. Ela sabia que eu já tinha um certo contato com a comunidade e que tinha feito bons experimentos durante a tessitura da dissertação, mas sabia também que aquele ciclo inicial tinha que ser fechado. Minha ex-orientadora que participou da minha primeira qualificação também chamou a atenção para esse risco.

observação de suas práticas e perfis, no cotidiano das atividades sociais desenvolvidas na associação.

Uma vez tendo definido isso e também com uma maturidade maior, passei a colocar-me mais flexível diante de situações como a que ocorreria tempos depois. Eu soubera por meio de Sálvia, ao tentar mais uma vez agendar um encontro com ela para fins de uma primeira entrevista, que a associação seria pintada em regime de mutirão e ficara feliz com o fato dela predispor-me a me avisar por *whatsapp*, o que, todavia não aconteceu.

Dias depois, deparei-me com a associação já pintada. Procurei refletir sobre o que ocorria quando algumas mulheres mães diziam que me avisariam de algo importante para o estudo e não o faziam, que queriam ser entrevistadas e sumiam. Pareceu-me que além de ser um sinal do seu cotidiano repleto de afazeres – sendo mulheres e mães, ainda que não estivessem trabalhando formalmente –, poderia ser um reflexo das relações fluidas e contingentes, marca das relações contemporâneas: “Oi tudo bom há quanto tempo? como você está? Vamos sair qualquer dia desses? – Vamos sim...” A outra hipótese é que por algum motivo eu não deveria estar perto em determinados momentos ou contextos, devendo permanecer na minha condição de estrangeira (DAMATTA, 1978).

Desse modo, fiquei à vontade para estabelecer também um grupo indireto de mulheres colaboradoras com a pesquisa, formado até então por Sálvia (44 anos), e Alfazema (31 anos). Em relação à Sálvia, a interação foi se dando de modo “informal”, como no dia da festa de natal das crianças. Enquanto a ajudava a cortar e arrumar os bolos que iriam ser servidos, soube fatos importantes da sua história de vida, tais como o câncer que teve, já superado, e a sua participação anterior em outro projeto social também no Jangurussu. Com isso penso que fica claro que o pesquisador ou pesquisadora, à medida que vai conhecendo e respeitando as circunstâncias do campo empírico, deve criar a partir dele, sempre que possível, condições para que a pesquisa possa acontecer. Assim como Diógenes (1998, p. 93) fez com as juventudes, passei a tentar perceber como aquelas mulheres falavam: “É desse modo que pude perceber que nem sempre negações e silêncios significam o nada a declarar”.

No caso de Alfazema as entrevistas foram sendo transmutadas igualmente em conversas, desenvolvendo uma “atenção flutuante”. Segundo Thiollent (1982, p. 86), a “atenção flutuante” permite estimular o entrevistado a explorar o universo cultural sem questionamento forçado”.

A “atenção flutuante” é um modo de deixar a conversa fluir sem que deixe de ser necessário, em dados momentos, estimular certos assuntos, pedir esclarecimentos de outros e, até mesmo, tentar conduzir os temas das conversas para questões de interesse do pesquisador.

No que se refere às demais entrevistas, optei por um roteiro semi aberto, o qual, principalmente no primeiro encontro com as mulheres mães para esse fim, se dava a partir de uma pergunta ou questão norteadora, relacionada com as suas trajetórias de vida. Nessa hora eu ficava atenta às questões mais mobilizadoras, que poderiam ser melhor exploradas posteriormente, quando o meu interesse então se voltava para investigar a produção de sentidos de ser mãe, mulher e voluntária num trabalho social, captando a dinâmica da produção dos seus saberes e de suas práticas sociais, suas *artes de fazer* (DE CERTEAU, 1990).

Refletindo agora sobre esses primeiros desafios por mim enfrentados durante a inserção no campo empírico, chego à conclusão que foi em grande parte “a negativa daquelas mulheres,” que me colocou mais sensível à multiplicidade de nuances e a lógica daqueles sujeitos, que vivenciam e movem-se dentro das práticas que eu pretendia investigar. Por meio dessas experiências, pude ficar mais conectada às circunstâncias e possibilidades da pesquisa e ao outro. Mais presente. Uma condição essencial para o pesquisador ou pesquisadora que almeja etnografar.

### ***2.3.1 A inspiração etnográfica na pesquisa***

O diálogo com a etnografia nesta pesquisa se deu no convívio com a comunidade Gereba e com as mulheres de periferia, a partir do que emergia do nosso campo empírico. Não tardou para que eu descobrisse que para conhecer suas expressões de resistência, por meio de suas trajetórias, seus saberes, suas *artes de fazer*, suas táticas, astúcias e suas práticas sociais envolvendo o trabalho voluntário – suas experiências – era fundamental um tipo específico de abordagem, que propiciasse de fato um “mergulhar no cotidiano” daquelas mulheres.

Boa parte da observação e interação com elas se dava ao acompanhá-las enquanto pegavam os filhos na escola ou na casa de algum parente ou amiga; enquanto lavavam ou estendiam ou recolhiam a roupa do varal; enquanto cozinhavam, capinavam, reciclavam lixo, cuidavam da casa e dos filhos e filhas, sentavam na calçada a frente de suas casas para descansar, ou realizavam algum tipo de trabalho social, por meio do serviço voluntário desenvolvido na antiga associação por exemplo: divulgando eventos e atividades com as moradoras, cuidando da sede, preparando e servindo lanche, varrendo o salão etc. Nessas ocasiões me adequava às suas condições e realidades e tentava abstrair boa parte da minha –

como quando em uma das residências das mulheres pude deparar-me “de frente” com a escassez e viver a experiência, também vivida e narrada por Freire em sua *Pedagogia da Esperança* (2008), de ter que “usar o chão” como banheiro”. Foi desse modo também que pude ter contato com a experiência da abundância – conhecer suas fortalezas, seus saberes, suas astúcias e artes de fazer, reinvenções das próprias vidas expressas em práticas cotidianas como as de adornar suas casas com o material coletado na usina de triagem, dentre outras bricolagens.

Diferente de um exercício puramente empírico, a caça de dados objetivos como pensam os funcionalistas, “a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” – afirma Angrosino (2009, p. 19). Para contribuir com esse caminho que só se faz caminhando, o referencial etnográfico é fundamentado teoricamente nesse trabalho, com base nos estudos de clássicos como Geertz (1978, 1997) e Malinowski (1978), além de outros estudiosos (CORSARO, 2005; DAMATTA, 1978; MAGNANI, 1997, 2002; PEIRANO, 2014; VELHO, 2008; WHYTE, 2005) e o próprio De Certeau (1990).

Bronislaw Malinowski (1978) é apontado como o pai da antropologia por ser o criador desse tipo de abordagem e defender que a convivência íntima e por períodos extensos, o mergulho na cultura do outro, seria a única maneira de o antropólogo conhecer profundamente uma cultura específica. Clifford Geertz (1997), com base em suas pesquisas com as sociedades Javanesa, balinesa e marroquina busca expressar o ponto de vista dos nativos, traduzidos principalmente a partir dos seus modos de expressão e sistemas simbólicos – ainda que o próprio Geertz (1997, p. 89) afirme que o etnógrafo não percebe aquilo que seus informantes percebem, “[...] o que ele percebe e com bastante insegurança é o com que, ou por meios de que ou através de que os outros percebem.” Segundo o autor, no decorrer de uma pesquisa o etnógrafo passa continuamente de uma visão da totalidade, para uma visão das partes através da totalidade, e vice-versa buscando fazer com que uma seja explicação para a outra.

É por meio da inspiração etnográfica que posso entrar em contato com o Gereba, sentir suas dores e colher suas flores, juntamente com as mulheres mães, sendo por elas conduzidas a um universo de experiências que dialogam direta ou indiretamente com a produção dos seus saberes e resistências, com as suas *artes de fazer*, suas táticas e astúcias e suas práticas sociais envolvendo o serviço voluntário.

Andarilhar pelas ruas do Gereba, interagindo principalmente com as mulheres mães, me fazia sentir, de modo bem mais discreto claro, como Malinowski, ou como o

escritor do clássico e admirável “Sociedade de Esquina” Foote White, ou mesmo como John Dubar, oficial da cavalaria, personagem do filme *Dança com Lobos*<sup>83</sup>, que ao estabelecer contato com um grupo de índios Sioux – Lakota, sacrifica a sua carreira e os laços com o exército estadunidense em favor da sua ligação com esse povo. O oficial vivido pelo ator Kevin Kostner registra em um diário toda a descrição do local, além das suas vivências e emoções – como a solidão, o medo de ser atacado por tribos guerreiras, e também o bonito vínculo que se estabelece a partir do seu contato com os índios de uma tribo pacífica.

Não por acaso, as anotações do diário de campo elaborados a partir desse estudo ganham significativa relevância simbólica e metodológica. Durante mais de dois anos ele significou para mim uma valiosa ferramenta de pesquisa sendo morada para o registro da minha inserção no Jangurussu e na comunidade Gereba, Por meio do diário, meu entrelaçamento ao dia-a-dia das mulheres mães é tecido – lócus de onde brotam os seus saberes e contradições, suas expressões de potência e fragilidade, seus medos – como também os meus medos, minhas conquistas, alegrias e frustrações.

Segundo Florence Weber (2009), o diário de campo é um recurso que o pesquisador se dedica a produzir durante toda a experiência etnográfica. É uma técnica que se baseia por uma investigação singular do pesquisador ou pesquisadora, no exercício da observação direta, participante e prolongada dos comportamentos culturais de um grupo social, caracterizando-se pela anotação pessoal desenvolvida a partir desse contato com a realidade e das vivências. Podem ser compostos de vários tipos de registros, mas principalmente: a) registros descritivos (descrevendo observações); b) registros analíticos ou interpretativos (procurando explicar as observações registadas); c) registro íntimo, onde são depositados os humores e as emoções de seu autor podendo haver interação entre eles (WEBER, 2009).

Na pesquisa por mim desenvolvida, não raro foram essas interfaces. Muitas das anotações eu fazia em um caderno comum, nem grande demais a ponto de não caber na bolsa (que não podia ser tão grande), nem pequeno a ponto de limitar meus rabiscos, eram de fato assim mesmo: letra feia, corrida, já que tinha que prestar atenção ao todo de cada cena. Quase sempre meus diários eram concluídos em casa e iniciados nas casas das mulheres, na associação de moradores, na usina de reciclagem. Às vezes era iniciado dentro do próprio ônibus ao voltar para casa. Neles relatava o que eu via, o que as mulheres mães me diziam e o

---

<sup>83</sup>Tudo começa quando John Dubar é destacado como herói na Guerra Civil Americana e, por isto, recebe o privilégio de escolher onde quer servir. Ele escolhe um posto longínquo e solitário, na fronteira e sua relação com os índios é cenário para um dos mais belos e premiados filmes da década de 1990.

que eu vivenciava nessa relação. Eram registros de entrevistas ou falas informais, tecidas “ao acaso”.

Por vezes, ao invés de “escrever logo de cara”, preferia fazer pequenas gravações para não perder nenhum detalhe importante. De um modo geral meus diários de campo acabaram por apresentar vários elementos de um diário íntimo, aproximando-se do estilo de Malinowski (1978). Aos poucos eles foram registrando as minhas surpresas e alegrias, assim como as limitações, os conflitos internos, os assombros, as tristezas e nostalgias (PONTES, 2016). Era como ouvir de fato as notas do *antropological blues*, analisado por DaMatta (1978). Adentrar caminhos, ruas, becos, vielas, trilhar um percurso novo, para além da nossa zona de conforto, nem sempre é fácil, quanto mais adentrar em novos valores e percepções sobre o meio e sobre si. Trata-se então de afetar e ser afetado. “Permitir revelar o lado humano, vulnerável, do autor”, como nos diz Magnani (1997) ao analisar o diálogo entre os estilos de diário:

[...] os cadernos de campo de todo antropólogo contêm elementos, em graus variáveis, de ambos os modelos. Entretanto - polêmicas e comparações à parte - cada qual, ao seu modo, dá a dimensão do que é o processo de imersão que caracteriza a pesquisa etnográfica: trata-se de uma experiência que nenhuma outra abordagem proporciona. (MAGNANI, 1997, p. 2).

Mergulhar em um estudo de inspiração etnográfica tem a ver com aprender na prática o sentido da expressão: “pesquisar com o corpo todo” (ADAD, 2004). Sentir raiva, sentir medo, sentir revolta, sentir êxtase. Exercer as *artes de sentir*. Tal opção, pressupõe, certamente enfrentar desafios. Assim como Joca (2013), entendo que não raro o pesquisador ou pesquisadora se coloca em meio ao que parece inicialmente se configurar como “uma perda, ou desordem”, mas que ganha novas simbolizações a partir do refazer do próprio caminho, implicando também num constante refazer-se.

Inúmeras vezes esse caminho precisou ser revisto. Nosso campo muitas vezes sinalizava um movimento descontínuo, um cenário de morte e vida que assumia um ritmo galopante, difícil de ser elaborado. Eu precisei lidar com o meu medo, minhas frustrações e também cultivar sensibilidades e afetos capazes de abrir portais para a leitura de um Gereba possível. Nele, expressões de resistências, práticas sociais e saberes desenvolvidos pelas mulheres mães, sujeitos da nossa pesquisa, eram igualmente possíveis e carregavam as sementes da reinvenção.

Dois de nossos diários de campo revelam inicialmente a complexidade com a qual podemos nos deparar em pesquisas de abordagem etnográfica. O primeiro começa na casa de

Dona Orquídea, agente de saúde, mãe e avó, quando recebi um convite para participar de uma das ações sociais que ela estava ajudando a divulgar. Tratava-se de uma iniciativa de um dos integrantes do LUMEN, em parceria com o curso de enfermagem de uma faculdade particular. “É para as pessoas virem mostrar o que sabem fazer pro pessoal aqui do Gereba! Pra quando for depois nós poder mostrar também. Tu não sabe fazer nada não Ciça? Pode chamar outra pessoa também se quiser.” Na falta de um talento que pudesse ser compartilhado, fiquei de participar da atividade como observadora. As anotações do diário de campo trazem considerações relevantes sobre essa experiência:

Era a primeira vez, desde que iniciada a pesquisa que eu iria ao Jangurussu num sábado pela manhã. Logo ao passar pelo campo de futebol, em frente à avenida Perimetral, acesso a comunidade Gereba notei que havia algo diferente, uma paisagem bonita. A mesma de sempre, sem ser. A começar pelo clima mais ameno da manhã. 3 garotos correndo pelo caminho estreito, ao lado do que eu decidira pegar. Borboletas voavam. No campo, outras crianças soltavam pipa. Uma energia boa pairava no ar. Uma sensação de bem estar me invadiu enquanto caminhava pela rua São Francisco. Naquele dia eu iria observar uma atividade que ocorreria ao ar livre. Eu não sabia especificamente o que seria [...] Vejo uma pequena aglomeração de pessoas numa casa de esquina. Uma música infantil tocava alto e à medida que vou chegando meus olhos vão apreendendo encantada o cenário: Muitas crianças brincando, guiadas por alunas do curso de enfermagem de uma faculdade particular. (Diário de Campo, 27/05/2017).

Figura 18 – Ação Social com a comunidade Gereba



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (27/05/2017).

Bandeirinhas coloridas penduradas e balões, antecipavam a decoração junina e tornavam aquele espaço bastante agradável e bonito. As crianças se dividiam nas brincadeiras. A pescaria chama a minha atenção. Varas enormes e peixinhos que pareciam de madeira, mergulhados em uma bacia com água. Mais para o lado, uma mesinha com produtos artesanais que eram distribuídos para crianças e mulheres. (Diário de Campo, 27/05/2017).

Figura 19 – Roda de conversa com as crianças



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (27/05/2017).

Alguns serviços de saúde estavam sendo ofertados para os jovens e adultos: medição de pressão, distribuição de preservativos, orientação sobre doenças. Algumas mães circulavam, observavam as suas crianças, aproveitavam os serviços e admiravam a banquinha de produtos de reciclagem. Não havia homens adultos, somente os que olhavam curiosos de suas calçadas, normalmente os mais idosos. Cada criança segurava uma escova de dentes ainda embalada na mão. Elas riam participando das brincadeiras. Um rapaz animava o evento interagindo com as crianças e falando sobre aquela atividade. Convidava as crianças para simularem a escovação em uma boca com escova e creme dental gigantes. Acabei conversando com os monitores da turma, eles falaram ser uma atividade da disciplina de saúde coletiva, uma tentativa de levar os futuros profissionais de saúde a conhecerem as diferentes realidades e a se aproximarem das camadas populares. Isso me deixou por um lado entusiasmada quando as possibilidades da educação popular em saúde comunitária, e por outro triste ao saber que a disciplina seria em breve substituída por outra, sobre empreendedorismo. Conversamos um pouco sobre a complexidade e os desafios da formação em saúde e a necessidade de cultivar aquele olhar mais integrador. A equipe parecia estar gostando muito do que estava fazendo. Conversei também com o coordenador da atividade, o mesmo rapaz do microfone.<sup>84</sup> Ele me contou da alegria de estar ali e dos desafios que o bairro enfrentava. Diz que já acompanha o Gereba a algum tempo. Me fala da dificuldade em unir os grupos e projetos que no momento estão divididos. Na sua visão há disputas políticas que enfraquecem o trabalho coletivo. Notei que as pessoas de um modo geral não se aproximavam muito do local do evento. Alguns jovens passavam em volta, dando risadinhas, olhando para os preservativos, mas não se demoravam. Um senhor já idoso ao passar ao lado com a sua carrocinha de lixo me fez refletir sobre aquele contraste. A atividade correu tranquila até quase meio dia. Aproveitei para cumprimentar algumas mulheres que já conhecia do grupo de gestantes e conversar com Lótus que levava as filhas. Sentia-me contagiada por toda aquela alegria. Uma jovem senhora e também aluna vem me entregar um cordel feito por ela em homenagem a comunidade: “Comunidade Gereba: Lugar onde voam as libélulas.” Segundo ela no oriente as libélulas representam a transformação. A medida que ela falava fluxos de esperança, alegria e amor passavam por mim... (Diário de Campo, 27/05/2017).

<sup>84</sup>Tratava-se de um psicólogo, mestrando da UECE, professor da faculdade Maurício de Nassau e voluntário do LUMEN, sendo uma das suas atividades com a comunidade dar aulas de violão.



Como descrever tanta arte, beleza e poesia acontecendo num espaço/tempo tão pequeno? O Gereba da pobreza e da violência por algumas horas transformou-se num lugar de risos, onde os sonhos são possíveis e ser criança ainda guarda a dimensão da inocência. No olhar da cordelista, outras perspectivas - a comunidade vista como um lugar de transmutação e de voos.

Já para terminar, uma grande roda foi formada por crianças e adultos. Algumas pessoas foram para o centro agradecer no microfone. A moça autora do cordel leu alguns dos trechos e foi aplaudida pelas crianças. Despedi-me de todos, os parabeneizei e na volta, já na parada de ônibus o meu bem estar aumentara. Olhei para trás, para aquela paisagem já tão conhecida. Diferente estava eu. Curiosamente, somente naquele momento consegui perceber a palavra GEREBA grafitada na primeira casa de esquina, na entrada da rua principal da comunidade. Até então só conseguia enxergar a palavra “liberdade”, pintada ao lado do grafite num tom azul, num formato diferente e mais sutil, e que talvez por isso chamara mais a minha atenção. Sorri ante a sincronicidade contida naquilo tudo. Eu ampliara o meu olhar, estava podendo associar o nome da comunidade a noção de liberdade e por isso naquela hora consegui ver o painel como um todo. Lembrei-me emocionada de tudo o que experienciara naquela manhã e das palavras de Boaventura Sousa Santos: “Há um mundo que é possível dentro do mundo impossível”. (Diário de Campo, 27/05/2017).

Eis a composição do grafite como um todo, na foto tirada as pressas, dada a questão da insegurança na comunidade:

Figura 20 – Grafite alusivo ao Gereba no início da rua principal



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (01/06/2017)

Lembro-me agora, ao escrever, dos dois meses em que estive na Índia, no início de 2017, e de como dentre as inúmeras coisas que lá me surpreenderam, uma delas foi a de

ver como em um lugar tão pobre materialmente, apesar de rico em recursos naturais, com tantos pedintes, vários deles mutilados, podia haver uma notável resiliência. As pessoas passavam por mim, mesmo os pedintes, sorriam, uniam as mãos e diziam “Namastê!” que significa: “O Deus que existe em mim saúda o Deus que existe em você.” Uma dessas pessoas era um rapaz cego e muito alegre, que tomava conta de um templo de dia e a noite ia para o Arati – ritual sagrado, conduzido à base de mantras. Ele era um dos que mais cantava. Conversava com todos, sorria, brincava com as crianças. Certa manhã, vendo-o ir tomar banho no rio Ganges, de mãos dadas com um colega mutilado, me vi atravessada por fluxos de entusiasmo e gratidão. Cumprimentei-o e ele sorriu. Fiquei de fazer uma visita ao templo que ele cuidava, promessa que cumpri antes de retornar ao Brasil.

A seguir, um registro do momento no templo:

Figura 21 – Cuidador do templo indiano toca flauta em frente a imagem de Krishna<sup>85</sup>



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (25/03/2017).

Aprendi com Sri Prem Baba (2017), que a vida é um movimento de expansão e contração, e um dos grandes aprendizados que tive com Freire é que, diante das situações

<sup>85</sup>É uma das divindades mais cultuadas em toda a Índia e o oitavo avatar do senhor Vishnu (um dos deuses que compõem a trindade sagrada do hinduísmo, junto com Brahma e Shiva). Krishna é muitas vezes descrito e retratado como uma criança comendo manteiga, um jovem rapaz tocando uma flauta ou como um adulto que dá direção e orientação como no *Bhagavad Gita*.

limite é necessário ter-se “paciência histórica”. 15 dias após aquela ação social na comunidade, exatamente no mesmo local, dois jovens foram assassinados, um de 15 e outro de 18 anos.

Era meio dia e meia. Um jovem de 18 anos entrava em uma mercearia da rua principal para comprar suco para o almoço. Mais à frente, do outro lado, numa casa de esquina, um grupo de garotos brincava de dominó sob as sombras das árvores. Um carro veio e na “Rua Paraíso”, dele partiram as balas que atingiriam inicialmente o primeiro garoto, várias delas, na cabeça e pelo corpo, e seguidamente foi disparado outro tiro no segundo garoto, que diferente dos seus colegas não conseguiu correr o suficiente para se esconder numa casa vizinha. Minha visita à comunidade no dia seguinte, sem saber do acontecido, foi registrada no diário de campo:

Parte dos meus planos naquela tarde era acompanhar o encontro de gestantes do projeto Amo Cuidar e fazer alguns contatos com mais mulheres que vinham dinamizando o trabalho comunitário na comunidade, por meio do referido projeto. Curiosamente naquele dia não pude entrar em contato com as mulheres com fins de confirmar o encontro. Desço do ônibus e pego o caminho de sempre. Em frente ao local onde dias atrás ocorrera a atividade cultural promovida por alunos de enfermagem e pelo psicólogo e professor voluntário de violão num dos projetos da comunidade, havia um grupo de garotos sentados, de número considerável, o que chamou um pouco a minha atenção. 14h, sol escaldante. Chego em frente ao prédio da antiga associação e vejo não haver ninguém. A porta fechada me deixa pensativa. O encontro teria mudado de dia? Peço informação a uma jovem senhora, encostada em um poste e que aparentava estar muito triste.” Não vai haver reunião hoje não senhora. Por causa das mortes que ocorreram ontem.” Diz com ar desolado olhando para um grupo grande de pessoas reunidas há poucos metros, em frente à casa vizinha a de Lótus. “Foi bem ali” – aponta para a casa da esquina ao final da rua, onde ocorrera dias antes a ação social da qual eu participara. Como assim? Eu me perguntava por dentro. “A gente tá esperando os corpos chegarem do IML.” Ela diz e começa a chorar. Ele era meu primo. Não era envolvido com nada. Não mexia com ninguém. Era uma criança ainda.” Nessa hora um garoto chega de bicicleta. Pergunta se o corpo já chegara e diz cabisbaixo: “ A gente faz tudo pra não entrar nessas coisas e aí num vacilo...” (Diário de Campo, 14/06/2017).

Após quase um ano do acontecido, já posso admitir que eu não entendia muito bem o que escutava naquele momento, em parte porque talvez um pedaço de mim não quisesse abrir mão da imagem bonita do local há semanas atrás. Eu estava começando a cair novamente em uma rede de idealizações. Inconscientemente a pesquisadora estava apegada a pretensas e falsas ideias de “potência em absoluto” dos sujeitos; do desenrolar do que deveria ser um caminho próximo à etnografia e quanto à própria vida nos seus fluxos de expansão e contração.

Era como se eu ainda não tivesse entendido Geertz, De Certeau, Larossa, Paulo Freire... como se eu não soubesse quase nada. Por dentro eu só fazia gritar silenciosamente:

Onde está a alegria que eu vira nas crianças, jovens e mulheres àquele dia? A inventividade de seus fazeres? Suas linhas de fuga, suas artes de dizer e fazer? Tal como na já citada canção de Moska “A seta e o Alvo”, eu sempre atrás do alvo a ser acertado e o alvo sempre a se esgueirar de mim. Só que não há alvo, a vida não é uma reta Ciça! Você não tem o controle, por mais que às vezes o queira impor.<sup>86</sup>

Afora isso havia mais. Mesmo que eu estivesse sensibilizada com o ocorrido, havia uma linha que me separava do olhar e do sentimento daquelas pessoas. Minha compreensão parcial naquele momento me fazia mais preocupada com o meu tempo, meus sentimentos e frustrações do que com o tempo, os sentimentos e as frustrações delas – esses são alguns dos *insights* que emergem em fluxos de nosso diário de campo:

As informações estavam ainda soltas. O quadro mental que se formou na minha cabeça foi o de garotos que tinham eventualmente cometido “um vacilo” e por isso pagaram de forma injusta com a própria vida. Flor, uma das mães organizadoras do projeto chega com a filhinha, me cumprimenta e diz que um dos jovens era primo de Lótus e o outro era vizinho dela. O olhar de Flor vagava ora para o local onde seria o velório, ora para o nada...” Comento sobre a reunião que não ocorreria e ela diz que o padre passaria por lá mais tarde para dar apoio às famílias. Aproveito e tento marcar com Flor um encontro posterior. “Vamos deixar a nossa conversa para a semana que vem, no dia da reunião mesmo. É o dia que eu tiro pra cá. Eu desde ontem que estou assim...sem conseguir fazer nada direito. Só lembrando do que aconteceu” (Diário de Campo, 14/06/2017).

Foi nesse momento que tomei consciência da minha condição de estrangeira (DAMATTA, 1978). Da linha que me fazia não compreender de início que aquele era um dia “em suspenso” na comunidade e que talvez fosse preciso mais dias para que aquela perda fosse devidamente elaborada. Apenas minutos depois, ao conversar com Lótus tive um desenho melhor do que se passara:

Entro na casa e encontro Lótus e o irmão, sentados na cama, cabisbaixos. “Eles não fizeram nada. As balas nem eram pra eles, eram pra qualquer um que estivesse na rua quando eles passassem. Qualquer um!” Diz Lótus, mostrando a foto do garoto vizinho. “E a gente não pode fazer nada, vai ficar por isso mesmo. A polícia nem entra lá. Lá é PCC! Lótus olhava para mim e gritava como se dissesse: “Acorda Ciça!” “Lá assistente social como a senhora não entra, morre se tentar. Lá eles degolam, tocam fogo.” Pergunto desde quando aqueles crimes começaram a acontecer, uma vez que ela tinha me dito que 2016 tinha sido um ano relativamente calmo na comunidade. “Foi depois do carnaval”, diz o rapaz. O irmão de Lótus também jogava dominó quando tudo aconteceu. Teve que correr e entrar em uma casa com os demais. “Eu já vi isso bem umas dez vezes aqui. ” – diz o rapaz, sem conseguir levantar a cabeça. (Diário de Campo, 14/06/2017).

---

<sup>86</sup>Não poderia deixar de mencionar aqui que para a maturação desse olhar um pouco mais alargado sobre a pesquisa qualitativa e etnográfica, foi de enorme contribuição o fato de ter assistido aos exames de segunda qualificação de doutorado de alguns dos meus colegas de linha de pesquisa e podido ter acesso às reflexões dos professores e professoras que compunham as referidas bancas, dentre eles o professor Dr. Alcides Gussi e as professoras Dras. Ercilia Lima e Celecina de Maria Veras Sales.

A dor que por vezes assola o Gereba, particularmente em momentos como esse, atravessa as mulheres, os jovens, as pessoas idosas, e adquire múltiplas formas de expressão: tristeza, descrença, revolta, como vimos na fala de Lótus. E quanto aos fluxos que atravessaram a pesquisadora? Naquele momento eu percebi que se prosseguisse com a pesquisa, em várias ocasiões, seria como morrer e renascer.

Os estudos de Barreira no ano de 2013, já anteviam uma nova configuração sobre os crimes de violência que passavam a assolar o Ceará, compondo uma “violência difusa no âmbito da explicação sociológica”, com características tais como “a vulnerabilidade dos transeuntes, a crueldade das ações e a imprevisibilidade das práticas delituosas” (BARREIRA, 2013, p. 223).

A seguir as anotações do diário de campo revelam ainda maiores desafios para a pesquisadora:

Uma irmã de Lótus vem avisar que o corpo do rapaz de dezoito anos chegara. Eles me chamam para ir ao velório. Fico receosa, de fato me sentindo estrangeira, com medo de ser desrespeitosa mais uma vez. Quem em mim iria para aquele velório? Decido ir. A saída da casa de Lótus estava servindo de puxadinho para abrigar as pessoas que aguardavam o corpo do garoto mais jovem. Minha atenção se volta para alguns jovens sentados nos batentes. Alguns com suas bicicletas. Quase todos são negros. Olhares tristes... A cena me sensibiliza. Um fio de tristeza também passa por mim ao imaginar se estariam se perguntando: “Quem será o próximo?”

O velório de um garoto pobre, numa casa pequena e repleta de gente. Muitas crianças, idosos, pessoas de todas as idades. Comoção. Desamparo. Mais um garoto negro dizimado pela violência. Deixara uma viúva quase da mesma idade. Na parede um quadro com fotos dos familiares e ao centro a do rapaz sorridente. Muitas crianças ao redor do corpo, sem querer sair, o que chamou a minha atenção. Vi formar-se ali uma rede de apoio afetivo. A quantidade de pessoas e o sentimento expresso em seus corpos, demonstravam também acolhimento e solidariedade diante da dor do outro. Antes de sair um senhor idoso, sozinho sentado do lado de fora, olhar perdido também me sensibiliza. Talvez estivesse pensando: a quem recorrer? Só a Deus. (Diário de Campo, 14/06/2017).

O crime sequer fora noticiado pela mídia. Ocorrera um dia depois do dia dos namorados. Fiquei pensando nessa coincidência e se aqueles jovens teriam tido na noite anterior momentos de alegria, afetividade e paz. Uma semana antes, outra triste coincidência envolvendo a juventude negra: a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (AL-CE), revelou por meio da divulgação de dados de uma pesquisa que Fortaleza é a capital do Brasil com maior Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) e o Ceará, o terceiro estado. Dados do Atlas da Violência 2017, lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública revela que homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no País. A população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios. Atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Os

negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças. Dois anos antes, a mesma fonte, Atlas da Violência 2015, publicou que em dez anos (2002-2012), o número de mortes por armas de fogo quadruplicou no Ceará (287,9%), com salto de 815 para 3.161 óbitos, e 8,6 assassinatos/dia, com as principais vítimas sendo homens jovens e negros (5,5) (CERQUEIRA *et al.*, 2015, 2017).

Talvez seja comum que pesquisadores ao longo de suas pesquisas, ao deparar-se com situações como a do assassinato dos dois jovens, sejam atravessados por um conflito em relação à continuidade do trabalho. Além de pensar na questão material<sup>87</sup>, precisei convocar muito o riso - principalmente em casa, com a família -, e às vezes o choro.<sup>88</sup> Precisei recorrer também à poesia e a espiritualidade e principalmente me ver como um ser integral para prosseguir. Freire também vez por outra me sacolejava: “existir é arriscar” (FREIRE, 2000, p.40).

Foi necessário abrir essa porta a mais de compreensão, para fazer fluir com mais intensidade e envergadura o entendimento de que a complexidade, por vezes aguda, e o constante desafio não só fazem parte do pacote quando decidimos investigar um objeto numa pesquisa qualitativa, mas veem junto com o bilhete que compramos para empreender uma viagem etnográfica. A impressão que tive ao sair daquele velório foi que presenciei junto com os moradores e moradoras algo como um divisor de águas no Gereba. A partir dali, a rua se tornava oficialmente um lócus de perigo, para eles e para mim.

Somente um mês depois consegui voltar à comunidade. Na rua onde morava um dos garotos fizeram um grafite com o seu nome dentro de um coração. Tantas vezes antes, no início da pesquisa, ouvi a indagação de Lótus, mas sem ser afetada de fato: “Tu não tem medo de vir pra cá não?” Eu finalmente reconhecia o meu medo. O crime ocorrera pouco menos de 24h da minha ida, quase no mesmo horário e num local por onde eu passava para ir ao encontro com alguma das mulheres, quase sempre perto da associação, ou na própria, para encontrar com o grupo.

Precisei desse período para elaborar a minha frustração e compreender, não sem um fio de dor, que o êxito da pesquisa anterior voltada também para o Jangurussu e em parte para o próprio Gereba, em tempos um pouco mais tranquilos, de certo modo me deixou autoconfiante demais. Cheguei, ainda que inconscientemente, a acreditar que eu não

---

<sup>87</sup>Eu dependia de uma bolsa de pesquisa vinculada a um órgão do governo do Ceará (FUNCAP).

<sup>88</sup>Como no dia em que tive um ataque de choro em pleno chá de baby de uma colega do grupo de estudos sobre juventudes e fui acolhida por meus colegas e orientadora.

encontraria maiores desafios na apresentação e interpretação do campo desta pesquisa, bem como na minha própria vivência a partir dele, durante o meu caminhar pesquisador.

Esse foi um tempo de florescimento da humildade, portanto, de abertura aos aprendizados trazidos pelo imponderável da vida – os quais me aproximaram mais das minhas interlocutoras naquela comunidade, e daquilo que era de fato dialogar com a etnografia. Tempo também de sentir, não apenas compreender (DUARTE JÚNIOR, 2004) e de reler os versos de Guimarães Rosa (2006): “O correr da vida embrulha tudo; a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

Durante o período em que estive ausente, perguntava-me como ficariam as ações no projeto desenvolvido pelas mulheres mães, sujeitos da minha pesquisa. Desejei profundamente que o trabalho social não parasse. Que ao contrário, se fortalecesse. Perguntava-me também se teria condições de continuar a pesquisa. Ainda que me apoiassem, minha família já dava alguns sinais de descontentamento e apreensão. Enfim eu compreendia melhor o sentimento de moradores como Orquídea que mesmo após décadas morando no Jangurussu, e acreditando na força do coletivo, manifestavam a vontade de deixar o lugar. Aprendi que era preciso romper com a imagem pré-concebida de guerra, mas por outro lado não subestimar os reais acontecimentos de violência que estavam ocorrendo cotidianamente no local. Diante de tantos reveses, como mitigar o medo e o sentimento de impotência?

Talvez fosse preciso entender mais profundamente que pesquisar muitas vezes é como estar no olho do furacão. A esse respeito Diógenes (1998) indaga: “Não seria a antropologia esse lugar de morar e viver com o corpo os lugares inomináveis das experiências?”

Como já foi dito, faço a opção teórico metodológica de tratar alguns conceitos tais como violência, ao longo de toda a pesquisa, e não reduzido a um tópico ou capítulo, numa costura tecida segundo o fluxo da minha percepção acerca deles, com base no que é por mim experienciado a partir do campo empírico. É desse modo, por exemplo, que posso apreender naquela comunidade mais do que “os movimentos de morte e vida” (PONTES, 2013), sinalizados pela pesquisa dissertativa. Posso vislumbrar movimentos de vida-morte-vida. Posso supra sumir meu olhar. O real, assim, não se dispõe mais como reta, como mostram as anotações de mais um diário de campo:

Eu passara mais de um mês afastada do meu campo empírico com medo do duplo homicídio dos jovens e do que poderia ocorrer dali por diante. Diminui até mesmo o contato virtual com as minhas interlocutoras. Durante esse período, por vezes me

perguntava se o trabalho no projeto continuaria ou não. Fora informada que as atividades continuavam e decidi acompanhar mais um encontro com o grupo de gestantes. Enquanto me dirigia a associação, vi pelo menos 5 casas à venda. A maioria na rua em que houve o assassinato dos dois jovens – a rua principal, com acesso à avenida Perimetral. Vi pela primeira vez duas viaturas da polícia circulando. Um assassinato ocorrera naquela manhã, quase na entrada da comunidade. Duas mortes também ocorreram dois dias antes. Em meio aos barracos e casas, sob a rampa menor, o sentimento da comunidade grafitado em um poste: é possível paz? (Diário de campo, 12/07/2017).

Figura 22 – Poste com um grafite alusivo à paz, em meio a casas sob a rampa no Gereba.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (12/07/2017).

Diante do meu medo e sentimento de reserva, sou levada a concordar com Diógenes (2011): “A violência atinge zonas mais subjetivas e acaba enclausurando o próprio sujeito em limites restritos de sociabilidade e vida urbana. [...] Movemo-nos através do medo.” Diante do sentimento dos moradores e moradoras que pretendiam deixar o Gereba, não raro deixando para trás laços afetivos tecidos ao longo de muitos anos, sou igualmente levada a concordar com os versos da canção<sup>89</sup> do cantor Lenine:

[...] O medo é uma armadilha que pegou o amor  
O medo é uma chave que apagou a vida

<sup>89</sup>Medo, CD Acústico MTV, 2006.



O medo é uma brecha que faz crescer a dor [...]

No correr do dia, contudo, significativas trocas ajudariam a compor um cenário menos árido, mais graça, mais alegria, boas interações e o ressurgir da esperança em dias melhores:

Da entrada do prédio da associação, vejo as mulheres já reunidas para mais um encontro. Um carrinho rosa com um menino dentro chama a minha atenção. Mesmo que isso tivesse mais um sentido de classe que de gênero (o carrinho provavelmente fora doado ou herdado da filha anterior), penso que isso não deixa de ter também um componente de gênero, dada a aceitação pela família quanto ao uso do mesmo. Outra coisa que chama a minha atenção é um banner do projeto Amo Cuidar na parede, onde lê-se que ele está ligado a Ordem da Misericórdia de Jesus (OMJ)<sup>90</sup> Duas jovens enfermeiras conversaram com o grupo sobre ética médica no trato com gestantes. Muitas mulheres tiraram dúvidas e ficaram mais esclarecidas sobre os seus direitos durante o parto e a gestação. Ao final pude saber um pouco mais sobre as ações que ocorrem no projeto. Noto durante a palestra que um casal de crianças de uns 4 ou 5 anos é apelidado de Jesus e Nossa Senhora e outra criança de Anjo Gabriel. Sempre que as crianças fazem alguma bagunça e são chamadas pelos apelidos pelo padre as pessoas acabam rindo. O projeto também foi visitado por jovens do Cuca Jangurussu que foram fazer uma gravação. Eles falaram do contato que tiveram com os coordenadores e principalmente com uma das mulheres da comunidade e também organizadora, Orquídea, agente de saúde, e antiga liderança comunitária – mesmo sem gostar de ser chamada desse modo. Ela seria “a responsável na verdade por eles estarem ali, mais que o próprio padre” (fala essa que dita comicadamente por uma das jovens arrancou risos do grupo). Ao final da reunião o padre informou que a partir dali o projeto iria desenvolver um número maior de ações em benefício da comunidade e divulgou as atividades já realizadas. Parabenizei-o, e ao grupo, ao final do encontro, pela perseverança. “É isso. Em uma das reuniões se teve que fechar tudo e ir embora porque tava tendo bala mesmo. Mas a gente não pode parar.”<sup>91</sup> (Diário de campo, 12/07/2017).

Naquele dia percebi que viver naquela comunidade, era fluir como um rio. Em um curto espaço de tempo, menos de dois meses, eu entrara em contato com a vida (fluxos afirmativos do humano que emergiram das mulheres mães, das crianças e jovens, dos educadores e educadoras e de mim, dada à ação social em saúde comunitária), entrara em contato com a morte (o assassinato dos dois garotos e os reflexos disso na comunidade), e novamente com a vida por meio da resistência dos que fazem os projetos sociais no Gereba. Certo é Guimarães Rosa quando diz que *o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia*. Sábio é Oxumaré, orixá do candomblé que

<sup>90</sup> Congregação Missionária da Misericórdia de Jesus CMMJ, sob o registro 3°. R.P.J. de Fortaleza registro N° 5016600 04 Jan 2011 Inscrito no CNPJ; 13.108.442/0001-06 com sede em Fortaleza – Ceará. Lê-se em página de internet: “Somos religiosos e professamos os votos de obediência, pobreza e castidade. Temos a missão de ajudar os pobres e levar a palavra de Deus com a misericórdia de curar e libertar. Trabalhamos com Obras Sociais. Atendemos sem distinção de raça, cor e religião”. Disponível em: <http://padrejosedantas.blogspot.com.br/p/congregacao-missionaria-da-misericordia.html>

<sup>91</sup> Aulas de karatê, zumba, capoeira, distribuição mensal de cestas básicas, distribuição de repelentes, manicure, colônia de férias para as crianças, artesanato, cinema, EJA, contação de histórias para crianças, cinema para crianças e adultos (R\$ 1,00 criança e R\$ 2,00 adulto), trabalhos manuais (crochê e tricô), oficina de biscuit, aula de violão.

na simbologia africana é também a cobra que come o próprio rabo, evocando a continuidade do movimento e do ciclo vital.

Penso que em meio a pesquisas com esse caráter, diante de contextos como os acima citados, se passe a olhar mais para a beleza das coisas miúdas, “das coisas que servem para a poesia” como diz Manoel de Barros (2010) e se passe a encarar com mais leveza o próprio movimento de cair e levantar – atitude essa que me aproximou mais das mulheres mães, reconhecendo em mim e em minha trajetória pessoal, parte de seus fluxos de superação.

É com essa perspectiva que novamente diálogo com Araújo (2014) por meio de sua pesquisa dissertativa sobre o Jangurussu, mais precisamente sobre a relação crianças e violência no Parque Santa Filomena. Vejamos:

Nos encontros com as crianças onde tivemos a oportunidade de conversar sobre a violência na comunidade, elas empreenderam narrativas de morte, assalto e dor, ao mesmo tempo que brincavam, chupavam manga, corriam pela sala, batiam nos colegas e, principalmente riam. (ARAÚJO, 2014, p. 141).

Sincronisticamente, na semana seguinte ao episódio da parada de ônibus, ao descer do coletivo me deparo com uma floricultura, linda, ampla, perto da entrada da comunidade, do outro lado da Avenida Perimetral:

Não resisto, entro, converso com a proprietária, tiro fotos e falo para ela da minha alegria diante daquela paisagem. Sinto êxtase. Tenho vontade de abraçar aquela mulher que eu já passava a admirar. Dada a sua *arte de fazer* da vida um lugar melhor, não apenas do Gereba, ela poderia fazer parte da minha pesquisa. Desisto do abraço, com receio que ela estranhe tal gesto. Apenas despeço-me parabenizando-a. Saio sorrindo, pensando em mais essa “heroína anônima” e na música dos Racionais Mc’s: “Onde estiver, seja lá como for, tenha fé, porque até no lixão nasce flor.”<sup>92</sup> (Diário de campo, 08/11/2017).

Vejamos esse registro:

---

<sup>92</sup> Álbum, Nada como um dia após o outro dia. Gravadora: Casa Nostra, 2002.

Figura 23 – Vendedora na Floricultura



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (08/11/2017).

Atravesso a pista, caminho alguns metros e acho graça do nome de um bar: Bar da “Diva”. Ando mais um pouco e sou surpreendida com super heróis de mais de 1,5 m de altura quase na beira da pista. Quase esbarro no homem aranha da pequena fábrica que abriu há pouco. Mais à frente o Hulk. Registro o momento, e rio, rio muito... (Diário de campo, 08/11/2017).

Acompanhemos o registro desse momento:

Figura 24 – Boneco do Homem Aranha em frente à Avenida Perimetral



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (08/11/2017).

Etnografar no Gereba era descobrir que a cada momento coisas diferentes poderiam acontecer, novos obstáculos a serem superados, como também momentos de celebração. Era sentir na pele uma periferia que não é um lugar só de morte, mas de vida, de

práticas criativas, insurgentes, despreziosas, protagonizadas na cotidianidade de pessoas comuns (que também podem ser mulheres) saberes possíveis, para além dos espaços formais, que fluem das experiências desses sujeitos e que são dimensões mobilizadoras do humano em nós, capazes de integrar razão e emoção. Era também deixar-se levar pelas palavras de Freire: “Acho que uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza de nossas relações. Mesmo que, de vez em quando, salpicadas de descompassos que simplesmente comprovem a nossa ‘gentetude’” (FREIRE, 2008, p. 64).

Mas e quando o corpo todo da pesquisadora é invadido por fluxos de medo? Novas desterritorializações poderiam acontecer. Como no dia em que Lótus falou-me de uma mulher que quase fora raptada com sua criança na parada de ônibus que marca a entrada da comunidade. Enquanto ela me dava detalhes do que tinha acontecido eu me perguntava mentalmente: Para onde ir? A quem recorrer? Vejamos o registro no diário:

Receosa, decido voltar mais cedo pra casa. Estar na parada de ônibus por si só já me colocava em uma situação vulnerável; aquele era um dos referenciais de entrada da comunidade e eu podia ser encarada por quem passasse na avenida de carro ou moto, como alguém que estava do “lado inimigo”. Estando à espera do ônibus que me traria de volta, me perco em pensamentos imaginando a cena violenta que ocorreria ali. Enquanto torço mentalmente para o transporte vir logo, ouço alguém gritar. Olho assustada e vejo tratar-se de uma mulher que está alguns metros à frente. Meu coração acelera. O grito da mulher se transforma em risada e constato aliviada que ela estava a cumprimentar um conhecido do outro lado da avenida. (Diário de Campo, 01/11/2017).

Notadamente eu introjetara o medo de Lótus. Brandão (2007), ao pensar o campo como uma dimensão muito intensa de subjetividade afirma:

[...] ainda que o antropólogo possa se armar de toda uma intenção de objetividade, de obtenção, de produção de dados e informações, os mais objetivos, os mais reais (não sei se com aspas ou sem aspas) possíveis, de qualquer maneira, muito mais do que em outros casos, todo trabalho de produção de conhecimento aí se passa através de uma relação subjetiva. A pessoa que fala, fala para uma outra pessoa. Uma relação entre pessoas que tem uma dimensão social, e uma dimensão afetiva se estabelece. Dados de troca, de sinais e símbolos entre as pessoas se estabelecem inevitavelmente e isso marca não só a realização do trabalho, mas o material produzido por esse trabalho realizado (BRANDÃO, 2007, p. 12).

Diante do “susto – experiência” na parada de ônibus me vejo representada nas palavras de Zygmunt Bauman (2008, p. 9):

Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade da autopropulsão.

“O medo é como um laço que se aperta em nós”, me diz novamente Lenine, numa metáfora que bem me definia naquele momento. Analisando o que chama de modernidade Líquida, Bauman (2008) fornece alguns elementos para explicar melhor esse desassossego, um fenômeno que parece contaminar a todos nesse início de século:

[...] uma espécie de medo de “segundo grau”, um medo, por assim dizer, social e culturalmente “reciclado [...] um “medo derivado” que orienta seu comportamento (tendo primeiramente reformado sua percepção do mundo e as expectativas que guiam suas escolhas comportamentais), quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente. O medo secundário pode ser visto como um rastro de uma experiência passada de enfrentamento da ameaça direta – um resquício que sobrevive ao encontro e se torna um fator importante na modelagem da conduta humana mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida ou à integridade. (BAUMAN, 2008, p. 10).

Por várias vezes durante o caminhar da pesquisa eu me vi tomada pelo medo secundário analisado por Bauman antes mesmo de chegar à comunidade. O simples fato de tomar o ônibus - rumo a um lado ainda mais denso da periferia, o Jangurussu, tendo saído do terminal da Parangaba, área periférica de classe média baixa, mais asséptica, contudo -, já desencadeava em mim fluxos dessa ordem. Os constantes assaltos ocorridos dentro de transportes coletivos em Fortaleza nos últimos anos, normalmente nos bairros mais pobres, fenômeno fortemente adensado pela narrativa midiática sensacionalista, acabou por criar um clima de sobressalto na população, atenta a cada gesto, a cada olhar, a cada pular de catraca, quase sempre pelas juventudes (seja como forma de protesto ou pela condição social, ou os dois). Como diz Viviane Forrester (1997, p. 58):

[...] eles não se integram; eles não aceitam tudo com a gratidão que era de esperar - pelos menos sem se debater, sem sobressaltos, aliás inúteis, sem infrações ao sistema que os expulsa, que os encarcera na evicção. [...] eles têm a indecência de não se integrar!

Nosso devir pesquisadora parecia aflorar dentro do próprio ônibus, como se aquele fosse um Jangurussu em movimento, interagindo com outros sujeitos da cidade, como aparece no diário de campo a seguir que registra uma das minhas poucas idas ao Gereba nos finais de semana:

Em um sábado pela manhã, vejo de dentro ônibus Parangaba Messejana carros de polícia parando na Av. Expedicionários, antes do presídio Olavo Oliveira, numa abordagem feita a dois motoqueiros. Algumas pessoas no ônibus se levantam para ver. Na parada seguinte dois garotos entram. Ainda nessa parada de ônibus, um senhor acompanha o movimento deles com um ar desconfiado, imediatamente captado pelas pessoas do ônibus. Um clima de tensão domina o ambiente. Eles ficam em pé na parte de trás. A senhora sentada ao meu lado, perto da catraca, tenta abrir a bolsa, provavelmente para retirar o celular e guardá-lo junto ao corpo. Percebo que está nervosa. A tensão passa por mim também. É como se antecipassem

o momento em que eles pulariam a catraca, coisa que de fato fazem, mas apenas momentos depois, já próximo a UPA do Jangurussu. Dão sinal e descem. Um ar de alívio generalizado paira dentro do ônibus. (Diário de Campo, 13/01/2018).

No decorrer da pesquisa, sempre que experienciava fluxos de susto/alívio, morte/vida, conformismo/ruptura, entrava em contato com um Gereba que dava certo, mesmo quando tudo parecia dar errado. As práticas das mulheres mães, por exemplo, eram manifestações do que impulsionava novos olhares “em relação à e na comunidade”. Eram práticas que geravam ondas de suavidade, superadoras do binômio escassez e a violência.

Por meio de muitas dessas ações, pude ver potentes entrelaçamentos, de grande riqueza etnográfica, não somente entre as mulheres pesquisadas, ou entre elas e outras mulheres moradoras, mas entre elas e outros sujeitos, como aconteceu com as crianças, num belo encontro geracional que narro a seguir.

Em janeiro de 2018 eu fora convidada pelas mulheres que organizam as atividades socioculturais ligadas a antiga associação de moradores da comunidade (projeto Amo Cuidar e Grupo de Mulheres), para um dos eventos culturais que promoviam. A atividade aconteceria o dia todo e talvez adentrasse a noite. O diário de campo nos traz, dentro desse contexto de nossa escrita, um recorte do fim de tarde, quando meu corpo já dando sinais de cansaço foi acordado por um Gereba criativo, “arteiro”, despretenso e que também faz festa:

Estando a programação cultural na associação já prestes a acabar, as mulheres já começando a recolher as coisas, ouço sons que vem da rua. Uma garota, ainda meio tímida, começa a bater um tambor que fora deixado “por acaso” na calçada. Aquilo ativa a minha intuição e fico de “antena ligada”. Daí há pouco são duas. Me encosto na porta ao lado, um tanto ressabiada pois há um grupo de homens bebendo mais à frente. Orquídea junta-se a mim, sorrindo com a cena. Outra mulher entrega um violão para as meninas. Uma delas começa a tirar alguns acordes. Penso que ela provavelmente aprendera a tocar com as aulas na associação. Os jovens e crianças que estavam por ali resolvem se aproximar. Uma garotinha, do nada, surge com uma gaita também. Começam a brincar de tocar, a cantar e a rir. Peço para tirar fotos. Uma delas pergunta o meu nome e depois o nome da minha mãe. Respondo sorrindo, mas sem entender direito o porquê. De repente ela começa a cantar uma música que eu desconhecia, e surpreendentemente é acompanhada por todos, que só param quando caem na risada, quando ela troca o nome próprio que aparece na letra da canção, pelo nome da minha mãe. (Diário de Campo 13/01/2018).

Eis a letra da canção:

Me desculpe vir aqui desse jeito  
 Me perdoe o traje de maloqueiro  
 De camisa larga e boné pra trás  
 Bem na hora da novela que a senhora gosta mais  
 Faz 3 dias que eu não durmo direito  
 Sua filha me deixou desse jeito  
 E o que ela mais fala é que a senhora é brava  
 Mas hoje eu não vou aceitar levar um não pra casa!

Dona Maria!  
 Deixa eu namorar a sua filha  
 Vai me desculpando a ousadia  
 Essa menina é um desenho no céu  
 Que Deus pintou e jogou fora o pincel. (Música Dona Maria. Thiago Brava e Jorge)<sup>93</sup>

Figura 25 – Crianças tocando e cantando na entrada da associação



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (13/01/2018).

Tudo parou naquele instante. A comunidade que parecia estar à beira do abismo, dividida entre a violência dos traficantes e a violência da polícia (viaturas por ali circularam durante toda a programação, vale ressaltar), refazia-se, punha-se bonita, potente, leve, jocosa. Ao deixar-se levar pelas mãos sábias das mulheres que organizaram a atividade, e das crianças e jovens, revelava o que não cabe na TV, o que não aparece na imprensa escrita ou na fala das autoridades e gestores de um modo geral:

As três meninas cantavam e riam, riam muito! Cada qual com o seu instrumento. E repetiam a cena com as mulheres que iam passando. Faziam a mesma pergunta, cantavam todas aquela música, apenas trocando o nome original da letra, pelo nome das mães das mulheres que animadamente aceitavam participar da brincadeira. Eu perplexa e entregue, me deixando levar por tudo o que estava acontecendo – na rua, nelas e em mim. Elas dançavam, tocavam o atabaque, a gaita, o violão e se refestelavam com aquilo tudo, sem se incomodar com o depósito de lixo bem em frente, ou com a viatura da polícia que circulava vez por outra – sem se incomodar com nada além de viver. (Diário de Campo 13/01/2018).

Diante do grupo que transmutara o que poderia ser simples expressão da cultura de massa em movimento e inventividade e diante das mulheres mães, que ajudavam com os seus saberes, individuais e coletivos, e suas práticas de trabalho social, a viabilizar tudo aquilo, o que dizer, o que pensar? Talvez apenas lembrar De Certeau (1990) quando aponta a nossa suprema ignorância ao rotular como consumidores passivos aqueles que podem

<sup>93</sup>CD Um violão e uma catuaba, Gravadora MM Music.

expressar-se, não raro, como sujeitos de criação. Talvez apenas reconhecer, parafraseando Boaventura Sousa Santos, que há um “Gereba dentro do Gereba”.<sup>94</sup>

Naquele mesmo dia, do lado de fora da associação, ainda como parte da programação, o cordel do Lobisomem, citado no início desse trabalho,<sup>95</sup> foi reapresentado para a comunidade, com a ajuda das mulheres mães, voluntárias das atividades sociais que acontecem naquele espaço. Foi Dona Orquídea, antiga liderança comunitária, – após ser entrevistada por jovens educadores, também moradores da periferia de Fortaleza e parceiros naquela ação -, quem recepcionou e orientou o artista Parayba sobre a melhor maneira daquela atividade cultural acontecer. O evento marcou o reencontro desse artista com os seus antigos alunos no Projeto Crescer Com Arte Jangurussu Pedro e Juliana (coautores do cordel e agora adultos), e tantos outros artistas jovens com a comunidade do Gereba.

O cordel do lobisomem foi lido num final da tarde de um sábado, na rua como era pra ser, pelo artista Parayba, lembrando os tempos de FUNCI. Um som foi tirado depois pela banda do jovem que ajudou a elaborar o cordel. As crianças e jovens presentes, não obstante o circular das viaturas de polícia, viveram a alegria de dançar e reconhecer-se na primeira música tocada, intitulada “O Lobisomem do Jangurussu”.<sup>96</sup> (Diário de Campo 13/01/2018).

Acompanhemos esse momento por meio do registro na forma de foto:

---

<sup>94</sup>“Há um mundo possível dentro do mundo impossível”.

<sup>95</sup>O cordel foi criado por um grupo de jovens do Jangurussu, coordenados pelo artista Parahyba, como uma das atividades do Projeto Crescer Com Arte (FUNCI), no ano de 2006. Poucos jovens que à época escreveram com Parahyba e Cia Bate Palmas estão vivos. Dois deles são Pedro Anderson, cantor e compositor da banda Caixeiros Viajantes e Juliana Araújo, hoje administradora e artista.

<sup>96</sup> Música “O Lobisomem do Jangurussu” (GRUPO MUSICAL CAIXEIROS VIAJANTES. 2017).



Figura 26 – Reapresentação do cordel “O Lobisomem do Jangurussu” em frente à associação



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (13/01/2018).

Aos poucos, mais pessoas se reúnem. Várias mulheres mães se aproximam para ouvir, se reconhecer e se divertir com a história do Gereba contada por meio do cordel do Lobisomem:

Figura 27 – Mulheres e comunidade reunida para ouvir a história do Gereba por meio do cordel do Lobisomem



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (13/01/2018).

O final do diário de campo traz um resumo de nossas impressões, quando já cansada, estava prestes a deixar a comunidade:

Um sarau de poesias no campo de futebol estava previsto para acontecer à noite, uma atividade sobre a qual alguns moradores e moradoras haviam me perguntado. Com o corpo já dando sinais de cansaço físico, resolvo sair “à francesa”. Ninguém notou a minha ausência. As mulheres mães estavam todas envolvidas em viabilizar e usufruir desse outro Gereba, o que pulsa sob o estigma e emerge reluzente sempre que os desejos, saberes e querer, inclusive o daquelas mulheres, se somam e se transformam em ações. (Diário de Campo 13/01/2018).

Relendo a poesia do cordel do Lobisomem, e pensando na magia da vida capaz de unir passado e presente, elementos de dor (os jovens cordelistas que morreram) e de vitória (o antigo adolescente do projeto, que sobreviveu e agora adulto canta o Gereba “no e com” o Gereba, ou a moça que virou artista e que ali também atua), pergunto-me agora: Que fluxos teriam passado pelos corpos das crianças, jovens, adultos e adultas e idosos e idosas ao verem a sua comunidade, a que não é vista, nem valorizada, a que não aparece para a cidade a não ser nas páginas policiais, provocando não mais do que medo ou pena, ser ali transformada em arte, em potência, em beleza, em movimento? Transformação ocorrida também em função das táticas e astúcias utilizadas pelas mulheres mães que, parafraseando De Certeau (1990), captaram no vôo as possibilidades oferecidas por um instante: “Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes

amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público.” (DE CERTEAU, 1990, p. 57).

Eis um exercício, segundo o autor: “Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco.” (DE CERTEAU, 1990, p. 100). De Certeau associa a ideia de “estratégias” às estruturas do poder, às instituições, enquanto as “táticas” são utilizadas para recriar o espaço, sempre partindo, contudo, dos ambientes pré-definidos pelas estratégias anteriores. Os agentes táticos são aqueles que em face desse poder estabelecido o desconstroem, por meio das oportunidades, dos momentos e dos lugares que escapam nos interstícios dos instrumentos de controle social.

A periferia não é um lugar só de morte – física, social, emocional. Mais uma vez o caminhar da pesquisa me mostrava as inventivas práticas protagonizadas na cotidianidade de pessoas comuns e das mulheres mães, saberes possíveis, para além dos formalismos institucionais, que eclodem a partir das experiências desses sujeitos, fluxos ativadores de micro resistências.

Que dimensões dessa “potência – inventividade” as mulheres mães, por meio de suas táticas e astúcias, *artes de fazer*, ao organizar tudo aquilo teriam conseguido acessar? Talvez não haja como saber, como sentir. Há coisas que não cabem em uma entrevista. O sentir é uma experiência única e intransferível. O que sei como pesquisadora - fechando este capítulo que se propôs a tratar da metodologia da pesquisa –, e o sei também porque sinto, é que por meio da etnografia, percebo que enquanto a cidade “as vê” como carentes, passivas, submissas, face a pobreza e a violência, elas, em meio as suas dores cotidianas, por vezes cantam e dançam, ajudam a fomentar cultura, interagem com outros sujeitos, propiciando a expressão de suas vozes e talentos, e aproveitam, como eu e você, o lado bom da vida.

Essa capacidade alquímica e resistente de fluir, renovar-se, romper as “incabíveis prisões” das quais o poderio econômico também faz parte, a partir dos mais sutis e diversos espaços e dimensões propulsores da busca e da realização dos seus desejos, é o que será visto no capítulo seguinte, por meio das suas trajetórias e experiências, que incluem saberes, astúcias, dramas, alegrias, afetos, *artes de fazer*, elementos que se entrelaçam as significações sobre ser mãe e mulher no Jangurussu e na comunidade Gereba.

### 3 TRAJETÓRIAS, SABERES E ARTES DE FAZER – EXPRESSÕES DE RESISTÊNCIA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES MÃES NA COMUNIDADE GEREBA

Maria, Maria  
 É um dom, uma certa magia  
 Uma força que nos alerta  
 Uma mulher que merece  
 Viver e amar  
 Como outra qualquer  
 Do planeta [...]

Mas é preciso ter força  
 É preciso ter raça  
 É preciso ter gana sempre  
 Quem traz no corpo a marca  
 Maria, Maria  
 Mistura a dor e a alegria  
 Mas é preciso ter manha  
 É preciso ter graça  
 É preciso ter sonho sempre  
 Quem traz na pele essa marca  
 Possui a estranha mania  
 De ter fé na vida.  
 (Milton Nascimento)

Nesse terceiro capítulo busco seguir os passos dos sujeitos de nossa pesquisa, sete mulheres mães na comunidade Gereba, que possuem idades, sonhos e visões de mundo diferentes e ao mesmo tempo muitas semelhanças. A maior delas, a de possuírem trajetórias, saberes e artes de fazer e que tem como fio condutor suas experiências pessoais e coletivas. Penso que essas narrativas contribuem para (re) construir e revelar um outro modo de ser e de viver na periferia, um outro Gereba, na medida em que também (re) constroem-se como mulheres e mães - que como na canção de Milton Nascimento<sup>97</sup>, tem sonho, raça, força, manha, fé, magia -, capazes de (re) fazer a própria história.

Vamos adentrar em suas trajetórias por meio de suas narrativas e com elas, talvez, (re) conheceremos também a comunidade pelas suas diversas dobras,<sup>98</sup> por seu jogo de morte e vida, sombra e luz, ou como diria Paulo Freire de opressão e libertação, jogo que marca a vida das próprias mulheres. Ao final do capítulo, faço uma análise a partir de suas falas, sobre as significações e simbolizações referentes a ser mãe e mulher no Jangurussu e na comunidade e sobre os fluxos instituintes e de conformação que envolvem esse processo.

<sup>97</sup>Maria Maria, CD Clube da Esquina 2, Gravadora EMI, 1978.

<sup>98</sup>Outras nuances desse outro Gereba ficaram de fora desse capítulo. Um exemplo disso é o campo de futebol, uma das pedras mais preciosas da comunidade e que justamente por sua importância mereceu destaque na pesquisa dissertativa.

### 3.1 Dona Rosa e sua caixinha de surpresas: catadora, mãe, avó e mãe de santo

Abrimos este capítulo com alguns momentos da história de uma mulher negra de 55 anos, mãe de 6 filhos e avó de 10 netos, a primeira mulher que conheci no Gereba. Na segunda metade de 2017 ela interrompeu a participação mais direta na pesquisa. Por motivos que ao longo deste texto iremos revelar, disse que em 2018 não me daria mais entrevistas. Penso que o mais importante é partilhar minhas interações com ela, expor o que ela quis e pode me dar, da forma que desejou; contar um pouco do nosso “encontro-experiência”, e do seu caminhar, do seu “corpo – movimento”, que até hoje me afeta e que se entrelaça ao próprio movimento e a própria história da comunidade.

Na verdade dela eu já começara a falar na introdução deste estudo, ao referir-me aos seus saberes, as suas *artes de fazer* (DE CERTEAU, 1990) e a sua cozinha, que de tão especial, e por haver produzido tantos afetamentos em mim, eu chamara de “psicodélica”. Vejamos na foto:

Figura 28 – A cozinha psicodélica de Dona Rosa



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (08/05/2012).

A imagem acima é de maio de 2012. Meses depois, ela me concederia uma entrevista na área de sua casa, localizada a época na Rua Paraíso, em frente à associação, e onde hoje é o salão de beleza Mariahs. Ela falou-me sobre o trabalho como recicladora, a vida

em família, a relação com a umbanda, os desafios que teve que enfrentar, dentre outros assuntos. Acompanhemos um trecho:

Eu moro aqui há 9 anos. Com sete anos de idade eu já vivia dentro do roçado, alimpando mato com os trabalhador. Podia ser homem, mulher, tinha de trabalhar. Eu sou recicladora, da usina, sou separada, me separei há um ano, mas ele vive aqui no fundo do quintal da minha menina, aqui do lado. E eu aqui. Sou eu e a minha menina, nós duas dentro de casa. Daqui eu só saio pra trabalhar e pra tocar tambor!

Eu saio todo dia pra trabalhar [...] Pra mim tá bom demais eu trabalhando na reciclagem. Eu comecei a trabalhar na reciclagem quando era nas esteiras. Antes eu tirava R\$50,00 por semana agora eu já tiro até R\$100,00, mas tem semana que também não dá pra tirar nada. Quando eu cheguei aqui à antiga rampa já era desativada. Quando a usina tava começando, quando desativaram a rampa a gente tinha que pagar os guardas pra ir trabaiair lá. Tava tudo murado. Pagava R\$ 5,00 pra entrar e poder trabaiair lá dentro. Só que três horas, três e meia a gente tinha que sair, pro pessoal não ver. Mas graças a Deus, tá dando pra gente passar (Dona Rosa, Entrevista 09/08/2012).

Na infância, vítima de trabalho infantil. Hoje recicladora e separada. Dona Rosa, já de início, parecia representar o universo de muitas mulheres na periferia e certamente naquela comunidade. Tive certa dificuldade, a princípio, para interpretar a sua fala, tão parecida com a da catadora Margarida, sua filha, descrita na parte introdutória desse trabalho: “[...] pra mim tá bom demais trabalhar na reciclagem.” Embora se dizendo contente com o trabalho realizado na usina de reciclagem, Dona Rosa anuncia entretanto, outros devires, ao sinalizar seus verdadeiros sonhos, denunciando, ainda que nas entrelinhas, uma incompletude no seu trabalho atual:

Eu sei costurar. Meu sonho mesmo, desde que eu cheguei aqui, é possuir uma máquina “overlock”. Sei costurar, sei bordar, sei fazer crochê. Mas o meu destino agora ainda é estar em cima da rampa. Não gosto de estar dentro de casa. Dentro de casa, é zuada dum lado, zuada do outro, aí a cabeça começa a... Entro de sete da manhã na porteira pra uma hora da tarde sair. Aí tem de duas horas até às 5 da tarde e de cinco da tarde entra, pra sair só no outro dia; passa a noite trabalhando, fica até de manhã. São três turnos. Todos nós temos o crachazinho pra entrar lá. Eu não sei explicar, se é porque desde os sete anos de idade que trabalho no sol (Dona Rosa, Entrevista 09/08/2012).

Ainda que se permitindo sonhar, o enunciado de Dona Rosa revela que ao deparar-se com o desafio diário da provisão, “estar dentro da rampa”, ainda é percebido como “coisa do destino”. Quando indagada preliminarmente sobre como se tornou mãe de santo e como conheceu a umbanda, ela disse que foi por acaso, por meio da doença de uma irmã, fato que ocasionou um encontro com um pai de santo e um convite posterior para frequentar a casa – estória que será apresentada em detalhes mais à frente, quando tratarmos mais especificamente sobre a função e o ofício de mãe de santo na comunidade. Afirma que antes disso, “macumba” como costumava dizer, era algo que tinha muito medo e que no passado só

fazia olhar de longe. Ela comenta, porém, que não vê problemas em também frequentar a igreja vez por outra e respeitar outras religiões:

Mas eu não tenho preconceito contra nada. Pra ali é crente, pra lá é crente (diz apontando), cada qual nas suas casas. Tá nas suas casas, tá em paz. Taí! Bem aqui, tem uma, Congregação da palavra de Deus; ele me chama, eu não vou, mas não é por outra coisa não. Não é com medo do povo pensar: “Ah, ela saiu da macumba e virou crente”. Não é por isso, porque a pessoa pra assistir a palavra de Deus, ouve é em qualquer canto. Não empata de eu ir pra igreja. Quando eu quero ir pra igreja eu vou. Eu vou pra festa de São Francisco em Canindé. Não empata não. Não tenho preconceito com nada. (Dona Rosa. Entrevista em 09/08/2012).

Dada a realização, naquela época, da pesquisa dissertativa com as juventudes - a qual abrangia também outra região do bairro, o conjunto Santa Filomena -, somente no ano de 2016 eu a reencontraria. Muita água tinha rolado desde então. Ela havia fechado o terreiro, vendido a casa e ido embora da cidade para cuidar do marido que estava doente se tratando de câncer em outro Estado. Levava também a filha Esmeralda, uma das Meninas do Rap. A jovem tivera que parar de estudar para seguir a mãe. Depois retornou, o marido recuperado, porém enfrentando uma grave crise financeira. Construíram um barraco bem ao lado da usina e é nesse cenário que a reencontrei, com a ajuda de Esmeralda, como mostra o nosso diário de campo:

Eu estava distante da comunidade há quase 3 anos, dado o término da pesquisa dissertativa e pelo fato de no primeiro ano do curso de doutorado haver direcionado o meu olhar para o Conjunto São Cristóvão e as suas juventudes. Intuindo fortemente a mudança de meu objeto de estudo, naquela tarde eu entregaria a cada uma das jovens Meninas do rap um livro contendo um artigo sobre a experiência do grupo e sobre a comunidade. Esmeralda era uma dessas jovens. Junto comigo estava Lótus, uma moradora que eu conhecera na entrada do Gereba, ao pedir informação sobre as jovens. Ela gentilmente se dispôs a me acompanhar, conduzindo-me aos novos endereços das garotas que durante o meu período de afastamento haviam se mudado. Ao sairmos da zona de conforto que é a primeira metade da rua São Francisco, rua principal, onde estão as casas um pouco mais apresentáveis e aproximarmo-nos da usina e do cenário com barracos em meio a lama e a falta de saneamento, mesmo conversando com a mulher, sou assolada por uma onda de mal estar. De longe vejo sentadas, quase encostadas ao muro da usina, Dona Rosa e as filhas, dentre elas Esmeralda. Mais a frente o barraco, nova moradia. Cumprimento alegremente a todas, tentando disfarçar o meu constrangimento. Elas sorriem e buscam uma cadeira para mim e para Lótus. A jovem está com os cabelos bem mais cumpridos e se anima quando mostro o livro e explico o motivo de estar ali. Pergunto como elas estão e alguns segundos de um silêncio perturbador me chega como resposta inicial. “Tamo levando a vida. Um dia as coisas melhora, se Deus quiser”. Diz Dona Rosa. Impossível não comparar passado e presente naquele momento. Algo em mim se negava a acreditar. Onde estava a cozinha psicodélica, o terreiro, a inventividade, a potência? O demasiado humano na minha frente desterritorializou-me por alguns instantes. Esmeralda estava com dezenove anos, sem estudar, sem trabalhar e grávida de um rapaz que não iria ficar com ela. Eu não sabia o que fazer, o que dizer, queria um buraco para me enterrar. Meu mito tinha os pés de barro...foi o que passou por mim naquele momento. Queria algo no qual me agarrar, alguma esperança miúda que fosse. Me vejo começando a falar do artigo, da importância daquela família na minha pesquisa anterior, de Dona Rosa, de como exibi as fotos de sua cozinha pra meio mundo...do quanto a admirava. Fui falando e

ficando de cócoras em frente a ela, num gesto reverente, colocando minhas mãos em suas pernas. Sentindo profunda emoção, parei e agradei. Ela sorriu, me ofereceu um copo de suco, perguntou de que eu queria; estava vendendo pra ajudar nas despesas. Um freguês chegou e eu voltei a conversar com a garota. Fiquei de voltar outro dia para passar mais tempo. Eu precisava aproveitar a generosidade de Lótus e faltava visitar outras garotas que haviam se mudado também. Despedi-me, e ainda mexida, encontrei refúgio na simpatia de Lótus, que comenta: “Legal esse trabalho da senhora né? Eu acho massa!” Enquanto caminhávamos de volta, ela me fez sorrir outras vezes, me contando a sua forte e bonita história, e eu me vi novamente envolvida num ciclo de morte e vida no Gereba. (Diário de Campo, 24/11/2016).

Tendo passado alguns meses e após uma viagem feita à Índia, retorno a comunidade, como prometera a Esmeralda. Marcara previamente com a garota por *whatsapp*. Naquele dia eu conheceria o barraco de Dona Rosa e isso me faria passar por novas e importantes experiências, como se faz relatar no diário de campo:

Após 4 anos de conclusão da pesquisa com as juventudes do Jangurusu, aparentemente a entrada da comunidade pouco mudara, só os estabelecimentos ao longo da avenida. Enquanto chego no local combinado com Esmeralda, o campo de futebol, pergunto-me mentalmente se as mudanças no meu visual causariam algum impacto nela: Sem maquiagem e de cabelo bem curto, fruto da recente viagem feita a Índia, estava muito diferente da Ciça de meses atrás. O sol de 15h faz com que eu busque uma sombra para esperar a garota. Pergunto a alguns homens sentados se não a viram, eles dizem que não. Noto que estão bebendo. Pedem para eu esperar mais à frente, a sombra de uma árvore e ao me afastar vejo comentarem que eu devo ser de alguma igreja. Ainda que tenham me tratado bem, senti um pouco de medo, principalmente com o nível da conversa após a chegada de uma mulher de meia idade no grupo. Esmeralda chegou de mãos dadas com um menino que aparentava ter uns 3 anos. Disse ser mais um que D. Rosa apanhara pra criar. A jovem estava grávida de quatro meses. Eu já sabia que eles haviam se mudado. Caminhamos pela rua São Francisco, rua principal, e à medida que vamos adentrando a comunidade e nos aproximando da usina, a escassez vai tomando conta do cenário. Casas são substituídas por barracos e o asfalto pela lama. Esmeralda me diz que no barraco de D. Rosa moravam 4 pessoas. Duas outras filhas moravam nos barracos ao lado, só um irmão que morava em outro Estado. D. Rosa e uma filha mais velha estavam reciclando material perto da entrada, quando chegamos. Fico constrangida com a pobreza no local. Tento sorrir e sei que foi um sorriso amarelo. Falo rapidamente com elas e para não atrapalhar e sigo com a garota.

Antes mesmo de entrar sinto algo bom. Flores de plástico penduradas na entrada, perto do retrato de Nossa Senhora. Uma máscara artesanal ao meio e frutas de plástico penduradas do outro lado. Pimentas também. Seriam contra o mal olhado? Na sala, retratos da família, de santos e um quadro de Dona Janaína, entidade da umbanda ligada aos mares. “Tive que subir as correntes, os guias, mas continuo com a minha fé!” Diz D. Rosa ao entrar para tomar café. Antes da mudança, quase tudo tinha sido “despachado”, mas algumas coisas seguiram com a gente. (Diário de Campo, 12/04/2017).



Figura 29 – Decoração da entrada da casa de Dona Rosa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (12/04/2017).

Ao transformar o que tira do lixo em beleza Dona Rosa é pura vontade de potência. Ela manifesta os seus saberes e suas artes de fazer (DE CERTEAU 1995), reinventa a lógica do consumo passivo e alienante, também analisado pelo mesmo autor, por meio de sua capacidade de reelaborar o lugar e a sua condição humana, tecendo uma visão de si como sujeito que cria, reage e produz, ao invés de perceber-se apenas como catadora, ou como “coisa” (ou lixo). O registro no diário de campo revelará mais sobre as linhas de fuga criadas por essa heroína anônima:

Ao passar pelo corredor, grandes bonecas sem roupa pregadas na parede me fazem sorrir. “Isso é coisa da minha mãe” diz a garota. Mais tarde comento sobre isso com

Dona Rosa e ela sorri: “Ah, são as bonecas da Tapuia!<sup>99</sup> ” Eu não largo não! Eu ainda vou é enfeitar elas todinhas.” (Diário de Campo, 12/04/2017).

Vejamos mais esse exemplo de insurgência de Dona Rosa:

Figura 30 – Bonecas enfeitam as paredes do barraco de Dona Rosa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (12/04/2017).

Fico encantada com a estética que se fez possível no lugar. Não tanto pelo bom gosto, mas pelo colorido e vivacidade. De modo impressionante, esquecia-se tratar-se de um barraco. Eu sentia a vida pulsando em cada cômodo, cada detalhe: Nos armários e guarda roupas repletos de adesivos, no fogão com capa e panelas coloridas da cozinha; nas panelas muito areadas pregadas na parede. Eu via poesia e intensidade em tudo. De um modo misterioso Dona Rosa transformava o “lixo” da usina em “arte”. A impressão que eu tinha era que ela naturalmente fazia brotar beleza, assim como o rei Midas, que tornava ouro tudo o que tocava.” (Diário de Campo, 12/04/2017).

Acompanhemos por meio das imagens os saberes expressos em inúmeras e inventivas bricolagens (DE CERTEAU, 1990), as *artes de fazer* e as astúcias de Dona Rosa que ao refazer o lixo se refaz. Mesmo de forma mais discreta, a cozinha e toda a casa-barraco da moradora carrega ainda traços de vicejante criação, fluxos pulsantes de insurgência e antidisdisciplina:

<sup>99</sup> Erê (criança). Entidade da umbanda oriunda das matas.

Figura 31 – A cozinha inventiva do barraco de Dona Rosa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (12/04/2017).

Se a cozinha de Dona Rosa não podia ser mais tão psicodélica quanto à da casa antiga, dada às condições estruturantes atuais, o quarto dessa recicladora agora o era! Espaço de abundância, de cores, formas, tamanhos, imagens, onde a carência passava ao longe:

Figura 32 – O quarto psicodélico de Dona Rosa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (12/04/2017).

De aparência meio dura, sem estudo, modos embrutecidos até, por meio de suas astúcias, D. Rosa desenvolvera “artes de fazer” (DE CERTEAU, 1990) e reapropriava-se dos signos da pobreza, transformando o lixo que coletava na usina não apenas em vida, cor e

intensidade, mas também em delicadeza. Com o seu jeito simples e criativo, ela não apenas alquimizava a si e ao seu espaço, mas ajudava a transformar e a melhorar a vida das pessoas que ficavam a sua volta. Demonstrava possuir valores nobres, que floresciam nas condições mais adversas. Adotara duas crianças ao longo da vida, uma delas Esmeralda, e ao saber da gravidez da filha, para a surpresa da jovem, a apoiara. Parte do material reciclado que coletava na usina mandava como doação para os parentes do interior. Naquele momento estava ajudando a cuidar das duas netas recém nascidas, que ficaram órfãs de mãe durante o parto.

Sempre que a via eu me perguntava: Que mulher era aquela meu Deus? Em outro momento da pesquisa, em maio de 2017, fui sozinha tentar revê-la. Meu contato normalmente era via *whatsapp* com Esmeralda, mas a garota muitas vezes demorava para me retornar as mensagens. D. Rosa conversou mais um pouco comigo daquela vez, sempre apressada, sempre carregando o mundo nas costas e sempre usufruindo e criando a beleza que podia:

O caminho pareceu mais longo dessa vez. Senti medo de não saber achar o barraco. Medo de perguntar às pessoas que me olhavam, quase todas com um ar de surpresa ou de desconfiança. Mais lama que da outra vez. Cheguei um pouco antes que D. Rosa, a qual, segundo a filha Margarida, tinha ido “resolver umas coisas com Esmeralda na rua”. Ela chegou e instantes depois sentou em um batente na cozinha para tomar uma xícara de café e fazer o seu fumo de rolo. Diz que fuma desde os nove anos. Inexplicavelmente ela não aparenta ter a idade que tem, 55 anos, ainda por cima vivendo naquelas condições. Vez por outra fala em Deus, diz que é ele que a mantém de pé. “A fé de Deus é a maior. Quando eu tô sentindo aquela coisa... Eu peço muita força a ele, paciência e muita coragem também. E muita fé pra eu chegar onde eu quero chegar. Aí fico com aquilo na minha cabeça quando tem passado uns dois ou três dias aquilo tem passado e fica tudo tranquilo. Eu me apego muito a Deus, peço muitas coisas a ele.” Em instantes a cozinha fica cheia e alegre, com a presença das suas filhas e netas. Após o café, o fumo e a conversa regada a risos, mulher sai novamente, lá fora o trabalho a esperava. (Diário de campo, 03/05/2017).

Vemos aqui, dentre outros elementos, novamente a importância da espiritualidade na vida de Dona Rosa, tema que ela desenvolveu longamente, mas que fazemos a opção de detalhar melhor no capítulo que versará sobre a relação das mulheres mães no Gereba e o serviço comunitário/voluntário. Sobre a aglomeração a sua volta, julgar-se-á potente uma reunião de afetos, e nesse caso de mulheres, com diferentes faixas de idade, com diferentes trajetórias e experiências, em uma cozinha de periferia? Questionava-me. Durante o tempo que estive naquela casa aquele dia, lembro-me que o marido de D. Rosa só apareceu uma vez na cozinha, tinha ido buscar alguma coisa. Esmeralda diz que eles reataram, mas que ele mal fala e que quem resolve tudo é a mãe.

A seguir, as anotações do diário de campo aludem ao difícil passado da catadora e a sua capacidade de superação:

Na saída a reencontro, agora capinando a frente da casa. Diz que é assim mesmo, que só para um pedacinho no domingo pra descansar. “Pra mim eu acho melhor do que tá em pé de muro ou vendo televisão”. Ela fala que anda sentindo umas dores e que sabe que precisa fazer exames. Em dado momento aponta para a ferramenta que usa e diz que quando menina ouviu do pai que a sua caneta seria a enxada e o seu caderno seria o facão. “Mas eu disse: Deus tu é pai não é padraço” – relata emocionada. Dos dias atuais, D. Rosa diz não gostar da violência, da rotina dos tiros e das músicas de funk que é obrigada a ouvir por causa dos vizinhos. “As letras são tudo imoral. Por isso que as meninas tão tudo grávidas.” (Diário de Campo, 03/05/2017).

Mesmo tendo aprendido só a ler e a escrever, Dona Rosa subverte as palavras do pai, por meio de suas artes de fazer, quer no passado – a frente do terreiro, mobilizando a todos na comunidade para aceitá-la e respeitá-la na sua crença, mostrando para quem quisesse que “tava tudo legalizado” e ajudando as pessoas por meio da espiritualidade, “do cuidado” e do serviço na função de mãe de santo, bem como nas duas práticas de adoção –, quer no presente, continuando a imprimir beleza e criatividade nos espaços e nas relações que estabelece, fluxos de contestação do imaginário reducionista que a cidade tem sobre ela – apenas uma catadora de lixo. Ao ser indagada sobre a comunidade ela comentou:

Daqui eu nem posso lhe dizer muita coisa porque eu sou de casa pro trabalho. Mas o que eu acho que mais precisava aqui era um posto policial. Porque aparece um monte de pedrada, aparece gente morto e ninguém sabe de onde veio. As pedras tão caindo do céu e matando o povo... E agora deu pra ter uns tiroteio. Ninguém sabe quem matou, só aparece morto. Depois de dez horas aqui, todo mundo tem que entrá pra suas casas. (Dona Rosa. Entrevista em 03/05/2017).

Possivelmente também em função do aumento da violência, embora Dona Rosa reafirme gostar muito de morar no Gereba, ela passa a revelar, próximo ao final da nossa conversa, outros projetos que envolvem a saída da comunidade futuramente, e o retorno para o lugar de origem Belém do Pará:

O meu sonho é vender aqui pra gente ir embora. Vender aqui pra eu ir pra perto da minha família principalmente porque a minha mãe faleceu. O meu pai tava aqui, aí deu vontade de ir pra Belém do Pará, fui deixar ele lá, passei um mês com ele na casa do meu irmão. Quando voltei, com vinte dias, recebi a notícia que ele tinha falecido também. Eu não tenho mais ninguém. Só tenho uma irmã, mas ela não faz conta de mim e o resto tudo é longe. É em Goiânia, é no Pará. Nos interior por aí. Tenho vontade de ir no interior, mas não tenho dinheiro pra ir e não tenho como ir de graça, só pra quem é aposentado. E eu, ainda não chegou a idade. (Dona Rosa. Entrevista em 03/05/2017).

Depois desse último encontro, no qual a moradora já percebia de certo modo o ressurgimento da violência em função do narcotráfico, coincidentemente, eu passei muito tempo sem poder revê-la, uma vez que durante todo o segundo semestre do ano ficou muito perigoso andar próximo a usina, por conta dos conflitos territoriais. Soube que seu marido

quase tinha sido baleado em um dos muitos tiroteios que acontecem costumeiramente na região. Certo dia, durante a organização de um dos eventos na associação, reconheci uma das suas netas. A garota me informou que elas tinham se mudado para o início da Rua Paraíso. Fiquei feliz e contei aqueles que estavam em volta um pouco da história dela. Decidi ir vê-la no mesmo instante:

A casa ficava em frente ao FAC, importante e antigo projeto social da comunidade. Legal! Pensei. Quase não acredito no que vejo... Uma casa bonita, com um piso sofisticado que me faz entrar descalça para não sujá-lo. Entro fazendo festa para ela, elogiando o novo lar – todo forrado e com revestimento no banheiro e na cozinha; nem de longe lembrava o antigo barraco. Abracei-a sorridente, exclamando: “Que casa linda!”, mas ela foi logo dizendo: “É, mais eu não tô feliz não”. Pergunto por que e ela desabafa. Fala, fala sem parar: “Colocaram nós pra fora de onde a gente morava! Os traficantes do outro lado da usina. Tocaram fogo nos barracos e mandaram todo mundo embora. É muito triste você ver o que é seu se acabar. Quase mataram o meu marido. Os traficantes chegaram mandando a gente sair do barraco. Ninguém saiu e eles atiraram. Eu agora tô aqui pagando um aluguel caríssimo! Minha luz e minha água são gambiarras porque não tenho como pagar. Quando desligam eu fico sem. E os antigos inquilinos aqui deixaram tudo atrasado.” (Diário de campo, 23/12/2018).

Diante de situações como essas podemos entender melhor a analogia da libélula escolhida pela poetisa anteriormente citada para descrever o Gereba e as relações travadas por quem nele vive. Dona Rosa não estava apenas tendo um mau dia, ou uma crise de mau humor, ao me receber dessa última vez. As experiências que se dão num cenário “de quase guerra” são geradoras de revolta, dor e sofrimento nos moradores e moradoras que se sentem afetados em seus corpos e subjetividades. Face aos reveses da vida, da ineficácia do Estado mínimo quanto à garantia dos direitos básicos, e da insatisfação por estar vivendo uma vida de aparências, é preciso invocar o simbolismo transmutador da libélula, a força transformadora do humano para lidar com as situações limites do dia-a-dia na periferia: “Tocaram fogo nos barracos e mandaram todo mundo embora! É muito triste você ver o que é seu se acabar.” No decorrer da conversa percebo parte das preocupações de Dona Rosa:

“Esmeralda saiu desde de manhã com a filha pro hospital e eu tô aqui sem ter crédito no meu celular pra ligar pra ela e ela também não tem pra me ligar”. No momento em que me ofereci para fazer a ligação, outros filhos e filhas dela chegaram e resolveram o problema. Todos pareciam alegres. Na entrada da casa um senhor conhecido da família passa anunciando que conserta coisas. Dona Rosa mostra um antigo DVD. Ele diz: “Vixe! Esse aqui não tem mais jeito não! Se a senhora quiser eu trago um bom e barato quando eu vier de novo e a senhora me paga parcelado.” Dona Rosa pareceu concordar. Assistir filmes e TV era a sua diversão. “Televisão pra mim só a noite mas quando me dá vontade papoco o volume dela todinho aí “! (Diário de campo, 23/12/2018).

A fala de D. Rosa traz o desvelamento de alguns dos dispositivos por ela utilizados para sobreviver num território “com precariedades” e não apenas “de precariedades”, insisto em dizer. Dentre eles a lembrança da maternagem, da experiência de ser avó, a eterna companhia dos filhos, e o entretenimento com a televisão - fluxos de delicadeza que também são constitutores do viver. Em meio às imagens poderosas da televisão, surge a vida sonhada e o desejo de que tais imagens sejam mais reais que a própria “realidade”; que elas tornem mais palatável aquilo que é vivido. O esquecer da vida, entorpecer-se, demonstra que a vida desejada tende a ser a vida vista na tela da TV.

Já quase na hora ir embora, perguntei-lhe sobre a possibilidade de uma participação mais direta na pesquisa. Ela respondeu-me: “Eu fiz uma jura de não contar mais a minha vida pros outros. Um rapaz pegou a minha vida todinha e espalhou por aí. E ele ainda por cima me deu um fogão que nem prestar prestava!” A última vez que vi D. Rosa foi quando fui tentar conhecer a filha de Esmeralda. Era uma manhã de sábado e a família estava na cozinha, de pé ouvindo a mãe relembrar enfática, uma parte da difícil história de sua família. Entrei constrangida e falei baixinho com Esmeralda. Lhe entreguei um pacote de fraldas e brinquei com a bebê que estava nos braços de uma tia simpática. Diante da tensão que pairava no ar, usei o banheiro como de costume, dei um tímido “*tchau*” e sai humildemente, consciente da minha condição de estrangeira, pensando naquela mulher que tanto me dera sem nem ao menos saber.

### **3.2 Dona Begônia: mãe, avó, ex catadora e uma das rezadeiras no Gereba**

Quando durante a pesquisa dissertativa eu perguntei a Pérola, uma das Meninas do Rap, que pessoa ela mais admirava no Gereba, a garota abriu um sorriso e disse: “Minha avó. Ela é uma pessoa muito especial. É rezadeira, tem 78 anos, teve 4 filhos, tem mais de 9 netos e trabalhou como catadora a vida toda. É uma das moradoras mais antigas da comunidade.” (Pérola. Entrevista em 09/05/2012).

Ela recebeu-me a primeira vez em sua casa em uma tarde de julho. Uma senhora simpática, com um olhar doce, um tanto nostálgico, e um ar sereno de quem muito já viveu. Apresentei-me, sentamos na pequena área de sua casa, diante de muitas plantas que ela cuida com carinho. A conversa inicial foi sobre amenidades – soube que ela também gosta de cuidar de pombos e galinhas –, antes dela começar a me contar a sua história, repleta de desafios, fé e simplicidade, que agora começo a compartilhar, na forma de diário de campo:

Eu nasci no Jardim América, e me criei em Porangabussu. Mas passei quinze anos em Quixadá. Meu pai é de lá. Eu morava aqui e já grande fui morar em Quixadá. Minha família todinha também é de lá. A finada minha vó era parteira, o finado meu avó era curador, por isso eu sou rezadeira. Eu sou viúva. Eu me casei, tive quatro filhos, mas só passei três anos com ele. Quando ele morreu a minha filha mais nova tinha uns seis meses. Eu é que trabalhava pra dá de comer. Foi o tempo mais difícil quando meu marido morreu. Eu disse: “Meu Deus, e agora o que é que eu vou fazer? Agora é rezar.” Mas aí logo fui trabalhá em casa de família. (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

No início de sua narrativa, ancorada nas lembranças do passado, Dona Begônia discorre sobre as suas origens, a ancestralidade voltada para o serviço, a fase difícil quando o marido morreu e ela teve que cuidar dos filhos pequenos; a “volta por cima” ao começar a trabalhar como doméstica e a descoberta de que ainda há vida apesar de tudo.

Em sua bonita fala e diante de uma situação limite, a perda do marido, Dona Begônia afirma a importância da dimensão transcendente em sua vida, a qual estará presente em praticamente todas as suas significações e simbolizações. “Meu Deus, e agora o que é que eu vou fazer? Agora é rezar.”

Por meio dos valores imateriais Dona Begônia busca suporte para lidar com os reveses da vida e assumir sozinha a responsabilidade em cuidar dos filhos pequenos. Sobre a vida como catadora, experiência que teve um pouco mais tarde, Dona Begônia chega a narrar às várias fases que envolveram o “percurso do lixo” no Jangurussu e no Gereba, e as condições quase insuportáveis de exploração do trabalho humano:

Tá com mais de trinta (30) anos que eu moro aqui no Jangurussu. Isso aqui tudo era lixo. Antes da usina eu trabalhei na rampa e depois fui trabalhar na usina, nas esteiras. Eu sei que eu passei dez anos trabalhando nessa arrumação. Era um trabalho muito difícil. Tava até morrendo gente! A máquina às vezes enterrava gente. Gente que passava a noite trabalhando, aí se enrolava no papelão e no lixo, aí às vezes a máquina passava por cima, às vezes rebojava lixo em cima. [...] Os meninos eram tudinho pequeno nessa época. (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

O dia-a-dia do catador e da catadora e principalmente do catador e da catadora de rua, traduz uma das mais duras expressões da desigualdade social e econômica em Fortaleza, tal como evidencia-se na experiência vivida por Dona Begônia.

O trabalho realizado no Jangurussu, no Gereba, contudo, de início na rampa e depois na usina, segundo o que continua a ser expresso por Dona Begônia, longe de expressar noções de liberdade, transformação e humanidade, manifestam o contrário disso: desumanidade e comprometimento do potencial transformador humano.

Eu ainda passei dez anos trabalhando na rampa. Tinha umas coisa que eu achava bom. Vinha as caçamba de fruta, aí despejava. Eu juntava aquelas fruta, aquelas laranja, aí lavava bem lavada, com kiboá, muita água, mas tinha gente aí, que do



jeito que vinha, sem lavar sem nada, comia era mesmo lá, tinha gente que morava era lá, tinha era barraca lá, nem em casa não ia. Só ia em casa de mês em mês. Ali almoçava, ali jantava. O que pegava comia. Era fruta era tudo. No tempo que eu trabalhava lá era assim. [...]

Mas depois ficou muito perigoso. A saúde deu em cima, o pessoal da prefeitura. Aí empataram de ir deixar o lixo lá, pra gente catar. Porque tava fazendo mal. Tinha gente que enfiava a agulha desse tanto no pé (diz mostrando o tamanho). Inchava, ficava roxo, arriscado até perder o dedo, até o pé, como muitos deles ficou foi aleijado. Uma tal duma agulha entrou na cabeça do dedo de um, aí ficou inchado, de inchado ficou roxo, de roxo teve que ir pro médico, aí não teve tratamento, aí no final de contas, cortou o dedo, aí ficou só com o cotoco no pé. Aí pronto, foi desse tempo aí, empataram o carro de ir pra lá. Graças a Deus, doença mais grave lá eu não peguei não. Aí lixo foi todinho pra usina, aí acabou-se rampa. Eu tive que ficar só na usina. (Dona Begônia. Entrevista, 31/07/12).

A falta de acesso a um padrão mínimo de consumo capaz de suprir as necessidades de subsistência, o comprometimento da saúde e da segurança dos catadores e catadoras, o forte disciplinamento por parte de quem tem as máquinas e pelos donos dos depósitos, são algumas das características do trabalho de reciclagem no Jangurussu e no Gereba. Mas Dona Begônia também se rebela e diz não às condições na usina:

[...] a gente trabalhando nas esteira não podia sair. Só podia sair aquela horinha e era só meia hora. Aí você ficava de meio dia até cinco horas da tarde. Todo tempo trabalhando ali. E a gente trabalhando na rampa a gente saía à hora que queria, trabalhava a hora que a gente queria. Eu saí, abandonei. Tava vendo que não tava dando certo, porque era um ganho muito pouco, não dava nada. Ganhava uma mixaria. A gente só faltava morrer de trabalhá! [...]

Eu sei que aqui acolá, às vezes eu tenho uma vontade de ir por lá... Porque ói! Eu achei foi bom trabalhá na rampa, era bom porque o dinheiro era pouco, mas assim mesmo, quando a gente trabalhava era na casquera, muito melhor que trabalhá nas esteira, porque a gente era liberto, podia sair a toda hora [...] Hoje a negrada é tudo doída pra eu ir pra lá! Eu digo: “Vou nada! Não vou mais não!” (Dona Begônia. Entrevista, 31/07/12).

Diante de uma vida de cotidianos desafios, entre o trabalho realizado na rampa e o trabalho na usina de reciclagem, Dona Begônia prefere o primeiro, e quando da impossibilidade do trabalho “liberto”, prefere encerrar a vida de catadora. Mesmo implicando em uma insegurança maior, a opção “escolhida” por essa mulher talvez represente uma estratégia de redução de danos e do resgate mínimo da sua autonomia, diante da forma de garantir o seu sustento:

Se a rampa tivesse aí, daquele jeito de antes, eu tava era trabalhando , tava juntando minhas coisas lá toda tarde. Mas assim, lá a gente não tinha direito a nada, nem sair a gente podia. Aí eu abandonei. Abandonei tudo! E hoje eu tenho um benefício social. (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

A postura de Dona Begônia assume a lógica de previsão, diferente da lógica de acumulação, dada a avidez dos condicionantes estruturais que mediavam o seu fazer de

catadora. Ao voltar a falar sobre família, Dona Begônia resalta a importância dos laços afetivos com os parentes e com a irmã e sinaliza que ser rezadeira é um dom de família:

Eu tenho uma irmã, ela mora lá no Conjunto Tamandaré. Ela é doente de asma. Ela é rezadeira também, mas ela tava tão veinha, aí parou de rezar. Mas ela rezou muito. Ela é tão alegrezinha a minha irmã. Ave Maria quando eu vou pra casa dela é uma alegria medonha! Ela é viúva, o marido dela morreu. Eu tenho é muito parente. Mora tudinho espalhado por aqui. Só que eles trabaíam né? Aí custa muito a vir aqui. (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

A valorização da família e a afirmação dos laços afetivos são elementos visíveis na fala de Dona Begônia, condição para a vida resistir. Esse ato de ampliar nosso domínio cognitivo e reflexivo e acolher afetos e emoções como dimensões originárias e específicas do humano é acima de tudo libertador. Em um dos poucos momentos que intervi na sua fala, perguntei sobre como e quando ela tinha percebido o dom de ser rezadeira, e sobre o serviço com a comunidade – tema que será mais aprofundado no capítulo posterior. Para alguns moradores de periferia – refiro-me aqui mais especificamente a irmã de Dona Begônia, a ela própria e ao avô que novamente é aqui por ela convocado –, manter-se de pé em meio a lesões e cenários de morte, envolve desafio, luta, inventividade e mistério:

Pois é, como eu tava lhe dizendo, minha bisavó era rezadeira, parteira e o meu avô era rezador. Botava uma toalha, pegava a água benta e o santo da devoção dele. Quando eu era pequena, todas as noite ele ajoelhava como se fosse aqui (diz imitando o gesto) e rezava o terço, toda noite. Acendia a vela de nossa senhora Aparecida e botava do lado dele. Usava o terço no pescoço e ficava com a oração aqui no braço. Eu guardei todos os terço dele, as oração. A menina a minha neta, quase toda noite ela vê ele. Porque tem mistério sabe... Uma vez ela foi sair aqui de casa e viu ele, ajoelhado, com o terço rezando [...] Quando é pra acontecer alguma coisa com a minha família eu tenho um aviso. Eu tenho aquela emoção no meu corpo, aí passa de repente. (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

Que entrelaçamentos podiam ser pensados entre a atitude contestadora e resiliente da rezadeira face a um modo de subsistir desumanamente árido e o suporte emocional dado pela espiritualidade? Refletia, enquanto a ouvia continuar.

Dona Begônia passa a expor seu universo de significações e muito da produção de si e dos seus saberes sutis, suas *artes de fazer* (DE CERTEAU, 1990), as quais também ganham ares de serviço comunitário:

Quando eu quero ir prum canto, tiver me arrumando, me der vontade de desistir, meu coração me avisar pra não ir, pode tirar a roupa e voltar! Uma vez eu tava me arrumando pra ir na minha irmã porque ela tava meio adoentada. Tava me arrumando, aí disse: “Quer saber de uma coisa, negrada não vamo não. Vamo deixar pra ir outro dia”. Ora, quase na mesma hora veio foi o monte de policial, andaram pegando uns vagabundo acolá, era tanto do tiro, tanto do tiro, bala. Eu disse: “Óia aí!” Quando tá pra acontecer uma coisa eu sei. Quando eu tô pra adoecer também, eu sei. Eu sonho. Vem aquela coisa dizendo que eu tome tal remédio, eu tomo e aí não

sinto mais nada. Às vezes as mulher que vem trazer os menino pra rezá tão aqui e dizem que vão pra tal canto, eu digo:” Negrada, vão não. Fique só por aqui mesmo. Porque aqui é quente!” Aí quando dá fê, acontece uma coisa. Eu digo: “Tá vendo?”. (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

À medida que eu ia ouvindo os relatos da ex catadora e rezadeira, me ocorria, por meio dos elementos trazidos a partir das suas experiências ancestrais, como em uma investigação surge muitas vezes a possibilidade do pesquisador ou pesquisadora - inserido na dinâmica relacional, com os sujeitos na periferia, aqui especificamente às mulheres mães no Gereba -, acessar as dimensões intuitiva, sensorial e emocional destes, de forma integrada à razão.

Ao longo da tarde Dona Begônia vai alargando a conversa e convoca a sua ancestralidade para tecer em sua narrativa a relação entre saber e espiritualidade, e entre esta e a dimensão de socialização, importante mesmo para quem opta por um modo mais reservado de ser e viver em comunidade:

Quando a minha vó morreu, eu tava com doze anos, me lembro como se fosse hoje, ela me ensinou a rezar o terço. Ela me deu um livro de reza que eu comecei a ler, comecei a ler, inté que eu aprendi de cor. Todo hora eu rezo o pai nosso, todo dia eu rezo o terço da misericórdia. E assisto a missa de Nossa Senhora Aparecida com todo gosto na televisão. Nove horas e sete horas da noite. Aqui eu não saio pra canto nenhum. Eu sou uma pessoa que eu não gosto de sair de casa, não. Às vezes as pessoa me chama pra ir prum canto aí eu vou, mas eu não gosto de casa de ninguém. Às vezes eu vou a mercearia também. Eu vou, faço as compras, aí venho pra casa. Taí! A casa desses meninos aqui do lado, meus netos, a coisa mais difícil é eu ir lá, só vou lá quando os meninos tão arengando que aí eu vou lá brigar com eles. Agora eu vou pra missa, vou pra missa na igreja todos os sábados. Segunda feira tem o terço da misericórdia, lá na associação, aí eu vou, né? (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

Em dado momento da nossa conversa Dona Begônia pede licença para ir à cozinha de onde volta com café e bolachas. Ao retomar a conversa ela demonstra que apesar do seu forte senso de religiosidade, não há espaço para fanatismo em sua relação com o sagrado:

Agora esse negócio de mistério... Tem gente que diz que todo mundo vai morrer, que vem uma bola d'água aí que foi os alemão que fez, daqui pro fim do ano acabar. Passou na televisão que vai morrer todo mundo. Eu disse: “E Deus mandou dizer pra vocês?”. “Não, mas passou aí na televisão.” Eu disse: “Quer saber de uma coisa? Por isso que tá tudo mudado. Até o inverno mudou, o inverno era seis mês. Aí começaram a inventar isso e aquilo, começaram a inventar, nosso senhor mudou o inverno. Por quê? Porque querem saber mais do que Deus. Eu digo: Meu povo, quem se acaba é nós, né o mundo não. Quando o mundo tiver perto de se acabar, nosso senhor manda um aviso lá do céu, não carece ninguém daqui dizer não meu povo, pelo amor de Deus. Se Deus quiser que dê sinal, e quiser botar os anjo pra avisar, ele bota. Quatro canto do céu ele bota os anjinhos pra tocar, tocando corneta nos canto do céu pra avisar que o mundo e as pessoas vai se acabar. Mas eu acho que vocês não tão certo não! Andar dizendo isso, que o mundo vai se acabar daqui pro final do ano porque vai cair uma bola d'água. Vocês querem ser igual a Deus.”

Por isso que o mundo tá as avessa, o mundo não, o povo. Tem havido tanta da morte, tanto desastre, tanto do assalto, em todo canto. (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

À medida que a conversa foi se desenvolvendo, a ex catadora trouxe para o centro o seu principal referencial de saber e de serviço, sua mais *importante arte de fazer*, arte de dizer, a de ser rezadeira:

Eu sou rezadeira. Eu rezo há mais de 40 anos já [...] Eu não cobro, nunca cobrei [...] eu rezo por uma caridade que eu faço, pra uma senhora, pra uma criança, pra uma pessoa que eu vejo que ta precisando. É o melhor pra você. Deus é que vai me dar. (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

O ato de rezar e não cobrar conecta mais uma vez Dona Begônia com os valores éticos e espirituais. Em relação à intensa procura dos moradores e moradoras pelos seus serviços como rezadeira, é possível que a legitimidade dessa função na comunidade revele as estratégias e astúcias das mães no Gereba, que diante da doença dos filhos e das lacunas das políticas públicas em saúde, apelam para processos outros de cura, ligados a dimensão espiritual:

Tem hora que é tanta da gente aqui atrás de rezar, tanta da gente! [...] A vida aqui é difícil. Saúde ... às vezes eu tô tontinha, aí tem que ir pro Frotinha e aí eles mandam a gente pra outro canto. Aqui, minha irmã, se você não tiver um carro pra lhe levar pro hospital, você morre aqui. A agente de saúde vem mas é de mês em mês. Aqui, esse Jangurussu era pra ser mais bem cuidado. Mas não tem é nada. Antes até tinha, o posto, a maternidade, mas agora não tem mais não. (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

Dona Begônia aponta os problemas concretos de saúde no bairro e evidencia a compreensão da saúde como bem comunitário que é de direito do trabalhador e da trabalhadora. Sem ver a possibilidade de resoluções mais incisivas serem efetivadas pelas mãos do Estado, só resta a rezadeira a lembrança nostálgica do passado.

Ao escutar a fala denúncia de Dona Begônia, percebo que já está perto de anoitecer. Mas ainda dá tempo de ouvir a moradora discorrer um pouco mais sobre as suas experiências com o bairro. Ela demonstra preocupação com os excessos de alguns moradores e moradoras com os quais se depara: “Viver na casa dos vizim, embaixo de pé de pau, encostado nos muro, é só o que tem aqui, acontece é muito. Passo e tá cada um com uma garrafinha de cerveja. Ai eu fico só na minha. Eu só digo pra mim assim: “Deus tome de conta!” (Dona Begônia. Entrevista, 31/07/12).

Até que ponto a atitude de aparente introspecção de Dona Begônia não seria uma característica subliminar da própria condição de rezadeira? Talvez o modo de ser e de

relacionar-se da moradora se explique ainda porque, de acordo com a conversa que tivemos, a base de sua sociabilidade, assim como de seus saberes e de suas artes de fazer, parece estar de fato fincada no âmbito religioso, como é sugerido ao final da sua entrevista:

Quando eu vou pro Canindé, eu levo uma garrafa desse tamanho, aí encho d'água, trago vela benta, tudo bento. Trago um ramo bento, aí quando chego já venho banhando toda a minha casinha, banho tudo. Eu vou todo ano, em novembro. Vai uma turma de ônibus. O ônibus que nós vamos, Ave Maria! Ele vai na marcha devagar, a gente vai cantando hino. De São Francisco e Nossa Senhora. É muito animado. Pois é... a minha vida é desse jeito. Graças a Deus tudo é bom. (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

A pausa e o tom de desfecho de Dona Begônia me fazem perceber que a entrevista acabou. Sorrio, agradeço e enquanto guardo o meu material na bolsa de pano, reflito sobre como as suas experiências de ex catadora e rezadeira me mostraram mais sobre a “vida dura vida” das mulheres mães na periferia em suas lutas diárias pela subsistência. Reflito também sobre os ensinamentos que estão para além disso, mas que parece-me mais oportuno discorrer no capítulo seguinte, que versará mais diretamente sobre a relação mulheres/saberes e serviço comunitário/voluntário. “É noite, despeço-me de Dona Begônia. Peço-lhe uma foto de recordação. Ela me abraça e responde que sim com um sorriso.

Figura 33 – Dona Begônia na frente de sua residência



Fonte: Arquivo da pesquisadora (31/07/12).

“Quando quiser vir pode vir. A casa é pobre, mas é nobre.” (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

### 3.3 Do Gereba para o mundo: a graduanda em serviço social e membro da organização do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)

Verbena é mãe de Ametista, uma das Meninas do Rap. Na infância trabalhou no lixão e na juventude como recicladora em grandes supermercados. Hoje é membro da ASCAJAN, da organização do Movimento Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis e está prestes a concluir o curso de serviço social. Ao entrevistá-la, pudemos entender melhor de onde vinha parte da sabedoria, coragem e criticidade da jovem Menina do Rap, aparentemente tímida que hoje começa a cursar psicologia. O nome de Verbena foi a resposta imediata de Ametista quando indagada sobre quem ela gostaria de homenagear no Gereba.

Ela é uma mulher jovem, negra, de 39 anos, e com traços de beleza; de jeito calmo e acolhedor, mas com uma fala serenamente forte. Além de Ametista tem mais dois filhos. Estava doente, com dor de ouvido quando fomos encontrá-la, mas mesmo assim não se negou a nos receber na casa extremamente simples onde mora com a mãe e parte da família. Sentada em uma cadeira de balanço ela nos conta sobre a sua difícil e surpreendente trajetória e os caminhos por ela percorridos dentro e fora da comunidade Gereba. Caminhos de onde brotam, com muita paixão e beleza, apesar das dores, os saberes e resistências, as *artes de fazer* e o compromisso com a noção de serviço de quem faz da vida um lutar coletivo:

Quando a minha família chegou no Jangurussu foi acompanhando o lixão. Veio à família inteira: mãe, avó, tio, tia. Porque antes já era a sobrevivência deles, o lixão em outros lugares: Barra do Ceará, Autran Nunes, Alto do Bode, aquela área. O Buraco da Gia também. A minha mãe veio do interior pra capital. Ela começou a trabalhar com sete anos no lixão. Quando eu cheguei aqui eu tinha uns quatro anos. O crescimento da gente foi no lixão, trabalhando. Eu comecei a trabalhar lá com nove anos.

Eu tinha muito medo do carro do lixo. Você via os tratores, aqueles carros enormes. Eu via muita gente morta lá em cima. Cheguei a perder colega de classe, morta lá em cima pelo carro do lixo. Aí eu não trabalhava casquerando. Eu deitava os tambores enchia eles, levantava e os homens enchiam de vez pra botar nos carrão e carrada de material pra descer e subir pra indústria, né? Uma vez ou outra eu segurava o tambor e também enchia. Mas tinha muito medo, muito medo mesmo. Pela total falta de respeito. É a maneira de trabalhar mais desumana que eu pude presenciar fisicamente. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Desde muito cedo Verbena se viu diante da face mais perversa do trabalho “produzido” num e pelo sistema capitalístico. Suas lembranças crianceiras mostram por um lado a realidade imposta pelo agir (des) humano, gerador do ciclo de perpetuação da pobreza -

traduzido na necessidade do trabalho infantil e nas condições também vividas por sua mãe e pelos demais catadores e catadoras, e por outro, as subterrâneas possibilidades de ruptura, as brechas e resistências que já desde então se faziam presentes em sua vida:

Quando eu era pequena eu trabalhava a semana toda e não podia parar para catar brinquedo. E eu voltava aos domingos pra poder catar brinquedo e poder brincar. Fazia coleção de “Chuquinha”. Domingo era mais calmo, não tinha tanta gente, só as pessoas que não saíam de lá. Já tinham as suas barraquinhas e aí ficavam lá direto. Não desciam porque tinha mais de dezoito metros de altura de lixo, antes tinha uns trinta metros. A minha mãe também trazia tudo de lá, comida, roupa, uma toalha, um lençol. Uma vez eu brincando, alguém disse: “Como você definiria o que seria lixão”? Eu disse: “Eu definiria o lixão como se você fosse ao shopping, pra quem tem poder aquisitivo, como um cartão de crédito sem limite”. Lá você tirava a alimentação, o vestir, o brincar... É como se você vivesse num mundo à parte sendo o seu mundo. Mas a gente se sente a margem da lei na verdade. Porque a gente não é assistida pelos direitos. Tudo o que se tem hoje, mesmo estando lá na constituição federal, mesmo estando lá na declaração universal dos direitos humanos, mesmo a gente tendo conhecimento que toda pessoa quando nasce tem o direito à vida, à liberdade, a gente já se sente excluída disso. Por que como é que um ser humano nasce dentro do lixo, tem a infância dele, ali né? Lidando com o que as pessoas têm nojo, com o que é descartável de qualquer maneira? A gente lá é descartada de tudo o que você possa imaginar. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Novamente aparece a ideia de previsão, a necessidade de gerir “o hoje e o agora”, mediando às relações de trabalho entre os moradores e moradoras de periferia, do Gereba, como Verbena continua a discorrer:

O trabalhador passa por situações que você vê, eu digo isso porque eu já vi situações que você diz: “É um trabalho escravo”. Se você perguntar pra um catador se aquele ali é um trabalho escravo ele vai dizer que não. Ele vai dizer que tem aquele trabalho ali e ele trabalha com aquilo ali e é honesto e tem que ser aquilo ali mesmo, que ele tá acostumado com aquilo ali e seja o que Deus quiser. Vai dizer que ele tem colocar comida dentro de casa, que ele tem os filhos deles e é lógico. Todo ser humano tem que trabalhar pra se manter. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Além do sentimento de empatia em relação à carga de imediaticidade peculiar a vida dos catadores e catadoras, vemos também nas palavras dessa ex catadora as antigas astúcias da menina Verbena, seu modo de ser: “eu voltava aos domingos pra poder catar brinquedo e poder brincar. Fazia coleção de “Chuquinha””. Do mesmo modo, surgem os seus primeiros entrelaçamentos com a educação e o pensamento crítico de quem sabe, tal como o poeta Maiakovski (1982), que no mais profundo “gente é pra brilhar”.

O continuar da conversa me leva a perceber como Verbena desde cedo reconheceu, porque sentiu e vivenciou, que a educação seria uma chave preciosa para a abertura de muitas portas, ou um jardim pela qual ela poderia passear:

Eu trabalhava e ia pra escola, era trabalho e escola. Gostava de estudar. Mas às vezes a gente era puxada pra realidade né? Uma realidade de sol, de chuva.

Chovendo não podia se esconder da chuva. Tinha que trabalhar todos os dias mesmo. E era uma realidade dura. [...] Às vezes o meu avô dizia assim, ele já tá morto, já faz uns três anos que ele morreu e eu tenho muitas saudades das conversas dele porque ele tinha muita coerência. Aí ele dizia assim: “De todos os meus netos se tiver algum que vai ter alguma coisa na vida vai ser tu, Verbena!”. Eu dizia assim: “O que é isso vô ...? [...]

Então, assim, o que a nossa mãe contava, o que as pessoas contavam que era só filho de rico que ia pra faculdade... que só filho de rico tinha alguma coisa na vida. Esse tipo de conversa põe medo nas pessoas, intimidam elas. Quando você começa a acreditar nessas coisas, aí é triste porque você enraíza isso dentro de você. [...] Tipo assim: Eu não posso, eu não posso, eu não posso. Aí você só se permite a viver o seu cotidiano aqui como se fosse o seu quadrado, só ao redor de onde você tá. Aí vai todo mundo ali se agrupando na ignorância do conhecimento, né? Não saí à busca do que realmente é de direito, do que você pode mudar. Quando eu comecei a ler textos, eu passei a compreender melhor, com as críticas a quem está no poder. Aí a gente passa a criar outra concepção. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

E ela continua... O seu pensar sinaliza a construção desse processo de desvelamento, de tirada da “venda” que fora colocada em seus olhos, base não apenas para a construção de seu projeto de vida e para a realização de várias conquistas - tais como a iminência da conclusão de um curso superior, mas para o florescer do seu desejo de contribuição para o desenvolvimento dos projetos coletivos:

Se eu tivesse que definir numa palavra a diária de um trabalhador, de um catador que tá aqui no Jangurussu seria desafio. Todo dia é um desafio. Porque você acordar cedo, como diz aquele rap das Meninas do Rap - O rap do Jangurussu-, “pegar a sua carroça e ir trabalhar, é uma dura a realidade.” É pai, filho e neto sendo catador. Parece assim que ele olha e diz assim: “É, eu não vou sair desse mundo aqui não, é isso mesmo”. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

A despeito do que normalmente se ouve e que ela própria relata acima – “o catador ou catadora não pode prosperar” –, com o recente ingresso de sua filha no curso de psicologia, quase ao mesmo tempo da sua graduação em serviço social, possivelmente começa a ver quebrar-se um ciclo de extrema pobreza em sua família, tal como um dia o avô intuía: “Foi muito difícil estudar. Eu escondia os meus dedos na sala de aula porque eram todos cortados.” (Verbena, trecho de Entrevista, 01/09/2012).

Certamente o desafio ao qual Verbena se referiu anteriormente e que caracteriza a vida dos catadores e catadoras no Gereba, além da melhoria das relações de trabalho no Jangurussu, trabalho no e com o lixo, passa pela precariedade das políticas de habitação, saúde, educação, esporte e lazer, como começa a evidenciar aqui:

Nossa! É muito lindo o que tem na constituição, muito lindo o que a gente tem lá. Tem que ser assim, assim...Por que é que não seguem a cartilha. A pessoa diz assim: “Ah mais eu tenho os meus direitos! Direito não é pra ter só, direito é pra buscar. Porque ninguém vem na nossa porta (bate palmas): “Olhe, você está precisando de algum exame?” Não a gente é que vai atrás. Tudo é sofrido demais.



Pra que direito maior que ter saúde? Você fica numa fila de espera pra fazer um exame. Eu tenho uma consulta pro meu filho, pro neurologista, que vai fazer aniversário de ano, em julho! e até hoje não apareceu vaga. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Desafiante também é o campo de significações, de simbolizações que envolve o modo segregador, modo estigmatizante, com que a cidade os vê. Nesse ponto ela faz a descrição da realidade em que vive, das questões sociais tão agudas e depois, uma espécie de suspensão crítica com relação à análise da exclusão e do estigma:

E assim você vê no dia a dia do catador, pessoas drogadas, alcoolizadas, sendo estupradas, mulheres no caso. Crianças sendo mortas, atropeladas por trator, carros, jovem se drogando, muitos não tinham cuidado, caíam em cima do caminhão lá embaixo e aí o carro passava por cima. A gente teve muita perda de vida. Às vezes eu fico pensando como Deus é generoso com o pobre porque quando eu vejo uma pessoa que comeu comida e vai parar no hospital e eu fico lembrando quantas vezes a gente comeu comida lá de cima e graças a Deus nunca sentiu nada, né? Eu não conheço ninguém que morreu porque comeu coisa aqui do lixão. Pobre, realmente ele vem abençoado por Deus. Parece que ele é protegido pra sobreviver porque é uma pessoa que já nasce excluída de muitos direitos.

A pessoa que cata é totalmente invisível quando chega em outro ambiente, porque eles olham pros pés aí vê logo que é pobre, olha pro vestir e aí quando ela vai e abre a boca, aí pronto, denunciou tudo, acabou! O tratamento já muda. É tão assim que quando essas pessoas chegam num canto e são bem atendidas, bem tratadas elas ficam espantadas. Porque já estão acostumadas com o contrário, que deveria ser o espanto. Ser maltratada verbalmente é o cotidiano e ela fica espantada quando alguém a recebe com educação e trata ela com dignidade. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Pela fala de Verbena percebe-se que os efeitos da exclusão social manifestam-se tanto na precarização das condições materiais para a realização do trabalho, assentadas em relações de exploração, quanto pelo seu teor simbólico, consequência do fato de que “viver do lixo” é algo que os separa do restante da sociedade, criando um fenômeno de invisibilidade e segregação geradores de um forte estigma (GOFFMAN, 1975), com acentuados desdobramentos tanto no modo como os moradores e moradoras se veem, quanto nas simbolizações a respeito do bairro:

Eu tava trabalhando antes num posto de coleta de material reciclável que vinha pras associações. Tinha uma farda, limpinha. Um trabalho melhor que no galpão. Aí me perguntaram numa entrevista: “Verbena você já se sentiu discriminada?” Eu: “Nossa! Inúmeras vezes.” Mesmo eu tando calçada, limpa, com farda. Com crachá de identificação. Mas assim, você sente o olhar das pessoas. E as pessoas, meio que assim, não é pra ter relações com elas porque o nível delas é diferente. Não levam em consideração, em primeiro lugar o ser humano. O respeito à pessoa. O respeito com o outro. Em segundo lugar, as nossas relações de pessoas, de vizinhos de morador, de comunidade, o que ela tem a ver com a minha profissão ou com a sua? Desde que a gente possa se ajudar, trocar uma ajuda mútua. Mas as pessoas olham pra você com indiferença, não encostam nem perto do local da reciclagem, nem de você, como se você fosse sujar elas a poucos metros de distância. Tem pessoas que

tem uma relação muito boa, mas o preconceito, ele existe e ele é grande. É grande principalmente com o catador de rua. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Partindo da questão do preconceito, Verbena continua a apresentar a dificuldade dos moradores e moradoras da comunidade, do Gereba, em acessar direitos básicos e elementos mínimos de cidadania. Ela passa a introduzir em seu discurso a problemática da violência, dos conflitos territoriais e a delicada relação com os órgãos de repressão do Estado:

A nossa comunidade aqui pra ter atendimento à saúde tem que ir no posto do Passaré. Não dá pra pegar ônibus porque não tem dinheiro pra pagar e mesmo assim é contramão não tem ônibus direto pra lá. Quem vai a pé, idosos, pessoas com dengue, não têm estrutura pra ir, não tem condições. É longe demais. Era melhor ir pro São Cristóvão mas agora ninguém não pode nem passar lá por causa da violência, nos é negado. Botaram a polícia cidadã, né? Mas a polícia cidadã falta com respeito com os cidadãos. Quando eles entram na periferia eles acham que todo mundo é bandido. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Em meio ao conflito narcotráfico versus polícia opressora, os mais atingidos parecem ser as juventudes na periferia, cujos desafios se colocam principalmente diante da necessidade da subsistência numa sociedade de mercado voltada para o consumo. “Os jovens aqui estão virando pastores para se afastar do tráfico de drogas.” Disse-me Verbena meses atrás.

A estudante de serviço social passa a refletir agora sobre os desafios e entraves que se colocam as juventudes desde a educação até a procura do primeiro emprego. Com isso ela demonstra enorme consonância com os princípios freireanos ao conseguir ter um forte sentimento de empatia com as histórias de vida de cada um dos moradores e moradoras, não apenas no tocante às relações de trabalho, mas com as mulheres ao tentar acessar as políticas públicas e em relação às questões de gênero; com as questões que envolvem as juventudes também:

A gente tem muita droga ainda, a gente tem muito alcoolismo entre os jovens. Cedo eles não querem mais ir à escola. Ou porque tem preguiça de estudar, ou talvez não tenham estímulo, ou porque diz assim: “Fulano estudou tanto e não conseguiu nada”. Então assim, trabalhar essa concepção, é difícil! Mas quando você tem os pais que dizem: “Vá, você tem que estudar. Você quer ir pra faculdade?” Quando você tem a opção de estudar, de ter uma profissão, de trabalhar em tal canto, fica menos difícil.

Todo mundo precisa trabalhar pra viver. O menino começou a andar com os próprios pés, e aí: “Te vira!” Não tem essa de “Vem, vamos começar aqui a arrumar uma coisa pra você fazer “. É trabalho, trabalho, trabalho. Desafio todos os dias [...] E a gente só vai ter como amparar esses jovens com políticas públicas. Mostrando que tem o outro lado da moeda. Que eles podem escolher o caminho. É o que eu digo se ao invés de fazer presídio botasse dinheiro no que nós já temos... Porque não tem um rico preso, só tem pobre. Você vê aí rico desviando milhões e não vai pra cadeia. Você vê um pobre num ato de desespero roubando uma lata de leite passa anos e anos na cadeia. Isso quebra muitas coisas que foram construídas naquele ser humano, termina de quebrar lá dentro porque nós sabemos, temos consciência que é

um sistema que não recupera ninguém. Ora, temos milhões pra construir um presídio. Vamos botar esses milhões na educação. Vamos botar esses milhões na saúde. Ao invés de construir um prédio pra fazer depósito de ser humano, lá dentro. Se você der a assistência e não fizer o certo, o conscientizar, o plantar, o educar, o ensinar, vai continuar a pobreza e eles vão continuar a roubar. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Quem olha Verbena de longe, nem imagina o quanto sua fala guarda aprendizados desses espaços que intercambiam vivências de lutas e contradições – o da produção, o doméstico e o da cidadania. Aqui a moradora revela o modo como encara as respostas que são dadas pelo Estado em relação a violência, particularmente as que envolvem o gerenciamento dos recursos públicos, e sobre o impacto dessas respostas nas subjetividades de quem mora na periferia. Muito embora não raro possa expressar indignação, ela não é sectária, nem messiânica. Ciente de que a pobreza não é uma sina e de que o estereótipo do catador não precisa corresponder necessariamente à realidade, até mesmo pela própria história que ela própria conseguiu traçar, ao invés de julgar ela passa a representá-los junto às instâncias de poder:

Figura 34 – Participação em mesa de evento representando os catadores e catadoras de material reciclável



Fonte: perfil exibido na rede social *facebook* (02/04/2018).

Verbena não apenas fala aos catadores e catadoras, mas também “com”:

Figura 35 – Apresentação em evento com os catadores e catadoras de material reciclável



Fonte: perfil exibido na rede social *facebook*. (02/04/2018).

Mesmo com uma visão crítica a respeito dos organismos governamentais, Verbena acredita nos espaços de debate com esses setores e deles participa junto com o movimento do qual faz parte:

Figura 36 – Participação em mesa de negociação com o prefeito de Fortaleza



Fonte: perfil exibido na rede social *facebook* (02/04/2018).

Por ora ela nos fala sobre o início do caminhar com a cooperativa:

Eu lembro que quando foi pra gente começar a cooperativa aqui, a ASCAJAN, eu não participei, mas minha mãe participou. Tinha aula de cooperativismo até aos domingos. Aí você imagina as pessoas lá em cima no lixão, sem a menor instrução, sem entendimento, de repente ser puxadas pra um aparelho municipal para estudar cooperativismo. Aí tinha o pessoal estudando, estudando, que não sabia ler nem escrever. Aí tinha lá a pessoa explicando tudo. Nossos parceiros eram a prefeitura por meio da EMLURB, a STDS não era nosso parceiro, só agora depois que saiu a política para resíduos sólidos, e tinha alguns outros parceiros que davam consultoria, tipo SEDURB. Eu até participei que eu trabalhava na parte administrativa da coisa. Fazer relatórios, fazer planejamento, financiamento, essa coisa toda que muitos não podiam fazer, exatamente pelo grau de escolaridade. Aí começou. Aí de repente começou a cooperativa, com duzentas pessoas e as esteiras rodando sem a menor estrutura, porque era o lixo de Fortaleza que era recolhido. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Verbena perfaz com beleza esse caminho de lutas, de resistências, de mobilização da sociedade civil e de articulação com o poder público. Recentemente eu a reencontrei, em um dos eventos na associação. Foi bonito vê-la prestigiando uma atividade organizada por outras mulheres mães no Gereba, outras heroínas anônimas, nossas interlocutoras nessa pesquisa também. Ela conversou um pouco comigo, antes de ser entrevistada por jovens educadores em mais um documentário sobre o bairro: “Eu já estou bem perto de concluir a faculdade. O meu estágio de serviço social foi no CAPS [...] É complicado trabalhar e estudar, o curso exige muita leitura. Mas daqui a pouco se Deus quiser eu concluo o curso.” (Verbena, trecho de conversa informal em 13/01/2018).

### 3.4 Dona Magnólia: Entre dores, flores, superações e uma vida de serviço

Dona Magnólia é dessas mulheres que nos surpreendem à medida que delas nos aproximamos. No passado, encantada que estava com a sua neta, a Menina do Rap Ametista e com Verbena, eu nem reparava direito naquela senhora que por vezes eu encontrava sentada em um cadeira de balanço em um pedaço de sala. Mal sabia eu do quão forte e surpreendente era a história daquela mulher. Ela é negra, tem 58 anos, 7 filhos, é recicladora na ASCAJAN - cooperativa da qual já foi coordenadora –, e por acompanhar ativamente a vida política da filha Verbena, participa indiretamente do Movimento Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis.

Quem a vê às vezes hoje em dia, bonita e animada – como por exemplo, quando saiu para a eleição na qual iria concorrer novamente à presidência da cooperativa –, não imagina os desafios que ela teve que enfrentar por toda a vida, principalmente na infância. Tivemos alguns encontros ao longo da pesquisa, o primeiro deles, por acaso, após uma pequena conversa com Verbena, a qual acabou por me informar que naquele dia sua mãe estava aniversariando. Na hora levantei-me e aproximei-me cumprimentando-a. Ao abraçá-la, a mulher caiu em um pranto profundo. “A única coisa boa que tenho na vida são os meu filhos.” O que dizer em um momento como esse, onde as lembranças pareciam ter ido longe e acessado um local ainda habitado por feridas abertas? Quase nada. O que mais fiz foi escutá-la brevemente, pois já era tarde e fiquei de reencontrá-la, dessa vez em seu local de trabalho – o galpão que sedia a ASCAJAN, dentro da usina de reciclagem.

As anotações do diário de campo compartilhado a seguir, mostram inicialmente minhas impressões sobre o trajeto até a usina e sobre o momento e o cenário em que a reencontrei:

Ao atravessar a pista e subir a calçada ao lado da Escola Delma Hermínia, pegando a rua chamada Estrada do Itapery, fui também atravessada por um fio de medo. Aquele era um caminho praticamente desconhecido por mim. A entrada do Gereba, território que eu conhecia mais de perto, ficava a uma rua depois, após um longo quarteirão, e o trajeto até a usina não era tão curto, o que me fazia sentir, de fato, uma estrangeira naquele momento. Ainda no início do meu caminho dava pra ver uma unidade de saúde (policlínica) e um projeto social (FAC). O barulho de crianças indicava que ali também funcionava uma creche, mas o que mais havia ali eram depósitos. Só depois de andar um bom pedaço, cheguei ao galpão onde funciona a ASCAJAN, no final do complexo que envolve a usina. Cumprimentei D. Magnólia. Ela estava em pleno trabalho de reciclagem. Com um sorriso no rosto, o cabelo preso e uma bermuda vermelha avisou-me que em poucos minutos entraria no intervalo e poderia começar a conversar comigo. Pedi para ficar ali observando o local e aproveitei para dar uma volta pelo galpão [...] Havia vários trabalhadores, a

maioria mulheres, realizando o processo de reciclagem. Um sistema de som amenizava a dureza do trabalho. Algumas mulheres cantavam, outras, vez por outra riam com algum comentário, ou talvez um pensamento. (Diário de Campo, 05 de maio de 2017).

Figura 37 – Dona Magnólia e outra recicladora na ASCAJAN



Fonte: Arquivo da pesquisadora (05/10/2017).

O barulho da sirene indicou o horário da pausa para a refeição. Dona Magnólia veio conversar comigo. Consegui uma cadeira e fiz de um galão menor um banco. Insistiu para que eu ficasse com a cadeira de plástico. Constrangida, aceitei. Enquanto ela pegava a comida, vi passarinhos voando pelo galpão, às vezes sobre o próprio lixo, e não deixei de achar curioso elementos tão diferentes fazendo parte da mesma cena. Dois cachorros se aproximaram atraídos pelo cheiro do lanche, dando um toque de ternura ao ambiente. Brinquei com um deles, admirando a sua beleza. Dona Magnólia dá um pedaço do seu salgado para cada um. (Diário de Campo, 05 de maio de 2017).

Dona Magnólia começa me falando um pouco do funcionamento do local. Diz que ali trabalham 30 mulheres e 11 homens. O material já era para chegar lá sem lixo, só com o que deveria ser reaproveitado, mas na prática, isso não acontecia. Ela conta que gosta do que faz, mas assim como acontecia com as outras mulheres com as quais eu costumava conversar, também tem saudade do antigo trabalho na rampa:

Eu sinto falta do tempo do lixão. A gente aqui ganhou uma maior qualidade de vida? Ganhou. Mas o ganho é muito pouco. Aqui é cheio de mãe de família, de pai de família, mas ninguém tira o seu sustento só daqui, porque se tirar o sustento só daqui, passa fome [...] Quando começou a usina, passou 11 anos com as esteiras. Do jeito que tá, sem elas, vai fazer 11 anos também. Com as esteiras era melhor, a gente tinha menos trabalho, mas a prefeitura achou que o gasto era muito caro. (Dona Magnólia. Entrevista em 05 de maio de 2017).

Ao longo de sua vida Dona Magnólia conheceu outros aterros além do Jangurussu. Essa é uma história densa, que remonta a sua infância e a difícil relação que teve com os pais, mas que pela riqueza de elementos e a interface com o modo dela contribuir hoje com a comunidade, passo a compartilhar, ainda que o relato seja longo:

Minha mãe me jogou em cima do lixão da Barra do Ceará. Eu nunca brinquei de boneca. Uma vez a gente teve que ir morar na casa de uma tia nossa, porque meu pai tava bebendo muito. Lá eles jogavam baralho até umas 10, 11 horas da noite e nós dormia bolado nos cantos das paredes porque não tinha rede pra todo mundo né? A minha mãe começou a trabalhar de empregada doméstica e o meu pai, diz que era engraxate. Ele ia pra rua todo dia, mas só chegava bebo e sem nenhum tostão pra alimentar a gente. A minha mãe trabalhava em casa de família. Todo dia trazia uma panela de comida, fazia um bolão e botava na boca de cada um dos filhos. Um dia a minha irmã mais velha me chamou pra pedir esmola e eu disse “vamo!” Ela me chamava de Nenê e eu chamava ela de Ieiê. Aí pegamos umas sacolinhas e saímos no meio do mundo pedindo. O que aconteceu foi que nós encontramos um lixão na Barra do Ceará. Eu nunca vi um lixão como aquele e eu tô com 58 anos! Daqui ele foi pro Buraco da Gia, de lá foi pro Henrique Jorge, do Henrique Jorge pra cá, daqui pro Maranguape, de Maranguape voltou pra cá de novo, e hoje é uma associação. São duas coisas na minha vida que eu vi e sei que não volta mais: Eu já assisti uma chuva de piaba! Lá no Crotá. A gente apanhou umas piaba e elas vinham da chuva. A coisa mais engraçada, caía do chão e a gente ajuntando. Caía da chuva. Gostosa as piaba. E depois lá na Barra do Ceará ... eu não sei se era começo de lixão, eu só sei que era uma coisa muito rica! Vinha umas carrocinha que parecia o Trem da Alegria. Cada uma empilhada na outra e cada uma vinha com um tipo de carne diferente. Ossada, toicinho, carne de gado, sarrabulho, a gente levava pra casa o tanto que a gente quisesse. Antes da gente encontrar esse lixão a gente passou muita fome, mas depois, acabou a necessidade! Foi assim que eu aprendi a mascar fumo, que eu até hoje masco. Na terça ia o carro do Araquém. Você levava cigarro pra casa que dava pra fumar o ano inteiro assim você quisesse. Na quarta era o carro da Fábrica Fortaleza. Bolacha e pão a gente levava de todo jeito. Aí na quinta ia um carro abençoado que ia com uns baldes desse tamanho (mostra com a mão) cheio de sorvete. Do que você quisesse. Menina! a gente levava pra casa, passava era a semana, até chegar no dia de novo. Na sexta feira era que vinha lixo. No sábado vinha o carro da CEASA com todo tipo de fruta. Eu enchia um caçuaí tão grande que eu tinha que botar no chão 3 vezes até chegar em casa. A minha irmã comia um pouquinho lá e trazia o resto pra comer em casa. Eu tinha 9 anos. Aí eu chamei a minha mãe. Eu disse: “Lelé (porque eu não chamo ela de mãe, até hoje), vamo ali conhecer um canto que nós encontrou? Lá tem muita comida. “Que canto é esse menina?” –“Vamo lá pra senhora ver! Não vá trabalhar hoje não!” Aí quando chegou lá, a minha mãe viu, gostou e aí fez uma barraca no pé do morro, chamava até Buraco da Tapuia, na Barra do Ceará. Aí fumo morá dentro. Porque ela também se encantou-se com a fartura. (Dona Magnólia. Entrevista em 05 de maio de 2017).

Após ter traçado um quadro de uma infância de algumas alegrias (vivas principalmente no lixão da Barra do Ceará, hoje desativado) e muitas dificuldades, Dona Magnólia começa a discorrer sobre a chegada da adolescência nesse mesmo cenário, o agravamento dos problemas com os pais – sendo a negligência da mãe e o abuso sexual provocado pelo pai, possivelmente os mais severos –, e a primeira gravidez:

Aí eu fui crescendo jogada em cima do lixo. Eu dormia e acordava em cima do lixo, eu ficava de pé descalço, eu não ia pra escola, eu não tomava banho, eu pelava a minha cabeça porque eu achava bonito. Eu comia tudo de dentro do lixo, e me



acostumei nisso. Eu aprendi a mascar fumo, eu provei cachaça e não gostei. Nisso eu fiquei com 12 anos. O meu pai vivia bebo e a minha mãe começou a namorar outros homi . Ela deixava a gente sozinha em casa mais o papai. As irmãs mais velhas foram saindo de casa e eu fui ficando. Ele queria mexer comigo, esfregava as parte dele na minha rede. Eu corria dele e depois apanhava.

Minha mãe danou-se a namorar, já não tava mas “nem aí” pra gente! Minha mãe teve uma menina nesse tempo e jogava a menina pra cima de mim, mode eu cuidar. Era a menina nos meus braços e o papai bebo botando boneco. E o pior era que o papai ainda queria ter as coisa comigo, e eu não queria. Com doze anos de idade eu vi um homem jogando sinuca e eu me apaixonei de uma tal forma que eu me ofereci pra ele. Ele era um marginal muito conhecido. Puxou 14 anos de cadeia e tinha mais de 20 mortes. Só uma vez que eu fiquei com ele eu engravidei. Foi só aquilo. Eu fiquei sozinha e tive o meu primeiro filho. O pai dele acabou morrendo. Eu tive ao todo 7 filhos, o mais novo tem 22 anos. (Dona Magnólia. Entrevista em 05 de maio de 2017).

Que impactos Dona Magnólia, a mulher que na infância nunca tivera uma boneca, teria sofrido em sua subjetividade e autoestima, no modo de perceber-se no mundo, perceber o seu corpo (seu primeiro mundo), após crescer no lixo e vivenciar a profunda negligência dos pais e os sucessivos abusos sexuais? A líder comunitária continua a discorrer sobre a complexa relação com os homens, os novos ciclos de abandono e pobreza, a problemática das drogas no ambiente familiar e os maus tratos pelos parentes – alguns dos desafios que Dona Magnólia teve que enfrentar na sua precoce vida adulta:

Eu acabei me apaixonando por outro homem. Um homem casado, que tinha 5 mulheres além da mulher dele. Eu não enxergava mais nada na minha frente, esse homem pra mim era a coisa mais linda do mundo. Eu cheguei ao ponto de me oferecer pra esse homem também. Hoje eu sei que ele foi um canalha, um covarde. Eu peguei um bucho, também já na primeira vez, com pouco mais de 12 anos. O papai descobriu, me deu uma surra, eu bati a barriga no canto de um baú que a gente tinha e eu perdi essa criança. Com isso eu fiquei doente, passei 2 anos muito doente. Até 28 anos eu morava com a minha mãe. Aí meus irmão começou a crescer, começou a beber, começou a usar droga. E eu já com 4 filhos morando comigo lá. Tudo o que eu pegava era pra dentro de casa. Quando eu tinha dinheiro eu era bem tratada, quando eu não tinha eu era espancada. Aí resolvi fazer uma barraca na beira do rio. Quase na época que eu fui ter a Verbena. Lá eu passava muita fome. Eu comia muito barro pra matar a minha fome e bebia água porque não tinha comida. (Dona Magnólia. Entrevista em 05 de maio de 2017).

Possivelmente nenhuma outra narrativa tenha me emocionado tanto quanto a daquela mulher. Boa parte de seus relatos ficarão para o próximo capítulo e outros, igualmente fortes, para o tópico que fecha este, que versará sobre “como é ser mãe e mulher no Gereba”. Saber que ela tinha transmutado parte das suas dores, tornando-se uma importante liderança comunitária, se realizado como mãe e agora como avó – que assistia a entrada da neta na faculdade -, tudo isso trazia um certo alívio nos momentos de maior tensão, nos quais, por vezes, parávamos por alguns segundos, para então continuar. As anotações do

diário de campo que se seguem, mostram uma interrupção na entrevista daquele dia, coincidentemente no momento em que Dona Magnólia mais se emocionara:

A sirene tocou avisando o final do intervalo. Agradei pela atenção e pedi para observar mais um pouco, sentada de onde estava, aproveitando para refletir, me recompor emocionalmente e fazer algumas anotações sobre a conversa. Como ao chegar não identifiquei-me formalmente para o grupo, com o intuito de não atrapalhá-las, uma ou outra mulher às vezes vinha perguntar quem eu era. Uma delas quis saber se eu iria falar com mais pessoas – soube depois tratar-se da atual presidenta da associação. Acabei conversando também com a assistente social que trabalhava no local, informando-lhe sobre a minha pesquisa e o motivo de estar ali. (Diário de Campo, 05 de maio de 2017).

O encontro posterior com Dona Magnólia foi um pouco mais animado. Ela contou-me sobre as suas alegrias e astúcias, sobre a vida que resiste, se reinventa e ainda produz encantamentos:

Aquele seria um dia puxado realmente. Após uma manhã envolvida com outros afazeres, eu iria de ônibus até o terminal de Messejana, almoçaria cedo e retornaria a ASCAJAN antes do trabalho recomeçar. O sol era muito forte, na volta às 12:30h. Somente naquele momento, reparei, ao entrar novamente na usina, na grande quantidade de flores perto do prédio da administração. Um fluxo de ternura invadiu-me. Lembrei-me do quanto fiquei feliz quando a antiga gestão municipal passou a utilizar a pintura de grandes e belas flores nos caminhões que faziam a coleta na cidade. O movimento da tarde parecia estar mais intenso. Um caminhão trouxera mais material para a usina. [...]

Dona Magnólia começa a conversa num tom militante: “A gente pra conseguir as coisas, pra garantir a nossa sobrevivência, tem que lutar, lutar muito! Essa manifestação Fora Temer (porque ela tá acabando com a vida dos brasileiros), um canto aqui, que nem nós, uma associação organizada, isso aqui era pra ter fechado as portas e ido todo mundo! Porque a luta não é só minha, a luta é de todos. Tem muita gente que diz que eu falo muito, mas eu falo mesmo! Eu não tenho é dinheiro, mas tenho a boa vontade de falar, de trabalhar, eu ainda trabalho é muito! Eu sou honesta. Eu nunca pensei em vender uma balinha de maconha, ou uma pedra. Eu compro fiado, se eu achar quem me venda. A gente não é beneficiada pelo governo. Nós somos agente ambiental, nós não somos rampeiro! E isso de dar palestra pela associação é pra esclarecer pro poder público que a gente existe. A gente não é transparente! [...]

Eu vivo do lixo até hoje. A gente só melhorou o sol, porque o ganho não melhorou. Aqui foi o lixo onde eu vi mais morrer gente. Tanto de bala, como atropelado. “Lá era a lei do murici, cada um por si, mas a gente se esforçava mais; agora nesse galpão, como tudo é dividido em partes igual, o esforço é menos.” Aqui tudo é dividido entre a gente e tem uns que ganham uma porcentagem a mais. Tem a secretária, a presidente, o pessoal do caminhão; a gente tira o das despesas, aí tem refeitório, e a parte menor fica pra quem trabalha mais. Certo que aqui a gente não tá levando chuva, não tá levando sol, lá a gente ficava sujeito a levar uma furada de prego, ficava exposto a um câncer de pele, muita coisa poderia acontecer. Diminuiu mais a gravidade do risco da gente, mais o ganho piorou muito.

O que a gente ganha aqui não dá pra gente se alimentar direito, pra pagar água, pagar luz. A gente tenta dar o nosso jeito. Tem muita gente que diz: “Mulher tu anda de ônibus de graça?”, eu digo: “Eu ando”. Sabe por quê? Porque eu trato todo mundo bem. Eu mostro a minha identidade pro motorista e quando eu vou descer eu digo: “Meu filho, Deus te dê muita paz e saúde, que o teu dia seja muito abençoado.” O que ele fez por mim eu retribuí com uma boa palavra. Muitos deles

dizem que tem gente que sobe com uma cara tão ruim que dá vontade de não parar mais pra aquela pessoa. (Dona Magnólia. Entrevista em 05 de maio de 2017).

Junto com o trabalho e a vida política, a qual será melhor detalhada mais adiante, assim como os afetos em família e as astúcias para enfrentar o dia-a-dia, Dona Magnólia passa a revelar outra importante dimensão que marca o seu existir:

Eu tenho muita fé em Deus. A gente tem que rezar, se recomendar a Deus. Se uma pessoa faz o mal pra mim eu baixo a cabeça e digo: “Senhor, tu toma de conta.” Eu já passei por tantos problemas na minha vida, só ele resolveu. A gente deve pedir o que for bom pra gente e pros outros. Uma vez eu passei uma grande aflição, mas um mês depois eu pedi pra uma filha minha tentar uma aposentadoria pra um filho que eu tenho. Ela foi lá e o pedido foi aprovado de cara! Taí! O menino aposentado há 20 anos! Porque Deus faz essas obras na minha vida? Porque eu não desejo o mal a ninguém e nem faço o mal [...] Nem meu pai nem minha mãe não me ensinaram a rezar. Eu ouvia falar por aí que rezar era bom. Até hoje eu não sei rezar uma Salve Rainha, com 58 anos. Mas o Pai Nosso eu aprendi e a Ave Maria. Toda vez que eu passo em frente a uma igreja eu sinto um pensamento bom. Uma vez um velhinho me ensinou uma coisa que é uma verdade verdadeira: “Basta dizer no coração 3 vezes, não precisa nem falar – “Deus por mim, nada contra mim. Você atravessa o mundo com isso!” (Dona Magnólia. Entrevista em 05 de maio de 2017).

O final da entrevista teve a espiritualidade como tema. Ela parecia ser uma importante chave capaz de abrir portais diante dos contínuos ciclos de vida-morte-vida pelos quais passara aquela mulher. A última vez que vi Dona Magnólia ela estava radiante em um vestido longo e colorido. Maquiada e com adereços que realçavam a pele negra, ela iria ser entrevistada por jovens educadores que preparavam um documentário sobre a comunidade. Abraçou-me em meio a um evento organizado pelas mulheres mães que são voluntárias na associação D. Aloísio Lorscheider, várias delas participantes da nossa pesquisa. Nele pude ver em diferentes momentos a avó, a mãe e a neta – mulheres no Gereba – que por meio de seus saberes, suas astúcias e suas *artes de fazer* e de dizer, suas resistências, fazem daquela família, algo tão parecido quanto à família de tantas outras mulheres naquela comunidade, e ao mesmo tempo, tão único.

Eis o registro de mãe filhas juntas num momento de militância:

Figura 38 – Dona Magnólia segurando a bandeira do MNCR, vestida com a blusa da ASCAJAN, ao lado da filha Verbena em uma manifestação



Fonte: facebook da integrante do MNCR (25/03/2018).

A minha vida é essa. Eu ainda acho que eu tenho uma vida muito abençoada, tenho a minha vida, tenho os meus filho, tenho a minha casinha e eu ainda tenho muita coisa pra dar pra frente. Se Deus quiser eu vou viver muitos anos de vida e eu ainda vou fazer muita coisa por muita gente, e vou achar muita gente que faça por mim também. Essa fé eu tenho naquele Pai! (Dona Magnólia. Entrevista em 05 de maio de 2017).

### 3.5 “Eu morri e depois voltei”. Lótus, mulher de muitas quedas e muitos voos

O que dizer de início? Lótus, 37 anos, ex recicladora. Tem 4 filhas ainda pequenas, sendo que uma delas mora em Recife. É voluntária na associação de moradores e moradoras – tendo passado, porém, um bom tempo afastada no último ano. Sobre ela já comecei a falar desde a introdução desse trabalho. Talvez essa pesquisa nunca tivesse existido não fosse a contribuição dela, ou no mínimo, os meus caminhos de inspiração etnográfica teriam sido bem mais tortuosos. Foi ela a primeira mãe que eu encontrei no contexto específico da pesquisa de doutorado, quando buscava então um novo tema. Tal encontro, que se deu “por acaso”, também foi narrado anteriormente, uma vez que foi por meio dele, e dos muitos atravessamentos que me proporcionou, que eu reconheci querer investigar a vida das mulheres mães na periferia – mais precisamente as suas expressões de resistência, expressas por meio de suas trajetórias, experiências, saberes e práticas sociais que dialogam com a

noção de serviço comunitário/ voluntário na comunidade Gereba. Logo de início senti que ela seria uma das minhas principais informantes na pesquisa.

Lótus trabalhava como recicladora em um grande supermercado no bairro Parangaba, mas em 2017 foi demitida. Ela está casada pela segunda vez, o que amenizou um pouco a questão financeira nesse momento difícil. Ela vive hoje novamente com o primeiro marido. Talvez a sua marca principal seja o contagiante entusiasmo, associado a uma espontaneidade peculiar, que às vezes resvala num agudo senso crítico. Sua história é marcada por “inúmeras quedas” e “inúmeros voos”. Várias surpresas também. Ela foi dependente química por mais de 12 anos – estando há dois, sem usar nada. Por muitas vezes se viu “no fundo do poço”, a começar pelas dores na infância, história que eu passaria a conhecer em uma tarde de junho de 2016, enquanto caminhávamos pelas ruas do Gereba.

Voltávamos da usina de reciclagem, que ela acabara por me mostrar, após o reencontro anteriormente citado, com parte das Meninas do Rap em função da entrega de um artigo sobre a experiência com aquele grupo. Ela contou-me parte da história de sua vida, num relato longo, concluído enquanto lavava roupa, após eu ter aceito o convite para conhecer a sua casa. Uma parte forte e significativa da entrevista, porém, ficará para o tópico final deste capítulo, quando iremos abordar “como é ser mãe e mulher no Jangurussu”:

Minha mãe me teve bem jovem e me deixou largada no barraco que ela morava aqui no Gereba. Foi pra São Paulo porque meu pai me fez e sumiu. Lá ela procurou emprego, mas não deram. Ela não tinha estudo, acabou sendo prostituta. Ela se fechou pra ela e foi só coisa ruim. Mas nisso ela também conseguiu ganhar muito dinheiro. Só depois ela veio. Quem me pegou foi a minha avó. Eu fui registrada no nome dela, fiquei com ela até os 13 anos. Acho que a minha mãe puxou o meu avô. Ele só queria beber cachaça. Ele furou a barriga da minha vó, batia nela. Minha avó me ensinou a trabalhar, a respeitar, e a quando ela estivesse velha, a cuidar dela. A não querer me ajuntar com um homem que bebesse. A trabalhar para ajudar ela. Ela queria que eu fosse uma pessoa direita.

Minha mãe me pegou de volta, quis me comprar dizendo que ia me dar às coisas, que eu não ia precisar estudar, mas eu não quis ir. Ela me levou a força. Ela vivia muito bem financeiramente, era prostituta, só andava arrumada, de salto e cabelo feito. Era muito bonita. Nossa casa tinha de tudo: sorvete, chocolate, videogame, celular, tudo a gente tinha, só não tinha amor. Quando eu descobri que minha mãe era prostituta eu tive muita vergonha dela e não queria que ela fosse minha mãe. (Lótus. Entrevista em 27 de junho de 2016).

Vimos que a mãe de Lótus também foi uma mulher que cresceu no Gereba. Ela sentiu de perto e reproduziu a violência doméstica na sua forma mais aguda. Dividida entre o vazio emocional da mãe, que resvalava em sucessivos maus tratos para com os filhos, e imersa em uma rotina marcada por compensações maternas, Lótus vê a juventude chegar e com ela o acirramento da sua revolta com a “pobre vida rica” que levava:

Quando eu fiz 15 anos ela fez uma festa. Com valsa com coroa. Muita carne, muita bebida, muito presente bom. Mas não era aquilo que eu queria. Eu queria só um abraço dela e ela não deu. Com 18 anos ela me deu um carro. Aparentemente a gente vivia bem. Uma chinela Havaiana daquele tempo a gente não usava de jeito nenhum! Só sandália. Os móveis eram quase tudo da Jacaúna Decorações. Só que dentro de casa não era assim. Ela me batia muito e nos meus irmãos. Dizia que nós éramos os empregados dela. Se ela passasse a mão num móvel e achasse sujo ela batia em nós tudim. Nós tinha que trabalhar arrumando a casa e também na confecção dela. Ela era muito agressiva com a gente e com todo mundo. Era peia na hora de dormir, era peia quando acordava. Se eu fizesse errado apanhava, se eu fizesse certo apanhava, então eu comecei a fazer tudo errado! Comecei a usar maconha, depois loló e depois o crack. Eu usava de manhã, mas não queria de noite. O que eu queria era proteção que hoje eu tenho, de Deus, da minha família, mas naquela época eu não tinha. Ela era como se fosse um Deus. As pessoas tinham medo dela. Quando ela deixou a prostituição foi trabalhar de agiota, ganhou mais dinheiro ainda e ficou pior, furava quem devia a ela. Eu fui ficando agressiva também e chorava muito. Quando eu me envolvi com droga mesmo, ela vinha pra cima de mim e eu avançava nela também! Eu acabei ficando ruim. A minha mãe construiu um império. Ela tinha 8 casas. Só andava no ouro.

O segundo marido dela usava drogas. Foi ele quem me deu crack pra experimentar. Ele abusou várias vezes de mim. Eu falei pra minha mãe e ela não acreditou. Ele batia muito nela. Só quando eu me metia no meio era que ele parava. Ele botava coisa na bebida dela pra ela dormir. Eu queria sair às vezes porque sabia o que ia acontecer e ela não deixava. A minha vó queria me pegar de volta e ela não queria. Dizia que eu só ia sair de lá num caixão. Eles separaram. Mesmo depois que ele saiu de casa ela me mandava ir atrás dele pra conseguir droga. Eu não queria porque sabia o que ele queria comigo, mas ela dizia: “você vai! Você vai!” Depois ela arrumou outro. Ela gostava muito desse último. Ele era viciado também. Mas aí ele ficou com uma menina de 16 anos. Eles tiveram uma crise, minha mãe começou a usar droga para ficar mais com ele; se enturmar com os amigos dele. Até que ele morreu e ela virou dependente mesmo, vendeu carro, casa, não fazia mais empréstimo, só droga, droga! Ela sumiu num natal há 10 anos. Sumiu no mundo e nunca mais voltou. Hoje eu entendo e perdoou a minha mãe. (Lótus. Entrevista em 27 de junho de 2016)

A entrevista teve fim aquele dia com essa tocante afirmação de Lótus. Voltei para casa em meio a pensamentos e ondas de emoção dentro do ônibus Parangaba Messejana. O encontro seguinte só ocorreria meses depois, tempo necessário para refazer em parte o projeto e formalizar a mudança de meu objeto de estudo. Lembro-me que devido ao fato dela não ter telefone, o encontro não foi previamente marcado. Eis as anotações do diário de campo:

Perguntei em uma residência onde era a casa de Lótus - fazia alguns meses que tinha estado ali pela última vez e não estava bem certa do caminho. Uma senhora idosa que estava sentada observando a rua me atendeu e pediu para o neto adolescente me acompanhar. Mas ainda no caminho a encontramos. Estava com a filha menor no braço, com um aspecto muito bom e bastante alegre. Ela me reconheceu de imediato. Convidou-me para ir a sua casa. Logo na entrada percebi significativas diferenças. O chão estava agora com piso, a sala continuava ainda bem simples, porém mais estruturada e agradável. Ela sorriu pra mim, apontando já na cozinha para a pequena feira que fizera: “Olha! Antes não tinha isso!” - Como que percebendo as minhas reações, exclamou entusiasmada: “Tá tudo tão bem! Eu me ajuntei de novo com o meu primeiro marido!” (Diário de campo, 10 de dezembro de 2016)

É claro que a alegria e a curiosidade me fizeram perguntar mais por aquela estória. E novamente por meio da pesquisa, dada a interação com mulheres como Lótus e as anadarihagens pelo Gereba, eu reconhecia o potencial “transformador” da vida:

No início eu fui morar com ele para sair das garras da minha mãe. Mas ela acabou montando uma casa do lado pra mim e ele. Passamos juntos só dois meses lá. Minha mãe colocava as coisas dentro de casa e por isso queria mandar. Ela tinha um comércio e a gente pegava tudo de lá mesmo. Acabou que não deu certo porque a ex mulher dele também perturbava muito a gente e eu também fiquei com mais medo da minha mãe. Mas eu acho também que naquele tempo não tinha amor. Eu não acreditava em amor. Eu não acreditava em Deus, porque a minha vida era só sofrimento [...]

A gente separou e eu tive que voltar pra casa. Acabei entrando nas drogas e me juntei de novo, com outro homem. Acontece que esse meu marido foi morto. No começo eu não sabia que ele era errado. Ele era de Recife, era ruim por lá, mas aqui ele era normal. Ele cheirava pó escondido, ia pros cabarés, deixava faltar as coisa em casa, levava homem pra beber na nossa casa, usava crack. Aí ele quis voltar pra Recife porque os meus irmãos começaram a pressionar ele. Eu disse que ele fizesse o que ele achasse certo. Por um lado eu não podia dizer nada porque eu também já era uma viciada. Fui morar com uma tia. Com 3 meses ele ligou dizendo que o dinheiro para eu ir morar com ele ia chegar no outro dia. Que eu podia ir, porque ele já estava trabalhando e não estava mais usando drogas. Mas no outro dia o que chegou foi uma ligação dizendo que tinham acabado de matar ele. Aí que eu fiquei perdida, porque eu gostava dele. Ele me tirou dos poderes da minha mãe. Eu tive uma filha com ele e apesar de sofrer, com ele eu tinha mais liberdade. Depois que ele morreu eu entrei nas drogas de vez e na prostituição. Engravidei de mais três meninas, nenhuma tinha pai conhecido. Eu quase morri no parto da minha filha mais nova, foi quando a minha vida mudou. (Lótus. Entrevista em 10 de dezembro de 2016).

Lótus refere-se aqui a experiência de EQM (experiência de quase morte) que teve, também narrada anteriormente. Segundo a ex recicladora, o encontro com a dimensão espiritual promoveu a cura física e emocional para sua vida. Ela assumiu de vez as filhas, largou as drogas, arrumou um emprego e viu fluir fluxos de prosperidade:

Depois de ter a minha filha mais nova eu fiquei sabendo que o meu primeiro marido tinha virado traficante, tinha ido morar fora. Soube depois que ele tinha ido preso duas vezes, que tinha sido libertado e que estava trabalhando na usina. Os filhos dele que são gente boa me viam e sabiam que eu tinha mudado de vida. Começaram a falar dele pra mim (diz rindo). Disseram uma vez que ele tinha me visto por aqui e tinha me achado bonita. Um dia a gente se viu por acaso e começou a conversar. Eu me senti uma adolescente! Ele quis botar a mão no meu ombro e eu não deixei. Quis me beijar e eu perguntei se ele era louco! Ai pediu para vir dormir aqui. No início eu não quis, disse que ele não ia levar a sério uma ex prostituta e ex viciada. Ele disse que não interessava o meu passado, mas o meu presente. Veio, dormiu aqui e na manhã seguinte quis levar as meninas para a escola. Disse que queria ficar comigo e assumir as meninas. Elas hoje chamam ele de pai. (Nessa hora a filha mais velha, que ouvia também o relato, completou dizendo alegremente que ele era muito engraçado e que trazia as coisas pra casa) [...]

Hoje eu tenho alguém para me dar força, pra conversar. Estou até mais calma; eu era muito agitada. Era muita coisa. Eu tinha que resolver tudo pros meus irmãos, pra minha irmã. Agora não. Eu cuidava de todo mundo, do meu irmão que tem HIV e é dependente químico como eu era. Agora eu encontrei uma pessoa pra cuidar de

mim. Ele se dá bem com os meus irmãos, pra ele tudo está bom. Estamos juntos há dois meses. (Lótus. Entrevista em 10 de dezembro de 2016).

O lado mais animado da conversa surgiu também junto com uma interrupção necessária, dado os afazeres de Lótus como mãe. Assim que ela pode retomar a entrevista pôs-se a falar sobre o lado bom e ruim de morar na comunidade. Nossas entrevistas, quase sempre, só não eram uma conversa de todo, dado ao gravador que eu mantinha ligado – para o deslumbre das filhas e o meu eterno jogo-de-cintura em procurar entretê-las enquanto tentava realizar essa ação. A seguir mais das anotações do diário de campo:

Lótus pede licença para fazer um suco para as filhas, as quais passam a se distrair dessa vez olhando o meu celular. Nossas conversas muitas vezes precisavam ser interrompidas para que ela pudesse dar atenção também para as meninas que sempre tinham algo a dizer ou pedir, não raro, todas ao mesmo tempo. Naquele dia eu havia levado biscoitos para agradá-las e também para conseguir um pouco de privacidade com a mãe. Enquanto as meninas lanchavam ela continuou a falar, depois de ser indagada sobre como era morar no Gereba. (Diário de campo, 10 de dezembro de 2016).

Morar aqui não é ruim. A gente não passa fome com a usina. Lá deve ser muito abençoado mesmo, porque as pessoas trabalham lá e não ficam doentes. Eu mesma no passado já levei uma agulhada. Melhorei e depois eu passei a usar luva. 90% do Gereba é trabalhador da usina. Eu não trabalho mais na usina. Fico no Extra (supermercado) da Parangaba, na parte de reciclagem. Trabalho só de manhã e depois do meio dia estou em casa [...]

O jogo de futebol do Herbert (coordenador dos grupos Meninos e Meninas de Deus) é uma coisa muito boa aqui! E tem também a associação! O ruim daqui é que os filhos da gente não podem sair. Tá tendo muito tiroteio de novo, depois de um ano de paz. Um rapaz foi comprar droga do outro lado do Gereba e mataram ele degolado. Lá já é a Babilônia! O pessoal daqui revidou com tiros e daí começou tudo novamente. Eles não devolveram o corpo, o COTAM que foi buscar. Do lixão para lá a gente não pode passar. E é qualquer um! (Lótus. Entrevista em 10 de dezembro de 2016).

O cenário que Lótus perfaz sobre a comunidade retrata as dores, as alegrias e o desafio em relação à questão da violência. Ela ainda reafirma a importância do trabalho com a reciclagem – quase uma unanimidade na narrativa das mulheres que moram no Gereba e participam da pesquisa –, ainda que reconhecendo também as más condições de realização deste trabalho. Na sequência da nossa conversa, ela conta sobre o trabalho como voluntária que desenvolve na associação de moradores e moradoras e sobre o seu maior sonho:

Após as filhas lancharem, Lótus tinha pedido licença novamente; dessa vez para ir guardar a louça na cozinha. As três filhas correram para conversar comigo. Elas eram muito carinhosas, vez por outra me abraçavam. Abri a bolsa e entreguei-lhes papéis e canetas para colorir. Na volta, Lótus passou a discorrer sobre o trabalho como voluntária na associação. A conversa foi retomada enquanto ela pegava a roupa estendida no varal em frente à sua casa. (Diário de campo, 10 de dezembro de 2016)



Faço trabalho voluntário na associação. Na limpeza. Lá tem capoeira, tem karatê, zumba. É no meio da rua! As pessoas dançam, não estão nem aí! Eu, a Jasmin também né? - Diz, perguntando em tom alto para a filha do meio, que para de desenhar e começa a dançar zumba na sala. “O padre Dantas quem trouxe essas coisas!” - conclui. (Lótus. Entrevista em 10 de dezembro de 2016)

Vejamos o registro de Lótus com o grupo de pessoas da associação:

Figura 39 – Lótus vestida de azul com as pessoas do projeto Amo Cuidar



Fonte: facebook de participante do grupo (11/05/2017).

Quando perguntada pelos seus sonhos Lótus afirma que queria que a filha que mora em Recife viesse morar com ela e que a mãe voltasse para junto da família. “Nós já pensamos até em procurar por ela indo nos canais de TV!” Com essa tocante afirmação, Lótus parece deixar o passado ir como uma folha que cumpriu seu ciclo e agora ganha o mundo, sendo lembrado não mais como peso, mas como parte das muitas histórias que compõem a sua vida. Vida que continua... fluindo, num constante devir!

### **3.6 Dona Orquídea: Agente de saúde e avó. Uma liderança que para ser, nem precisa se sentir**

Dona Orquídea é uma mulher negra, casada, mãe e avó, de 62 anos. Tem 4 filhos e 3 netos. O atual marido é um dos coordenadores da ASCAJAN. Ela é uma das mais antigas

moradoras da comunidade Gereba. Às vezes parece uma menina, dada a sua grande agilidade. O modo como pensa, como fala, como faz as coisas, tudo nela é movimento. Sua trajetória é bastante peculiar. De todas as mulheres entrevistadas ela foi à única que não se envolveu com o trabalho de reciclagem, mesmo tendo acompanhado toda a trajetória com o lixo no Jangurussu. Há nela uma sabedoria que vai se mostrando aos poucos e uma meninice no jeito de olhar e sorrir. Por ser uma liderança comunitária e também agente de saúde concursada, ela é uma das pessoas mais conhecidas no bairro, uma referência, sempre procurada para dar entrevistas sobre a história da comunidade. Ela foi uma das mulheres que mais me acolheu durante a pesquisa: “Ciça! Tu devia vir logo era morar aqui!” Disse-me um dia.

A impressão que eu tenho é que seu jeito “aperreado”, dentre outras coisas, a torna uma pessoa quase folclórica no bairro. Sua trajetória é marcada pelo envolvimento social e político em prol da comunidade, ainda que ela não se considere uma liderança no Gereba. Dona Orquídea parece ser uma articuladora nata e foi uma das fundadoras da associação Dom Aloísio Lorscheider. É sempre procurada pelos jovens e pelas jovens do Cuca, pelos educadores e educadoras e artistas da cidade. Participa desde o início do projeto Amo Cuidar e no ano de 2017 foi uma das principais mulheres a querer que as ações no antigo prédio da associação ganhassem um novo rumo.

Nesse mesmo período, ela ficou à frente da criação do grupo de mulheres, com sede no prédio da mesma associação. Sua mais recente conquista foi a participação direta no processo de criação da biblioteca comunitária – que funciona também no mesmo espaço. Os trechos do diário de campo que partilho a seguir, mostram a princípio como se deu o nosso primeiro encontro propriamente dito. Ela me recebeu em sua casa, na área, de onde vez por outra parava para abordar ou ser abordada por alguma outra mulher a sua procura:

Marcara com Dona Orquídea na sede da antiga associação, para iniciarmos a conversar antes de mais um encontro com as mulheres gestantes. A casa da agente de saúde ficava a poucos metros de distância e fazia parte do caminho. Durante o percurso percebo garotos andando de bicicleta, algumas jovens nas calçadas vendo os seus celulares. Ao me ver passando, D. Orquídea grita de sua casa que a reunião fora remarcada e me chama. Entro e vou até a porta da sala onde ela está assistindo televisão. Sem levantar ela diz: “Eu já tava pensando - meu Deus, que horas essa mulher vai vir?”. Ela pede que eu sente na área, que descanse e aguarde ela acabar de ver uma cena de um programa de TV: “Chaves.”

Acho aquilo curioso, mas aproveito para observar melhor o local. Dona Orquídea morava em frente a um dos inúmeros depósitos de material reciclável. Homens trabalhando e caminhões barulhentos na rua. Dentro da casa, na área onde eu estava, havia cartazes sobre saúde pregados na parede. O armário com livros na área, também era um diferencial. Ali parecia ser uma família na qual o estudo fazia parte do cotidiano dos seus membros. Minutos depois ela surge na porta, comentando o motivo do cancelamento da reunião. Abraça-me, senta-se na minha frente e pergunta sobre o que eu quero saber. Peço que naquele momento ela apenas me conte sobre a sua vida. (Diário de campo, 31/05/2017).

Dona Orquídea começa falando rapidamente sobre a infância, a relação com o estudo e com o trabalho. Passado e presente se misturam no decorrer da sua narrativa:

Bem, eu não pensava em morar no Jangurussu. Morava no interior quando era pequena. Depois vim pra cá. Morei na Aldeota 5 anos, morei na Antônio Sales 2 anos e pouco. Eu era empregada doméstica. Eu já fui tudo na vida. Fui doméstica, fui costureira e estudava também. Vim estudar depois de grande. Quando eu era pequena, nós não estudava, nosso pai só queria saber de rogado. Aí conheci o pai das minhas filhas grandes. Tivemos que ir morar em Messejana com a minha mãe. Engravidei da minha primeira filha. Meu marido bebia muito e eu não queria que ele ficasse muito tempo com a minha mãe, com os meus irmãos, porque dava confusão. Aí eu disse pra ele: “Vamos ter que ir simhora desse lugar.” Aí ele disse: “Pra onde?” “- Lá pra onde tu trabalha”. Porque ele já vinha pro Gereba e passava uma semana, duas semanas aqui em cima desse negócio (Dona Orquídea refere-se ao lixão). Ele disse: “Lá não dá pra tu não! Tu já tá com começo de gravidez e lá é um lixão.” Eu disse assim: “E como é que o outro povo mora? Lá não tem mulher que tem bebê? Lá não tem mulher que tem criança?” “- “Tem”, ele disse. “Tem muita criança. Tem até uma escola.” “Pois então vê se você arruma uma casa por lá.” (Dona Orquídea. Entrevista em 31/05/2017).

A chegada da vida adulta, do casamento e da primeira gravidez; os problemas com o marido alcoolista e a chegada no Jangurussu, no Gereba – na época em que ele começava a se formar junto com o lixão –, são alguns dos primeiros aspectos abordados. Aquele era mais um casal que chegava para morar ao redor da rampa:

Aí ele veio e arrumou, uma casa, um barraquinho alugado. Aí foi o tempo que a minha filha mais velha nasceu. Aí com um tempo deram umas casas pra gente. Porque a gente tinha que sair da beira do rio e tal. Aí fomos embora pro João Paulo II (outro conjunto do bairro), e como ele não se dava lá, porque ele só queria viver bebendo, aí fomos embora pra Caucaia, lá pra onde meu pai mora. Chegando lá não deu certo de novo. Eu disse: “Quer saber? Vou me embora pra casa da minha mãe.” Vim me embora, com a minha filha e a malinha pequenininha dela. Deixei ele lá sozinho. Disse pra minha mãe: “Mãe, vou ficar morando com a senhora.” Ela disse: “Beleza filha, eu acho é bom!” Passei três meses e aí ele chegou pedindo pra voltar. Aí a gente alugou um barraco e fomos morar nós dois. Viemo embora pra cá, morar nessa mesma favela, lá na Lagoa da Praia, na beira do rio. (Dona Orquídea. Entrevista em 31/05/2017).

Aqui Dona Orquídea discorre sobre a saída da comunidade, a separação e o recomeço do casamento, bem como sobre o retorno definitivo para o Gereba. A seguir ela começa a contar sobre as primeiras aproximações com a luta pela habitação e pela melhoria do Jangurussu:

Aí depois chegou um líder comunitário, uma pessoa muito legal e disse: “Deusinha, a gente vai ter que tirar a senhora daqui, porque a sua casa vai cair, na próxima chuva que vier.” Eu disse: “Como assim? Eu vou ganhar uma casa? Já ganhei uma casa antes e meu marido vendeu.” Aí ele disse: “Não se incomode não, dessa vez a gente faz só no seu nome.” Aí vinhemo, construimo esse barraco aqui em cima. Todo mundo tava condenando nós porque nós já tinha vendido uma casa. Mas esse

líder comunitário era muito bondoso. Aí a minha vida cresceu. As casas foram construídas pelos próprios moradores. Isso foi em 88. Com R\$ 60,00 nós fizemos. Nesse tempo nasceu mais um filho e com um tempo depois o meu marido arrumou outra mulher e foi embora. Aí eu fiquei aqui, desempregada na época, com os mininos, mas aí eu fiz um concurso pela regional 5 pra ser ACS, agente de saúde, e passei. Aí fiquei trabalhando, trabalhando, conheci esse meu marido que eu tô com ele agora. Ele terminou de criar meus filhos que são hoje rapazes e moças. Temos 3 netos. E uma menina que a gente cria. Estou com ele há 23 anos. Nós somos do mesmo jeito. A gente se dá bem, não briga. Os meninos nunca viram esse tipo de coisa aqui. (Dona Orquídea. Entrevista em 31/05/2017).

Dona Orquídea fala das alegrias e angústias, ao ganhar a tão sonhada casa e ao ver-se sozinha com os filhos. Fala também das estratégias de sobrevivência, táticas e astúcias, sendo a maior delas, recomeçar, não só acreditando, mas buscando sempre um futuro melhor para si e para a comunidade: “Eu não me acho uma líder comunitária, não gosto do nome. Desde 2000 que essa associação foi formada e eu tenho que tá no meio fazendo alguma coisa, toda ata que tem lá, eu tô no meio.”

Lembro-me que em alguns momentos da conversa Dona Orquídea trazia a figura do líder e amigo que tanto ajudara a comunidade, conseguindo eleger-se suplente de vereador. Enquanto ela falava sobre ele, procurava fotos no armário: “Ele era muito solidário com as pessoas.” Lembro-me que ficava tentando “trazê-la” para a entrevista e ela tentando me levar para aquele mundo de recordações, um tempo bom, segundo expressou no decorrer da sua fala. Mostrou-me finalmente as fotos do rapaz no batizado da filha mais velha e em comemorações de aniversário.” Quando meu marido foi embora ele cuidou dos meus filhos. Foi pra São Paulo e voltou trazendo um monte de coisa pra eles!” Só escrevendo agora tomo consciência da minha própria pressa e inabilidade para lidar com as simbolizações daquela mulher. Pra quais lugares aquelas fotos me levariam se eu tivesse tido um pouco mais de presença e sensibilidade naquele momento? Penso e ao mesmo tempo sorrio.

Depois que essa liderança foi embora a minha comunidade parou. Ele não se achava liderança, mas ele arrumava tudo, ele ajudava todo mundo, sem nem querer saber o que ele era. Ele entrava em palácio do governo, ele procurava tudo, era muito amigo do povo. Ele se candidatou a vereador e se elegeu, aí depois foi pra São Paulo [...] Aqui a comunidade não levanta mais não... Agora tá muito parado. Antigamente era melhor, no tempo do Juracy as políticas eram mais atentas. Tinham muitos projetos aqui, foram tirando tudo, projeto bom, projeto com arte, projetos que entertiam o povo, cuidava pra não deixar eles fazer o que não presta. Eu ainda me sinto bem de fazer esse trabalho social, mas me sentia melhor antes. (Dona Orquídea. Entrevista em 31/05/2017).

Dona Orquídea relembra com nostalgia do tempo em que a comunidade se organizava mais, tendo uma importante liderança à frente. Mas com alegria ela fala também que participou de um documentário sobre as mulheres da comunidade que está para ser

disponibilizado na internet. “Já veio muita gente de fora pra cá! Muita ONG. Esse povo internacional. Teve até um filme sobre o Gereba. Por último eu participei desse com as mulheres.”

Figura 40 – Gravação de filme sobre a comunidade Gereba na rua da associação



Fonte: Jornal O Povo. (11/10/2016).

“O filme<sup>100</sup> foi lançado no São Luiz ano passado. Saiu até um ônibus daqui levando os moradores. Nós fomos tudim!”

---

<sup>100</sup> Documentário Vozes da Periferia.

Figura 41 – Dona Orquídea no lançamento do curta-metragem “Gereba”



Fonte: Jornal O Povo. (12/10/2016).

“A gente botava uns óculos engraçado pra ver! 3D né?” Vejamos:

Figura 42 – Criança do Gereba vendo imagens do documentário sobre a comunidade



Fonte: Jornal O Povo (12/10/2016).

A seguir ela revela as suas significações sobre “o lixão” e passa a falar dos desafios atuais e do desejo de uma vida melhor:

Eu acho que aqui a gente precisa de uma mudança, precisava que a sociedade não visse eles só como coitadinhos (aponta para os moradores trabalhando no depósito)

Visse eles como outro tipo de gente. Esse lixão aí (se abaixa e fala baixinho) fez com que muita gente se acomodasse aqui dentro [...] Aí mulher, eu vejo a vida desses meninos que eu vi nascer aqui. E pensar que eu pesava eles. Não tinha um menino fora da escola. Tinha projeto, tinha esporte, várias ações na associação. A droga é um problema que hoje afeta todo mundo. Se tiver 15 pessoas numa casa afeta todo mundo, não só quem se envolve. Se numa casa tem um, na outra tem outro, na outra tem outro, todas aquelas famílias ficam atingidas. O meu filho é envolvido até hoje. Ontem mesmo eu tava conversando com Deus, quando eu tô assim gosto de conversar com ele porque é ele que me dá um descanso. A vinda dos meus filho de noite tá muito difícil... Dez horas da noite [...]

Eu vejo essas menina em beira de calçada, sem tá na escola uma hora dessa [...] Eu acho que a pessoa tem que pensar numa coisa melhor. Já passei em vários concursos, sempre tive muito amigo, eles me ajudaram a querer fazer os concurso. Fiz o primeiro e o segundo grau. Em 2000 eu fiz a seleção para agente de saúde e passei em segundo lugar. Uma coordenadora de escola daqui tirou o primeiro. Passei 3 meses desempregada, esperando pra ser chamada. Aí chegou uma carta do ministério da saúde dizendo pra eu comparecer lá e eles me falaram que eu ia começar a trabalhar no dia seguinte. Naquele tempo era melhor, mais fácil, muita coisa eu já sabia fazer desde antes. Eu era muito boa no soro caseiro. Nisso eu subi mais de função. Em 2003 eu terminei o segundo grau. Disseram que ia ter outro concurso e se eu não tivesse o segundo grau não ia poder fazer. Fiz o concurso em 2006 e passei novamente em segundo lugar. Vou fazer 25 anos de profissão e estou bem perto de me aposentar.

O que mudou desde que eu comecei a trabalhar como ACS? Hoje mesmo eu percebi. Meu irmão veio aqui ele tá sem aposento e nem tá ganhando dinheiro porque pegaram a carteira dele. Eu perguntei: “Tu quer melão? Tu tem criança e criança precisa de muita fruta.” Eu tinha arroz sobrando também. Ele disse: “Ainda bem Orquídea porque naquele tempo era ruim tu lembra? Tu ia na bodega e só podia comprar arroz na hora de fazer, porque o dinheiro do dia só chegava em cima da hora [...] Faço muito curso. Toda semana. Essa semana mesmo eu tava na UNIFOR fazendo um curso. Agora tudo é esse mosquito. Chicungunha tá dominando tudo! As minhas pessoas aqui, que eu cuido, quase tudo já pegou. Tenho tudo no meu mapa. Eu faço o meu mapa dum jeito que ninguém entende, só eu! Mas dá tudo certo. (Dona Orquídea. Entrevista em 31/05/2017).

A problemática das drogas, vista tão de perto no ambiente familiar, a importância da espiritualidade como refúgio e alento, assim como os saberes e estratégias desenvolvidas por ela no campo do trabalho, são questões ressaltadas nesse momento por Dona Orquídea. Perguntada sobre qual era o principal problema da comunidade ela respondeu: “os principais problemas aqui são aquelas coisas que a gente não pode falar...”

E um atendimento de saúde na nossa comunidade. O prefeito colocou aqui uma policlínica que não serve pro povo daqui. Porque os povo que vem, vem tudo encaminhado dos outros postos. Na época que o Francisco (antiga liderança) tava aqui a gente fez um abaixo assinado enorme pra conseguir um posto de saúde pra cá. Aí o prefeito quando foi se eleger disse que uma policlínica ficava bom pra nós e hoje taí! Não serve pra nada! Se tu tem problema de coração, tu vem lá da comunidade 2000, resolve o teu problema, mas não se resolve o problema da comunidade. Pra ir pra lá, a gente tem que ser encaminhado por outro posto, no caso, pelo Alarico Leite. Eu acho que precisa melhorar é tudo, tudo, tudo, não tem nada bom. (Dona Orquídea. Entrevista em 31/05/2017).

Já no final da entrevista ela analisa também as coisas boas que existem no Gereba, mas vislumbra sonhos arduos de liberdade e transformação:

O que tem de bom aqui são os nossos amigos de muito tempo. Temos alguns jovens também que estão tentando terminar o segundo grau. Vários estão indo para outros lugares, Messejana, José Walter. Mas a maior parte dos jovens não sai, só fica aqui dentro. Aí eu comparo com gente de boa família que fica dentro de um presídio. Você não vê outras coisas. Eu também tô pensando em sair daqui...eu tenho pena de deixar as pessoas. Mas eu sei que eu não vou embora pra longe. [...] Os meninos não querem ir não, nem o meu marido que não larga essa usina, mas eu vou sozinha, não tô nem vendo! É só eu me aposentar. Essa disposição eu acho que vem da minha mãe. Ela tinha um menino, deixava na rede e ia trabalhar. Ela quase não tirava resguardo. Deixava os menino pequeno com nós e ela ia trabalhar [...] E por aí todo mundo me conhece. Já passei por várias regionais, vou lá pro auditório da UNIFOR e quando vejo é: “Orquídea, Orquídea!” Eu digo:” Valha-me Deus, quem é essa mulher?” (Dona Orquídea. Entrevista em 31/05/2017).

Após conhecer um pouco da trajetória de Dona Orquídea, é possível dizer que o jogo de mediações produzidas a partir da inserção familiar dessa mulher mãe, do processo de escolarização, da fé, do trabalho e da moradia, tudo isso faz com ela amplie seus campos de relações e seus movimentos de circulação pela cidade, além do bairro. Seus sonhos ganham asas e a fazem querer voar:

Eu tô perto de me aposentar. Eu já fui na prefeitura, mas disseram que eu tinha que justificar a minha saída. Disseram que enquanto eu puder trabalhar, eu vou trabalhar. Mas eu tô mais perto que longe. Fui lá no INSS e me disseram tudo, já vou fazer 63 anos. Eu não tenho fadiga com trabalho e eu gosto do meu trabalho, mas eu penso em me aposentar pra poder sair daqui. Aí vou ficar só viajando. Vou visitar meu pessoal. Não tenho filho pequeno mais. Os meus amigos tão me encorajando a fazer faculdade agora. Porque eu penso em arrumar um cantinho pra colocar uma escola também. O meu sonho é ser diretora de escola, sempre achei bonito, e quem sabe escrever um livro... (Dona Orquídea. Entrevista em 31/05/2017).

### **3.7 Flor, a pernambucana que foi adotada pela comunidade e pelas crianças: “Aqui eu aprendi a rir!”**

O grande e bonito sorriso é o traço mais marcante da moça negra de 27 anos que no ano de 2010 deixaria o interior de Pernambuco para vir morar em Fortaleza, após casar-se. Flor é mãe de três filhos pequenos e assim como Dona Orquídea não trabalha com reciclagem. Ela participa ativamente das ações sociais desenvolvidas na sede da antiga associação de moradores e moradoras do Gereba e foi uma das mulheres mães a desenvolver o projeto Amo Cuidar na comunidade. No ano de 2017 Flor decidiu dedicar-se exclusivamente a dois outros projetos: o fortalecimento do grupo de mulheres e a criação da biblioteca comunitária. Dada a sua simpatia e disponibilidade para com os assuntos referente à pesquisa, não tardou a tornar-se uma importante informante. Ela é uma mulher tão terna quanto determinada. Aos poucos foi despontando como uma liderança social na comunidade.



Sua grande paixão? O trabalho com as crianças, sobre o qual falará durante o relato sobre a sua trajetória.

Após alguns contatos feitos durante as atividades realizadas na associação, ela iria nos receber em sua casa em uma manhã de outubro de 2017, para conversarmos melhor – uma entrevista aberta na verdade. Na véspera, porém ela entrou em contato comigo para avisar que a creche na qual os filhos estudavam tinha sido assaltada duas vezes, somente naquela semana – fato esse depois amplamente divulgado pela mídia. Em virtude disso, ela estava fazendo uma campanha de arrecadação de material, principalmente de cozinha, e perguntou-me se podia contar com a minha ajuda. O encontro não fora desmarcado. Na manhã seguinte, ainda um pouco apreensiva, dado o fato das crianças estarem sem aula, ela me recebeu. Na cozinha de sua casa, enquanto fazia café para os filhos começou a contar a sua bonita história:

Faz 7 anos que eu estou aqui. Eu me casei e como a família do meu esposo era daqui a gente veio pra cá. A minha infância foi maravilhosa. Eu tinha meus irmãos, minha mãe sempre ao meu lado, tinha muitas amizades. A única coisa que foi ruim foi porque o meu pai abandonou a minha mãe e ela teve que criar 9 filhos sozinha. Depois de um tempo ele ficou doente e aí lembrou que tinha família. Eu ajudei no que foi possível. Quando ele morreu eu não senti como se ele fosse um pai, pra mim. Eu chorei [...] mas não foi como chorar por um ente querido não, eu chorei porque ali tinha uma pessoa que tava sofrendo. Minha mãe criou os 9 filhos trabalhando num lugar que eles chamam de Maré. Pegando frutos do mar pra vender. Ele não dava nada pra gente. A minha mãe é uma guerreira. O modelo de pai que eu tinha em casa era o meu irmão mais velho. Eu não senti falta do meu pai porque a minha mãe fazia esse papel muito bem. (Flor. Entrevista em 18/10/2017).

Assim como aconteceu com outras mulheres pesquisadas, as primeiras lembranças de Flor remontam inicialmente a uma infância de alegrias, mas também de pobreza e dificuldades, no interior Pernambucano – dentre as quais, a complexa relação familiar –, cenário de afetos e conflitos. De tanto ouvir relatos fortes sobre a infância das mulheres mães no Gereba, muitas vezes cheguei a pensar também nas trajetória das avós... Mas isso será tratado ao final do capítulo, a partir da análise de falas mais específicas dessas mulheres sobre como é ser mãe e mulher na comunidade Gereba. Por enquanto, apenas mais um relato de Flor sobre a família, a relação com a mãe e a afetividade que vem sendo cultivada em sua vida:

A gente mora longe, a gente se vê só uma vez por ano, mas eu tô sempre no celular com ela. De primeiro eu não dizia que eu amava ela, quando eu era adolescente principalmente. E eu não conseguia explicar o porquê. Hoje em dia é a palavra que eu mais digo. Eu ligo pra ela e primeiro eu peço a benção. No final da minha ligação eu sempre digo que eu amo ela. Antes ela dizia: Flor! te amo! Aí eu dizia: “Tá certo, tchau!” Hoje em dia, antes dela dizer “eu te amo” eu digo: “Ei mãeinha! Eu te amo, viu?” Eu aprendi a dizer eu te amo. Eu digo pra todos os meus irmãos: “Eu te amo!” Até com as minhas melhores amigas daqui eu digo eu te amo. Aí eu digo brincando:

“Mas não vai pensar que é porque eu gosto de mulher não!” - Diz rindo. (Flor. Entrevista em 18/10/2017).

Ao final de sua fala, como vimos, Flor enfatiza os vínculos de amizade no bairro. A seguir ela nos fala sobre como é morar na comunidade e aponta os atuais desafios do Gereba:

Eu acho que eu não gosto daqui, eu me acostumei. Não pretendo ficar muito tempo aqui. Não que aqui não seja bom, mas tem essa violência. Piorou de uns seis meses pra cá. Antes a gente tinha mais paz. Aqui era um lugar bom de se viver. Não tinha essa influência de gente de fora. (Refere-se aqui a disputa territorial). Hoje você tá em frente à sua calçada e de uma hora pra outra chega um carro atirando! A gente não pode mais tá na porta da nossa casa, tem que tá todo mundo trancado! [...] Aqui também tem essa ruma de mato aí, eu acho perigoso. Não dá pra viver tranquilo. Teve a morte dos 2 meninos que marcou muito aqui. Um tava jogando dominó e o outro foi comprar suco. A gente fica se perguntando: “Porque isso meu Deus?” Quando eles vêm de lá eles não querem saber quem é. Se é homem, se é mulher, se é criança, se deve, se não deve. Eles querem saber de deixar alguém no chão. (Flor. Entrevista em 18/10/2017).

Provavelmente, se o fato envolvendo a creche onde os filhos estudam não tivesse acontecido tão recentemente, Flor apresentaria uma diversidade maior de elementos em sua narrativa. Ressalto que a maior parte de seu relato, todavia, alude ao fato de ser mãe, à relação com os filhos e a conciliação que tenta fazer entre a vida doméstica e o trabalho social desenvolvido na associação – elementos que eu faço a opção de só apresentar em detalhes mais a frente. Ela continua a discorrer sobre os problemas no Gereba, dentre os quais, a questão da drogadição. Flor sinaliza também o que existe de bom e relata o que tenta fazer para ajudar a comunidade:

Outro dia eu tava conversando aqui do lado de fora, chegou um menino de uns 6 anos com um vidro de cola na mão. Eu pensei: “E se esse menino fosse meu filho?” Aí ele disse que tava com fome, pediu dinheiro pra comprar uma coxinha e eu fui e dei uma coxinha pra ele. Eu me virei pra falar com o meu filho e aí quando eu olhei de novo ele já tinha saído correndo com o vidro de cola na mão e a coxinha na outra. Aqui é assim! [...]  
Mas a nossa comunidade é unida. Ninguém mexe em nada de ninguém. O que é ruim é a violência. Se não fosse isso era maravilhoso. O que tem de melhor aqui é o projeto. Torna as crianças mais focadas. A capoeira por exemplo, por eles tinha todo dia, hoje tá tendo menos.. (Flor. Entrevista em 18/10/2017).

Uma das coisas que Flor mais valoriza na comunidade são as amizades. Ela diz que em relação a isso o Gereba a transformou:

Meu marido falava assim antes: “Quando tu andar nos cantos, tu anda um pouquinho mais rindo porque senão as pessoas vão pensar que tu é chata, ignorante, e tu não é.” Teve mulher que chegou pra mim e disse: “Tu era tão besta e hoje em dia tu só sabe tá rindo!” [...]

Eu era mesmo muito tímida. Não falava com ninguém. Meu marido agora diz:” Se você sair candidata a vereadora você ganha!” Ele nem quer mais sair comigo no Gereba porque fica todo mundo me chamando!” (risos) ( Flor. Entrevista em 18/10/2017).

Vendo a vida transformar-se a partir do trabalho voluntário Flor vai abrindo brechas para “cuidar da família e da comunidade”. Processo esse nem sempre fácil, como ela começa a nos contar - mas somente após ir atrás do filho mais velho (9 anos). Uma vizinha viera avisar que o vira brincando na rua.. A comunidade estava ainda um tanto agitada dado o assalto da véspera e por isso era melhor trazê-lo logo:

Conciliar as coisas de casa e do projeto é difícil, é complicado. Tem dia que eu amanheço estressada, aí vou fazer o almoço, vou fazer as coisas, nem quero sair pra canto nenhum, aí me lembro que tenho que fazer divulgação de alguma coisa, ou que tenho que estar na associação porque vão precisar de mim [...] No dia que eu falto uma reunião, o pessoal vem logo pra cá pra saber porque eu faltei! [...] É difícil até fazer as coisas em casa às vezes. Aqui tem dia que sai uma pessoa e chega outra. Acontece de eu ter que lavar a roupa “a prestação”, porque a gente começa a conversar e não vê o tempo passar. Eu brinco dizendo que vou mudar a sede do projeto pra cá! (diz rindo) Eu já pensei em deixar o grupo de dança, mas o padre falou pra eu continuar e eu continuei. Elas gostam tanto! Vem correndo tudinho pra cá quando é dia de ensaio, pedem pra eu ir abrir logo a associação. (Flor. Entrevista em 18/10/2017).

Na vez em que fui encontrá-la novamente, ela estava fazendo uma arrecadação de roupas usadas para o natal – inclusive para os próprios filhos. Sentadas na calçada de uma vizinha conversamos sobre o trabalho voluntário e sobre os seus planos futuros: ‘Eu estou pensando sair do projeto. Tá tendo muitos problemas. As coisas aqui em casa também não estão muito bem. Tô pensando em ficar só no grupo de mulheres e no de artesanato. E começar a ajudar na criação da biblioteca da associação!’ (Flor. Entrevista em 13/11/2017).

No início de 2018 Flor deixaria as ações do projeto Amo Cuidar. Juntamente com Dona Orquídea estava se dedicando a conseguir parcerias para os novos projetos da associação. Ela estava enfrentando problemas no casamento, mas afirmou que não deixaria o trabalho voluntário: “Eu amo o trabalho com as crianças. Por isso quero tanto que a biblioteca seja criada. Aqui eu aprendi a rir. As mulheres da associação são a minha segunda família! – eu até disse isso no almoço que teve do grupo de mulheres – todas nós choramos nesse dia.” (Flor. Entrevista em 30/01/2018).

No mês de janeiro de 2018 a biblioteca era implantada no Gereba, como parte das atividades da associação. Com a ajuda de Dona Orquídea, Flor ficaria responsável pelo controle e liberação de livros. Pouco tempo depois, as atividades envolvendo crianças e leitura também passariam a acontecer.

Figura 43 – Crianças em atividade na biblioteca do Gereba



Fonte: Acervo cedido pela organizadora do projeto da biblioteca (09/02/2018).

“Tá tendo a maior polêmica aí na associação. Querem saber quem vai cuidar da biblioteca, porque dizem que vai dar muito trabalho. Eu cuido!” (Flor. Entrevista em 20/01/2018).

Figura 44 – Flor com crianças na biblioteca da associação de moradores e moradoras no Gereba



Fonte: Acervo cedido pela organizadora do projeto da biblioteca (09/02/2018).

As mulheres que são voluntárias na associação participaram, cada qual a sua maneira, do processo de implantação da biblioteca. Artistas e jovens educadores, moradores e moradoras de periferia também, alguns do próprio Jangurussu. Todos sensibilizados com o impacto na comunidade da problemática do narcotráfico e da disputa entre facções. Juntos fizeram uma grande mobilização nas redes sociais. Em pouco tempo começou a chegar doações de livros de várias partes da cidade. Cada vez mais eu via Flor “desabrochar” – assumir-se como sujeito, como fonte de iniciativa, responsabilidade e compromisso. De uma ação de abrir-se, outras aberturas podem vicejar – ela nos mostrava.

### **3.8 Entre o instituído e o instituinte: Como é ser mãe e mulher na comunidade Gereba**

“Ser mãe aqui no Jangurussu é só coragem!” – me disse Dona Orquídea em uma das entrevistas que compõem essa pesquisa. Essa frase me remonta ao tempo em que eu dava aulas de serviço social em Maranguape e ao discorrer sobre o conceito de realidade (a disciplina chamava-se Serviço Social e Realidade Regional) com os alunos, alunas em sua maioria, utilizava imagens projetadas, alusivas às técnicas de Gestalt<sup>101</sup>: ilustrações ou fotos que podiam ter mais de um sentido, dependendo do modo que para elas se olhasse. A cada novo olhar, um novo detalhe, antes despercebido. Era curioso perceber como as alunas e alunos se surpreendiam com as novas possibilidades do que era tido como real, na medida em que se permitiam fazer disso uma experiência, como diz Larrosa (2002): Olhar mais devagar... sentir mais devagar...

---

<sup>101</sup>Gestalt é uma palavra de origem alemã que não possui tradução literal para o português, o mais próximo do seu significado seria “forma” ou “figura”. A falta de um significado exato no entanto, não afeta a compreensão do conceito da Gestalt que é compreender as imagens como um todo da maneira mais harmônica possível, ou seja, mediante nossa percepção sensorial que cria a representação mais plausível mediante um conjunto de elementos (GESTALT..., 2018).

Figura 45 – Ilustração Gestalt



Fonte: Google (2018).

A frase de Dona Orquídea parece sugerir a princípio que viver no fio da navalha, sendo mãe mulher na periferia, mais precisamente na comunidade Gereba, revela fundamentalmente um emaranhado de dores e desafios cotidianos. Foi também esse o meu primeiro pensamento quando anos atrás, no vislumbrar inicial do que seria essa pesquisa me perguntava: Como é ser mãe e mulher no Jangurussu, no Gereba?

Aproximar-me mais dessas mulheres mães com vistas à análise dessa pergunta a partir de suas trajetórias - que apontam saberes, astúcias experiências, *artes de fazer*, sendo essa a proposta desse capítulo -, me fez enxergar também melhor – assim como as alunas faziam com as imagens projetadas naquelas aulas –, que ser mulher e mãe, mesmo naquele contexto, pode sinalizar mais: afetos, alegrias, capacidade criativa, além de múltiplas e sutis possibilidades de aprendizagens na relação consigo, com os seus filhos e filhas, com o outro, com a vida. Experiências que possibilitam deslocamentos e recomposições. Emaranhados de cores. *Artes de fazer* (DE CERTEAU, 1990) que são também artes sentir e de viver, complexas, dramáticas, instigantes e desestabilizadoras – não raro, emaranhado de dores e cores simultaneamente –, cujos fios, fitas, passam a ser (re)conhecidos por meio desse diálogo com/entre mulheres que ora começa...ou continua...

As anotações do diário de campo nos levam a um outubro de 2017, ao diálogo com Dona Orquídea, de onde surgiu a inspiração para o título dessa pesquisa:

Dona Orquídea mais uma vez me recebera em sua casa. Conversava na área com sua filha mais velha Acácia quando cheguei. “Tá aqui Ciça! Uma que sabe tudo sobre o Jangurussu, tudo sobre o Gereba! Pode perguntar aí! – Disse apontando para a jovem mulher, que aparentava uns trinta e poucos anos. Foi ela que foi para Recife

como eu te disse, lembra? Sorri de modo afirmativo, cumprimentei-a e conversamos informalmente por alguns instantes. Logo ela precisou sair e pude ter a seguinte conversa com Dona Orquídea – sendo guiada ora pelo roteiro, ora pela minha intuição:

**Cícera**- Pra senhora o que é ser mulher Dona Orquídea?

**Dona Orquídea** - Ser mulher aqui a gente nem percebe. A gente vai levando, vai levando e só percebe na hora de fazer as coisas. Mas eu gosto! (risos) De ser mulher... Graças a Deus que eu nasci mulher, porque eu acho que eu não assentava ser outra coisa, só mulher. Eu acho a mulher mais calma, mais silenciosa. Essa coisa de agressão é menos.

**Cícera** - É difícil ser mulher aqui no Gereba?

**Dona Orquídea** - Eu não acho tão difícil não. Aliás, pra mim eu não acho difícil é nada. Eu já passei por muita coisa e tô viva até hoje...

**Cícera**- E ser mãe ?

**Dona Orquídea** – Agora a palavra que você disse aí me pegou! Ser mãe...Tem muita gente que diz que é mãe, mas não liga se o fi tá bem, se o fi tá mal. Ser mãe não é ruim não! Ser mãe é das coisas melhor que tem! Esses probleminhas que eu já passei na vida não é nada! Antes de eu trabalhar de agente de saúde, minha filha com um mês de nascida, ia pra creche no FAC. Eu dava mama pra ela e corria pras costura.. Eu já caí grávida também... Eu ia ficar de resguardo, ia fazer ligação, tava lavando a casa e caí. O bairro todo chegou pra ver, achavam que eu tinha morrido [...] As mães daqui vão pro lixão, aí quando chega vai fazer comida e vai botar menino pra ir pro colégio. É difícil... Eu vejo muitas mulheres daqui contrariadas com os filhos, elas dizem: “Ah, fulano não quer nada não! Só quer ...” - essas coisas que a gente não pode dizer o nome né?”- Diz num cochicho.“Aí eu vou e digo: “Quer! Quer sim, só que tem que ter paciência pra poder vencer.” E ser mãe aqui no Jangurussu é só coragem!”

**Cícera** - A senhora mudou ao tornar-se mãe?

**Dona Orquídea** - Eu não mudei muito não. Eu era a mesma pessoa. Calma, eu nunca fui estragada. Continuei calma do mesmo jeito. Eu tive a minha primeira filha e aí tive um intervalo de 4 anos para ter a segunda. Depois tive o Antúrio, depois a minha terceira filha mulher, a Acácia. E passei 8 anos para ter outro porque tive uma troca de marido, foi quando tive o Lírio. Meu marido me deixou com 3 crianças pequenas e eu tive que me virar pra cuidar deles. Nem chorar, nem se lamentar, nem julgar ninguém, com muita paciência eu consegui. (Diário de campo, 27 de outubro de 2017)

As significações de Dona Orquídea – mulher de quase setenta anos, líder comunitária, acostumada a circular nos espaços públicos da cidade –, sobre ser mãe e mulher na comunidade Gereba, aludem a uma articulação de simbolismos, à coragem e a paciência, a atitude e a calma diante dos desafios – uma lógica de pensar/sentir que me remete aos versos de Lenine:

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
A vida não para  
Enquanto o tempo acelera e pede pressa  
Eu me recuso, faço hora, vou na valsa  
A vida é tão rara [...] <sup>102</sup>

No final da entrevista Dona Orquídea nos dirá:

<sup>102</sup>Paciência, CD Na Pressão, Sony BMG, 1999.

Meus filho não querem sair daqui, querem ficar com o pai dele que agora é da coordenação da ASCAJAN. Mas eu quero ir embora quando me aposentar. Vou arrumar uma casa e vou deixar eles com essa casa aqui. Eu não nasci apregada! Pergunto se de fato ela iria sem o marido: “Sem ele? Toda hora! Eu só não queria ficar sem as minhas filhas Tá muito perigoso pros meu fi voltar pra casa 10h da noite...Uma das minhas filha não tá mais dormindo aqui, tá dormindo na irmã dela. [...]

Essa preocupação de mãe nunca para. Ela não tem idade. Começa quando elas têm um ano pra se sentar, aí vai orientando tudo. Quando ficam grandes a gente começa a orientar novamente. Aí pronto! Quando casa, vira mulher, a gente tem que continuar orientando, porque tem hora que elas querem deixar o marido. Aí você tem que orientar porque tem que ter calma, dizer que não é assim. Se toda hora que você tem raiva do seu marido você for querer deixar ele pra depois arrumar outro... Eu tenho uma filha casada que aqui acolá ela briga mais o marido e me diz: “Ah mãe! Eu vou é deixar ele e vir morar com a senhora!” Eu digo: “Ah filha, eu achava tão bom que você fosse, mas é uma coisa que você tem que pensar bastante, porque depois você vai querer voltar pra ele. É melhor você ir pensando. (Diário de campo, 27 de outubro de 2017).

Ao convocar a própria experiência em relação ao primeiro casamento, permeado por separações e recomeços, Dona Orquídea imprime um caráter educativo na relação com a filha, provocando deslocamentos em relação ao sentido da “paciência”, da “calma”, associados ao cânone tradicional de mulher e mãe e analisado por Cantuário (1998): pesquisadora negra, ao investigar o cotidiano das mulheres na periferia, em Caucaia Ceará, afirma que na sociedade brasileira, desde o período colonial, tomou forma um modelo de maternidade abnegado e paciente “de modo que só assim as mulheres encontrariam a redenção dos seus pecados. Esse modelo ganhará mais força com o projeto de Higiene da Medicina Social no século XIX” (CANTUÁRIO,1998, p 153). O espírito livre de Dona Orquídea se evidencia ainda mais no desejo de liberdade e na decisão em ir morar sozinha caso a família não queira acompanhá-la num futuro próximo. Seu relato também nos revela que o exercício da maternagem ali se dá, num universo que envolve os desafios em meio ao trabalho com o lixo, a violência e as drogas.

Ainda que indiretamente, as significações iniciais de Lótus, Dona Rosa e Flor sobre ser mãe e mulher no Gereba, caminham nessa mesma linha, ao fazerem alusão às problemáticas vivenciadas na comunidade:

Lótus contou-me que naqueles dias não estava muito bem, a filha mais nova estava doente e fora mal atendida no posto de saúde: “A menina está há dois anos na creche e a médica disse que o nariz dela escorrendo direto é porque ela ainda não se adaptou. Como pode mulher? Era pra gente ter um posto de saúde aqui! Nem isso a gente tem!” (Diário de campo, 12 de maio de 2017).

O que eu acho que mais precisava aqui era um posto policial. Porque aparece um monte de pedrada, aparece gente morto e ninguém sabe de onde veio. As pedras tão caindo do céu e matando o povo... Ninguém sabe quem matou, só aparece morto. Amanhã, quem sabe...? Aqui em casa, tem uns que andam de noite, trabalham de noite e eu não vou saber o que acontece. Se tivesse um posto policial ao menos na



entrada pra saber quem entra, quem sai, de onde vem, pra onde vai, eu acho que melhorava. Acontece uma coisa, a gente liga, quando o defunto já tá perto de sair pro cemitério é que vem chegar um policial na porta. Não adianta. Eu mesma... acontece as coisas aí eu não boto nem a cabeça! Vou lá pra minha cozinha. Pra mim não tô vendo nada. Agora se eu vê batendo num fio meu eu saio de lá e boto logo é pra matar mesmo. Ou morrer junto, porque se eu ver... (Dona Rosa. Entrevista em 01 de agosto 2012).

Ser mãe é estar sempre com um olho aberto! A gente não pode deixar nossos filhos brincando na rua como antes. Muitas vezes eu tive que entrar pra dentro de casa correndo porque tava tendo tiroteio. Aqui é muito fácil o acesso à droga e a bebida. Qualquer criança aqui chega numa bodega, num mercado e compra cerveja. E tá errado! Os meninos mal saem das fraldas já querem ser adulto. Menino de 11 anos com cigarro na boca como se aquilo fosse à coisa mais natural. (Flor. Entrevista em 18 de outubro de 2017).

Uma vez estando no território do lixo, não seriam as mulheres mães também tratadas como tal? Diante da crescente minimização do Estado, expressa na precarização das políticas de saúde e de segurança na comunidade elas assumem o cuidado dos filhos e filhas, não sem revelar uma postura crítica; expõem as suas dificuldades e preocupações, as quais, por vezes, acabam por resvalar em revolta – afinal de contas, ser mãe no Gereba “é uma luta diária”, como nos diz Flor:

Hoje as mulheres têm as mesmas responsabilidades que os homens. Trabalham na usina. Tem que ir senão os filhos morrem de fome. Tem que pagar aluguel, sustentar uma casa. “Ou elas fazem ou elas fazem!” [...] Ser mãe aqui não é fácil, é uma luta diária. E a gente tem que aprender. (Flor. Entrevista em 18 de outubro de 2017).

Vemos Flor aludir subliminarmente ao fenômeno da família monoparental, a qual na sociedade brasileira tem adquirido cada vez mais expressividade e visibilidade. A terminologia “família monoparental” surge em 1981, na França, segundo Souza (2008), a partir de um estudo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (INSEE). Desde então, o conceito espalhou-se por toda a Europa. “A monoparentalidade não deve ser encarada como um fenômeno novo no ocidente. Sabe-se que sempre existiram pessoas que criaram e educaram seus filhos e filhas sozinhas. Todavia, a partir dos anos 60, este tipo familiar saltou aos olhos da sociedade dado o aumento considerável do número de divórcios.” (SANTOS; SANTOS, 2009, p. 8). De acordo com o censo demográfico de 2010, o aumento do arranjo monoparental feminino, passou de 11,5% em 1980 para 15, 5% em 2010. Em nossa pesquisa, apenas duas mulheres não possuem esse perfil de únicas provedoras: Flor e Dona Rosa. Todas as outras cinco, experienciaram em algum grau e espaço de tempo essa forma de família.

Penso que Flor com esse relato, sintetiza o imaginário geral das mulheres mães na comunidade. Por outro lado, se o fenômeno da violência e das drogas traz desafios constantes para essa moradora, paradoxalmente, ele também possibilita reparações, perdões, aprendizados da alma (ESTÉS, 1999):

Eu passei a entender mais a minha mãe, sendo mãe. Ela prendia muito a gente. Eu me chateava às vezes, dizia: “Mãinha, a senhora deixa a gente muito preso!” Eu não entendia o porquê daquele cuidado. Eu aprendi a dar valor a minha mãe depois que eu fui mãe. Hoje eu sei que ela queria o meu bem. Eu sei que os conselhos que ela me dava não eram em vão. (Flor. Entrevista em 18 de outubro de 2017).

Vemos mais uma vez o delinear dos territórios educativos entre mães e filhas, territórios que são mediados pela experiência no seu aspecto geracional, num exercício de encontro e lentidão que segundo Larrosa (2002, p. 24) pressupõe:

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Outra mulher, Verbena aprofunda um pouco mais a questão da mulher- mãe e catadora, analisada por Dona Orquídea, como vemos nesse trecho de entrevista:

A gente via lá de cima da rampa as mulheres... Acho que por isso essa coisa de mulheres; porque na visão da gente, minha, da minha mãe; por ser um sexo frágil, dizem, as mulheres... Mas é uma força... De mãe, mulher, esposa, trabalhadora. Aí você imagina uma mulher que sai todo dia pra trabalhar, uma pessoa não catadora, uma mãe não catadora. Ela tem que dar de conta dos filhos, da escola, do marido, da casa dela e do trabalho. Quando é uma mãe catadora é como se a responsabilidade dela fosse maior ainda [...] São mulheres mãe de famílias, que têm de puxar a carrocinha na rua, comprar comida, cozinhar essa comida e alimentar essa família. Digamos que 60% dessa população é mulher. E lá em cima não era diferente, era mulher adulta, era mulher menina e era mulher idosa A maioria mulheres, doentes, fragilizadas fisicamente ou psicologicamente. Temos muitas com problemas de saúde sério como diabetes, como colesterol alto, problemas na articulação porque não aguentam passar mais muito tempo em pé e nem sentada. (Verbena. Entrevista, 01/09/2012).

Partindo da especificidade da mulher catadora, que dialoga com os complexos feixes de poderes, a partir dos quais são consubstanciadas as questões de gênero e que resvalam em outras questões estruturais, Verbena rechaça o estereótipo de fragilidade associado diretamente às mulheres e ao mesmo tempo denuncia o impacto das relações de um trabalho desumanizado em suas vidas, na saúde e em suas subjetividades. Na visão da crítica marxista, o trabalho é entendido ontologicamente como elemento fundamental da produção da

vida. É por meio do e pelo trabalho que o ser humano produz e reproduz a vida. Trata-se, pois, do trabalho como desumanização, mas também ato de criação do novo (MARX, 1985). O trabalho se constitui, assim sendo, de modo distinto nos diferentes tempos e espaços, ainda que na sociedade capitalista, ele perca o seu caráter criativo e torne-se exploratório e alienado.

Dona Rosa demonstra conhecer bem esse território de escassez e desigualdades. Ela lança mão de seus saberes, suas astúcias para fluir em meio às inquietas águas do rio da vida na periferia, que envolve as limitações das políticas de complemento do orçamento familiar e as precarizadas relações de trabalho com reciclagem, na cidade que as trata como “mulheres do lixo”:

Eu sou sozinha pra tudo, pra dar de comer, pra pagar água, pagar prestação, tudo é eu sozinha. Só com o trabalho da reciclagem, porque o Bolsa Família só dá pra pagar o material escolar da Esmeralda.

Quando eu venho de lá trago um bocado de coisa pra ela. Trago chinela, trago roupa, trago até dentro do elástico da calcinha porque lá tem muita roupa. Eu raramente compro roupa aqui. Compro uma calça pra ela ir pro colégio. Agora é que eu tô começando a comprar, me desapertando mais porque a morte do meu pai me deixou muito atolada de conta. Até hoje eu tenho conta pra pagar devido a essa viagem que eu fiz quando ele tava doente. Tava com medo de começar a atrasar as minhas prestações, mas graças a Deus não atrasou até agora. (Dona Rosa. Entrevista em 01 de agosto de 2012).

No caso de Dona Orquídea – ex costureira, agente de saúde concursada, uma das poucas mulheres participantes da pesquisa que nunca trabalharam com reciclagem – ela lança mão de uma postura prática e determinada diante dos reveses da vida – que incluem a experiência do próprio filho com as drogas –, recebendo algumas expressões de apoio:

Eu terminei de estudar em 2003. Passei por muito momento difícil. No tempo que meu filho começou a usar drogas, tava valente na escola, eu ligava pra diretora pra explicar e eu também tentava não faltar aula. Minha diretora às vezes vinha me deixar em casa. O meu amigo liderança dizia: “Não perca essa chance!” Já meu marido dizia: “O que tu quer estudando?” Eu não tava nem aí! Meio dia eu dava a mama pra minha filha e ela dormia. Aí eu saía pro Castelão, pro Genival de Almeida. Ia nessa beira de favela pra escola, ia a pé. Eu deixava ela com a minha outra filha. Quando era umas 3 pra 4 horas eu chegava de novo, ela já tinha tomado outro mingau, aí ela só ia mamar de noite. (Diário de campo, 27 de outubro de 2017).

Assim como tantas mulheres Dona Orquídea acaba por assumir uma tripla jornada que envolve trabalho, estudo e maternagem. Sua postura de praticidade – “vivendo e aprendendo a jogar”, como diria Elis Regina<sup>103</sup>, ao invés de cair num vitimismo imobilizador –, possibilita abertura à experiência, a qual impulsiona suas astúcias, táticas (DE CERTEAU, 1990) e saberes como mulher e mãe e promove o encontro com suas fortalezas e com recursos

<sup>103</sup>Disco Elis, Gravadora EMI-Odeon, 1980.

internos possivelmente desconhecidos até então. Essa também foi a postura assumida no passado por Dona Begônia, diante da perda do marido e da necessidade de cuidar dos 4 filhos pequenos:

Eu tava com uns vinte e poucos anos. Aí fui trabalhá em casa de família. Minha irmã é que cuidava dos meu fio pra eu ir trabalhar. Aí eu dava as coisa a ela, dava o leite, para ela cuidar dos meninos. É tanto que ela ficou com um fio meu pra criar. Mas eu trabalhei pra da comida aos meus fio até eles casar. Quando eu fui trabalhá em casa de famia, ah, meu Deus do céu! Foi bom demais! Ganhava o meu dinheirinho, comparava umas coisinha pra casa, trazia o dicumezin pros meus fio... (Dona Begônia. Entrevista em 31 de julho de 2012).

As redes de solidariedade existentes no Gereba são reiteradas aqui. Por meio das astúcias e táticas (DE CERTEAU, 1990) de Dona Begônia e do apoio da irmã a maternidade assume novas possibilidades. Novamente nos deparamos com a questão da monoparentalidade - uma realidade extremamente comum nas famílias pobres, mas só há 30 anos reconhecida legalmente em nosso país. A família monoparental passa a ser conhecida como entidade familiar pela Constituição Federal Brasileira de 1988, no seu artigo 226, §4º, que diz: “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 1988, p. 38). Nascimento (2008), ao analisar as famílias contemporâneas afirma:

A figura materna se reduplica, migrando para várias mulheres e de forma concomitante. Há sempre a presença de uma irmã mais velha, tia, madrinha ou mesmo vizinha, e, quando possível, de uma avó a desempenhar este papel. (Isso não significa que o homem esteja aí excluído ou desrespeitado; o que acontece é que sua figura paterna não assume as proporções encontradas na família nuclear) (NASCIMENTO, 2008, p. 54).

Eis o que Verbena relata sobre essa nova configuração a partir da vivência com a própria família:

A minha família é feita de muitas mulheres que tinham filhos e elas assumiam, porque era como se o pai não existisse. Muitas... Aconteciam de o pai morar dentro de casa e não registrar o filho. Então a gente meio que toma, é meio da mulher tomar a responsabilidade pra ela, né? E a gente tomava mais ainda. Porque tinha que cuidar dos irmãos. Eu mesma cuidei dos meus irmãos menores. Leva pra creche, vai buscar, faz a comida e à tarde tinha que subir pro lixão. E assim era a nossa rotina. Todo dia, o dia todo. Só parava no domingo, porque no domingo o carro do lixo não subia. (Verbena. Entrevista em 01 de setembro de 2012).

De acordo com a fala de Verbena vemos a postura de acolhimento e o assumir completo dos filhos e da família por parte das mulheres mães catadoras, não raro quando crianças ainda. Neste último caso, temos o comprometimento de suas infâncias em termos físicos e psicossociais. Dona Magnólia, mãe de Verbena, expressa em uma de suas narrativas

como esse sentido alargado de mãe envolve, não raro, um ciclo geracional de significativas dores e desafios:

Eu tinha 12 anos, tava com o meu primeiro filho e a minha mãe também tinha tido uma filha nessa época. E às vezes eu dava de mamar a essa minha irmã mais nova. Eu fazia dela uma boneca pra mode eu brincar. Quando foi um dia eu tava assistindo televisão e ela tava chorando e pra ela parar eu dei gás pra ela beber. Eu acho que eu nem sabia o que era. Quando eu vi ela tava espumando pela boca pelo nariz, pelos ouvidos. Eu soltei ela dentro da rede e corri pro mato pra me esconder, com medo de apanhar! Hoje ela é doida. Tem trinta e poucos anos, mas não conhece ninguém. Mas eu não me sinto culpada por isso. Porque eu nunca fiz isso com os meus filhos. Pegar um bebê e rebolar uma novinha pra ela tomar de conta. A responsabilidade fica pra ela. A gente não tem o direito de julgar ninguém. Pra julgar a gente tem que se colocar no lugar daquela pessoa. Naquela época eu não tinha noção de nada! (Dona Magnólia. Entrevista em 12 de maio de 2017).

Nesse contexto de redefinição de papéis familiares, papéis femininos, o relato de Dona Magnólia, ao mostrar a realidade das meninas que tornam-se cuidadoras das irmãs e irmãos mais novos, traduz o movimento, por vezes dramático, de ação-reação da negação dos direitos de crianças e adolescentes. Mas se levarmos em conta o todo da pesquisa, talvez o comprometimento desses direitos nunca tenha sido tão agudamente expresso quanto nas palavras de Lótus, ao falar da sua pior fase de drogadição e dos reveses vividos pela filha mais velha, Azaléia, hoje com 11 anos. Aos cinco, seis anos de idade, era ela quem cuidava de duas irmãs menores: “Azaléia às vezes reclama da educação que eu dou pras meninas. Acho que ela sente falta do tempo que ela cuidava delas. Porque ela era como a mãe das meninas, cuidava, dava banho, pedia comida nas casas, água, enquanto eu ia pra rua, usar crack e me prostituir [...] Eu só tinha olhos para a droga.”

Badinter (1985) analisa o amor materno como um sentimento humano, incerto, frágil e imperfeito, não sendo compreendido, pois, como um sentimento inato, mas sim relacionado com a época, desenvolvido através de variações socioeconômicas da história e das circunstâncias que envolvem a vida das mulheres. O (re)florescer dos afetos expresso na transformação do vínculo de Lótus com as filhas, após o nascimento da filha mais nova e o distanciamento das drogas, me faz concordar com Bloch (2005) quando afirma que “ a realidade é fluxo, contínuo vir – a – ser: ela “[...] é a mediação vastamente ramificada entre o presente, o passado pendente e sobretudo o futuro possível.” (BLOCH, 2005, v. 1, p. 194).

A seguir Dona Begônia discorre sobre as suas relações familiares contemporâneas, de como na velhice, mesmo com o pouco que ganha, ela tem um papel relevante na manutenção da família:

A minha família é pouca mas se torna muita. Eu tenho uns netos que mora fora, cinco netos. Eles não tem pai. Aí eles vem pra cá, passa um mês. A gente dá o

alimento deles tudinho, eu dou. Não tem pai, a mãe pega aqui acolá uma faxina, não tem quem ajude. Aí tem que dá uma ajuda! Não tem quem dê! Eles moram na Caucaia, aí vem pra cá. (Dona Begônia, Entrevista em 31 de julho de 2012).

Areosa e Bulla (2010), em seus estudos sobre o envelhecimento humano e as novas configurações familiares, revelam, com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2006, ao revelarem um expressivo número de mulheres com mais de 60 anos (76,2%) sustentando ou repartindo sua renda com seus familiares. O achado mais relevante foi que nas configurações familiares dessas mulheres, o conceito de família nuclear é ampliado para uma gama maior de parentes. Num amálgama de variáveis, que envolve por um lado a privação dos recursos e por outro a solidez dos laços afetivos, surge também o perfil da avó cuidadora que assume o cuidado inclusive financeiro dos netos, enquanto os filhos trabalham ou quando se separam. Um outro bom exemplo é o de Dona Rosa, que mesmo já tendo no passado adotado Esmeralda, desde cedo tomou para si a guarda do neto, diante do desemprego do filho e da ausência da figura de uma mãe para a criança.

Conhecer a trajetória de Dona Begônia, a mulher de mais idade a participar do nosso estudo, por sua vez, me leva a recordar minha avó que cuidou de três netas. Já o caminhar de Dona Rosa me faz lembrar minha mãe que cuidou de um neto e uma neta – chegando a acolher também, durante muito tempo, um filho de outra relação e posteriormente, o filho pequeno deste, uma vez que a mulher o abandonara, a quem veio a chamar de neto. Na maturidade, ela não só chegara a assumir como amiga a mãe biológica do meu irmão, como a acolhê-la por um considerável período em nossa casa. Lembro-me do quanto eu e minhas irmãs achávamos aquilo natural, conviver com aquela “tia”, enquanto a vizinhança recebia tudo com muita estranheza.

Todas essas histórias me conduzem ao universo de Clarissa Pinkola Estés (1999) no livro *Mulheres que Correm com Lobos*, quando com base na história oral de diversos povos e dos princípios jungianos, apresenta um conto que aqui me sinto inspirada a transcrever em parte, alusivo a uma mulher velha e sábia, catadora de ossos, La Loba:

Existe uma velha que vive num lugar oculto de que todos sabem, mas que poucos já viram. Como nos contos de fadas da Europa oriental, ela parece esperar que cheguem até ali pessoas que se perderam, que estão vagueando ou à procura de algo [...] Dizem que ela vive entre os declives de granito decomposto no território dos índios tarahumara. Dizem que está enterrada na periferia de Phoenix perto de um poço. Dizem que foi vista viajando para o sul, para o Monte Alban [...] Ela é conhecida por muitos nomes: La Huesera, a Mulher dos Ossos; La Trapera, a Trapeira; e La Loba, a Mulher-lobo.

O único trabalho de La Loba é o de recolher ossos. Sabe-se que ela recolhe e conserva especialmente o que corre o risco de se perder para o mundo. Sua caverna

é cheia dos ossos de todos os tipos de criaturas do deserto: o veado, a cascavel, o corvo. Dizem, porém, que sua especialidade reside nos lobos.

Ela se arrasta sorrateira e esquadrinha as montanhas e os arroyos, leitos secos de rios, à procura de ossos de lobos e, quando consegue reunir um esqueleto inteiro, quando o último osso está no lugar e a bela escultura branca da criatura está disposta à sua frente, ela senta junto ao fogo e pensa na canção que irá cantar. Quando se decide, ela se levanta e aproxima-se da criatura, ergue seus braços sobre o esqueleto e começa a cantar. É aí que os ossos das costelas e das pernas do lobo começam a se forrar de carne, e que a criatura começa a se cobrir de pêlos. La Loba canta um pouco mais, e uma proporção maior da criatura ganha vida. [...] La Loba canta mais, e a criatura-lobo começa a respirar. E La Loba ainda canta, com tanta intensidade que o chão do deserto estremece, e enquanto canta, o lobo abre os olhos, dá um salto e sai correndo pelo desfiladeiro. Em algum ponto da corrida, quer pela velocidade, por atravessar um rio respingando água, quer pela incidência de um raio de sol ou de luar sobre seu flanco, o lobo de repente é transformado numa mulher que ri e corre livre na direção do horizonte. Por isso, diz-se que, se você estiver perambulando pelo deserto, por volta do pôr-do-sol, e quem sabe esteja um pouco perdido, cansado, sem dúvida você tem sorte, porque La Loba pode simpatizar com você e lhe ensinar algo – algo da alma. (ESTES, 1999, p. 43-44, grifos nossos).

Tendo corrido mais da metade da pesquisa, e conhecido um pouco da trajetória das nossas interlocutoras, posso afirmar que as mulheres mães no Gereba precisaram por muitas vezes colher seus próprios ossos, posto que no caminho que traçaram, comumente sentiram cair no chão os seus pedaços – o que não exclui as suas muitas conquistas, as lições da alma, aquela felicidade clandestina (LISPECTOR, 1996), muitas vezes miúda, porém perceptível, da qual trata também o nosso estudo. Um dos relatos que talvez melhor demonstre isso, esse andarilhar difícil e cambaleante entre morte e vida, é o de Lótus, ao relembrar o momento em que se viu sozinha, separada, sem ter onde morar e tendo sob sua responsabilidade as três filhas pequenas:

Nessa fase eu só tinha olhos para a droga. Eu não tinha olhos para as minhas filhas. Eu deixava elas em umas casas que as pessoas que usavam drogas ficavam, enquanto eu ia fazer programa. Quando voltava dava uma pedra para quem ficou com elas, ou qualquer outra coisa. Ou então tinha que pagar para que outra pessoa cuidasse delas. Quando eu quase morri no parto da minha filha mais nova, foi que eu fui ver que elas eram mais importantes que a droga. Passei a levar elas para o colégio. Ficar com elas, gostar de coisas que até normalmente as outras mães reclamavam. A Azaléia me pedia muito para eu deixar de usar drogas e eu não conseguia. Hoje eu consigo e ela está feliz (começa a chorar). Nesse momento Lótus pede para parar e fumar um cigarro *pé duro*... (Lótus. Entrevista em 18 de abril de 2017).

Por meio do seu caminhar Lótus me ensina que as mulheres são produtoras dos significados e sentidos que compõem suas trajetórias e experiências de vida, e que nesse percurso podem reelaborar os papéis e as instituições sociais, reinventando e recriando diferentes modos de viver. Nada é uma coisa só. A própria noção historicizada de maternidade proposta por Badinter (1985), e aqui reafirmada na atitude de Lótus, evidencia que há sempre um campo de forças se agitando. E é dessa multiplicidade que surgem veredas

condutoras à potência do humano, quando se é atravessado por essas mesmas forças. É o que Rolnik (2014) manifesta quando diz que

Tem todo um modo de existência desse regime, a gente está nesse vazio, [...] e opera-se uma idéia do contorno estável da subjetividade, que não passa por esses tsunamis. Esses tsunamis são patologizados na nossa cultura, psiquiatrizados. Sendo que, “a potência de criação é convocada e mobilizada por esse vazio.

E quando esse recompor-se, potência de criação a qual alude Rolnik, parece uma exigência ininterrupta do viver? É o que passaremos a acompanhar por meio da narrativa de Dona Magnólia:

Minha mãe me jogou no lixo. Jogou mesmo! A senhora sabe o que é dormir e acordar no meio do lixo? (começa a chorar) Eu não tive uma mãe que dissesse: “Menina, vai tomar um banho! Menina, tá na hora de ir pra escola!” Ela não ia num colégio matricular a gente. Isso que eu vejo hoje acontecer com os meus neto? Isso eu não via. É tanto que todos os meus irmãos são analfabetos. Meus netos nenhum são analfabeto! Minha mãe se encantou-se com os homens, começou a namorar e esqueceu-se da gente. Pra ela os filho tando de barriga cheia tava tudo bom. E não é só comida. O banho e a dormida pra ela não importava. Eu criei tanto bicho de pé! Eu tinha bicho de pé em todo canto do meu corpo. Tudo isso pra mim eu não vejo como uma criação. Eles batiam muito também. Papai batia tanto em mim que eu me mijava. O papai um dia costurou a rede, ficou passando o pênis, que caiu coisa no chão, e eu sufocada dentro da rede. Eu tinha 12 anos. Eu contei pra minha mãe e ela fez foi dizer: “Olha o que é que essa nega sem vergonha tá dizendo de tu!” Aí ele tome peia em mim! Eu não faço isso com um filho meu. Eu tenho maior prazer em morar com meus fi. A minha mãe não pensava dessa maneira! (Dona Magnólia. Entrevista em 12 de maio de 2017).

Foram muitas as violências sofridas, desde muito cedo por Dona Magnólia. Muitos tsunamis. Experiências que também evidenciam que há várias feminilidades no Gereba, o que desestabiliza as formatações homogeneizantes de mulher e maternidade. Numa visão menos idealizada, tal como a sugerida por Badinter (1985), há que se levar em conta tanto o cuidado, a bondade, a proteção, como também a negligência, e a demarcação de relações de poder e ambiguidades que expressam complexos, desafiadores e humanos entrelaçamentos no exercício da maternagem.

Por outro lado, a própria trajetória dessa mulher mãe possivelmente evidencie o quão profundas foram as marcas em sua subjetividade dos abusos cometido pelo pai. O abuso sexual contra criança e adolescente é um fenômeno complexo, de não tão fácil enfrentamento e que se insere num contexto histórico-social de violência endêmica e com profundas raízes culturais. Reflexo das desigualdades sociais, de gênero, de raça e etnia, foi incluído na agenda da sociedade civil brasileira na década de 90, como questão associada à luta nacional e internacional pelos direitos humanos de crianças e de adolescentes, preconizados na



Constituição Federal Brasileira, no Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069/90 e na Convenção Internacional dos Direitos da Criança (BRASIL, 1990). O Governo Federal elaborou em 2002 o Programa Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Criança e Adolescente, como consequência de um forte processo de mobilização dessa mesma sociedade civil, sendo que a denúncia como forma de enfrentamento da violência sexual representou um marco histórico na luta pelos direitos da Criança e do Adolescente.

Foi somente na década de 90, com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, que esses sujeitos passaram, no Brasil, de menores incapazes, objetos de tutela, de obediência e de submissão, a ser juridicamente considerados sujeitos de direitos. Essa ruptura com antigos padrões societários representa um importante avanço civilizatório – o dos direitos humanos. A construção de novas relações adulto-jovens, baseada em relações afetivas, de proteção e de socialização, implica em denúncia e responsabilização dos violadores desses direitos (BRASIL, 2002, p. 13). Apesar da importância do Plano Nacional e da problemática passar ser encarada como política pública de maneira inédita no Brasil, após 15 anos de sua implantação, permanecem os desafios referentes à elucidação dessa problemática, imersa em desigualdades de raízes estruturantes e seculares, com fortes desdobramentos na infância e adolescência, sobretudo das classes populares.

Além dos episódios de abuso sexual, cometidos pelo pai, Dona Magnólia teve que enfrentar ainda, no limite da suportabilidade, a negligência da mãe, o que nos faz retornar ao debate, já iniciado na primeira parte dessa investigação, com base nos estudos de Badinter (1985), sobre o caráter histórico da construção da maternidade e sobre o teor multifacetário das feminilidades. Em um interessante estudo intitulado “A Maternidade Simbólica na Religião afro brasileira: aspectos socioculturais da mãe-de-santo na Umbanda em Fortaleza-Ceará”, Cantuário (2009), analisa os entrelaçamentos entre proteção, cuidado e poder, desmistificando possíveis idealizações sobre as subjetividades das mulheres:

A prática da pesquisa permitiu entrever as relações de poder que marcam o contexto social em observação, a forma com que, a partir da inserção na comunidade religiosa e da adoção da identidade religiosa de sacerdotisa, há a contribuição para o estabelecimento de relações de poder, num misto com relações de cuidado e proteção, conferindo um novo sentido à realidade circundante. Creio que o estudo da maternidade pode ajudar na compreensão de como se estruturaram os discursos, as mentalidades e as práticas do ser mulher e mãe na sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que permite perceber a articulação existente entre a pluralidade de papéis e a heterogeneidade de subjetividades constituídas por tais mulheres. (CANTUÁRIO, 2009, p. 119).

Mesmo não sendo esse o objetivo principal deste estudo, penso, assim como Cantuário, que a maternidade não pode ser reduzida ao cânone oficial. Essas mulheres-mães,

como humanas que são, configuram suas práticas como fruto de um processo dinâmico em contínua (re) construção – é o que se vê, por exemplo, nesse longo e tocante relato de Dona Magnólia:

Passou quatro anos eu sem homem, aí apareceu um homem na minha vida. Esse homem me perturbava tanto, dizia que tava apaixonado por mim. Eu não tinha nada com ele, mas se ele me visse conversando com um homem ia tomar satisfação. A mãe dele vinha falar comigo, dizer que ele tava sofrendo, que era um homem responsável. Eu dizia “Minha senhora... eu não vou querer seu filho... Eu tenho 4 filhos. Meus filhos são tudo na minha vida. Eu não aceito nem que olhem com a cara feia pra eles, e ele vai querer amanhã ou depois maltratar os meus filhos. Eu tenho 28 anos, ele só tem 19. Foi pra cima, foi pra baixo, eu fiquei com esse caba! Ele é trabalhador, pense como ele é trabalhador! Mas foi a pior coisa que eu fiz na minha vida. No início eu fiquei na minha casa e ele ficou na dele. Depois eu passei um ano morando com ele.

Só que de noite esse homem não queria sair de cima de mim. E eu nunca fui dessas coisas demais. Não é feijão nem arroz, pra se comer todo dia. Aí um dia eu recusei. Desse dia em diante esse homem não me deu mais nenhuma caixa de fósforo. Aí eu comecei a passar fome. Ele queria que eu saísse de casa e eu queria que ele saísse. Eu sou uma pessoa muito opiniosa! Ele todo dia ia almoçar na casa da mãe dele, voltava palitando os dentes e eu morrendo de fome, dando de mamar a uma filha com hepatite. Aí peguei os meus quatro filhos e botei pra casa da minha mãe. E fiquei escapando por ali. Ia na casa de um vizinho e tomava um café. Comia casca de banana, pra ver se fazia volume no intestino. Isso foi dois meses assim. Um dia eu pedi um dinheiro a um cumpade, uma pessoa muito boa, aí eu comprei um pão e banana e sentei com a minha menina embaixo de uma mangueira. Ai desmaiei. Eu pra um lado e a menina pro outro. Quando me encontraram, me disseram que ele tinha ido dar parte de mim na delegacia da mulher, pra eu sair do quartim que ele construiu. Depois eu soube que ele inventou um monte de coisa horrível. Disse que tinha me encontrado beba e ele com pena de mim me botou pra morar nesse quartim. E disse que eu é que vivia botando as coisas dele pro meio da rua.

O meu cumpadi disse isso aí, eu bati a poeira e fui pra casa! Com pouco tempo ele chegou, tirou a camisa, botou no ombro, tomou banho e saiu. Eu não disse nada. Com pouco voltou com um carrinho de mão cheio de compra e disse: “Taí pra tu fazer comida pra nós comer.” Esse homem nunca tinha me dado uma calcinha. Eu disse: “Rapaz eu não vou não. Tá com 2 mês que eu não faço comida pra tu porque tu não traz e hoje que eu tô com a barriga cheia tu traz?” – “E o que é que tu vai fazer com essas coisas?” – “Eu mostro já pra você.” Fiz um buraco bem grande no quintal. Nesse buraco tinha bosta, tinha água de banho, o esgoto ia tudo pra lá. Deus me perdoe por isso que eu fiz, porque eu já paguei por isso, mas eu peguei as quatro pontas da toalha que tava com as coisa em cima da mesa, botei dentro do buraco e tapei com uma enxada. Esse homem ficou verde, amarelo, de toda cor. Nessa hora eu pensei: “Hoje eu vou pra cadeia”. Se ele viesse pra cima de mim eu tava pronta pra tacar o oi da enxada no meio da cabeça dele e matar ele. Porque quem vivia cheia de amor, fazer a pessoa ficar cheia de ódio... Aí eu disse: Cadê a intimação que tu trouxe? -“Parece que é doida, parece que é besta, não dei parte de ninguém não.” Eu disse: Pois agora quem vai dar parte de tu sou eu, e eu é que vou trazer, eu é que quero me separar de tu”. Aí fui e trouxe a intimação. Quando foi no dia de ir ele queria ir *de braço* comigo no ônibus. Eu disse: “Nós tamo indo é pra uma delegacia, não é pra um parque de diversões não! “ Chegou lá a delegada perguntou: “ A senhora tem quem compre a casinha? ” Eu disse: “Tenho”. -” Por quanto a senhora vai vender? ” – “Por 70”. Pois a senhora vai ficar com 35, o senhor com 35 ,mas desses, o senhor vai tirar 15 pros seus filhos.” No final eu fiquei com 45. Ai fiz uma barraca na beira do rio, aí botei meus fi dentro, fui trabalhar e fui criar meus fi!” (Dona Magnólia. Entrevista em 12 de maio de 2017).

Existe ser sem fissura? Dona Magnólia experimentara a agonia diante do intolerável – a negligência-violência do companheiro. Deparava-se com as sombras no mundo e experienciava as próprias sombras, sentindo as turbulências que povoam essa zona fronteira entre bem e mal, certo e errado. Clarificava-se, assim, que fluxos de amor e agressividade, proteção e indiferença, cuidado e poder, fluxos do humano, atravessam as subjetividades das mulheres mães no mundo e no Gereba.

Retorno ao diálogo com Foucault, nesse caso sobre a questão da resistência, e em articulação com o conceito de tática proposto por De Certeau (1990). Segundo Foucault não é a ausência ou suspensão de poder que caracteriza a resistência (FOUCAULT, 1993). Esta consiste em um elemento constitutivo das relações de poder. As possibilidades de táticas – expressas por meio de fugas, subterfúgios, indisciplinas –, se dão no interior das práticas sociais constituídas historicamente e exercidas de maneiras diferenciadas. Posso afirmar por exemplo, pelo que o campo empírico me trouxe a partir da segunda metade da pesquisa, que em termos de sociabilidade na comunidade, nem sempre os conflitos eram resolvidos pelas mulheres do modo mais apaziguador. A intolerância religiosa sofrida por Dona Rosa, fazendo-se reverberar nas interações sociais da filha Esmeralda e o modo encontrado pela mãe-de-santo para proteger a filha do preconceito é outro exemplo disso:

Essa menina não podia ir pro colégio, era um tal de “macumbeira essa, macumbeira aquela!” Essa menina todo dia chegava chorando. Todo dia! Eu disse: “Quer saber de uma coisa? É agora que eu vou no André Luiz! (Escola)” Botei ela na garupa da bicicleta e disse: “Vumbora!” Cheguei lá, rebolei a bicicleta; porque na hora de ser boa, eu sou boa, na hora de ser ruim, eu sou ruim! Disse: “Esmeralda, me leve lá na sua professora!” E eu sentindo que ela tava com medo de me levar na sala, com medo dos pivete. Eu disse: “Ah é? Peraí! A gente resolve isso aí, já, já!” Cheguei lá na sala dos professores e perguntei: “Quem é a professora da Esmeralda?”. Ela disse: “Sou eu”. Eu disse: “A senhora tem orgulho de ser professora?”. Ela disse: “Eu tenho, porque eu tô educando um bocado de crianças”. “Pois eu também tenho de ser macumbeira. Onde é que fica a sala da diretora?”. Ela disse: “É ali”. Eu disse: “Vumbora lá!”. Cheguei lá na sala da diretora e disse do mesmo jeito: “A senhora tem orgulho de ser diretora?” Ela disse: “Eu tenho”. “Pois eu também tenho de ser macumbeira! Mas mande os alunos parar de chamar a Esmeralda de macumbeira, porque ela não é macumbeira ainda não, porque a mãe dela é que é; ela não tem todos os cruzos, nem é batizada, só tem três cruzos. Mas no dia que ela tiver todos os cruzos dela, pode ficar sabendo que ela tem o terreiro dela! [...] (Dona Rosa. Entrevista em 01 de agosto de 2012).

Não obstante Paulo Freire (1987) reconheça a radicalidade como algo por vezes necessário, diferentemente do sectarismo o qual rejeita, no dia-a-dia da pesquisa, no mesmo espaço tempo em que percebia as mulheres mães no Gereba por meio de suas experiências que envolviam saberes e *artes de fazer* – práticas sociais a germinar sementes de uma nova maneira de relacionar-se, mais colaborativa, consciente e solidária, presenciei o fluir de

miúdas contradições e mesmo alguns pequenos desentendimentos entre elas. Nesses momentos, desfazia-se a imagem idílica de comunidade, de mulher. Imagem que a princípio eu tendia a querer me apegar. Ao usar um tom mais incisivo em sua fala, outra mulher, Dona Begônia, me ajuda a conhecer mais desse aparente “caos”, dessa multiplicidade e impermanência do ser e existir que afeta também as mulheres na periferia:

Já faz muitos anos que moro aqui. Aqui você não pode vestir uma roupa boa, comer uma coisa boa, ter um sapato bom porque os ói é destamanho! A inveja Deus condena! Mas graças a Deus nunca pegou nada em mim não. Pega não! Eu Só vejo é cair pra cima de quem faz. Eu sei que já pejearam foi muito pra tirarem eu daqui. Mas eu nem ligo. É tão provado que o pessoal fala de mim , faz coisa pra mim e depois só cai pra cima de quem faz. Eu nunca fui de beber. Eu nunca botei negócio de álcool , nunca botei na minha boca, Deus me livre! Lembro que eu ia pra aniversário de casamento da minha irmã, aí bebia assim um golinho de guaraná, quando não era, um golinho de aluá com um pedacinho de bolo. Era o que eu bebia [...] Eu sei que tem gente que diz: “Ora a Dona Begônia não sai de casa porque quer ser boa!” Eu digo: “Né não!” É porque o cachorro que muito anda arruma rabujo pra si e pro seu dono! Eu nunca gostei. Outro dia chegou uma senhora aqui e aí disse assim: “Ó, fulano acolá disse que a senhora não sai de casa porque quer ser boa.” Né não! Né porque quer ser boa, não! É porque eu não gosto. E gosto até, às vezes se a pessoa vier me chamar, eu vou, eu gosto. Mas pra eu tá na casa dos outros como eu vejo por aqui? Às vezes chega uma pessoa aqui e diz: “Dona Begônia, a senhora tem isso assim, assim, pra me arrumar? Eu arrumo. Mas pra viver na casa dos vizim, embaixo de pé de pau, encostada nos muro como acontece é muito? É só o que tem aqui ! Passo e tá cada um com uma garrafinha de cerveja. Ai eu fico só na minha. Eu só digo” Deus tome de conta...” (Dona Begônia. Entrevista em 31 de julho de 2012).

Reler esse trecho da entrevista de Dona Begônia me faz lembrar quantas vezes não pensei em omitir dados, quando esses destoavam da ideia preconcebida de maternidade, de mulher, de periferia, de quem realizava práticas de serviço. Com isso eu apenas criava máscaras de perfeição e deixava de olhá-las com uma maior inteireza, talvez projetando a negação do meu próprio jogo de luz e sombra. Aos poucos resolvi aceitar a humanidade das “heroínas anônimas” (DE CERTEAU, 1990) e passei até a rir mais das incoerências minúsculas – delas e minhas.

Um bom exemplo desse amálgama humano entre instituinte e instituído aparece nas anotações e na análise de um diário de campo que mostra inicialmente as minhas percepções sobre o modo como Dona Orquídea interagiu com a comunidade:

Enquanto Dona Orquídea conversava procurava sempre fazer alguma outra coisa: dobrava um papel ou folheava um folheto, parecia estar lidando sempre com várias coisas ao mesmo tempo. Durante a nossa conversa, uma senhora passou na rua empurrando um carrinho rosa. Ia para o encontro de gestantes. D. Orquídea grita por ela e informa que não haveria atividade. Perguntou sobre aquele carrinho e a mulher respondeu que tinha ganho. “Não tem nada não!” - afirma . “Se ele tiver que ser homem não vai ser por causa disso que vai deixar de ser!” Só então entendi que a criança tratava-se de um menino, e no caso, o comentário se referia a cor, dissonante do padrão masculino. A mãe afirmou que o outro filho usava roupas rosa que também tinham lhe doado. A mulher pediu a ajuda de Dona Orquídea como agente

de saúde e ela ficou de visitar a sua casa no dia seguinte. Despedem-se, Dona Orquídea diz que vai em seguida. Minutos depois, outra vizinha, bem jovem, também pede a sua ajuda. Quer que ela olhe o seu neném enquanto vai comprar um comprimido. Dona orquídea diz que pode sim olhar a bebê. Pergunta se ela tem dinheiro para o remédio. Percebi ali que ela era uma pessoa solidária e que tratava-se de uma senhora bastante ocupada e requisitada pela comunidade. (Diário de campo, 31/05/2017).

Como não sentir-me afetada com as diversas expressões de solidariedade que eu via no Gereba? Em momentos como aquele só restava-me concordar com Milton Santos (1997) quando dizia que aquilo que os pobres mais podem contar é uns com os outros. Já o traço de gênero presente no relato de Dona Orquídea me inspira a perceber as minhas contradições sutis. Me faz lembrar, a título de ilustração, a Índia e o dia em que conheci a família que morava às margens do Rio Ganges. Uma das crianças a quem mais me afeiçoei tratava-se de Átial, uma menina de uns 5 ou 6 anos que nos dois primeiros dias da nossa interação fora tratada por mim como um menino, dada as suas vestes e o cabelo muito curto. Somente no terceiro dia de contato ela surgiu de vestido na beira do rio. Não a reconheci. Perguntei quem era aquela garota e só então soube tratar-se dela. Sorri e abracei-a achando muito curioso aquele fato em uma cultura onde as mulheres costumam enfeitar-se tanto.

Figura 46 – Eu segurando Átial, ao lado de Acás e da cadela Jully



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (02/03/2017).

Os estudos de Scott (1995) perfazem uma crítica à lógica binária das relações de gênero segundo a autora:

[...] gênero seria um elemento constitutivo das relações sociais, fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo entendido como a primeira forma de dar significado às relações de poder. Permeia todas as experiências humanas e todas as relações sociais e permite vislumbrar que as diferenças entre os sexos não são naturais, mas socialmente construídas. (SCOTT, 1995, p. 6).

Ter vivenciado o episódio com a menina indiana, a quem eu inicialmente atribuí uma identidade de gênero masculina, me mostra como são ao mesmo tempo sutis e marcantes as categorizações que pesam sobre mulheres e homens. Mesmo tendo trabalhado por vários anos discutindo sobre relações de gênero, eu ainda incorria em pequenos estigmas. E que tipo de deslocamentos e subjetividades podem ganhar impulso numa comunidade onde meninos usam rosa e bebês andam em carrinhos de mesmo tom? Até que ponto podemos dizer que a atitude de acolhimento daquela mãe, que nem da associação participava diretamente, refletia apenas os determinantes de classe? Formação e contradição pareciam ocupar os mais diferentes lugares – eu percebia. Mulheres “engajadas” resvalavam vez por outra num fio “politicamente incorreto” e mulheres das mais comuns podiam dar vazão a fluxos instituintes. Como afirma Freire – educador que próximo ao final da vida readaptou toda a sua obra a favor de uma linguagem inclusiva:

Uma das coisas mais significativas de que nos tornamos capazes mulheres e homens ao longo da história que, feita por nós a nós nos faz e refaz, é a possibilidade que temos de reinventar o mundo e não apenas de repeti-lo ou reproduzi-lo. [...] É exatamente porque somos condicionados e não determinados que somos seres da decisão e da ruptura. (FREIRE, 2000, p. 121).

Aos poucos fui me abrindo a percepções mais complexas. Fui entendendo que as mulheres com as quais eu interagia na pesquisa, por vezes, faziam emergir um mosaico de eus - o bondoso, o amoroso, o orgulhoso, o vaidoso, o cooperativo, o sutilmente manipulador -, e por meio delas, e de cada um desses “eus”, eu também me reconhecia. Ao passo que fui conhecendo mais aquelas mulheres, e a mim mesma, fui assumindo que no Gereba, como em qualquer outro lugar do mundo, ao mesmo tempo em que há laços de solidariedade, de empatia fluida e abundante, há conflitos, pequenas rivalidades, medos, desconfianças. Do mesmo modo que a comunidade é um espaço de união é também um espaço de competição em alguma medida. Reconhecer isso se faz necessário até mesmo para melhor compreender a conjuntura que marcou o trabalho social no Gereba ao final do ano de 2017, a qual será mais a frente detalhada.

É preciso romper com os rótulos e as idealizações, e desse modo fortalecer a crença da não limitação da experiência humana a estados que possam soar como definitivos. Sentidos mais atentos e sensíveis, olhos, ouvidos, podem nos conectar ao sussurro da vida quando ela nos diz que o crescer da experiência (nesses tempos minguantes) aparece não raramente, no vislumbre de sua perda. Didi-Huberman (2011) em *A Sobrevivência dos Vagalumes* afirma: “Dar exclusiva atenção ao horizonte é tornar-se incapaz de olhar a menor imagem” - aquela “imagem-vaga-lume” cujo lampejo inesperado pode ser o primeiro “operador político de protesto, de crise, de crítica ou de emancipação”.

O diário de campo trará agora as experiências de Dona Magnólia, uma mulher mãe tantas vezes testada no seu limite:

As mulheres da associação riem quando eu conto a minha estória. Ficam impressionadas de ver como eu já passei por tudo isso e ainda estou de pé. Eu trabalhava buchuda. Eu ia com o bucho por acolá, andando bem direitinho, porque se andasse pra cá caía dentro do buraco, se andasse pra lá, caía dentro do outro, se voltasse pra trás o trator pegava [...] Eu buchuda da Verbena fiquei toda inchada do barro que eu comia pra matar a fome. Tive ela sozinha, eu e Deus. O meu irmão arrumou uma confusão na rua nesse dia e todo mundo foi olhar a briga. Depois quando eles entraram em casa, eu já tinha tido a menina. Ela tava no cantinho da cama e eu já tava dormindo, com tripa de umbigo e tudo pendurado. Eles cortaram o umbigo dela, fizeram ela chorar, botaram ela perto de mim, e eu dormindo tava, dormindo fiquei. Muita gente dizia que a Verbena ia ser uma marginal... [...] Os meus filhos são a coisa que eu mais amo na minha vida.

Segundo Koga (2003, p. 19), a pobreza não se caracteriza somente pela ausência de renda, mas também por sofrimentos e discriminações que se superpõem, causando, conseqüentemente, repercussões significativas nas condições de vida. Sem um trabalho com qualidade e remuneração minimamente adequadas e uma rede consistente de serviços de saúde, Dona Magnólia padece durante a gravidez e o nascimento da filha Verbena. Sua fala, além de servir como denúncia das condições de vida das mulheres pobres, sinaliza a complexidade das práticas discursivas em relação a vida reprodutiva dessas mulheres. Mesmo sem as condições mínimas de subsistência da própria família Dona Magnólia resiste. Ao assumir todos os filhos, ainda que sendo mãe solteira, ela exerce a máxima do direito a ter direitos, proposto por Hana Arendt (2000).

Do ponto de vista simbólico, o olhar social para com as opções reprodutivas feitas pela catadora e líder comunitária, expresso principalmente quanto à expectativa em relação ao futuro de Verbena, coaduna com as antigas estratégias de controle dos pobres, no Brasil, via controle da natalidade por parte dos organismos estatais, práticas evidenciadas durante o

governo militar<sup>104</sup>, diferentes das políticas de planejamento familiar contemporâneas, que levam em conta a autonomia dos sujeitos e as subjetividades das mulheres. Em *Pedagogia do Oprimido* Freire (1987) já discorria sobre o fenômeno da aderência, quando membros das classes populares introjetam a figura opressora, reproduzindo relações de poderes, por vezes de modo inconsciente, em suas práticas cotidianas.

Continuemos a “ouvir” Dona Magnólia. Aqui ela se depara frontalmente, e porque não dizer de modo decisivo, com uma rede de afetos truncada no contexto familiar, com as exigências do viver na periferia, um viver “no fio da navalha”, expresso pela pobreza extrema, e com os simbolismos de morte e vida:

A minha família não me ajuda até hoje. Eles nunca me deram apoio. Teve uma vez que a gente tava ganhando só 30,00 por quinzena nesse galpão. Aí a minha casa tava muito destruída. A água dava desse tanto nas canela da gente! (faz o gesto com a mão). Eu fui falar com a minha mãe pra ver se ela deixava eu guardar umas coisas na casa dela; fogão, o guarda roupa, a geladeira, ela deixou e eu levei. Quando o meu irmão chegou ele não deixou. “Tu vai é querer pegar o dinheiro da mãe!”. Aí minha mãe ficou passando mal. Eu não sei se ela tava passando mal ou se fazendo. Aí ele disse: “Tá vendo aí o que tu veio fazer?” Eu voltei na chuva com as minhas coisas. Fiquei com muita raiva do meu irmão. Eu voltei chorando com as minhas coisinhas. Eu sou uma pessoa muito sofredora desde pequena, mas tudo o que eu passo Deus me retribui. Eu fiquei lá fora chorando e pedindo pra Deus olhar pra mim, com a mão na cabeça, sem saber o que fazer. Em tempo de ver a minha casa cair. Aí parou uma Hilux e saiu uma mulher muito bonita. Ali foi mandada por Deus. Ela ficou olhando. Me pediu um copo d'água, eu dei. Ela bebeu, não falou nada. Quando foi no outro dia eu fui trabalhar. Eu cheguei tinha 10 homens trabalhando. Eu digo: “Valha-me Deus, o que aconteceu?” Essa mulher encostou ferro, brita, material. Na minha casa ela botou 9 colunas. Ficou direitinho essa casa do Gugu! Não me pediu nada em troca. Quando eu descobri quem ela era, eu tava trabalhando com artesanato aqui; eu fiz um jarro de 40 quilos, arrumei um carro e fui deixar lá onde ela trabalha. Agradei muito. Ela foi um anjo. Deus dá o que é bom pra gente. Peça e tenha fé! (Dona Magnólia. Entrevista em 12 de maio de 2017).

A sobrecarga de papéis assumidos pelas mulheres de periferia diante das dificuldades sociais e econômicas e da violência física e psicológica experimentadas por elas expõe uma teia de vulnerabilidades que envolvem, por um lado, a baixa autoestima, as frustrações, os medos e, por outro, a coragem e a perseverança na luta pela sobrevivência. Pinto (2011), em pesquisa realizada com mulheres chefes de família residentes na região

<sup>104</sup>A esterilização em massa de mulheres no Brasil durante o regime militar teria sido promovida, entre outras instituições, pelo Centro de Pesquisas de Assistência Integrada à Mulher e à Criança (CPAIMC), entidade privada do Rio de Janeiro. Os recursos financeiros vieram, de início, do Fundo da População das Nações Unidas e em seguida da agência do governo norte-americano para ajuda internacional (USAID) e de várias organizações internacionais, principalmente dos Estados Unidos. Posteriormente, o argumento da preocupação com o volume populacional começou a ser abertamente contestado pelos defensores da perspectiva individual dos direitos de reprodução, sobretudo pelas organizações feministas, que tiveram uma vitória com a aprovação do texto do artigo 226 da nova Constituição, segundo o qual o planejamento familiar é “de livre decisão do casal”, ficando “vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas”. (ALVES, 2014).



central de Santos, São Paulo, afirma que além da vulnerabilidade social, pode-se constatar que as mulheres também demonstram “[...] alto grau de vulnerabilidade emocional, seja pelo sentimento de abandono, seja pela violência e exploração a que foram submetidas, seja pela fragilização a que estão expostas cotidianamente na busca de estratégias para a sobrevivência de seu núcleo familiar.” (PINTO, 2011, p. 169).

Mas como entender o fenômeno de vidas minguando diante da lógica do terror, destituindo-se de todo o sentido, prestes ao total aniquilamento e na mesma tela o florescer de recomposições, de luminosas subjetividades? A líder comunitária deixa clara a sua relação com o sagrado ao expressar simbolizações em relação a essa última experiência: “Ali foi mandada por Deus [...] Agradei muito. Ela foi um anjo. Deus dá o que é bom pra gente. Peça e tenha fé!” Que entrelaçamentos podem ser pensados entre a atitude resiliente de mulheres como Dona Magnólia face a um modo de subsistir desumanamente árido, uma lógica do terror –, e o suporte emocional dado pela espiritualidade?

Vasconcelos (2009), importante teórico da educação popular, analisa que dada à histórica apartação entre ciência e espiritualidade por vezes negligencia-se o rico campo de simbolizações e produção de sentido apresentado pelas classes populares, nesse caso, as mulheres mães no Gereba, várias delas avós. É necessário, portanto, segundo o autor, um diálogo mais profundo e abrangente, onde as dimensões racional, emocional, intuitiva e sensorial desses sujeitos possam ser compartilhadas e elaboradas.

Dona Magnólia continua a expor seu universo de significações e muito da produção de si e dos seus saberes sutis, suas artes de fazer e de dizer (DE CERTEAU, 1990) que são também *artes de sentir*:

O pai da Verbena nunca assumiu a menina. Ele tinha outra mulher. Um dia andando de ônibus com ela, bebezinha, quando eu desço uma mulher deu um cotoco pra mim. Ai cheguei em casa. Quando foi de noite eu acordei com uma dor tão grande no meu peito... Senti ele todo inchado. Ai eu fui pra Maternidade Escola e fiz todos os procedimentos pra operar. Eu não vestia mais blusa, só passava um pano por cima de mim. Ai voltei pra casa tão triste... Disse: Meu Deus... minha fia é tão pequenininha... se eu morrer nessa operação, como é que ela vai ficar? Ia operar no outro dia. Quando foi de noite eu tava dormindo e sonhei que a mulher do ônibus era a mulher do pai da Verbena. E tinha um velhinho sentado perto de um caixão. Eu perguntei pra quem era aquele caixão, e ele disse:” Pra você! Se você for pros homem de anel.” Ai eu não fui não! Fui na casa de uma irmã minha que era macumbeira. Ela fez um trabalho em mim e eu fiquei boa.” (Dona Magnólia. Entrevista em 10 de maio de 2017).

É possível desenvolver uma visão mais alargada sobre o que seja ciência e abrir veredas para “a entrada na cena educativa desta vivacidade intuitiva presente no popular”, desses saberes poderes? São elementos manifestados não só por Dona Magnólia, mas também

nas experiências de Dona Begônia, Lótus, Dona Rosa e certamente de outras mulheres na periferia e outras mulheres no próprio Gereba. O filme *Nise o coração da loucura* (2016) que mostra a trajetória da médica psiquiatra Nise Silveira em prol de um modelo mais humanizante de psiquiatria e de uma outra relação médico-paciente, faz essa provocação ao questionar os tradicionais métodos científicos psiquiátricos e exemplificar como o inconsciente é o modo de apreensão e elaboração das dimensões invisíveis do ser humano integral. O que sobre isso tem a expressar ainda Dona Begônia?

No dia que um dos meu menino tava pra morrer eu senti. Ninguém sabia, ele foi alegre, satisfeito trabalhá, eu fiquei assim...Eu disse:”vá com Deus meu fio!” Aí quando foi daí a pouco eu tive foi um aviso que meu fio ia morrer. Oia quando foi de noite, nove horas foi a notícia. Morreu dois fi meu. Um morreu em frente a fábrica de ração. Vinha de bicicleta aí o cabra quis roubar a bicicleta e ele morreu na hora. E o outro tava mei queimado, foi atravessar a pista aí, morreu na ponte, o carro passou por cima. Aí o pessoal disse:” Ave Maria! A senhora é muito calma porque se fosse com um filho meu eu tinha ficado doida!” Eu disse :” Fico não! Fico não sabe por quê? Porque Deus sabe o que faz. Filho a gente quer bem, mas por causa disso eu não vou me matar, porque Deus sabe o que é que tá fazendo. Se tivesse vivo, eu acho que talvez eu tivesse com o maior desgosto do mundo porque só o que a gente vê hoje é ladrão, é fumador de pedra, é criminoso, matando uns aos outros... sei lá o que é que ia acontecer com essas criatura? Deus sabe o que é que faz e ninguém sabe o que é que diz! Tá certo que a gente sente saudade, a gente sente falta mas o que é que a gente há de fazer? A gente vai brigar com Deus? A gente deve ter paciência com tudo no mundo. Aí passou-se bem um ano que eles morreram, aí lá se vai, mataram meu neto também. Mas a minha menina é como eu, ela é conformada. (Dona Begônia. Entrevista em 31 de julho de 2012).

Relatos de vidas truncadas evidenciam-se, fluxos que se interrompem, gerando dores que passam a fazer parte do cotidiano das mulheres mães no Gereba. Buscando um lugar de menor sofrimento interno, Dona Begônia encontra consolo aludindo a um existir na periferia repleto de vicissitudes e perigos e valendo-se da espiritualidade para minimizar as dores ocasionadas pelo luto dos filhos. DaMatta (1997) compreende a cultura brasileira em três mundos: o da casa, o da rua e do “outro mundo”. Este último, segundo o autor, é o tempo da eternidade. Esses mundos estão interligados e se complementam. No “outro mundo” se localiza um plano onde as coisas passam a fazer sentido, pois é colocada a possibilidade da concretização do que seria impossível no plano terreno. O “outro mundo”, assim sendo, é o lugar da esperança, da igualdade e da justiça, elementos que podem fazer desse lugar, um lugar de mitigação do sofrimento. Não obstante o impacto da perda, o sentimento que em Dona Begônia prevalece parece ser menos doloroso, o da saudade, pois como diz DaMatta (1993, p 22):

[...] a saudade fala do tempo “por dentro”. Da temporalidade como experiência vivida e reversível que cristaliza uma dada qualidade. Assim, pela saudade, podemos invocar e dialogar com pedaços de tempo e assim, fazendo trazer os momentos

especiais e desejados de volta. Por isso a saudade exprime igualmente como duração que pode ser (re) vivida e (re) experimentada generosa e positivamente.

Diante das experiências vividas com a morte dos filhos Dona Begônia reafirma ainda o poder da intuição, reconhecendo com isso seus dons e sensibilidades, uma potência para além da dimensão material. Dada à importância do que está para além da mente e além do humano na complexa dinâmica do viver das classes populares, Vasconcelos (2009) sugere que se quisermos contribuir para a construção de uma sociedade outra, pautada por outros valores, relações e práticas, se faz necessária uma abertura para levarmos em conta não apenas a necessidade de uma maior tomada de consciência por parte daquelas – nesse caso a de que a violência é um problema que existe e que demanda resolutividade –, mas também passarmos a julgar importante a “tomada da inconsciência”. Segundo o autor, o inconsciente seria potencializador não apenas de muitas curas, mas da construção de uma sociedade mais solidária e saudável:

[...] seria então também importante à tomada da inconsciência, no sentido do cultivo na sociedade da capacidade de acolhimento afetivo e espiritual ao outro pelo aprendizado subjetivo da habilidade de lidar com as transformações e perturbações interiores que este encontro com a subjetividade profunda, de quem é diferente, desencadeia, em uma sociedade de massa em que as pessoas estão continuamente se cruzando.

A valorização da tomada da inconsciência, integrada à tomada de consciência, aponta para um imaginário ético que vai além da luta pelo respeito aos direitos formais de todos. Orienta-se por uma ética que inclui também uma situação social de amplo acolhimento de cada cidadão em sua inteireza e, portanto, de extrema abertura ao processo de recriação subjetiva e de novos modos de existência. Uma sociedade que, além da justiça e direitos sociais reconhecidos, seja marcada pela intensa interação amorosa. Onde a abertura e entrega à processualidade da vida e às suas criativas e surpreendentes consequências sejam o valor maior. (VASCONCELOS, 2009, p. 332).

Em tempos em que a vida não para de ser mutilada, rebaixada, mortificada, nunca é demais ressaltar a importância dessa articulação entre a tomada de inconsciência e a tomada de consciência. Segundo dados recentemente divulgados do SIS IBGE 2017, 50 milhões de brasileiros vivem abaixo da linha de pobreza. É Dona Magnólia que revela por meio de sua narrativa a sempre atualizada necessidade da afirmação dos direitos, que brota por meio da tomada de consciência – campo racional que não se dissocia do sensorial e do emocional:

Quando a rampa veio pra cá pro Jangurussu, depois do processo todinho de passar pelo Buraco da Gia, pelo Henrique Jorge eu já tinha 18 anos, já tinha mais maturidade, já sabia mais o que eu queria da vida. Aqui ela passou a ser pastorada pelos policiais. Aí teve um dia que eles enganou nós. Disse: Não! Ninguém tá ganhando nada pra tá pastorando lixo, quer saber de uma coisa? Vamo simhora!” Aí entraram ali pelo buraco do boi e aí foram simhora. Aí todo mundo ficava trabalhando só ali no pé daquele muro, no pé desse galpão. Aí a gente entrou pra

dentro foi com gosto de gás! Pra catar material. Mas você acredita que parece que caiu foi uma chuva de policial pra pegar nós? Aí apareceu e foi muito. Todo mundo correu. Eu não corri. Aí me levaram presa. Tomaram o meu casquera e o delegado disse: “Eu não vou prender a mulher não porque eu não encontrei motivo nenhum”. Eu disse: “Eu tava era trabalhando!” Eu tava suja como eu tô agora - diz. Tá com duas vezes que eu passo um constrangimento muito grande na frente do delegado. Se eu fosse uma pessoa de baixar a cabeça eu tinha sido presa de verdade. Aí eu vim me embora. O lixão também foi liberado. Eu fiquei em cima do lixo trabalhando, cuidando da minha vida.

Apareceu esse projeto da COHAB e a mulher não queria me dar um canto, não queria me inscrever de jeito nenhum. Ai eu disse: “Dona Fulana eu tenho 4 filho. Eu preciso de uma casa pra botar meus fi dentro, eu moro numa barraca.” – “Ah, mas porque não tem mais canto não, já tá preenchido.” Ai eu disse: “Se a senhora não me der, eu vou levantar a minha barraca em frente a sua casa e vou dizer pra todo mundo porque é que eu tô morando em frente a sua casa! Porque a senhora não é dona de terreno. Só porque tá responsável pelo material, não quer me dar ? Eu sou gente também, eu mereço.”

Aí fomos acima, fomos abaixo, eu ganhei. Aí o dinheiro que ele tinha me dado eu tinha guardado, do negócio da casa. Aí eu paguei o pedreiro, fui trabalhar de servente e hoje eu tenho a minha casa graças a Deus. A pessoa tem que lutar, porque se não souber lutar, dá com os burros n’agua e não tem é nada! .” (Dona Magnólia. Entrevista em 10 de maio de 2017).

Penso que de tão comum, a vivência de episódios limites, a experiência da negação de si, poderia desencadear um desejo minguante na subjetividade das mulheres mães no Gereba, mulheres como Dona Magnólia; mas o que os dados desse estudo apontam, a partir das narrativas desses sujeitos, é que tal como afirma De Certeau (1990), existem dimensões específicas, territórios pouco visibilizados que funcionam como linhas de fuga geradoras de outras experiências mais significativas, canais de acesso e produção de saberes que são ferramentas valiosas para essas mulheres, áreas perpassadas por suas astúcias e suas *artes de fazer*, e também por suas sensibilidades. Fluxos que brotam da cotidianidade de suas vidas e da tomada de consciência e de inconsciência. Elementos disso aparecem também na fala de Verbena, filha de Dona Magnólia :

Se você assistir uma reunião aqui você vai ver a fragilidade e ao mesmo tempo a força que a mulher tem. Porque são pessoas, são mulheres que vem de uma luta muito antiga, com muitas histórias de perdas de filhos, quebrando barreiras, preconceitos, machismo, seja pela parte do marido, seja por pessoas que ignoram a existência delas. Quando eu me separei eu sofri bulling, da família, porque eu tinha a obrigação de ter um homem. Eu tinha que me relacionar com outra pessoa. Mas eu não via, como eu não vejo até hoje como me enquadrar nisso. Eu tenho três filhos e estou me dedicando totalmente a eles. Não tô falando de abraçar, dá beijo. Tô falando de ter uma pessoa, de cuidar dessa pessoa, de assumir essa pessoa. Porque assim, se vê com ações, não com palavras, mais com atitudes. É cuidar, ser parceira, ser companheira. Porque eu sou assim, eu não peço demais, mas o que eu dou eu quero de volta. Se eu sou companheira, se eu respeito eu quero de volta. É a troca mútua, né? Ah, meu amigo...Se você quer dar porrada você vai levar porrada. Se você me der amor eu vou te dar amor. Entendeu? Aí durante anos fui questionada, censurada: “Ah você não quer voltar pra ele?” e eu encarava numa boa. Quando eu achar que é o momento, quando eu encontrar uma pessoa que eu achar que vale à pena, eu dividir o meu dia, as minhas horas, o meu espaço com ela e os meus filhos, principalmente, encontrar uma pessoa que me respeite e respeite meus filhos, não

tenha dúvida. E eu gostar é claro! Se não tiver um envolvimento, se não tiver uma troca legal de sentimento, sei lá... Às vezes a gente se apaixona por uma pessoa avessa de você, mas desde que ela seja sua companheira, compartilhe com você... A gente não pode julgar a cabeça das pessoas, a gente não tem esse poder. Você pode trabalhar: “Olhe! Eu quero o seu melhor” e tal, mas mudar... Não existe isso! Não existe esse negócio. Quando a gente é adolescente isso é muito real. Você pega um cara e aí você se apaixona e acha que vai mudar ele. Doce ilusão. O príncipe vira sapo em dois tempos. E o engraçado, eu vi situações em que o cara se apaixonou mesmo, mas não mudou. Como é que pode um negócio desses?

Eu cheguei segunda feira de Curitiba, tava lá participando de um seminário e a minha companheira de quarto era uma assistente social, da Bahia, muito independente, muito à frente, e a gente conversando e eu dizendo pra ela: “Bárbara, nós que temos esse temperamento e essa visão, a gente passa muito tempo sozinha mesmo.” Não tô querendo menosprezar as outras. Mas um homem quando vê uma mulher com atitude, que tem um pensamento próprio, ou pelo menos acha, porque também pra mim essa coisa de ser totalmente independente é uma utopia. Somos sempre dependente de alguém, de alguma coisa, de algum sistema, em algum momento. Mas assim, nós que temos essa visão, que não espera e vai lá e faz, que somos autônomas, a gente assusta... Ao mesmo tempo que eles admiram eles tem medo e não é pouco não! Independente da mulher, do corpo que ela tenha, do cabelo dela, ele se assusta. Aí eu completo, pergunto logo: “Você tá querendo uma Amélia?”. Não dá pra mim não! Não rolou. Você vê como nós somos uma parcela forte da sociedade e nos tornamos tão frágeis. Nós somos apoiados hoje pela Frente Parlamentar de Mulheres da Assembleia, é um grupo de nove deputadas. Quando elas se reuniram e formaram uma rede de mulheres elas não se fortaleceram? Porque elas trocaram experiências, com palavras, elas deram forças uma pra outra, aí tá a troca mútua, nenhuma deu dinheiro uma pra outra, nenhuma deu assistência material e sim uma assistência de acolhimento de palavra, de conforto que fez com que ela chegasse em casa e olhasse pra eles ... Pode ter certeza! Deve ter outra visão depois que começou a fazer isso. De onde vem essa força? Ah, eu acho que essa força vem do coletivo. Do querer para mim e para o outro. Do querer o melhor. Do fazer junto. Vem daí. (Verbena. Entrevista em 01 de setembro de 2012).

Além da conexão com a espiritualidade, tão bem expressa principalmente nas falas de Dona Begônia e Dona Magnólia, e da tomada de consciência dos seus direitos - algo visível nos relatos de Dona Magnólia e de Verbena em relação à opressão vivida pelas mulheres -, outras dimensões também se fazem acessar pelas mulheres mães participantes de nosso estudo, fluxos que parecem recompor as partes machucadas dos seus corpos vibráteis, nas palavras de Lygia Clark (1980), desobstruindo a passagem da energia criadora. O que produz desejo nas mulheres mães do Gereba? Destacam-se aqui a afetividade, a alegria, a solidariedade e a união, além do cultivo da auto-estima e dos saberes e aprendizagens - correntes de ar para o enfrentamento do trágico. Ao mesmo tempo táticas no sentido ceriteuniano, conscientes ou não, que transformam muitas vezes zonas que seriam de debilidade em sua potencial condição de fortaleza:

Determinada pela ausência de poder, a tática é a arte do fraco, por isso as opera golpe por golpe. A tática tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Vai caçar, cria, ali, surpresas, consegue estar onde ninguém espera; é astúcia. (DE CERTEAU, 1990, p. 101).

Á título de ilustração, relembro uma cena vivida na antiga casa de Dona Rosa – o barraco que, aparentemente, revelava a fase de maior pobreza da mãe de santo e catadora:

Ela chega, senta em um batente para tomar uma xícara de café e fazer o seu fumo de rolo. Em instantes a cozinha fica cheia e alegre, com filhas, netas e netos. Uma neta adolescente chega com um doce feito especialmente para a avó que prova e dá dicas de como melhorar. O garotinho adotado, o mais novo na casa, vez por outra aparece fazendo uma graça divertindo a todos. Uma das garotas, de modo inocente, pega no meu cabelo e pergunta se ele foi queimado. Todos riem inclusive eu. Após o café, o fumo e a conversa em volume alto, regada a gargalhadas a mulher se retira. Lá fora o trabalho a esperava. (Diário de campo, 03 de maio de 2017).

Ao refletir sobre a importância dos afetos, a partir da análise das culturas juvenis Machado Pais (2012) afirma que os jovens sentem a necessidade de vinculações afetivas que mobilizem estados de sustento emotivo, possibilitando, assim, o cultivo de sentimentos de confiança sobre a vida. Nesse sentido, a família prevalece ainda em muitos contextos como uma âncora, um porto seguro, um “refúgio num mundo sem coração” (LASH, 1991). Pude constatar por diversas vezes durante o período de realização da pesquisa que os membros da família de Dona Rosa, sempre que podiam estavam juntos. Estar junto, nesse sentido é subverter a lógica individualizante, pós-modernamente líquida (BAUMAN, 2008) cada vez mais crescente no atual estágio capitalístico. Estamos no campo da tática, pois.

Sinto-me neste momento inspirada a remexer o meu baú de memórias e compartilhar uma experiência criancieira: Quando eu tinha uns 9, 10 anos havia uma autora que me fazia “perder” o recreio na escola para ir a biblioteca e ficar viajando nas histórias sobre a sua família: Laura Elizabeth Ingalls Wilder. Nascida em 1867, numa pequena cabana de troncos, à beira da Grande Floresta do Winsconsin. Ao longo dos anos, viajou com os Wilder de carroça através de Kansas, Minnesota e, finalmente, do Território de Dakota. Era uma vida de privações e trabalho árduo, mas também de muita ternura e alegria. As colheitas eram destruídas repetidamente por tempestades e enxames de gafanhotos, dentre outros desafios, mas o mais ressaltado nos seus livros eram os momentos felizes de amor, riso e dialogicidade. Passeios de trenó, refeições em família, festas em feriados e eventos sociais – gestos simples inundados de cotidianidade. Hoje eu vejo o quão funcional era para o governo americano o incentivo e a ocupação das terras “selvagens” do oeste, sem contudo garantir a adequada estrutura para aquelas famílias. Mas naquele momento eu não entendia dessas coisas. E mesmo que entendesse o mais importante para mim era o exemplo de trabalho, dignidade, amorosidade e perseverança daquela família. Acho que tudo o que eu via, vivia (ou julgava viver) e sentia, naquele momento me impelia a querer ser aquela garota e viver como

os Wilder. Aquela era mais uma das formas miúdas que eu encontrava para ter uma infância feliz.

O cotidiano “é uma história a caminho de nós mesmos.” Afirma De Certeau (1990, p. 31). Percurso esse feito segundo o autor também por meio de heróis e heroínas anônimos, com base em minúsculas expressões, táticas, astúcias, artes de fazer, que, outrora, passariam despercebidos. No caso da cena familiar com Dona Rosa, numa era ditada pelas múltiplas nuances que o individualismo e o produtivismo podem adquirir (BAUMAN, 2008), julgar-se-á potente uma reunião de afetos, e nesse caso de mulheres, com diferentes faixas de idade, com diferentes trajetos e experiências, em uma cozinha de periferia? É, pois o cotidiano o lugar por excelência para a fruição do que é tido como irrisório, irrelevante, inútil para a sociedade, mas ao mesmo tempo repleto de possibilidades de resistências – campo de dilatação da liberdade, da criatividade e do desejo.

As experiências envolvendo Dona Rosa me fazem lembrar como as filhas de Lótus, mesmo muito inquietas, costumavam ser carinhosas. A mais velha sempre que chegava da escola, vinha correndo me abraçar, me chamando de tia, abraçando logo em seguida a mãe. Três momentos em particular chamaram a minha atenção, eles aparecem aqui registrados, na forma de trechos de diário de campo e entrevista:

Por questões de saúde eu havia passado um mês sem ir à comunidade. Ao descer na parada de ônibus, deparei-me com o início de uma obra da prefeitura quase ao lado da rua principal. Soube mais tarde tratar-se da construção de mais uma praça na cidade. Ao chegar à casa de Lótus, a encontro assistindo TV, alegremente, as crianças deitadas em um colchão no chão, na sala muito ventilada. Junto às meninas 3 gatinhas que foram achadas junto à obra. Ao me ver, todas correram me abraçar e contar a novidade. “Cada uma ficou com uma tia!” [...] “O sonho da Azaleia era poder assistir televisão. A gente não tinha TV. Hoje temos (sorri), e tem também ó! (aponta sorrindo mais ainda para uma pequena feira de alimentos no armário) Antes não tinha, lembra?” (Diário de campo, 18 de outubro de 2017).

[...] Cheguei em meio a uma conversa muito animada na casa de Lótus. Todos comentavam sobre o passeio que a comunidade estava organizando para uma cidade no interior. “Vez por outra a gente vai tia! É tão legal! Tem vez que a gente vai passear na praia também!” – me diz Azaléia. Quero saber mais. Acho aquilo tudo muito interessante. Percebi logo depois, com um pouco mais de escrutínio sobre meus sentimentos, que esse também era um achar que beirava o preconceito. A alegria, o circular das pessoas pobres pela cidade naquele contexto de terror que a comunidade vivia, parecia beirar a inadequação... [...] Lótus foi à cozinha preparar o lanche das meninas e a filha do meio começou a bater fotos minhas, do celular da mãe. Mesmo eu não gostando muito de fotos, começamos a brincar com isso. Em um determinado momento diante da insistência da garota em pegar o meu celular, e sabendo que ela gostava de cantar, disse que iria fazer um vídeo. Em segundos a sala foi transformada em palco! Enquanto eu a filmava, ela começou a cantar uma música bem animada, aprendida na escola. Todas as irmãs a assistiam, inclusive Lótus que voltara da cozinha. Após a canção, muitas palmas e um novo número. Ela cantou dessa vez uma música em homenagem às mães e ensaiou uma delicada coreografia. Após a canção, correu para os braços da mãe que já chorava e gritou: Mãe eu te amo! (Diário de campo, 18 de abril de 2017).

[...] Enquanto lavava a louça Lótus falava com entusiasmo sobre a reaproximação com o marido: “Nunca imaginei que podia ser assim, que eu podia ter um companheiro, que as meninas podiam ter um pai.” A filha do meio entra na conversa: “E também agora eu tenho uma avó né mãe?” “É! agora você tem uma vó... E tem os filhos deles que gostam delas e brincam com elas.” A menina de novo: “E um vô que é o seu Raimundo!” “O seu Raimundo é um senhor que registrou ela como filha e agora ele me ajuda. Acho que ele tinha pena de mim. Ele viu que quando eu saí das drogas foi muito difícil porque ninguém quis me ajudar. A minha família não me ajudava e a gente passava muita necessidade. É tanto que a gente às vezes ia comer lá porque nós não tinha comida. Ele já é um a pessoa de idade. Aí foi indo, foi indo e ele se apegou muito a ela porque ela passa pra ele o que as filhas dele não passa. Ela abraça, chama de pai. Quando a gente vai lá ela diz: “oh mãe! Deixa eu ficar só mais um pouquinho aqui?” Ele brinca com ela. Tem paciência. É como se fossem duas crianças. Ela chora pra ir pra lá e ele fica triste quando ela não vai. Ele foi uma pessoa muito importante porque quando eu estava mais precisando, queria conversar e eu não tinha ninguém, eu conversava muito com ele. Porque era só eu, Deus e elas. Naquela época os meus irmãos não gostavam de mim porque eu fazia muita coisa errada, eu era a vergonha da família. Ele que insistiu para registrar ela, antes eu não queria porque achava que eu era que tinha que cuidar delas. Hoje eu me dou bem com os meus irmãos. Sou como se fosse mãe deles. Dou conselhos, devido o que eu passei.” (Diário de campo, 19 de abril de 2017).

Que corpo de mulher, de mãe, está em jogo nestas narrativas? Que potência do corpo elas revelam? Cada uma delas expressa um corpo que em seu encontro com o mundo se abre às forças da vida - um “corpo - galáxia, aberto a tudo cheio”, como diz Goulart (1980) em seu Poema Sujo – signo de resistência à ditadura militar. E nós pesquisadores e pesquisadoras, como lidamos quando tais forças escapam às nossas categorizações? Ao deparar-me com o meu preconceito subliminar, quase imperceptível, ante as práticas de resistência daquela família, uma vez mais lembro-me do filme “A que horas ela volta?” em que as contradições, os micro poderes de uma família de classe média alta “camarada” são expostas com a chegada e o inesperado ascender social da filha da empregada. Como lidamos com a alegria dos pobres?

Na experiência humana dos afetos, o processo liberador que leva a felicidade é determinado pela experiência da alegria, potência de agir aumentada ou favorecida, me diz também Espinosa (2007). O que sobre esse grande poder – o poder dos afetos, e da alegria nas áreas e relações periféricas –, tantas vezes escamoteado em nossas produções acadêmicas, irrompe das experiências de Flor e Dona Magnólia:

Eu amo o dia de domingo! A gente passa o dia assistindo televisão, aí um olha pro outro e começa a rir! A gente bota um negócio divertido pra passar e fica assistindo. Eles me abraçam. Eu tenho um filho que ele é muito carinhoso. Ele vem me abraça e diz: “Mãe, tu sabia que pra mim tu é a mulher mais bonita do mundo?” Todo tempo ele diz: “Mãe eu te amo, mãe eu te amo tanto!” (“tô emocionada”, diz começando a chorar) “Falar de filho é...” (não consegue concluir). Às vezes eu tô triste, triste, triste. Aí a minha filha percebe e aí eu venho no banheiro e ela fica plantada aqui. Aí ela vai e diz: “Mãe vumbora se deitar?” (Flor. Entrevista 18 de outubro de 2017).



A Verbena cresceu casou, teve 3 filhos e está terminando serviço social. Ela foi um presente de Deus pra mim. Eu já tinha perdido dois filhos e quando ela fez quatro meses, que eu vi que ela ia se criar, pra mim já era a coisa mais importante que eu tinha na vida, tinha não, tenho! Minha filha é muito importante pra mim [...] O meu caçula tem 23 anos e eu beijo ele como se ele tivesse um ano. Às vezes ele até reclama, diz que é demais. Mas é porque eu gosto, faço aquilo com prazer. Beijo ele, massageio a cabeça dele. Pra mim ele não é o homem que ele é. O meu que tem 35 anos eu faço questão de dar água na mão dele, eu lavo uma roupa dele, eu ligo não sei quantas vezes: “Meu fi, isso assim assim...” Agora não que eu tô sem celular, mas se tivesse com um já tinha ligado umas 4 ou 5 vezes. “Onde é que tu tá, tá fazendo o quê, que horas tu vai pra casa?” Eu fico assim direto. A minha família é só eles. Eu sou muito apegada. Pela primeira vez eu passei a amar e a sentir amor. [...]

Eu fiz tudo por eles, pena que um mataram. Mas os outros, nunca eles passaram o que eu passei. Eu botava eles pra estudar, eu dava banho, eu cortava as unhas. Eu sempre fui muito cuidadosa com os meus filhos. Para mim eles eram a coisa que eu mais amava. Eu deitava numa rede, dando de mamar, menina, era a coisa mais feliz da minha vida era tá ali com aquela criança! De manhã antes de eu sair de casa eu digo: “Senhor, toma conta dos meus filhos. Deus com eles e nada contra eles.” (Dona Magnólia. Entrevista em 10 de maio de 2017).

Ivan Lins na famosa canção Iluminados já observava: “O amor tem feito coisas que até mesmo Deus duvida, já curou desenganados, já fechou tanta ferida...” Lótus, Flor, Dona Magnólia...mulheres mães no Gereba que aprendem a amar, amando, e fazem fluir a vida ao desapegar-se do peso do passado e abraçar o presente em tudo o que ele oferece. Diante das experiências partilhadas por essas mulheres novamente voltamos ao debate sobre a questão da família – ela seria de fato um mero anacronismo repressivo? Essa é a grande indagação de Lash (1991), em seu livro, já citado, Refúgio num mundo sem coração – a família: santuário ou instituição sitiada? Nele o autor sugere uma reorganização do mundo do trabalho com vistas a sua humanização em virtude da valorização dos laços familiares e do cultivo dos afetos e valores. Sarti (2004) também valoriza o sentido de família no seu aspecto formativo, podendo ser esta um canal de fecundas (re) elaborações:

A família, inclusive para os adultos, continua tendo essa função de dar sentido às relações entre os indivíduos e servir de espaço de elaboração das experiências vividas. Essa concepção permite pensar o processo de “crescimento” na família como uma questão que diz respeito não apenas às crianças, mas a todos os seus membros, ao longo de suas vidas, na medida em que as experiências podem ser permanentemente re-elaboradas. “Crescer”, assim, desvincula-se do mero processo biológico e constitui-se, também, em um processo simbólico. (SARTI, 2004, p 16-17).

Perceber a família como palco de elaboração das experiências vividas, parece ser parte do aprendizado que Lótus vem vivenciando, não sem desafios, como nos mostra o registro no diário de campo:

É difícil ocupar o papel de mãe agora. Logo de 4 de uma vez. Eu pensei que ser mãe era dar comida, deixar no colégio, essas coisas. Eu acho que elas não me respeitam. Elas querem gritar comigo. A Azaleia diz que eu não sei cuidar delas direito. O meu irmão mais novo protege muito ela. Está sempre por aqui, trabalha com o meu marido e não usa drogas. A Azaléia também não se dá com o outro mais velho porque no passado ele puxou faca para nós duas. Tenho outro que tem HIV e esteve bem debilitado há um tempo atrás porque não se tratava. Eu que ajudei ele. O meu stress com as meninas é porque elas são muito danadas, mas eu não boto de joelhos, não acho certo. À noite elas ficam com o ventilador e eu durmo sem, mesmo assim elas vem querer ficar comigo.

Com as minhas filhas eu aprendo a não ser agressiva. Eu era agressiva por causa da dependência das drogas. Mas eu vi que não adianta bater. Eu ainda falo palavrão, eu grito. As duas menores dizem um monte de coisas que eu falo, eu vejo que elas ficam me imitando, como se elas fossem a filha e a mãe. E interessante é que enquanto eu estou falando eu não sinto que sou agressiva, eu só sinto quando elas falam e é muito ruim o que sinto. Eu imagino que deve ser pra elas também. Eu fico me esforçando pra não falar aquilo, mas tem hora que elas me perturbam. Eu fico doidinha da minha cabeça! (Lótus, Entrevista em 18 de abril de 2017).

De fato, durante a pesquisa de campo, estando na casa de Lótus, várias vezes presenciei os pedidos das meninas: uma hora a filha do meio pedia milho, ao ouvir um senhor passar vendendo na rua; em outro momento a mais velha pedia para a mãe ir comprar caldo. Algumas vezes as menores me abraçavam e me pediam dinheiro. De qualquer modo, o potencial formador existente na relação com as filhas faz de sua maternagem uma experiência notável. “A experiência é algo que se dá no campo do singular, é aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma.” (LARROSA, 2002, p. 24). O relato de Lótus me faz lembrar Flor quando esta diz que passou a entender mais a própria a mãe, sendo mãe –, recolocando assim o potencial da experiência nas relações familiares. Segundo Scott:

A experiência é coletiva, bem como individual. Experiência tanto pode confirmar o que já foi conhecido (vemos o que aprendemos a ver), quanto perturbar o que parecia óbvio (quando sentidos diferentes estão em conflito nós reajustamos nossa visão para tomar consciência do conflito ou resolvê-lo - isto é, o que significa “aprender com a experiência”, muito embora nem todos aprendam a mesma lição, ou aprendam da mesma forma, ou ao mesmo tempo). (SCOTT, 1998, p. 320).

Como falei anteriormente, ao trabalhar ainda que indiretamente com populações em situação de rua, pude observar que para muitos homens e mulheres, as maiores significações sobre família aludem a qualidade do vínculo emocional, e que quando este é rompido busca-se outros espaços, fomentadores de outros possíveis vínculos. Era comum, trabalhando à época na antiga SEMAS, ouvir o relato de pessoas que tiveram essa experiência num contexto de uso abusivo de drogas. Sem saber lidar com a situação, familiares viam definhando as expressões de afeto entre os membros, e a rua surgia como uma possibilidade de enfrentamento do vazio, por parte de quem se achava a origem do problema, via de regra os

dependentes químicos. Normalmente homens. O que pretendo neste estudo não se trata, pois de uma idealização da família, mas da valorização do vínculo, do sentimento gregário comum ao humano. Como observa Sarti (2004, p. 16-17): A família não se define, portanto, pelos indivíduos unidos por laços biológicos, mas pelos significantes que criam os elos de sentido nas relações, sem os quais essas relações se esfacelam, precisamente pela perda, ou inexistência, de sentido.

Outra experiência marcante ocorrida nos tempos em que eu trabalhava na FUNCI, foi a da jovem em situação de rua, tida como um dos maiores desafios institucionais à época: ela havia passado por praticamente todos os abrigos da rede de proteção à criança e adolescente da cidade e sempre fugia. Eis que a partir do estabelecimento de um vínculo maior com uma das coordenadoras de um desses espaços, conseguiu-se “arrumar a garota”, cuidar dos cabelos, perfumar, presentear com boas roupas e manter a sua permanência na instituição por um tempo maior que o normal. Até que um dia a pessoa responsável pelo equipamento decidiu levá-la a coordenadora geral, no conhecido Parque das Crianças, sede da FUNCI – local à época bastante frequentado por crianças e adolescentes em situação de rua. Ao entrarem no parque, um grupo de garotos correu ao seu encontro, sendo a garota saudada entusiasticamente pelos antigos amigos do tempo de rua. Diante disso, e para a perplexidade geral, ela aos poucos foi tirando e jogando peças de sua indumentária no chão: arranjo de cabelo, brincos, pulseira, sapato... “O meu lugar é aqui tia. Junto com eles.”

O que quero dizer por meio desses relatos é que a família (melhor dizer famílias) é um campo de possibilidades, de relações oscilantes, não raro lócus para violências explícitas ou fronteiriças, como ocorreu na infância de Lótus e de Dona Magnólia, mas de qualquer modo um terreno fértil para a construção de experiências afetivas que possam conduzir a um viver-maior. Não obstante a existência dos conflitos e micro poderes em seu interior – posto que reflete e produz o mundo -, ela também pode, dependendo da qualidade do vínculo, da interação humana que é capaz de impulsionar, atuar como “refúgio”, suporte emocional e curativo para as dores existenciais, e aqui, especificamente, como fluxos de suavidade em meio ao temporal carregado da pobreza e da violência no Gereba. É o que venho observando desde a pesquisa dissertativa com as juventudes no Jangurussu e agora com as mulheres mães. É o que me revela Dona Magnólia que diante da impossibilidade de ter pais amorosos torna-se uma mãe amorosa e com isso recebe amor, bem como Lótus, que compõe movimentos de solidariedade, movimentos afetivos, que vão para além da relação com as filhas. Eis os trechos de dois diários de campo:

Ao chegar aquele dia em sua casa, Lótus estava deitada na sala sob um colchão, assistindo TV. Perguntei se estava atrapalhando e ela disse que não, que estava na hora de levantar para terminar de preparar o almoço. Estranhei um pouco, já era quase 15h. Ela disse que naquele dia estava sem muito ânimo, estava preocupada com a insegurança no bairro e que já que tinha sido demitida preferia passar o tempo que podia dormindo. Contou que o marido também tinha sido posto pra fora. No momento seguinte, porém, já toda animada, disse que felizmente ela conseguira um lugar de vigia para ele na obra da rua ao lado de sua casa (pavimentação e construção de uma praça) “É bem pertinho óh Ciça!”. Lótus ia da preocupação ou tristeza para a alegria de um modo que realmente me surpreendia. Dava pra perceber que o fato da sua colaboração quanto ao novo trabalho do marido aumentava a sua alegria e auto estima. (Diário de campo, 18 de outubro de 2017).

A festa do natal das crianças já estava perto de acabar. Encontrei Lótus toda contente junto com as filhas. “Ah, eu aprendi a usar a internet Ciça ! Uso a que tem no celular do meu marido. As meninas adoram! Olha lá! Elas estão pintando no celular, é legal, né? ” Diz apontando para as duas filhas sentadas no chão. Sorrio e concordo com Lótus que continua: “Mulher eu tô tão feliz! Ontem eu ajudei o meu irmão. A polícia entrou na casa dele, desconfiando que a moto dele era roubada. Ele ficou nervoso por tudo o que já sofreu aqui. Ele disse que tinha comprado a moto do patrão, mostrou o material de reciclagem na casa dele, mostrou as mãos cheias de calos, mas a polícia não acreditou. Aí eu cheguei e falei direito com eles. Perguntaram quem eu era e eu disse. E disse que queria saber do que se tratava. Falei que ele era um rapaz trabalhador, que eu ia atrás da chefe dele que vendeu a moto pra explicar tudo, porque se a moto era roubada ele não tinha culpa não! Acontece desse pessoal receber qualquer coisa pra não sair perdendo em questão de dívida. Eu entendi o lado dos policiais. Eles disseram que o meu irmão não tinha falado direito com eles e eu pedi para eles entenderem. Eles foram lá pra fora e depois voltaram dizendo que eu ia receber um presente de natal porque a moto tava liberada. Eu fiquei tão feliz! Tá vendo! Tem gente que diz que Deus não existe. Existe sim! Tá a prova!” diz olhando para a cunhada. (Diário de campo, 23 de dezembro de 2017).

O corpo potência de Lótus, que sentia tão intensamente dor, tristeza, medo, apatia, raiva – ela reconhece que discute com as filhas, principalmente com a mais velha -, amor e principalmente alegria me fazia lembrar Suely Rolnik (2014): “Eu nunca sou eu mesma, porque tem sempre este outro ponto de interrogação que me empurra pra virar outra.” Além de um incessante recriar-se e dos sucessivos fluxos de afetos, outra coisa que vemos por meio das experiências de Lótus é que a família parece continuar sendo também espaço para a tessitura de múltiplos saberes e aprendizagens – hipótese que nos levou a perguntar as nossas outras interlocutoras nesse estudo: “O que se aprende sendo mãe? O que se aprende com os filhos e filhas? O que se ensina? A seguir um curioso relato de Dona Orquídea:

Meus filhos às vezes querem me ensinar negócio de internet, mas eu não gosto dessas coisas. Mas o que eles mais me ensinam é que a mãe tem que ser uma pessoa amável. Você não pode ser revoltada, que aí você passa pra eles. Eu nunca fui revoltada porque eu nunca apanhei. Meus pais diziam que eu não merecia. Eu cheguei a bater na Papoula uma vez, nem lembro o que foi que ela fez, mas eu dei uma chibatada nela. Ela chorou um bocado de dias, ficou revoltada. Às vezes eu brigo ainda um pouco com ela. O pai dela brinca quando ela vem beijar a gente. Ele diz: “Tem que beijar primeiro eu porque eu não implico contigo! “Mas toda vez que ela sai, vai lá na cozinha me beija e sai.” Todos eles são assim. As que são casadas são ainda mais apegada. A mais velha, a Acácia vem aqui, passa pano no chão faz as

coisa tudim, não quer que eu faça nada. “ Mãe deixa que eu faço! ”Ela se formou com aquela mulher da Pastoral da Criança que ajudava as crianças na África (D. Zilda Arns). Ela tinha 16 anos e ela levou a Acácia pra Recife pra fazer esse curso. Quase que eu morri com a minha filha fora! Se você ver o currículo dela...ela sabe tudo de computador, internet essas coisas, só não tá trabalhando agora por causa do menino pequeno. Ela é igual a eu quando ela era pequena, levava ela pra escola e vinha chorando [...]

A gente repassa coisa pra eles e a gente também aprende tudo. Como eu sou uma mãe velha, eu tenho que entrar na deles, senão não bate! Isso é a coisa mais difícil pras mães entenderem. Hoje pras mãe ajudar eles, tem de entrar na jogada deles. Senão cria briga, cria polêmica. Graças ao meu bom Deus, na minha casa não tem briga, não tem discussão, nem com meus filhos, nem com meu marido. Menino quer ir pra praia? Pronto! Eu vou com eles. Quer ir pra piscina? Eu vou pra piscina. Elas dizem: “Mãe o que é que a senhora vai fazer lá?” “- “Lá tem água de coco?” Eu tomo água de coco.” Eu só não gosto de entrar pra me molhar. Depois que eu virei mãe eu nunca mais entrei numa praia. Fico só de roupa. Não é só pra olhar? Pra observar? Inclusive quando elas iam com o namorado, eu estava lá. Essas aqui tão sem namorado ainda, elas tem 17, 18 e 19. Elas estão muito ocupadas, graças a Deus! Aí não tem muito tempo de tá empaiada com namorado. Tem uma que está quase querendo, mas tem que estudar. Mas elas ainda dão mais prioridade aos estudos delas. E eu entro na delas também.” Vai estudar!” A gente aprende coisa com elas porque é realmente assim, não é apoiar o que elas querem fazer, não é aceitar tudo, não dá pra entender direito, só sei que se for bater de frente não dá certo. Menino sai de casa, menino vai morar em casa de amigo, aí despedaça tudo! A gente aqui resolve as coisas conversando [...]

O que eu ensino pra eles? Eu tenho duas moça, pode se chamar de moça porque estão dentro de casa, enquanto não começa a namorar é moça. Eu sempre digo pra elas que quando arrumar um namorado procure saber se tem família, se é uma pessoa boa. Não chegar logo namorando, precisa conhecer. Tem o Antúrio que tá junto e eu digo pra ele: “Antúrio vem logo pra casa, tu só fica me dando trabalho!”-“ Não mãe! Não posso deixar minha mulher não!”- “ Pois então o senhor trate de trabalhar porque homem tem que ajudar a mulher dentro de casa!” Quando eles eram adolescentes a gente tinha o maior cuidado de não fumar, ou não fumar perto deles. Eu já fui fumadeira, mas deixei de fumar quando a minha filha que hoje tem 19 anos nasceu. A gente sempre orientava. Outra coisa que até hoje eu digo: “Tem gente brigando acolá? Você não tem nada que ir pra lá. Você não perdeu nada lá e você não vai ganhar nada lá. A não ser, ver uma coisa que você não pode ver e se complicar. Se tem um bocado de gente brigando ali na rua São Francisco, pra que ir pra lá? Eu não vou! Eu fico é em casa! Se alguém chegar e vier me contar eu vou saber. Eu não corro atrás de briga, de fuá, de fofoca. (Dona Orquídea. Entrevista em 27 de outubro de 2017).

As melhores coisas que Dona Orquídea aprende com os filhos e filhas, não são coisas. São pulsações do ser que dialogam com a potência da poesia, como afirmava Lygia Clark (1980). Já as lições que ensina têm a ver com o próprio modo dela com eles e elas relacionar-se, e manifestam a preocupação com o futuro das filhas, a co-responsabilidade no ambiente doméstico e com as táticas de sobrevivência na própria comunidade.

A seguir, narrativas de outras mulheres mães no Gereba sobre as aprendizagens na relação com os filhos e filhas:

Hoje eu estou fazendo 57 anos. A única coisa boa que Deus me deu foram os meus filhos. Eles me fizeram brincar. Eu nunca brinquei. Nunca tive boneca. Com eles eu dou e recebo amor. (Dona Magnólia. Entrevista em 18 de abril de 2017).

Eu fiz com os meus filhos como a minha mãe fez comigo. Ela morreu, mas me ensinou a fazer tudo. Me ensinou a lavar, me ensinou a costurar, me ensinou a cozinhar. Ela dizia: “Isso aqui é pra quando você casar, tiver roupa do seu marido, dos seus filhos, você mesmo costurar, sem precisar de outra pessoa”. Eu me criei aprendendo a fazer tudo na minha vida. Eu nunca pedi nada a ninguém na minha vida, nunca. (Dona Begônia. Entrevista, 31 de julho de 2012).

Eu sempre digo pra eles: “Não se limite aos problemas do lugar que você está”. A outra coisa é que eu não vejo problema nenhum da minha filha aprender sobre como usa um preservativo, como bota uma camisinha. Por quê? Se é pra saúde dela? Porque que eu vou achar ruim? Quando muitas colegas dela tão aí engravidando sem querer, se contaminando, pegando doença. (Verbena. Entrevista em 01 de setembro de 2012).

Eu achava que já sabia ser mãe porque eu já tinha meus dois filhos. Depois eu vi que não. Hoje os três me ensinam muita coisa a cada dia. A ter paciência principalmente. A rir mais. Eu acho que depois que eu fui mãe eu aprendi a ser mais feliz. Eu sou mais eu. Eu sou mais leve. Às vezes me estresso porque ter filho pequeno é uma bênção meu Deus! (diz passando as duas mãos na cabeça). Mas eu sempre digo que eu amo eles. Arrumo um jeito de agradar. E os meus filhos ficam felizes com 50 centavos! Diz emocionada. Aquilo pra eles é como se fosse um celular, um carro de controle remoto. Todo final de semana eu compro um DVD pra cada um. Aí cada um diz: “Obrigado minha mãe!” Aquilo é tão importante pra eles! As pessoas acham que agradar é dar presente caro. É não! No dia das crianças eu disse: “Mamãe não vai dar nada porque mamãe não tem. Quando mamãe receber dinheiro aí mamãe compra pra cada um. Mas eu vou mandar fazer uma torta, a gente compra refrigerante, aí se assenta e come como se fosse um aniversário.” Quando foi no dia, quando eu cheguei com a torta foi uma alegria! Foi melhor do que se eu tivesse dado presente! Quando eu prometi novamente que ia dar depois eles fizeram foi dizer: “Precisa não mãinha, tu num já deu a torta?” Eu não dei nada pra eles porque eu não pude (diz chorando). Eles tavam me cobrando muito uma cama. Aí eu disse: “Mamãe não pode agora porque mamãe tá muito endividada.” Aí eu esperei pagar o meu armário pra depois comprar a cama. No dia que essa cama chegou foi uma festa! Foram 5 dias de alegria! Aí o mais velho disse: “Mamãe falta só o meu guarda roupa né? ”. “- É meu filho, mas você tem que ter um pouquinho de paciência.” Eu tento agradar como posso, se eu não puder comprar uma coisa pra tudinho eu não compro não. (Flor. Entrevista em 18 de outubro de 2017).

Aprender a rir, a dar e receber amor, em meio a uma vida de sacrifícios, restrições e negligência familiar é o aprendizado mais precioso de Dona Magnólia. Ela abre-se aos fluxos de afeto que vão fechando fissuras, repondo partes ausentes, soldando articulações desconectadas, escorando pontos sem sustentação no corpo vibrátil (CLARK, 1980). Dona Begônia ressalta em sua fala uma sabedoria ancestral, que reproduz na educação e no trato com os filhos e filhas e que dialoga com a noção de autonomia. Para além dos preconceitos, Verbena procura apontar referências outras para os filhos e filhas, assim como defende também um conhecimento prático que atenda as demandas das juventudes contemporâneas. Deseja que os filhos adquiram um nível de distanciamento crítico com relação às determinações de suas circunstâncias de modo a não serem conduzidos fatalistamente por elas. Já Flor descobre com o tempo que ser mãe é devir... constante aprendizado, cujos frutos carregam as sementes de outras grandes energias de contestação do instituído - a amizade e a

ternura. Rubem Alves me faz lembrar De Certeau quando diz: “Para as crianças, tudo é assustador: um ovo, um verme, uma concha de caracol, o voo dos abutres, o salto dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra. Coisas que os estudiosos não veem.” (ALVES, 2015). Em suas experiências de maternagem, Flor descobre como ensinar e aprender são processos que andam entrelaçados:

Minha menina é muito arengueira, bonequeira, quando ela dá no mais velho aí o do meio fica chorando porque não queria que ela batesse no outro. Quando eles vão ver DVD, eu só boto o DVD quando eles entram num acordo que nenhum vai arengar. Aí eles se entendem. O meu menino do meio é muito carinhoso. Se ele ganhar um pirulito ele traz. Ele ganhou dois bombons porque ele foi bem na lição de classe e trouxe. Eu disse: “Meu fi não vai comer não?” “- Não mãinha eu trouxe pra senhora e pra Bia.” “- Não meu filho, mamãe não quer não, pode comer.” Tudo o que ele pega ele quer dividir. Agora a dividição dele sempre pega mal porque ele sempre fica com menos ou fica sem nada, o importante pra ele é ver os irmãos rindo! (risos). Às vezes eu sou muito palhaça, aí eu pego a minha filha e digo que vou levar ela lá pro quarto, pra véia poder pegar ela!” Ele fica chorando porque jura que a véia tá no quarto e vai levar ela. Eu fico morrendo de achar graça! [...]

Com eles eu aprendo a dar valor a mim mesma e a dar valor a coisas minúsculas. Coisas minúsculas! ”(nesse momento pergunto-lhe que tipo de coisas). Eu sou muito besta, muito chorona, um texto de 4 linhas que um filho meu faça, aquilo pra mim já é uma vitória, uma conquista!” Quando eles estão vendo TV, sorrindo, felizes, eu também fico feliz! ”Uma vez eu tava doente, tava com febre e ia ter apresentação na escola. Meu filho disse: “Tu vai né mãe? Porque eu vou imitar o sapo!” Eu acabei indo. Mesmo doente. Eles fazem questão que eu vá na sala de aula quando eles vão bem: “Mãe tu não vai na sala hoje não, pra saber como eu fui? Eu fui tão bem...” Eu também sempre digo pra eles não mexer em nada dos outros. Uma vez o meu menino chegou aqui em casa com um lápis. Eu disse: “E esse lápis? Lápis novo...” Ele disse: “Eu achei dentro da sala.” Eu disse: “ Ah, pois você não achou.” Tava lá, um coleguinha seu esqueceu, e você foi, pensou que tinha perdido. Amanhã eu vou lá e vou ver você entregando esse lápis pra tia. Assim foi. Ele entregou o lápis pra tia e um coleguinha levantou a mão e disse que tinha esquecido.” Eu sempre digo pra eles o que é errado. Que nem tem umas crianças aí com dez anos já fumando maconha. Eu digo: “Não faça isso. Não pode, é feio!” Também digo pra eles não mentirem. Quando eles começam a mentir aí eu começo a botar cara feia, eles param. Eu sempre ensino pra eles respeitarem os mais velhos, respeito com os coleguinhas, com a professora. Eu pego pesado com eles com essa questão da escola. O meu filho mais velho é muito inteligente, mais é preguiçoso. Eu fico com ele às vezes meia hora pra ele ler um texto pequeno. Ele chora, eu digo: “chore, mas você vai ler.” Às vezes eles falam comigo e eu digo pra mim mesma: “Valha! De onde foi que ele tirou isso?” (Flor. Entrevista em 18 de outubro de 2017).

As palavras de Flor deixam transparecer que o aprendizado do auto amor e da amizade na relação com os filhos e filhas parece nutrir a alma e fortalecer uma atitude amorosa, firme e resiliente diante dos desafios de ser mãe e mulher no Gereba. Continuemos a “ouvi-la”:

Se eles tiverem tossindo eu não durmo. Meu marido diz: “Aff! Eu não sei como tu consegue passar a noite todinha acordada. Eu digo: “porque eu sou mãe”. Minha filha tem asma, quando ela tá tossindo eu passo o tempo todo pastorando, não durmo. Às vezes as pessoas dizem que eu sou besta de não deixar eles brincarem tanto na rua, mas a questão é que eles é que já nem querem. Às vezes eu saio vou

pra Messejana, eles passam o dia todinho dentro de casa não saem nem pra saber se tá fazendo chuva, se tá fazendo sol. Eu acho é bom! É melhor estar dentro de casa do que estar na rua, hoje a gente não está guardado nem dentro de casa. Só o mais velho é que ainda brinca um pouco [...]

Às vezes eu passo à tarde todinha na associação, volto um pouco tarde. Não é porque não é um trabalho de carteira assinada que eu não tenho as minhas responsabilidades. Se me convidaram e eu aceitei então eu tenho que cumprir com elas. Meu marido até briga um pouco comigo. Ele não gosta muito que eu seja voluntária porque toma muito o meu tempo. (Flor. Entrevista em 18 de outubro de 2017).

Quando falam sobre os seus sonhos e sobre o que querem pros filhos e filhas as mulheres mães no Gereba deixam fluir aspectos de uma felicidade desviante do código oficial das relações capitalísticas que a mantém atrelada à noção de sucesso, uma “felicidade clandestina” como diria Clarice Lispector no poema com o mesmo nome. Eis o que elas nos contam por meio de alguns trechos de entrevistas:

O que eu quero pros meus filhos é o bem deles. Eu só quero que eles sejam felizes. Não importa o que eles vão ser na vida. Como teve uma mãe que chegou pra mim “meio assim” porque descobriu que o filho dela era gay. Ela me perguntou o que eu faria se fosse comigo. Eu disse que continuaria amando o meu filho do jeito que ele é. Ele continuaria sendo meu filho. Por mim eles morariam tudo perto de mim quando crescessem. (Flor. Entrevista em 18 de outubro de 2017).

Quais os meus sonhos? Os meus dois maiores sonhos era que a Frésia ficasse comigo e que a minha mãe voltasse também. A Frésia mora com a mãe do pai dela e quer que eu vá pra lá. Eu quero dar para elas o que eu não tive da minha mãe. (Lótus. Entrevista em 10 de abril de 2017).

Planos readaptados, perdões, vontade de estar junto... As mulheres mães no Gereba desejam uma felicidade possível, para si e seus filhos e filhas. Meses depois, Lótus me disse radiante que Frésia viria passar o natal e alguns dias com ela, fato que me encheu de alegria e me fez lembrar as palavras de Ernst Bloch (2005, v. 1, p. 194): “O que caracteriza o amplo espaço da vida ainda aberta e ainda incerta é a possibilidade de velejar em sonhos.” A concretização de sonhos que tenham como base a educação é o desejo de Dona Orquídea em relação ao futuro dos filhos e filhas:

Eu quero que eles estudem pra trabalhar. Eles estão todos se preparando. O meu rapaz tem 21 anos, ele tem curso de informática. A minha filha tem 3 anos que é secretária Só a mais velha que começou a trabalhar com 12 anos, porque eu não tinha condições pra dar pra ela. Eu sonhava muito alto pros meus filhos, eu me achava uma coisa pequena, eu queria que eles fossem mais do que eu: médica, assistente social, até professora eu queria que elas fossem. Eu hoje quero que meus filhos terminem o estudo deles. Dois terminou. Terminou que eu digo é terminou o segundo grau. Tem o rapaz que é casado, morava com a gente quando casou. Ele é filho do meu marido, mas é como se fosse meu filho também. Tem uma que começou a faculdade, mas não concluiu. Tem uma que quer ser psicóloga. Outra tá se formando em enfermagem agora, mas trabalha com gastronomia. A Acácia queria



ser pediatra. Eu também queria que eles fossem morar comigo em outro lugar quando eu me aposentasse. (Dona Orquídea. Entrevista em 27 de outubro de 2017).

Tal como acontecera com a família de Dona Magnólia, cuja filha Verbena e a neta Ametista vivenciaram experiências propulsoras de um trilhar pelos caminhos da educação como projeto de vida, os filhos e filhas de Dona Orquídea, possivelmente inspirando-se no exemplo da mãe, acreditam na construção de si por meio de vias não ligadas ao tráfico ou ao trabalho na usina – praticamente inacessíveis, infelizmente, para a maior parte dos jovens e das jovens na comunidade –, ainda que no caminho precisem mudar rotas e redefinir desejos e objetivos. Segundo o educador José Moran (2015):

Projeto de vida, num sentido amplo, é tornar conscientes e avaliar nossas trilhas de aprendizagem, nossos valores, competências e dificuldades e também os caminhos mais promissores para o desenvolvimento em todas as dimensões. É um exercício constante de tornar visível, na nossa linha do tempo, nossas descobertas, valores, escolhas, perdas e também desafios futuros, aumentando nossa percepção, aprendendo com os erros e projetando novos cenários de curto e médio prazo. É um roteiro aberto de autoaprendizagem, multidimensional, em contínua construção e revisão, que pode modificar-se, adaptar-se e transformar-se ao longo da nossa vida. [...] Em qualquer etapa em que nos encontremos, podemos ampliar a consciência da vida como um projeto que se redefine continuamente com novos conhecimentos, experiências, vivências.

Se ser mãe e mulher no Gereba por um lado é deparar-se com as dores e os desafios impostos pelo instituído, por outro é abrir-se em flor as possibilidades arreadas de contestação ao que parece infligido como sina – o estigma, a violência e a escassez. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível”, aprendi com De Certeau (1990, p 31). Postura que é política e sensível quanto ao ouvir aqueles, aquelas, a quem a sociedade pouco escuta e quanto ao reconhecimento das micro resistências que rompem as diversas fronteiras da dominação. Há vida na periferia, no Gereba, não apenas morte. Formas subterrâneas de conviver com os ditames verticalizados também pelas estruturas do capital, são a todo tempo ensaiadas e manifestadas através das experiências das mulheres mães: *artes de fazer*, astúcias, táticas, saberes, sensibilidades atípicas... Para De Certeau (1990), o controle absoluto da história e das práticas cotidianas é uma ilusão. A existência das táticas alquimiza tudo em lugar praticado por meio de um diálogo que interfere, promove fissuras, racha as paredes do discurso institucional, tornando o controle absoluto uma ficção. Diz o autor:

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (DE CERTEAU, 1990, p. 39).

Linhas de fuga pululam no Jangurussu, no Gereba, aqui, ali, acolá, percebidas e ativadas pelas mulheres mães, ainda que com uma cadência intermitente, integrando o sensorial, o emocional e o racional. Se expressam na forma de afetividade, espiritualidade, alegria, solidariedade, auto-estima, saberes e aprendizagens e tantas outros modos de “mais-viver” que esse estudo, e talvez nenhum outro, consiga dar conta, posto que entre o subjetivo e o objetivo “existe um olhar cego”, como revela o intrigante documentário *Janela da Alma* (2011). As heroínas anônimas de nossa pesquisa parecem também ouvir/sentir De Certeau...

Quando não se tem o que se ama, é preciso amar o que se tem. Tive que recorrer, queiram me compreender, sempre mais a pequenos prazeres, quase invisíveis, substitutos... Vocês não fazem idéia como, com esses detalhes, alguém se torna imenso, é incrível como se cresce. (DE CERTEAU, 1990, p. 53).

Termino esse capítulo sobre as trajetórias das mulheres na periferia e sobre ser mãe e mulher no Jangurussu e no Gereba novamente com as palavras de Dona Orquídea: “Pra mim valeu muito a pena viver o que eu vivi. É muito bom ter uma história pra contar. Quem não tem nada pra contar é porque não fez nada! Né não?” O que dá forma ao vivido e à experiência humana são as narrativas que homens e mulheres fazem (DELORY-MOMBERGER, 2006, p, 363). “A narrativa é o lugar onde o indivíduo humano toma forma, onde ele elabora e experimenta a história de sua vida.”

Penso que Dona Orquídea por meio de sua “trajetória – experiência”, que inclui também a sua experiência narrativa, subverte toda a lógica de negação, invisibilidade e escassez que as estruturas supõem impor por completo aos sujeitos na periferia, e assim incorpora o imaginário geral das mulheres mães que participam desse trabalho, bem como de suas próprias narrativas, as quais viabilizam o (re) encontro com as sua trajetórias, suas próprias experiências, que não são apenas individuais, mas coletivas. “Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas” me diz Gonzaguinha.<sup>105</sup>

É essa a ponte para o encontro com as práticas de serviço voluntário protagonizadas pelas mulheres mães no Gereba, as quais abordaremos no capítulo a seguir - realizadas quer no MNCR, na ASCAJAN, no terreiro, na antiga associação de moradores ou na casa de qualquer pessoa que precise de benzedura. Práticas que mobilizam o outro e a produção de si, individualmente e enquanto grupo. Fragmentos de resistência e criação que fazem da comunidade um lugar mais possível de se viver.

---

<sup>105</sup>Música *Caminhos do Coração*, CD do mesmo nome, Gravadora EMI Odeon, 1982.

#### 4 AS PRÁTICAS SOCIAIS EM SERVIÇO COMUNITÁRIO/VOLUNTÁRIO DESENVOLVIDAS PELAS MULHERES MÃES NA COMUNIDADE GEREBÁ

Eu acho que eu nasci pra fazer esse tipo de trabalho. Sabe por que que eu digo isso? Porque quando eu era pequena, tinha muita tuberculose lá onde eu morava. Aí tinha uma senhora doente que ficava na rede, sozinha em casa quando os outros saiam pra trabalhar. Sabe o que eu fazia? Eu ia lá, devagarzinho, escondida do meu pai porque ele não deixava e entrava por um buraco. Às vezes tinha uma panela de feijão no fogo cozinhando. Eu botava água se tivesse queimando. Acendia se tivesse apagado. Quando era na hora do almoço eu fazia uns negocinho de feijão, botava no prato e dava pra ela comer. Quando eu chegava em casa eu dizia: “Mãe eu fui lá na D. Maria Botar de comer pra ela! -“Se o teu pai te pegar menina!” Minha mãe só dizia isso. Mas ele nunca pegava porque eu não era besta! Eu acho que eu nasci pra cuidar dos povo! (Dona Orquídea. Entrevista em 27/10/2017).

“Pedrinha miudinha na Aruanda é... lajedo tão grande, tão grande na Aruanda é...” Eis um trecho do que me faz lembrar de imediato o relato que abre esse capítulo, sobre as memórias criancieiras de Dona Orquídea em relação ao seu encontro com as práticas de serviço. Trata-se de um conhecido ponto cantado na umbanda, religião da qual fiz parte quando adolescente, e que anos atrás foi gravada pelo grupo Cordel do Fogo Encantado. Lembro-me que aos 13 anos eu me deixava atravessar por fluxos de entusiasmo cada vez que o ouvia no terreiro. Talvez, àquela época, a melodia pulsante e o som dos tambores, convite irrecusável a dança e ao movimento, exercessem mais poder sobre mim do que a força de suas metáforas. Como saber?

Hoje, ele me liga diretamente aos saberes, emoções e práticas sutis das mulheres mães no Jangurussu, mulheres como Dona Orquídea que parecem girar a chave de uma experiência total, a construção da realidade de si e do mundo – de si e do outro, de si e de certa forma do mundo do outro –, propiciando a sensação de que a vida tem sentido. Me liga aos primeiros contatos com a comunidade Gerebá e numa onda nostálgica, na singeleza das coisas pequenas promovidas pelos pequenos – talvez pelo tom infantil dos seus versos, ou pela alusão anterior a uma Orquídea menina –, acabo por recordar de dois garotos, Alison (12 anos) e Fabrício (14 anos), que vendo-me perdida no bairro, no início da minha pesquisa dissertativa, em minha primeira ida ao Gerebá, deixaram de brincar – ou de ajudar o Sr. Bento, vendedor de sequilhos na Avenida Perimetral –, para comigo procurarem a casa da jovem Esmeralda, Menina do Rap e filha de Dona Rosa, uma de nossas interlocutoras. Sem ganhar nada em troca, eles ofereceram parte do seu tempo, sem nem me conhecer, por pura sensibilidade, puro acolhimento e solidariedade. Simbolicamente “[...] me apresentaram a um

Jangurussu que a mídia não costuma e nem tem interesse de mostrar, e que para se conhecer é preciso que se dê um passo a mais.” (PONTES, 2013).

Anos depois, coincidentemente, andando pela mesma estrada que percorremos juntos, na entrada da comunidade, conheci Lótus, que me doou o tempo de uma tarde inteira e que, assim como “os meninos do Sr. Bento”, percorreu comigo as ruas do Gereba a procura das jovens Meninas do Rap, indo de casa em casa, e acabando por me contar parte da sua surpreendente história numa conversa que terminou com a já citada frase: “Hoje eu faço até parte de uma associação. Sou voluntária no projeto Amo Cuidar!”. O que os versos do ponto de umbanda, a atitude dos possíveis filhos de seu Bento e a postura de Lótus no dia em que me conheceu tem em comum e como dialogam com esse estudo e com o objetivo deste capítulo? No cotidiano da periferia de Fortaleza – diante do ocaso do Estado, numa comunidade povoada de precariedades de toda ordem, que tornam o existir muitas vezes uma experiência quase insustentável –, eles, elas, têm a impressão de só ter a si mesmos. Valorizar o mais possível isso é uma das alternativas dos moradores e moradoras para fazer do Gereba um lugar melhor para se viver.

Neste capítulo irei tratar de contextos nos quais se produzem o campo de ação das mulheres mães no Gereba voltado para a criação de outras possibilidades de ser e de existir, outros devires, enquanto coletividade, mas que também dialogam com a produção de si. “É na lacuna do Estado no lugar que se faz o que se pode, que se luta com as armas que se tem, ainda que frágeis e efêmeras”, me diz Denise Cordeiro (2009) em sua pesquisa etnográfica realizada com as juventudes na periferia de Rio de Janeiro. Veremos a partir da diversidade das experiências das mulheres mães, seja no MNCR, na experiência com a ASCAJAN, no trabalho com reciclagem, na associação de moradores e moradoras, no ofício de rezadeira ou mãe-de-santo, o político não raro, amalgamar-se ao poético, contemplando a inteireza dos sujeitos a partir de sua cotidianidade, suas singularidades, desejos, significações, saberes, táticas, *artes de fazer*, valores – “experiências” que podem imprimir talvez novos sentidos a noção de filantropia, de serviço e de subjetividade.

#### **4.1 As experiências de Dona Begônia e Dona Rosa: saberes, potências, desterritorializações (e mistérios) na prática do serviço comunitário entrelaçado à espiritualidade.**

Cresci num ambiente de classe média baixa que encarava a realização do trabalho voluntário como “perda de tempo”, algo “ingênuo”, “romântico”, como quem o fazia. A

conhecida canção de Cazuza reitera: “O tempo não para!”<sup>106</sup>. Deparo-me hoje, porém, por meio da experiência com as mulheres mães no Jangurussu, na comunidade Gereba, com novos simbolismos. São relações ainda mais precarizadas que as de minha infância, e sujeitos ainda mais desafiados pela escassez material, mas que sinalizam composições de outra ordem, mais criativas e integradoras do humano, tais como se faz notar a partir das experiências de Dona Begônia, idosa, ex recicladora e rezadeira. Mesmo diante “dos afazeres de mãe e avó”, do cuidar da casa, das plantas, dos animais de estimação e do próprio trabalho, ela não se nega a ajudar a organizar outros grupos de catadores pela cidade e pelo país:

Chegou um pessoal aqui, aí a gente foi fazer uma entrevista lá pra banda da beira da praia, foi eu e mais duas senhoras daqui, nós fizemo a entrevista lá, passemos o dia por lá, aí eles disseram: “ qualquer dia a gente vai chamar a senhora pra fazer uma entrevista pra nós lá no...”, aí ele disse o nome do lugar lá, depois de uns três meses eles voltaram e levou nós, lá longe, perto de São Paulo. Levou nós de carro. Aí lá também era uma rampinha. Aí cheguemos lá e passamos o dia catando papel, eles filmando e nós dando entrevista, pra eles saber como era né? Aí nós ensinamos os outros que não sabia. Do mesmo jeito pra ir nós vinhamos se embora. Um dia chegou também uma senhora pra fazer entrevista aqui. Aí tinha esse rapaz aí, meu genro, ele trabalha de reciclagem, tem muito bagulho aí, com uma carroça. Quando foi um dia chegou uma reportagem. Aí pediu para ensinar como era, né? O negócio do catamento do lixo. Aí eu fui ensinar tudinho como era, como era o bagulho que a gente separava. Era lata prum lado, alumínio pro outro, chinelo pro outro. A gente separava tudo, vidro, papel, jornal, tem que separar de um tudo. Todo esse bagulho que vem, tem que separar, senão não dá dinheiro. Aí eu dei essa entrevista aí. Tá com uns três meses que eu fiz isso aí. Aí a moça contou na reportagem como era tudinho, como é que no Jangurussu fazia. “Meu povo, não tem o que aprender não! Tem é que separar, um pra um lado, outro pra outro.” Tinha um rapaz lá que disse que não sabia. Aí misturava tudo. (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

Ao transmitir os seus saberes quanto ao trabalho com reciclagem Dona Begônia revela confiança, auto-estima e desejo de colaboração com os catadores e catadoras, ainda que sejam pessoas desconhecidas. O documentário *Lixo Extraordinário* (2011)<sup>107</sup> me faz lembrar algo parecido. Nele o artista Vik Muniz possibilita a um grupo de recicladores e recicladoras no Jardim Gramacho, Rio de Janeiro, á época o maior aterro da América Latina, pessoas também envolvidas com as práticas de serviço, uma experiência artística e profundamente educativa por dois anos, tendo como resultado a imagem ampliada de cada um, cada uma, em obras feitas com material reciclado e que aludem a telas de pintores famosos. É surpreendente o modo como eles elas se transformam, assim como o próprio artista. Participar diretamente, por um longo período, do processo de tessitura das obras e contemplar o resultado final – seus corpos transformados em arte –, bem como o ato de expressar publicamente o sentido dessa

<sup>106</sup>CD *O tempo não para*, 1989, Gravadora Polygram Universal Music.

<sup>107</sup>Apresentado em uma das minhas primeiras aulas no curso de mestrado, pela então minha orientadora, a professora Dra. Ângela Linhares ao ministrar a disciplina de Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola.

experiência por meio das diversas entrevistas que aqueles homens e mulheres passam a dar, tudo isso reverbera positivamente em suas subjetividades, abrindo canais para o surgimento de outras, mobilizadoras dos seus sonhos e práticas.

De modo análogo, ao falar de si, Dona Begônia reafirma o seu lugar no mundo como mulher portadora de um conhecimento e de um tipo específico de potência, conseqüentemente de uma subjetividade que, sem alijar-se da preocupação com o outro, distoa dos estigmas (GOFFMAN, 1975) que a cidade tenta imputar as mulheres com experiências semelhantes às dela: “carentes”, “coitadas”, “mulheres do lixo”. Quando perguntada sobre o serviço prestado como rezadeira ela reafirma o lugar da confiança, da auto-estima e da auto valorização que as relações de exploração trabalhistas não conseguiram suplantar, assim como demonstra compaixão com as pessoas e humildade no trato com o dom que reconhece ter recebido de graça:

Aqui tem outras rezadeiras mas o pessoal não se confia. Aqui é o seguinte, o pessoal não gosta porque uma rezadeira que quer andar com negócio de bebida, essas coisa, aí elas são cismadas, elas não gosta. Aí eles me chama. Às vezes uma pessoa vem me chamar pra ir rezar lá longe, eu vou. Às vezes lá em Messejana, eu vou. No Centro, eu vou. Chegou foi uma mulher aqui de São Paulo com duas criança doente. Diz ela que passou três meses em São Paulo com essas meninas. Aí ela foi pra Sobral, de Sobral veio pra Fortaleza. Quando chegou aqui em Fortaleza, aí o médico disse: “Leve essas meninas numa rezadeira”. Essa mulher rodou, na Parangaba, no mundubim, atrás de uma rezadeira. Quando chegou perto do Zé Walter, aí foi que disseram que tinha aqui. Aí a mulher veio, ficou foi alegre, satisfeita. Aí foi se embora. Quando foi mais tarde eu tava aguando as plantas e dando de cumê os bicho, os pombo, as galinha, aí eu ouvi um carro buzinando, um carrão vermelho. Aí ela veio, tão branca, com as meninas, as bichinha provocando com uma diarreia medonha. Aí eu rezei e deixei elas por ali, pela sala, e disse: “ Vocês não vão se embora agora não, deixa pra ir se embora a mais tarde, que aí eu vou e rezo de novo.” Aí a mulher disse: “Ora minha filha, eu já ia viajar ontem pra São Paulo, não viajei por causa dessas meninas.” Aí eu rezei duas vezes. As bichinha saíram daqui e já tavam bem melhor. Quando foi depois, na derradeira vez que eu rezei ela já tava era numa casa de praia com as menina. Com três vez que eu rezei as menina já tava boazinha, já vinheram tudo correndo do carro pra cá. A mãe delas quase que me bota no céu! “Destá que agora em dezembro eu vou trazer uma coisa bem boa pra senhora de São Paulo! Porque o que a senhora fez com as minhas filhas não tem como eu lhe pagar nunca.” Eu disse: “Ah, minha filha, não paga mesmo não!” Ela me botou nas alturas. Eu disse: “ É, precisando, eu tando aqui, pode vir.” [...] Quem quiser me dá as coisas eu recebo, mas cobrar eu não cobro não. Eu acho é bom quando a pessoa vem rezá, que eu rezo e depois fica bom. Dou graças a Deus. E Jesus curou, andou no mundo, andou curando tudo o que é gente e nunca cobrou nada de ninguém porque é que eu vou cobrar. Uma reza assim não serve não. Eu não cobro, nunca cobrei. As pessoa às vezes vem rezar e traz as coisa e eu não vou dizer que não quero, mas eu rezo por uma caridade que eu faço, pra uma senhora, pra uma criança. É o melhor pra você. Deus é que vai me dar. As vez o povo diz: “A mãe ia trazer a menina pra rezar mas aí não veio porque não tinha nada pra trazer.” Eu digo: “ E quando é que eu andei cobrando de vocês pra rezar? “ - “ Mas foi a mãe que falou”. “Não! Né assim, não! Vá buscar a menina pra rezar.” A menina doente, a doença se agravando...Deus me deu esse dote então é pra isso! Rezá nos pessoal, nas criança. Se eu não gostasse eu não rezava em ninguém. Eu gosto. Tenho aquela vontade no meu coração, é aberto. Jesus é maravilhoso. E Jesus curou. Curou um tuberculoso, um leproso, cheio de lepra, foi só ter fé em Jesus, Jesus botar a mão em

cima dele, mandou ele ir bonzinho, pra casa. Tudo o que eu peço a Deus eu consigo. Peço de coração. [...] Agora da minha família também tem uma neta que vai ser rezadeira. Desde pequeninha que ela pega o raminho e começa a rezar nas pessoas (diz sorrindo). (Dona Begônia. Entrevista em 31/07/12).

A experiência de Dona Begônia revela, dentre outras coisas, que mesmo num espaço-tempo mundial de relações mediadas pelo dinheiro, subversivamente, há pessoas com capacidade de doação, capazes de se deixar afetar pela dor do outro, o que independe até mesmo da classe social. O ato de rezar e não cobrar nada a conecta novamente com os valores éticos e espirituais mais elevados. “Espiritualidade é a prática do amor, a capacidade de amarmos uns aos outros conscientemente”, me diz Sri Prem Baba (2018).

Não obstante, o diálogo da rezadeira com uma pessoa de maior poder aquisitivo continua a revelar um lugar de auto-valorização. A postura de Dona Begônia abre passagens para fluxos potentes e criativos, surpreendentes e perturbadores. Sua disponibilidade e empatia, mas também as interpretações positivas sobre si e sobre o serviço que realiza na comunidade, me atravessam, provocam importantes desterritorializações, e me levam novamente à Índia, ao dia em que juntamente com outros voluntários de vários países, colaborei na limpeza do templo de Shiva (em preparação para o Mara Shivaratri, a grande festa de Shiva), localizado na praça central de Lakshman Jhula em Rishikesh. Após limpar a imagem de Krishna, e algumas das grades da parte de cima do templo, comecei a lavar alguns dos portões da entrada, utilizando água, um balde e um pano com um tipo de sabão líquido.

Eis que uma garota de uns 15, 16 anos, com um menino ainda de colo começa a circular por ali, uma entre tantas das que pediam dinheiro aos inúmeros turistas que andavam diariamente por aquelas ruas, movidos por fins espirituais, comerciais ou desportistas. A curiosidade da garota chamou a minha atenção. Sorri e continuei o que estava fazendo. Aos poucos ela se aproximou e ao ver o modo como eu limpava a grade disse algo que eu não consegui entender. Pedi desculpas em inglês. Ela colocou o garoto no chão, pegou o pano das minhas mãos, começando ela mesma a limpar o portão – provavelmente do modo que achava mais eficaz. Aquilo me deixou surpresa e bastante feliz, a ponto de pedir-lhe para registrar aquele momento. Seguidamente ela devolveu-me o pano, pegando uma vassoura e começando a limpar o chão. Por cerca de meia hora ficou ali, contente e prestativa. Depois sorriu, entregou-me o material, segurou novamente a criança no colo e foi embora.

Figura 47 – Garota indiana juntamente com voluntários e voluntárias limpando o templo de Shiva



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (23/02/2017).

Nunca esqueci essa cena. Assim como Dona Begônia, a garota indiana demonstrava subliminarmente inconformidade com o cânone de carência: deu-me seu tempo, seu conhecimento, seu serviço. Se possivelmente o olhar externo e aligeirado a das pessoas a enxergava pelas lentes do estigma, da escassez, ela manifestava certa altivez generosa - não apenas demonstrou possuir um saber, como teve segurança suficiente para me ensinar o seu “modo correto” de limpar os portões.

Essa experiência me faz dialogar com Suely Rolnik (2016) quando afirma que para que o conceito de “resistência” reencontre seu valor, “é preciso que ampliemos seu sentido, tradicionalmente associado à noção de esquerda e, portanto, restrito ao âmbito macropolítico onde esta atua”. Há que se ativar seu sentido micropolítico, o que torna seu objeto muito mais amplo, mais sutil e mais complexo.” A autora reafirma a importância das micro ações cotidianas e de uma micropolítica capaz de expressar e mobilizar atos:

atos de criação que vão redesenhando os contornos do presente, de maneira a dissolver os pontos em que a vida se encontra asfíxiada [...] um combate se trava por



meio da afirmação de uma micropolítica ativa, a ser investida em cada uma de nossas ações cotidianas.

Essas duas mulheres de culturas e de gerações diferentes me fazem lembrar uma outra, citada por Larossa (2016) no livro *Tremores*, a partir de uma experiência vivida pelo cineasta Abbas Kiarostami:

O caso é que Abbas Kiarostami estava como jurado de um festival de cinema, havia terminado o trabalho, não tinha nada para fazer, desceu até a rua, e uma menina lhe chamou a atenção: “Acendo um cigarro e, a dois metros de mim, vejo uma menina que está revirando lixo. [...] Usa calças verdes e saltos de três ou quatro centímetros. A menina veste duas camisetas, uma em cima da outra (a de baixo justa, branca, suja; a de cima maior e ainda mais suja). No cabelo, muito cacheado, tem uma piranha exatamente do mesmo tom de verde das calças. Carrega uma bolsa de plástico. Seus gestos são delicados, deliberados. Ansioso, sigo-a com o olhar. Anda muito bonito, sem pressa, caminhando de um lixo a outro.” O cineasta a segue a distância, a observa e, por razões que ele mesmo não entende [...] “Não há nada novo na fome humana. O problema da fome entre os que não têm fome tampouco é novidade [...] Mas essa menina em particular tem alguma coisa que me chamou a atenção. Gosto do modo como se veste, de sua maneira de andar. Sua expressão é digna e acalmada. Sua pele, delicada e saudável. Seu rosto não reflete pobreza, nem fome, nem desespero. [...] Está claro que ninguém a olha. Não há, na menina, nada que de fato chame a atenção. Mas é impossível não notá-la. Quem a vê dar vinte passos não pode ficar indiferente. Eu a teria notado, inclusive mesmo que tivesse metido as mãos no lixo. Parece uma princesa dedicando a tarde a passear por um imenso jardim. (LARROSA, 2016, p. 25-26).

Em meio a referências de tantas crianças relembro a curiosa fala de Dona Begônia dita com visível ternura: “na minha família também tem uma neta que vai ser rezadeira. Desde pequeninha que ela pega o raminho e começa a rezar nas pessoas...” Tudo isso promove inegáveis deslocamentos em mim. Desse modo entrego-me as palavras de Moran (2013, p. 2):

Caminhar na vida nos ensina também a relativizar quase tudo: teorias, promessas, perspectivas, crenças. Vamos mudando: o que nos servia numa etapa não nos ajuda mais; Ideias que pareciam superadas, de repente voltam a fazer sentido. Essa é uma das grandes lições da vida: sabemos que sabemos pouco. O tempo nos ensina a humildade. No começo pensamos ter explicações para tudo, saber as razões dos nossos pensamentos e ações. Aos poucos, constatamos a complexidade de variáveis que se escondem atrás de cada pessoa, de cada interação, de cada decisão. Descobrimos que há um universo invisível e atuante junto com o visível, mas até onde se estende o invisível é um mistério. Quem sabe explicar o universo? Quem sabe dar conta da complexa interação de energias que circulam dentro e em torno de nós? Quem tem certeza das explicações fundamentais para a nossa vida? O essencial nos escapa. Conhecemos muito da superfície das coisas e pouco da profundidade, do que realmente fundamenta tudo. O contato com pessoas tão diferentes com as quais interagimos, nos vai mostrando mil formas de perceber, de sentir, de pensar, de agir, de interagir [...] Estamos numa etapa de ampliação do conhecimento do universo em todas as dimensões, científica, psicológica e também no que chamamos “espiritual”. A humanidade vem tentando entender e organizar o sagrado. As religiões procuram dar visibilidade a toda uma série de buscas pessoais e coletivas da humanidade. Mas o sagrado ultrapassa essas formalizações. Há muito mais e, ao mesmo tempo, não conseguimos ainda explicitá-lo claramente.

Mediado por um dom, o de rezar e curar, Dona Begônia subverte o cânone individualista das relações de mercado baseadas no lucro e na exploração. Mesmo sendo ex catadora, o que equivale a ter sido por um longo período vitimada por tais relações, ela envolve sua prática de serviço para com a comunidade a partir de outros valores e crenças que alavancam movimentos instituintes e promovem importantes singularizações (GUATTARI; ROLNIK, (1996).

O diálogo tecido com a “espiritualidade – serviço” de Dona Begônia me conduz as experiências de Dona Rosa com a umbanda – encontro que nasce de modo singular e que aos poucos se volta para o compromisso coletivo, como podemos ver mediante trechos de uma das entrevistas concedidas pela mãe de santo:

A umbanda surgiu na minha vida assim. Minha mãe pegou um problema e ela não podia mais movimentar um lado dum braço e eu levei ela num Pai de Santo umbandista, lá no Canindezinho. Foi a minha irmã, meu irmão e mais duas meninas que levou nós lá. Quando chegou lá, ele começou a rezar nela e a passar a mão assim. Aí começou a tirar aquela terra. Eu olhava e não acreditava. Perguntava: “Será que ele tirou dali?” Aí ele começou a rezar na minha mãe e disse: “Movimente seu braço”. E eu olhei meia assim... Porque eu não acreditava. Eu tinha o maior medo. Chamava esse povo de ladrão. Dizia que pegava as coisa dos outro. ?!” E meu irmão querendo bater no pai de santo porque ele passava a mão nela e ela chorava. Mas ficou boa! Quando ele veio no rumo de mim, eu peguei o beco! Ele disse: “Tá com medo de mim?” Eu disse: “Eu? Eu não!” – “Você sabe que você é uma umbandista?” “Eu disse: “Eu? É ruim hein. Aí quando foi um dia, quando ele terminou de rezar, ele disse: “Eu quero que você venha aqui, e vai ser no próximo domingo. “Eu disse: “Eu? Venho nada! Ainda mais pra botar esse saião? Aí é que eu não venho! Eu não uso branco. Só uso umas roupas bem curtinha.” “Então, vista uma bicha de umas pernas mais comprida e venha.” Ele disse [...]

E eu vesti uma calça cumprida e fui, toda de branco pra lá. Me deu vontade de ir porque eu sou curiosa. Eu sou tão curiosa de um jeito que eu falei: “Eu vou lá, só pra curiá o que é!”. Cheguei lá, a primeira coisa que eu vi foi uma ceia numa hora lá. Aí começaram a passar as coisas de um pro outro, de um pro outro, todo mundo em pé. A primeira que foi bolando pro chão fui eu! Logo na primeira vez. Antes eu ia mas não entrava. Ficava olhando por uma janela, por uma grade, lá em Belém do Pará. Eu tinha medo e raiva. Achava que era ladrão, que queriam tirar o dinheiro dos pobres. Porque eu tenho uma irmã que começou a frequentar lá e a minha mãe teve que pagar nesse tempo, trezentos cruzeiros, quando foi pra suspender as correntes dela. Era só o que faltava! Eu ter uma irmã macumbeira! Aí eu ia, mas eles vinham no rumo da porta e eu corria! Vinha de novo e eu corria. Já aqui deu certo. Fui aquele dia e não parei mais. [...]

Já ajudei muita gente. Graças primeiramente ao meu bom Deus e segundo aos orixás, porque ... gente que já tinha sido desenganada dos médicos, que nem uma colega minha que mora ali e que já tinha sido desenganada. Não tinha jeito, a infecção dela tava muito forte, ela tava era podre. E com a fé que eu tenho em Deus e com a ajuda que ele deu e com a atenção que ele dá pra pessoa que busca, ela hoje é uma mãe de família, cuida dos filhos dela e não sente mais nada [...] Eu gosto de ajudar. As vez costuro uns sacos de roupas e mando chein pro interior. Roupa boa, da usina. Aí quando eles vem de lá, traz feijão pra mim, traz um frango, traz uma caixa de roupa também. (Dona Rosa. Entrevista em 01/08/2012).

A adoção dos dois filhos ao longo da vida, não obstante situar-se no limite da pobreza e já possuindo uma família extensa, os gestos de solidariedade para com os parentes

no interior – o que inspira os familiares distantes a também servir-, e por fim o trabalho de cura física e espiritual realizado por meio das ações no terreiro são movimentos realizados por Dona Rosa que possivelmente estabelecem um melhor relacionamento dela consigo mesmo e com os outros.

O trabalho voluntário possibilita a construção de saberes que permitem a transformação do ser – sua auto-criação constante – e que impulsionam seu processo de educação espiritual. Dessa maneira, a prática social amadora do trabalho voluntário pode possibilitar que os indivíduos envolvidos nas ações coletivas possam desenvolver valores ético-morais, diretrizes do ser (LINHARES; PIMENTEL, 2012).

Talvez os elementos trazidos a partir das experiências de Dona Begônia e Dona Rosa possam contribuir para o alargamento do olhar dos pesquisadores e pesquisadoras em educação em seus estudos etnográficos e em sua práxis. Em debate iniciado anteriormente vimos que Valla (1999) e Vasconcelos (2009) ao considerar as práticas e os saberes das classes populares, propõem uma articulação mais integradora entre a importante herança da racionalidade moderna e a dimensão da espiritualidade. Atentam para o fato de que esses conteúdos, quando presentes nas narrativas dos sujeitos na periferia raramente são vistos como pontes para uma possível mobilização de energias coletivas de transformação no enfrentamento da vida; normalmente tendem a ser escamoteados, subestimados, negligenciados ou manipulados.<sup>108</sup>

Dentre as motivações para tal postura, estaria tanto o não entendimento de que conformismo e resistência por vezes andam juntos, quanto uma visão distorcida sobre o que seja espiritualidade, quando na verdade:

É um instrumento de protesto à lógica da modernidade que ampliou a desigualdade e a injustiça. Uma estratégia de sobrevivência, em que a busca do sobrenatural tem a ver com a solução de problemas imediatos e cruciais e não com o investimento na vida após a morte [...] Mas a emoção freqüentemente obscurece a razão. Neste sentido, a integração, que agora se busca, não é um simples retorno a formas antigas de organização do pensamento e fazer humano, mas uma nova forma de articulação

---

<sup>108</sup>Sobre essa questão o autor narra um importante episódio: “O padre Celestino Grilo que trabalhava comigo na pastoral dos direitos humanos, no interior da Paraíba afirmava que muitos intelectuais colaboradores das iniciativas educacionais da Diocese de Guarabira, desvalorizavam a religiosidade presente nos grupos. Aceitavam-na apenas como estratégia de inserção no meio popular, pois a Igreja era ali a única instituição que dava suporte ao trabalho educativo junto às classes populares daquela região rural. Recorriam à linguagem religiosa de forma utilitarista apenas para terem acesso à população e serem ouvidos. Sonhavam com o dia em que poderiam assumir a problematização das questões sociais de forma direta, objetiva e racional, sem ter que recorrer aos “volteios” da religiosidade. Ele notava, no entanto, que quando estes intelectuais organizavam iniciativas educativas, discutindo os problemas da população sem deixar espaço para ritos, comemorações, orações e dinâmicas reflexivas feitas de forma afetiva, os trabalhos não prosperavam.” (VASCONCELOS, 2009, p. 331).

entre estas dimensões, que incorpore o surpreendente avanço da racionalidade conquistado pela modernidade. (VASCONCELOS, 2009, p. 332).

O autor sinaliza nesse ponto que uma educação popular mais integral torna-se salutar para as classes populares que, se por um lado estão bastante conectadas com as dimensões da intuição, da emoção e da percepção sensorial na vida humana, e com isso demonstram que superaram a rigidez das algemas da modernidade, por outro poderiam também acessar uma maior integração com a dimensão da objetividade racional. Dona Rosa, por exemplo, reitera a importância da “tomada de consciência” diante do preconceito e intolerância religiosa experienciada na comunidade: “ Logo que eu abri a casa, eu tratei de registrar, porque no começo que eu abri aqui era muita pedrada e o registro era no nome dos outros.”

Eis a imagem o antigo terreiro de Dona Rosa, registro feito anos atrás, no primeiro dia de visita à comunidade para fins de pesquisa dissertativa:

Figura 48 – Altar do antigo terreiro de umbanda de Dona Rosa



Fonte: Arquivo da pesquisadora (08/05/2012).

Era registo dos pai de santo lá pra banda da praia do Futuro, do Canindezinho; aí eu disse: “Quer saber de uma coisa? ”Aí fiz o registro meu mesmo. No meu nome, registrado na federação; eu pago R\$ 15,00. Até que agora com essa morte do meu pai eu atrasei, tenho que pagar R\$ 150,00 que tá atrasado. E já tem a festa de Iemanjá esse mês... Eu não sei nem se dê a festa porque tá atrasado. Quando eu comecei aqui, o pessoal do bairro... era uma revolta muito grande. Eu não tenho medo de dizer a verdade não! Hoje eles aceitam, porque antes reboavam pedra. Eu falei ali com um rapaz e ele disse que tinha um fiscal que era da umbanda e disse: “A senhora repare de onde vem a pedra, é só dizer qual é o número que ele vai bater em cima”. Era pedra e coco que reboavam. (Dona Rosa, Entrevista em 01/08/2012).

Tomando por base a narrativa de Dona Rosa sobre o encontro com a umbanda e o sobre o modo como veio a se tornar mãe de santo, penso que num estudo como esse, contribuímos para a criação de uma sociedade solidária, justa e democrática, acolhedora das diferenças, dialógica como defende Paulo Freire e os teóricos ligados à educação popular, quando colocamos em relevo os diferentes discursos existentes no Gereba em relação à espiritualidade, assim como o preconceito religioso – nesse caso em relação às religiões de matrizes africanas, ainda tidas por muitos como coisas “do demônio”. Nesse caso é necessário, de fato, abrir-se mão da ideia de comunidades periféricas como ilhas idílicas e harmoniosas, passando a vê-las também como espelhos das questões e dos valores contemporâneos, em interface com o individualismo e a intolerância.

Por outro lado, também fazemos pontes com essa sociedade dialógica quando abordamos as dimensões intuitiva, sensorial e emocional dos sujeitos na periferia – mulheres aqui representadas por Dona Rosa –, de forma integrada à razão. Fortalecemos com isso não apenas o serviço prestado por essas mulheres, mas suas subjetividades, seus saberes, suas sensibilidades atípicas, suas *artes de fazer*, que são também artes de sentir e de viver.

#### **4.2 Entre idas e vindas – As experiências de Dona Magnólia e de Verbena na militância-serviço junto ao MNCR e a ASCAJAN**

Ao começar a falar sobre o trabalho social no MNCR Verbena faz alusão à letra do Rap do Jangurussu, gravada pelas Meninas do Rap:

[...] Mas toda essa miséria não é motivo pra tristeza.  
 Tem muita gente que levanta a cabeça,  
 Acorda cedo e sai na batalha  
 Para botar comida dentro de casa  
 Pais vão para usina, filhos puxam carroças  
 Catando o lixo que está em sua porta  
 Cotidiano duro, de muita correria  
 “Casqueirando” sobras, arriscando a vida  
 Pelas ruas desta grande cidade Suor de trabalho honesto  
 em busca de dignidade.  
 Tem gente boa que também se organiza [...]  
 Trabalha o social em nossa comunidade  
 Cultura e educação em busca da felicidade  
 Livre das amarras da opressão  
 No poder coletivo, na força da união. (Rap do Jangurussu, Criação Coletiva – Meninas do Rap).

A referência ao rap feita por Verbena não se dá ao acaso. Ela demonstra saber e sentir, visceralmente, que no embate entre “a vida e a morte” no Jangurussu, só a força da

coletividade pode ser capaz de romper o ciclo de pobreza, desmistificar a escassez como sina, e fazer fluir o novo na vida de homens e mulheres com os quais cotidianamente interage. Falando com a segurança de quem desde a infância precisou se constituir como catadora, ela defende, assim como Dona Rosa e Dona Begônia, a superação da postura vitimista, representação de carência e vulnerabilidade, pela condição de sujeito histórico:

99% dos moradores daqui são catadores. 1% que não está sendo no momento, está trabalhando no mercado formal, mas na hora que deixar de trabalhar vai voltar a ser. Vai dar um jeito de se inserir no ramo que ele conhece. Que ele sabe como funciona. [...] O meu desejo é que a pessoa possa ir e dizer assim: “Eu sou catadora, faço parte da coleta seletiva solidária, com a renda tal.” Com dignidade mostrar a sociedade que já é uma profissão legalizada. Que aquele ser humano que depende daquele trabalho ali, ele é uma pessoa que pode não ter o status que muitos têm, mas ele tem outra vida além da catação. Ele tem filhos, ele tem família, entendeu? Ele tem a vida dele [...] Durante muitos anos e até hoje se tem a visão de que quem trabalha com o lixo é semelhante a ele. [...] Às vezes a gente acompanha casos de pessoas que poderiam resolver alguma coisa numa instituição pública e não resolve porque está só, desacompanhada [...] Porque é assim que gente se sente: excluído, roubado, sendo lesado o tempo todo, por mais que a gente brigue, vá atrás. Aí você vai lá, conversa com um, conversa com outro, esclarece a situação e consegue o atendimento. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Verbena nos mostra uma realidade dura, cruel até, de não reconhecimento dos direitos básicos dos trabalhadores e das trabalhadoras do Jangurussu por parte dos poderes públicos; do distanciamento e do preconceito da sociedade civil que insiste em não vê-los, ou os vêem apenas como ameaça; e da própria auto imagem do catador e da catadora, das juventudes também, comprometida em função da invisibilidade imposta.

A ex catadora manifesta, todavia, a sua crença na ruptura do estigma (GOFFMAN, 1975) de “seres do lixo” (LARROSA, 2014), e o seu desejo de autoafirmação por parte desses sujeitos a partir do lugar de onde falam, ou seja, na atividade laborativa que desenvolvem, enquanto profissão legalizada, digna e socialmente importante.

Nas análises de Fromm (1983), assim como em Marx (1985), reconhecemos o trabalho como tradução maior da condição social humana. E no processo de ser socialmente um ser humano que constrói, material e simbolicamente, a vida social, ele desenvolve-se a si mesmo, assumindo a sua vocação ontológica de construir-se a si próprio e à sua humanidade. No trabalho socialmente justo, pode-se vislumbrar, de acordo com Fromm, um caminho onde a humanidade do sujeito é tecida:

[...] o trabalho é a expressão própria do homem, uma expressão de suas faculdades físicas e mentais. Nesse processo de atividade genuína, o homem desenvolve-se a si mesmo, torna-se ele próprio; o trabalho não é só um meio para um fim — o produto — mas um fim em si mesmo, a expressão significativa da energia humana. (FROMM, 1983, p. 48).

A própria trajetória da família de Verbena, que envolve as agudas experiências da mãe, Dona Magnólia, bem como a sua, desde pequena no cotidiano da antiga rampa, faz com que ela saiba e sinta visceralmente que os catadores e catadoras não são trapos humanos excluídos, como assim tenta impor a força da engrenagem capitalística. Como observam Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 15):

[...] o trabalho, como atividade fundamental da vida humana, existirá enquanto existirmos. O que muda é a natureza do trabalho, as formas de trabalho, os instrumentos de trabalho, as formas de apropriação do produto do trabalho, as relações de trabalho e de produção que se constituem de modo diverso ao longo da história da humanidade.

Partindo desse olhar, que é também bússola para uma práxis, novas possibilidades são acenadas. Verbena percebe rachaduras, fendas nas estruturas de poder que podem ser alargadas, dentre outras maneiras, mediante o caminhar traçado com o movimento social do qual faz parte:

A Rede em si, Rede de Catadores de Materiais Reciclados do Estado do Ceará, era uma associação de catadores, era uma associação de associações, daí o nome de rede, agora tá passando por uma transformação de cooperativa para ela comercializar para o grupo todo porque tem pequenos grupos de catadores que não têm CNPJ e seria um gasto que eles não teriam como tá arcando. É onde os pequenos grupos encontram uma forma de comercializar, de participar de sorteios na rede pública, chegando nas associações e daí nos catadores. É pouco diante do desafio, mas é nosso. De uma certa forma me orgulha fazer parte dos direitos humanos para catadores de material reciclável da Secretaria de Direitos Humanos federal, de Brasília. A gente quer defender os direitos na forma de políticas públicas, ter acesso à saúde, ter acesso a aparelhos públicos. Estamos começando o trabalho com um grupo de mulheres aqui. O povo precisa saber que tem muitas conquistas quando a gente se organiza, a lei Maria da Penha é uma delas. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Por meio de sua narrativa Verbena apresenta os desafios dos catadores e catadoras, reitera a importância do serviço, legitima os espaços de participação e reconhece as conquistas dos movimentos sociais em geral. Vimos também que nas associações, nos movimentos experienciados nos espaços inter grupos, uma leitura crítica das relações de trabalho e dos direitos das mulheres é esboçada; tentativas de transformação daquelas realidades, o que não exclui as contradições, os conflitos e impasses que também marcam as relações nesses espaços, como bem descreve Dona Magnólia:

Fui coordenadora daqui há 6 anos atrás. 5h da manhã eu tava aqui! Saia 7 da noite. Eu não sabia mais nem de que lado ficava a minha rede! Eu vivia mais no meio do mundo. A gente conseguiu várias coisas, dentre elas a comercialização de produtos de artesanato que a gente mesmo fazia com o material reciclado. Hoje a gente sabe fazer, sem nem precisar de formação. A gente tira uma coisa daqui e depois transforma em outra coisa. Fica a coisa mais linda! Teve material nosso que foi pra Belo Horizonte. Tem uns jarros que ficam muito bonitos. Eu faço uma bacia, um

prato, tudo de jornal rasgado. O pessoal dos direitos humanos é que gostava de comprar. Político também que apoiava a gente. Eu dei o meu sangue pela associação e não fui beneficiada com nada. [...] De outra vez desconfiaram que eu tinha pegue um dinheiro aqui da usina, no tempo que eu era coordenadora. Era uma venda do Iguatemi. Mais de 2 mil. Eu dei o dinheiro pra guardarem e o dinheiro sumiu. Quando eu cheguei aqui tinha policial me perguntando se eu sabia abrir cofre. Eu disse: “Eu não, que eu não possuo dinheiro. Posso ir pra casa?” O policial disse: “Por enquanto”. Quando foi no outro dia chegou foi uma intimação pra mim. Quando chegou lá esse delegado me encheu o saco: “ Você não gastou esse dinheiro? Você não teve precisão? Eu disse: “Dotô eu nasci pobre, precisão eu tenho todo dia, mas de gastar o que é meu, o que eu ganho. Esse dinheiro é do povo, não é meu. Eu apenas sou a pessoa responsável por ele. Eu quero dizer uma coisa pro senhor... eu comi galinha de cima da rampa, eu comi pão, eu comi tudo, e lá em casa a minha porta não tem nem fechadura, é aberta como a porta de um mercado, mas todo dia o meu feijão vai pro fogo e é a custa do meu suor, não é a custa de roubo e nem de droga. Eu nunca precisei sobreviver a custa dessas duas alternativas que não é a melhor pra um cidadão, e eu sou uma cidadona. Eu pago os meus imposto, faço tudo direito. Investigue. Aí vim me embora e até hoje.

[...] Tem gente que pergunta se eu não fiquei revoltada. Aí eu vou e digo: “Meu filho, veneno não é o que a gente engole não, veneno é o que a gente solta!” O que a gente faz aqui de bom tá contado na mão de Deus. A gente deve fazer o bem e não reparar a quem. Porque se a gente repara, a gente não tem o direito de julgar ninguém. A gente tá atraindo coisa ruim pra gente também. Aí você me dá uma patada e eu pego um pedaço de pau e planto na sua cabeça? Não! Se você deixar a sua língua tomar de conta do seu cérebro, aí fica complicado o ser humano viver no mundo assim. Essa é a razão que eu acho que eu tô toda inteira assim, porque o mal se paga é com o bem, não é com o mal não. Se você paga com o mal, você vai receber o mal também. As pessoas tem que entender isso senão nunca vai ter uma mudança, e o mundo tá muito difícil, viu! As pessoas não podem mais acreditar em ninguém. Nem no idoso e nem no mais novo. E por quê? Porque a gente não tá mais no coração de ninguém. Hoje em dia só o que tem mesmo é maldade.

[...] Se a gente consegue aqui consulta (a mulher da pastoral do povo da rua conseguiu pra 25 mulheres no hospital do câncer, uma consulta difícil de se conseguir), aí vai 3, 4, 5. Até onde eu entendo você não tem que me dar o peixe tratado, cozido pra eu comer. Você me dá o anzol e me dá a linha e eu vou pescar. Eu fico triste, porque as minhas companheiras não vão, eu também não tenho como levar elas. Eu queria que elas fossem tudim. Eu vou de todo jeito, me arrastando, pedindo carona, o importante é a minha saúde. É difícil trabalhar em grupo, por isso que tem muita gente que prefere fazer as coisas sozinho. Mas do jeito que tá a lei da sobrevivência, não tem como você conseguir as coisas sozinho. (Dona Magnólia. Entrevista em 10/05/2017).

Entre decepções, desafios e muita dedicação ao serviço comunitário, Dona Magnólia reconhece a importância da coletividade, necessária para mudar antigas práticas de dominação. “Na descoberta das estradas para viver, passamos por fases de clarão, de desânimo, de escuridão, de realização, de paz, de inquietação. A cada passo, o horizonte muda [...] A vida é mais o que nos escapa do que o que conhecemos.” Me diz o educador José Moran (2013). Não obstante as marcas de frustração pelas idas e vindas no cotidiano da militância, a chama do trabalho social reacende em Dona Magnólia a cada nova pequena brecha, a cada sutil mudança de conjuntura.

Nesses momentos ela veste literalmente a camisa da ASCAJAN e vai às manifestações com a filha Verbena, ocupa os espaços da cidade, se põe colorida, viva, intensa



e exerce suas *artes de fazer* e de dizer. Um exercício cotidiano igualmente assumido por Verbena que aqui critica o assistencialismo – prática diferente da assistência social:

Fala-se muito em inclusão social. Mas o que é inclusão social? Inclusão social pra quem tá excluído? Quem excluiu essas pessoas? A sociedade. Quem excluiu essas pessoas? O poder público. Aí vêm outras palavras que o pessoal não gosta de falar, do assistencialismo, né? Que acomoda muito as pessoas. Eu não sou contra você matar a fome de ninguém. Mas é mais fácil para eles pegar cem cestas e distribuir na favela do que colocar um programa com esses jovens que prepare para o trabalho, da maneira que eles possam contribuir com a família, com ele mesmo, como cidadão, como pessoa, como membro daquela família. [...] Quer dizer, você de fato dá assistência. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Prestes a concluir o curso de serviço social, Verbena demonstra que mesmo na época da entrevista a ex catadora já possuía uma visão alargada sobre o papel das políticas públicas. Ela propõe a educação com as juventudes para transformar as difíceis realidades no Gereba e sugere melhorias no tocante ao desemprego, problema que incide negativamente principalmente sobre os jovens e as jovens da comunidade e os aproxima do mundo do tráfico. Ano passado, como tantos outros moradores e moradoras ela mesma pensara em deixar a comunidade em virtude da problemática da violência e da ação das facções. A integrante do MNCR defende políticas de educação, emprego e geração de renda, reivindicando para tanto, o bom gerenciamento dos recursos públicos – uma postura de denúncia como podemos ver, presente também na fala de Dona Magnólia:

A gente faz todo esse trabalho, mas o catador não é remunerado do jeito que era pra ser. Nem uma aposentadoria a gente consegue pra quem é catador. Nós não temos remuneração da prefeitura, de governo. Pra eles essa categoria não existe. É como se nós fosse alma! E há falta de luta do catador. O governo, a prefeitura, não tem que dá nosso dinheiro pra Coelce não! Nem era pra ter essas história de Ecoponto. Teve uma vez que eles vieram dizer pra Verbena fazer um projeto pra beneficiar os catador. Eles é quem tem que fazer! Dizer que vão incluir essa categoria. Mandava um secretário, coisa assim e dizia: "Quantos catador tem aqui?" A partir de hoje vocês vão ser remunerado. Mas a gente não é enxergado. Na época da política? Ave Maria! A gente é tão bonito, tão cheiroso... (Dona Magnólia. Entrevista em 10/05/2017).

Os pontos abordados por Dona Magnólia sinalizam que ainda há um longo caminho a ser percorrido em função dos direitos dos catadores e catadoras. Ela denuncia a invisibilidade e o não reconhecimento por parte das instâncias institucionalizadas de poder, de uma vida inteira dedicada ao trabalho com a reciclagem, traduzido no direito negado ao seu aposento. Denuncia também os vícios e as estratégias dessas mesmas instâncias – que se apropriam de forma ideológica, por um lado do discurso de valorização do meio ambiente, e por outro de uma ideia de participação por parte dos representantes dos catadores e catadoras, estratégia (DE CERTEAU, 1990) que mascara na verdade a falta de vontade política de quem só olha para os trabalhadores e trabalhadoras na periferia na hora de conquistar votos.

A filha de Dona Magnólia, Verbena, por meio de suas reflexões, nos levará a seguir, a uma maior compreensão da consciência do catador e da catadora; uma consciência que de início não é ecológica, na medida em que o trabalho com materiais reciclados acontece por uma “necessidade de vida”. Uma cultura da necessidade que por vezes invade os modos de ser e não só de trabalhar:

Quando é na periferia, quando você mora na rua que você tá vulnerável a todo tipo de violência, seja ela física, verbal, moral e fica totalmente excluída de tudo o que é chamado sociedade. Do que é civil, direito, né? Porque a gente se sente à margem da lei, na verdade. Porque a gente não é assistida pelos direitos. [...] O que nos resta é dar as mãos e brigar por eles. Não deixar que se apossam do que vem sendo feito pelo catador há milhares de anos. Bem lá atrás. Eu não vou dizer que ele começou a catar por uma consciência ecológica. Ele começou mesmo por uma necessidade de vida. Ser catador nunca foi uma opção. Você não olhou lá na lista lá de profissões, tinha catador lá embaixo e você escolheu, vou ser catador. Volto a dizer, o catador é um sujeito excluído da sociedade, do poder público e vai ser catador por falta de opção [...] Nós moramos aqui e eu nem sei te dizer se é sul, norte, mas uma área de periferia. Você imagine o ser humano sair dessa região aqui, se você for olhar no mapa, onde fica a nossa região aqui e for olhar onde fica a “nossa” Beira Mar, onde fica a Aldeota ... Sai daqui puxando a carrocinha e volta pra vender aqui mesmo porque ele não pode vender lá. Tem que vender aqui de onde ele levou a carroça. Depois de anos e anos, continua da mesma forma. Ele sai daqui com uma carroça ele não pode desviar um material de lá, na Aldeota, ele tem que voltar com ela cheia pra vender pro deposeiro. (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Ao referir-se às significações dos catadores e catadoras quanto ao trabalho, Verbena demonstra uma genuína empatia. Sua própria trajetória, assim como a de sua mãe, a faz entender que quando os catadores e catadoras demonstram pouca disponibilidade para o sonho e o não reconhecimento do seu papel social, do benefício ambiental que geram, talvez seja porque suas vidas estão “impregnadas de imediaticidade”, do sentido de provisão, analisado por Victor Valla (1998, p. 167). Durante toda a conversa a líder comunitária manifesta um profundo respeito com as histórias de vida de cada um e de cada uma e ao invés de julgar, reconhece a relação imediata que envolve o trabalho de reciclagem, entendendo o alargar da consciência e o fluir de novas produções de sentido como parte de um processo educativo. Revela dessa maneira, um modo analisado por Gramsci de não apenas compreender, mas “sentir” a fala e a vivência das classes populares.

A seguir, vemos que o fato da ex catadora ter encontrado na educação uma importante ferramenta de leitura de si e do mundo, que envolve as relações de opressão trabalhistas sofridas desde a infância, e a defesa de um projeto de vida para si e para seus pares, não suprime a sua visão crítica quanto às falhas do sistema educacional:

A nossa política, os nossos governantes não têm essa preocupação de preparar o ser humano para uma vida melhor. Por que a escola até hoje tem muita deficiência na educação pública. Nossa! Aí passa uma pesquisa na televisão, no jornal, uma notícia

espetacular, uma notícia de última hora e quando a gente vai ouvir, nós já estamos cansados de saber disso, porque nós passamos na pele. Agora que eles atentaram pra fazer uma pesquisa que deu, mostrou que nós temos mais analfabetos que sabem ler do que analfabetos que não sabem ler? Agora que eles tão sabendo disso? Quer dizer que a coerência do ser humano tá passando batido? [...] Se todo mundo se trancar dentro de casa e botar uma grade ali e ficar dentro de casa trancado, esperando que as coisas se resolvam, não vai se resolver nada. Pelo contrário. Vai ficar quem quer, fazendo o que quer e pronto! (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Não só aqui, mas em outros momentos durante a pesquisa Verbena reafirma a importância da organização dos setores populares e da ação, assim como de uma educação popular, como apregoava Freire (1984, p. 89):

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu” submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse as constantes revisões. A análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão.

Verbena evidencia uma fala-denúncia das contradições que perpassam e chegam a ir além das esferas governamentais. É também o que detalha Dona Magnólia quando analisa a atual conjuntura das condições e relações que envolvem o trabalho com a reciclagem em Fortaleza:

Essa fase que a gente tá vivendo, sem material, fica muito difícil. Nós ganhamos quinzena passada só RS 170,00. Aí tem um dia que a gente precisa faltar porque tem outras coisas pra resolver. A Ecofor tá tomando o nosso material. Segunda feira foi um dia que nós não trabalhamos porque não tinha um material pra gente ocupar o nosso dia de trabalho. E isso pra nós é péssimo, porque aí a gente fica sem ganhar. Quem é o culpado disso? Os trabalhadores tão aqui pra trabalhar. O culpado disso é a prefeitura e eles não podem fazer isso. Eles não precisam disso. Eles pegam o material nos pontos de coleta da ECOFOR e vendem o material que era pra vir pra nós. Não era pra prefeitura entrar com plano de coleta pra beneficiar os empresários, os bichão rico da Coelce! Era pra ir pra associação. Não tem só a ASCAJAN não, tem a Socrel, tem a Maravilha, tem o Raio de Sol, tem uma no Bom Jardim, tá cheio de associação e cada associação dessa tem um grupo de catador que precisa de material. As associação tudo com CNPJ, tudo registrado. Nós somos catadores de raiz. A prefeitura tirou nós de dentro do lixão pra jogar aqui dentro. Então ela tem responsabilidade com nós! Eles só não fazem cumprir porque nós não sabemos cobrar essa responsabilidade. Quando foi pra tirar a gente do lixão eles prometeram cestão, prometeram um monte de coisa. E agora querem tirar o nosso resíduo que é a nossa sobrevivência. (Dona Magnólia. Entrevista em 10/05/2017).

A implantação dos Ecopontos pela Ecofor fez reduzir drasticamente a quantidade de material recolhida<sup>109</sup>, matéria prima para o trabalho de reciclagem. Dona Magnólia reivindica uma maior participação dos catadores e catadoras nas políticas de resíduos sólidos da prefeitura e observa que a coleta seletiva deve levar em conta primeiramente a atenção à essa classe trabalhadora. Percebemos aqui a necessidade de se viver a esfera pública como esfera de crescimento e luta, o que implica também na ampliação da experiência de ser por meio do reagir, como bem evidencia Dona Magnólia ao discorrer sobre as suas *artes de fazer* e de dizer (DE CERTEAU, 1990):

Pra todo canto eu vou. Eu tenho boca! Eu já fui pra Brasília. Conheço o movimento nacional de catadores. É em Brasília, Belo Horizonte, São Paulo. Lá eles se reúnem e conseguem as coisas. Aqui não. O movimento é fraco. E nós somos valioso. Nós é que limpa a cidade pra “sociedade.” Nós somos um agente ambiental que limpa o chão que você passa. Se disser assim: “Ai é catador? ”Ou é negro? Existe esse preconceito. Eu não deixo que isso aconteça comigo. Deixo não! De jeito nenhum! Uma vez disseram que tava acontecendo uma reunião sobre catador. Eu cheguei na porta e só tinha gente de gravata e mulher que parecia que nem pisava no chão: ”O que é que a senhora está fazendo aqui? ” - “Eu não sou lixo, mas eu sou catadora. Eu sei que vocês estão falando de catador, de lixo. Então é assunto do meu interesse. Vocês tem dinheiro, tem poder de resolver qualquer coisa, mas não de decidir a minha vida. Só quem tem o poder de decidir a vida da gente é Deus. E tem mais uma coisa, ninguém cala a minha boca não! Só quem cala a minha boca é Deus. Nem Deus agradou a todo mundo, por que é que eu vou agradar? (Dona Magnólia. Entrevista em 10/05/2017).

Por meio da organização, do empoderamento e da vivência de militância junto a ASCAJAN, Dona Magnólia mostra que os catadores e catadoras passam a reconhecer a relevância socioambiental do seu trabalho e a despeito das forças repressivas, podem conhecer melhor a cidade, adentrar espaços institucionais, espaços de poder, crescer politicamente e afirmar-se como lideranças através de um exercício cotidiano de superação e de afirmação dos direitos que é formador por excelência.

Vejamos o registro de outro momento de “fala” dos catadores e catadoras, com Dona Magnólia e Verbena, como parte das ações do MNCR:

---

<sup>109</sup>Com base em um discurso ambientalista a prefeitura incentiva à população a recolher e levar o material reciclável aos postos de coleta em troca desconto na conta de energia. Tal material é repassado pelo poder público municipal à Ecofor, empresa que presta serviço de limpeza urbana em Fortaleza e que o repassa ao mercado que tem grande margem de lucro, assim como as empresas parceiras.

Figura 49 – Dona Magnólia com a blusa da ASCAJAN ao lado da filha Verbena, ao microfone, em manifestação pelos direitos dos catadores e catadoras



Fonte: Facebook da integrante do MNCR (20/05/2018).

Valendo-se de seus saberes, suas táticas e astúcias, suas *artes de fazer* e de dizer e da força do coletivo, mãe e filha acreditam ser possível rebelar-se contra a verticalidade da exclusão e construir políticas afirmativas dos direitos humanos e dos catadores e catadoras do Jangurussu. Desse modo rompem com a dicotomia “mundo do trabalho” e “mundo da cultura” – construto da sociedade de classes e, em especial, da sociedade capitalista, na qual os possuidores dos meios de produção e seus representantes são considerados detentores do saber científico, enquanto aos vendedores e vendedoras de força de trabalho restaria o saber prático, meramente empírico, adquirido na experiência do trabalho vivo.

Mesmo com tantos desafios Verbena não se deixa embrutecer; ao contrário, tem tanto conhecimento, sabedoria e determinação, quanto amor por seus filhos e filhas, por sua família e pela comunidade. Segundo Larrosa (2002, p. 24), o sujeito “incapaz de experiência”, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade. A seguir a ex catadora argumenta sobre a importância de um processo formativo que envolva crianças e jovens na periferia:

A gente tem que fazer um trabalho com essas crianças e esses jovens. Não que o adulto não deva ser trabalhado, mas é porque a criança de hoje é o adulto de amanhã. Se a gente conseguir implantar neles essa cidadania, a consciência política e despertar neles o coletivo, que juntos a gente pode... (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

Por meio da fala de Verbena podemos perceber que existem brechas, fluxos individuais e coletivos de ruptura com o instituído, efetivados em grande escala pelos movimentos sociais, que funcionam valendo-se de táticas (DE CERTEAU, 1990), para que o ciclo da pobreza seja minimizado. É esse o universo que ajuda a compor também as experiências de Dona Magnólia:

Uma vez eu fui pra Belo Horizonte, foram 15 catadores daqui. Quando chegou lá um palco gigante, maior que o galpão da usina. Aí o coordenador perguntou quem queria falar. Ninguém ia, eu disse:” Eu vou! É pra falar sobre o que? Era sobre coleta seletiva. Eu fui mesmo. Mandaram a minha foto, tá na casa do meu menino. Eu do lado do prefeito falando no microfone, das autoridade, parecia gente! Desse dia pra cá eu dou palestra em condomínio, em faculdade, todo canto. (Dona Magnólia, Entrevista em 10/05/2017).

Vemos aqui mais um exemplo da construção de territórios (político) educativos por parte das mulheres mães a partir da vivência coletiva. Mulheres como Dona Magnólia crescem em sua auto-estima: estabelecem vínculos, viajam, conhecem pessoas, expressam-se mais, descobrem habilidades, ocupam o espaço público com uma maior propriedade e com isso desmontam a imagem de seres invisíveis, “seres do lixo”, que a cidade tenta lhes impor.

É possível reeditar a boniteza proposta por Freire e garantir visibilidade aos esforços e aos corpos desses sujeitos, dessas mulheres? No mês de maio de 2018, Verbena me manda um convite por *whatsapp*. Uma conquista há muito buscada pelo movimento, e também uma antiga promessa de campanha estava sendo finalmente cumprida:

Figura 50 – Cartaz sobre a implantação da Bolsa Catador



Fonte: *Whatsapp* da líder comunitária (16/05/2018).

Nossa! A gente pode mudar muita coisa lá na frente. Muito já foi mudado. Tem muita mudança que valeu à pena. Muitos congressos, muitas marchas, muitas coisas foram conquistadas. A gente teve agora um decreto que nos favorece como catador, foi muito importante, mas isso teve sempre a participação de movimentos, de passeatas, de lutas (Verbena. Entrevista em 01/09/2012).

“A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho” (FREIRE, 2000, p.81) O caminho trilhado por Verbena e Dona Magnólia – mulheres que ampliam seus campos de possibilidades em suas formas de circulação pela cidade e pelo país –, junto ao MNCR e a ASCAJAN, parece ser o mesmo percorrido hoje pelos movimentos sociais como um todo. Sinuoso às vezes, escorregadio, mas também permeado de luminosidades.

#### 4.3 Flor, Lótus e Dona Orquídea – um Gereba que resiste, por meio do serviço voluntário das mulheres mães na Associação Dom Aloísio Lorscheider

Na tessitura deste texto já falei sobre como se deram as aproximações iniciais com a Associação de Moradores e Moradoras Dom Aloísio Lorscheider – a primeira, a mais de uma década, e a segunda por ocasião da investigação de mestrado com as jovens Meninas do Rap. Também discorri no segundo capítulo sobre algumas experiências importantes para a presente pesquisa, desenvolvidas de modo mais recente nesse espaço pelas mulheres mães da

comunidade. É hora de acompanhar mais de perto as práticas de serviço voluntário protagonizadas por esses sujeitos, saber mais desse sinuoso caminho em prol de um Gereba melhor, percorrido em meio aos desafios de viver no limite da violência e escassez, tendo que lidar com os avanços e recuos, saberes e poderes, alegrias e afetos – “experiências” engendradas no cotidiano da vivência grupal, com possíveis reverberações quanto a ser mãe e mulher no Jangurussu. Nesse momento contarei também com a contribuição mais indireta de Sálvia (44 anos), Alfazema (31 anos) e Dália (30 anos), mulheres mães participantes do projeto Amo Cuidar e do Grupo de Mulheres e de artesanato, práticas sociais também desenvolvidas na antiga sede da Associação Dom Aloísio Lorscheider.

Como foi dito anteriormente, meus primeiros contatos com as atividades desenvolvidas na associação se deram por meio das ações do projeto Amo Cuidar e mais particularmente do acompanhamento por certo período do grupo de gestantes. Tornava-se inviável acompanhar as atividades noturnas, tais como a capoeira e a aula de violão, dada à insegurança crescente na comunidade. O vínculo inicial com o grupo, fruto da participação como ouvinte dos encontros sobre planejamento familiar, no formato de oficinas, causou-me certo entusiasmo, principalmente por serem ministradas em parte por um padre irreverente, que de modo dinâmico e com muita naturalidade falava sobre sexualidade e prevenção. Minha desmotivação posterior, sobre a qual já discorri, não me fez desistir de continuar naquele espaço, ainda que por várias vezes eu me perguntasse: “Será que vale mesmo a pena estar aqui?” Fluxos intuitivos pareciam me dizer: “Tenha calma que há algo para você”. O educador José Moran (2013) analisa que

Os caminhos para o conhecimento através do sensorial se cruzam com os da intuição. O caminho intuitivo é o da descoberta, das conexões inesperadas, das junções, das superposições, da navegação não linear, da capacidade de maravilhar-se, do aprofundamento do conhecimento psíquico, de formas de comunicação menos conscientes. A intuição é o resultado de uma síntese de todos os processos inclusive os racionais, que consegue ultrapassar os limites do previsível, do já aceito de antemão e captar novas dimensões, muitas vezes, só semi-percebidas, que podem reorientar a nossa vida, começar um novo caminho de pesquisa teórica ou de mudanças imprevistas. A intuição é um caminho fundamental para o conhecimento integrado, um conhecimento por conexões rápidas, por processos de generalização a partir de poucas situações prévias. A intuição não é cega nem irracional. Conseguir-se com a abertura do nosso ser, da nossa mente para perceber, sentir, ver de uma forma mais aberta, mais livre, menos preconceituosa. A intuição é um processo de conhecimento que, assim como o racional, aperfeiçoa-se com a prática, com o apoio às condições positivas de abertura prestando atenção a todos os sentidos exteriores e interiores do indivíduo. A intuição não se opõe à razão, mas não segue exatamente os mesmos caminhos. A intuição está ligada à capacidade de relacionar mais livremente os dados, de associar temas de forma inesperada, de aprender pela descoberta. Para o conhecimento racional precisamos concentrar-nos no tema que estamos estudando. Para o desenvolvimento do conhecimento intuitivo precisamos relaxar internamente, dialogar conosco, decodificar a linguagem do silêncio [...]



Essa incursão mais direta no cotidiano das ações da associação se inicia com a leitura de trechos de um diário de campo de maio de 2017. Ele revela que pontos quase imperceptíveis de “ruptura” podem ser na verdade luminosos, e por meio deles vemos o brotar das sementes de serviço nas mulheres mães da comunidade:

Lótus estava muito agitada aquela tarde. Soubera ao chegar na associação que ela tinha ido junto com outras mulheres verificar um caso que envolvia um idoso, morador do bairro, que estava muito adoentado. O grupo iria tentar conseguir um carro para levá-lo ao hospital. Resolvi esperá-las. Eu aproveitaria para conversar com o padre. Ele me explica que em 2016 tentou reativar oficialmente a associação de moradores e moradoras, chegando a conseguir toda a documentação legal, mas que devido a pouca participação das pessoas, o trabalho “político” teve que ser redefinido, adquirindo um caráter mais sócio cultural. E eis que em meio a nossa conversa as mulheres chegaram alvoroçadas, gritando todas ao mesmo tempo e querendo falar com o padre. É que houve uma desistência por parte da família, dada à iminência da internação do idoso. Isso revoltara as mulheres, uma vez que os próprios familiares solicitaram a ajuda da associação. “Padre isso é revoltante demais!” exclama Lótus, idealizadora da ideia de saírem em grupo para tentar resolver o problema. “Vão deixar o homem morrer porque não querem cuidar dele no hospital!”. O padre as ouve e tenta acalmá-las. Logo mais haveria aula de karatê e as mulheres tinham que preparar o espaço. Foi varrendo e limpando o salão, enquanto eu guardava algumas cadeiras, que Lotus me disse que ela era assim, que gostava de ajudar as pessoas e que fatos como aquele a deixavam nervosa: “Mulher a gente fez de um tudo! Falou com a Orquídea (agente de saúde ) que disse que não podia fazer nada porque a pessoa não era da área dela, mas acabou conseguindo o carro, pra no final dá nisso!”

Mesmo diante do aparente insucesso do grupo, foi naquele dia que comeci a perceber, que algo novo surgia na realidade daquelas mulheres. Mesmo diante de uma violação de direitos - no caso negligência à pessoa idosa-, o interesse, o movimento em torno da questão, e por que não dizer, o entusiasmo com que se expressavam relatando o ocorrido, deixava claro que o bem estar da comunidade ganhara parte importante no projeto de vida daquelas mulheres. Senti-me contagiada pelo brilho nos olhos de cada uma, pelo sorriso no rosto já ao final do dia, ao narrarem novamente o acontecido, agora com nuances engraçadas. Uma falando e rindo do jeito da outra ao lidar com a situação e com os familiares do idoso, levando todas a rirem também. Aquilo ganhara ares de aventura... laços estavam se tecendo. Seria aquele um rito de passagem?

Voltei para casa feliz. Peguei-me rindo no terminal da Parangaba, lembrando dos corpos “agoniados” adentrando a associação. De Lótus esbaforida na ânsia de expressar-se e do padre perdido em meio “aquilo tudo”. Cheguei em casa tomada de afeto por aquele grupo. Impressionada com o fluir da vida - afetando a existência daquelas mulheres, expressando-se no compromisso social, no carinho e brincadeiras entre elas -, e com as sementes de outras feminilidades que eu vira ali germinando. (Diário de campo - 03/05/2017).

De acordo com Sri Prem Baba (2017, p. 133) “o *seva*, palavra em sânscrito que se refere ao serviço desinteressado, equivale a colocar o amor em ação.”

É quando você pode se despir dos interesses pessoais e se colocar a serviço do bem comum. [...] O *seva* é a prática do altruísmo, é a base do *karma yoga*. É quando você se coloca como um elo na cadeia de felicidade para fazer o outro feliz, para fazer o outro brilhar, para dar conforto ao outro. (BABA, 2017, p. 133).

Cardoso (1997), entende o trabalho voluntário como uma atividade com um fim definido e que é realizada de uma forma sistemática por grupos sociais específicos. Pode ser realizado em qualquer instituição, sendo pensado como uma atividade que singulariza processos e atenções também a grupos específicos, organizadas com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento destes coletivos. O autor defende a ampliação das entidades constituintes do terceiro setor, mola mestra do serviço voluntário, para além das organizações não governamentais e, nesse sentido, insere as “instituições filantrópicas”, as de “defesas de direitos de grupos específicos da população”, as de “proteção ao meio ambiente” e as de “promoção de esporte, lazer e turismo”.

Estas incursões teóricas que acompanham o que se vai instituindo como prática social alargam a noção de terceiro setor e modificam o quadro conceitual das instituições filantrópicas, vigente na legislação brasileira. Ademais ampliam o conceito de organizações que não buscam o lucro, visto que alargam o papel, os objetivos e a relevância socioeconômica destas instituições do Terceiro Setor, concebendo-as não somente como “auxiliares voluntários” do Estado, mas também salientando que incorporam novos atores sociais e que estes vivenciam novos papéis como os referentes ao lugar de participação, de parceiras na prestação de serviços de interesse social e de grupos de pressão político-social.

A lei nº 9.608 de 18 de fevereiro de 1998, sancionada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso define o serviço voluntário como sendo: Atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade. Sarubbi, Alperstedt e Feuerschütte (2009) afirmam haver quatro elementos subjacentes à atividade voluntária: qualificação, satisfação, doação e realização. Assim, nas ações do dia a dia, segundo essa perspectiva, o voluntário ou a voluntária põem em articulação, na sua prática, tanto aspectos objetivados feito aprendizagem laboral (qualificação), como aspectos subjetivos, que ele aponta como satisfação, doação e realização.

Algumas das mulheres mães do grupo têm experiência anterior com o serviço voluntário. É esse o caso de Sálvia: “Eu gosto de fazer esse trabalho voluntário. Antes eu ia lá pro João Paulo (outro conjunto do bairro) ajudar.” (conversa informal em 23/12/2017). Dona Orquídea também nos conta mais detalhadamente que não é de hoje o trabalho com a comunidade:

Quando eu morava com o meu amigo (a antiga liderança) eu ajudava ele, também era voluntária [...] Depois eu trabalhei também na igreja, ajudava lá e aqui na

associação. Aí mudou a coordenação e eu saí. Mas as meninas da igreja são pessoas maravilhosas. Os irmãos (evangélicos) também ajudam muito por aqui. Eu termino de fazer o almoço, vou lá no projeto, faço o café aí volto, depois volto pra lá, dou uma varrida, espero as moças chegar (facilitadoras das atividades) e vou me embora pra outro lugar! Na época que eu me afastei da igreja eu fiquei sem entender. Querendo entender, mas sem saber. O padre disse que eu não podia ficar mais e eu fiquei com raiva do padre e das meninas também. A gente não pode mentir porque Deus tá vendo. Fiquei dois anos afastada. Mas de Deus eu nunca me afastei! Ia pra outras igrejas, onde ele estava eu ia atrás. Aí fiquei esse tempo bom sem ajudar. Mas quando esse padre novo chegou eu disse que ia ajudar ele. Mesmo sabendo que ele era de outra religião. Porque nossos padres a gente conhece, porque sabe que eles não se casam, são uns padres reservados. Não tem uma coisa certa pra eu fazer na associação, eles dizem que eu sou divulgadora, mas eu faço tudo. (Dona Orquídea. Entrevista em 27 de outubro de 2017).

A imprecisão quanto às atividades por fazer na associação é um traço também observado por Flor. Todavia o que se faz nem sempre é o mais importante no dia-a-dia do serviço voluntário no Gereba. Cada ação voltada para o bem comum carrega potencialmente oportunidades de formação no plano individual e coletivo, além de inúmeras possibilidades afetivas, que levam as mulheres mães a alterar suas rotinas diárias, reduzindo o tempo com os filhos e com a família em função das práticas de serviço:

Lá eu faço um pouco de tudo. Eu fico na cozinha fazendo a alimentação das crianças ou mesmo na contação de histórias interagindo com elas [...] Mas se tem alguma coisa pra divulgar você nem venha aqui porque você não me pega em casa. A parte que eu mais gosto de ser voluntária é trabalhar com criança. Eu fico tão feliz! Quando eu chego e fica todo mundo me chamando de tia e aí eles vem aqui em casa! Tem hora aqui em casa que eu não paro. O tempo todo tem gente me chamando lá fora, são as crianças que vem atrás de mim. E quando é dia de contação de estórias que a gente tem que dar atenção? E tem a hora em que a gente tem um momento mais de palhaça e faz todo mundo rir! É tão gratificante! (Flor. Entrevista em 18 de outubro de 2017).

Eis o registro dessas ações:

Figura 51 – Flor e Alfazema preparando a alimentação



Fonte: *Facebook* das mulheres mães (14/01/2018).

Figura 52 – Contação de histórias com crianças na associação (salão 1)



Fonte: arquivo da pesquisadora (13/01/2018).

Dia de sábado, meu Deus do céu! É uma alegria tão grande ver a contação de histórias com as crianças! Eu venho cedinho, nem almoço eu faço, dou o leite da minha filha e venho pra cá. Eu sei é que o meu nome é muito doce! Eles me procuram mais, pra pedir água, pra ir ao banheiro. No grupo das gestantes no dia que eu não vou elas vem bater aqui. Ai Kêkeu, porque tu não foi? Não tá mais participando? Eu digo “Não gente, só hoje que eu não fui. “– Ah tá!” Isso é muito bom. [...] Eu gosto muito de dormir a tarde, eu digo que vou dormir, aí me lembro que tem grupo de gestantes. Aí eu digo: “Ai meu Deus hoje tem sopa pra dar. Ai meu Deus! Hoje tem grupo de dança!” Tem dia que eu chego lá com raiva, mas o povo começa a conversar, as crianças, aí a raiva passa. Eu digo às vezes que eu aceitei isso num momento de loucura! (diz rindo) Porque eu nunca me imaginei fazendo o bem pra tanta gente, fazendo as coisas, tentando agradar. Acho que é por isso que todo mundo gosta de mim, das crianças aos mais velhos [...] É muito bom você se sentir útil. Eu vivia dentro de casa 24h. Só saía pra levar meus filhos pra escola. (Flor. Entrevista em 18 de outubro de 2017).

Registramos algumas das atividades citadas por Flor:

Figura 53 – Contação de histórias com crianças na associação (salão 2)



Fonte: *Facebook* da coordenadora do grupo (14/01/2018).

Figura 54 – Ensaio do grupo de dança na associação



Fonte: *Facebook* da coordenadora do grupo (14/01/2018).

Para além do espaço doméstico, com o serviço desenvolvido na associação Flor vai descobrindo novas possibilidades de ser, existir e relacionar-se. Ela é cozinheira, divulgadora, palhaça, conselheira: “As mulheres vêm e pedem conselhos pra gente. Principalmente pra mim e a Orquídea. Eu penso: “Quem sou eu pra dar conselho.” Mas mesmo assim eu dou.” A narrativa de Flor é imbuída de entusiasmo diante do reconhecimento por parte de algumas das pessoas da comunidade o que não exclui a consciência de algumas dificuldades também no aspecto relacional no desempenho do serviço, fato esse aqui analisado em parte por ela:

É gratificante, é! Mas é pesado [...] Às vezes eu penso em desistir porque é muito cansativo, nem todo mundo agradece. Tem mãe que não entende o trabalho voluntário e acha que nós temos a obrigação de fazer aquilo. Até trata mal. Mas aí quando eu penso em sair acontece alguma coisa boa, como na festa das crianças que

eu não pude ir e eles vieram aqui atrás de mim. Tem gente que não vê o que a gente faz de bom, ou só vê as coisas ruins. Muita gente não valoriza o trabalho voluntário, mas eu não tô nem aí! A gente faz muitas amizades também, graças a Deus. (Flor. Entrevista em 18 de outubro de 2017).

Eu notara mesmo uma “quase arrogância” por parte de algumas mulheres gestantes durante as reuniões do grupo, o que lembra-me mais uma vez o conceito de aderência em Freire (1987), que analisa como o elitismo, nas suas diferentes nuances, está presente em todas as classes, como o excluído também exclui. Lembra-me também de alguns indianos que por não terem recursos financeiros residiam no ashram (comunidade espiritual) em que eu realizei *seva* por alguns dias durante a minha estadia. Eles tinham acesso à alimentação gratuita e outros serviços, mas não zelavam pelo espaço e vários nos olhavam com desdém quando realizávamos a limpeza dos banheiros – atividade rotativa semanal. Soubemos posteriormente que tal atividade era a mais desvalorizada no modelo de castas.

Afora o não reconhecimento por parte de algumas pessoas, as dificuldades vivenciadas pelas mulheres mães também se evidenciavam no tocante a mediação dos papéis de mãe, mulher e voluntária, a qual pode ter êxito ou não, como demonstram as falas de Dona Orquídea e Flor:

Meu marido não acha ruim eu ser voluntária no projeto porque ele já me conheceu assim, trabalho com o meu amigo líder comunitário, líder não que ele não gostava de ser chamado assim, mas era, ele era formado em enfermagem. A gente arrumava os doentes aqui e levava pro hospital! Ele armava o maior barraco se as pessoas não fossem atendidas. Foi nesse hospital que uma das diretoras me incentivou a ser agente de saúde. Esse amigo me apoiou e o meu marido também. Ele cuidava das crianças pra que eu pudesse estudar e fazer o treinamento. (Dona Orquídea. Entrevista em 27/10/2017).

[...] ser voluntária, mãe e dona de casa é difícil. [...] Pelo menos 4 mulheres já saíram da organização porque não tinham mais tempo. Elas trabalham e aí quando chegam tem que fazer janta, lavar louça, cuidar de filho. Meu marido não gosta. Fica falando, mas mesmo assim eu venho. Na festa das gestantes teve gente que saiu de casa 5 horas da manhã. (Flor. Entrevista em 19 de julho de 2017).

De acordo com a narrativa de Flor, uma parte significativa das mulheres que são voluntárias, veem reduzidas as possibilidades de ocupação do espaço público e da vivência coletiva em favor da melhoria da comunidade, por encontrarem muitas dificuldades em lidar com uma tripla jornada: a mediação entre os afazeres e responsabilidades domésticas, associadas ao “cânone oficial” de “ser mãe e esposa”, e as demandas da vida comunitária. No caso de Dona Orquídea, após as dificuldades com o primeiro casamento, o fato de ter encontrado um companheiro mais flexível possivelmente contribuiu para que ela seja uma das mulheres mais atuantes na associação, tanto em relação às ações do projeto Amo Cuidar quanto no Grupo de Mulheres ou de modo mais recente, nas ações ligadas a biblioteca.

Diante da quase ausência do Estado, na forma de políticas públicas, ao fazer a opção de contribuir com um trabalho voltado para os mais diferentes sujeitos (crianças, jovens, idosos e idosas, mulheres e adultos de um modo geral), as mulheres mães deparam-se com inúmeros desafios – ainda que nele percebam várias compensações, sendo a maior delas a melhoria da própria comunidade. Elas precisam subverter antigos papéis de gênero e redefinir suas rotinas domésticas, não raro abrindo mão do tempo com os filhos e filhas em prol de um melhor viver coletivo, como demonstra a continuação da fala de Flor:

A gente teve que fazer cumê, arrumar e limpar. E o povo chegando já! Tivemos que ir pra casa, tomar banho correndo pra voltar. Nós fazemos a decoração pras atividades. Tem mais de 30 pessoas na capoeira. 57 crianças na contação de histórias. (Flor, 19 de julho de 2017).

Eis o registro visual das aulas de capoeira citadas por Flor realizadas na associação pelo projeto Amo Cuidar:

Figura 55 – Aula de capoeira com as juventudes



Fonte: *Facebook* das mulheres mães. (02/005/2018).

A tripla jornada de mãe, mulher e voluntária fez com que nesse mesmo mês Lótus decidisse abandonar a associação. Ela também andava discutindo com o padre e por isso achou por bem passar a apoiar de longe as ações. Conflitos menos sérios costumam ser resolvidos por meio do diálogo “na roda”, não sendo isso encarado como algo a parte da dinâmica do trabalho, como salienta Flor:

As reuniões acontecem quando a gente decide. Quando tem um evento, ou alguma coisa errada na comunidade, ou alguma atividade que não está dando certo. Quando a gente vê que tá precisando conversar, que só pelo zap não resolve, a gente senta e conversa. Já teve reunião de durar mais de 3 horas (Flor. Entrevista em 18/10/2017).

Figura 56 – Roda dialógica na associação Dom Aloísio Lorscheider



Fonte: Facebook das mulheres mães (14/01/2018).

Segundo Paulo Freire (1984), por meio da relação dialógica as pessoas transformam-se plenamente em seres conscientes de si e de seu papel histórico no mundo. Relação essa que, justamente por ser dialógica não pode ser verticalizada. O diálogo entre as mulheres, sendo feito na forma de roda, não é sinônimo de nivelamento, porém, ou de um “converter-se no outro”, na outra, mas de uma maior abertura à democratização. Freire afirma ainda que o diálogo vertical é na verdade um antidiálogo: “[...] é desamoroso. É acrítico e não gera criticidade, exatamente porque desamoroso. Não é humilde. É desesperançoso. Arrogante. Auto-suficiente. Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados.” (FREIRE, 1984, p. 115-116).

Acompanhar as atividades do grupo de mulheres mães que realizavam serviço voluntário na associação, oportunizava que eu pudesse ver, gradualmente, a grandeza dos saberes de margem, dos aprendizados miúdos produzidos em espaços não formais, em territórios educativos inusitados e sutis, como o cotidiano da periferia e do serviço voluntário no Gereba, como podemos perceber nas anotações de mais um diário de campo:

A preocupação com a organização das atividades semanais, a divulgação da agenda da associação (uma das mulheres ficara de fazer um painel com as informações), o cuidado em supervisionar o bom andamento do trabalho, a acolhida dos participantes nas atividades culturais, tudo isso dava indícios de que a noção de serviço começava a desabrochar. Pude acompanhar a preocupação de parte do grupo em solucionar um choque de agendas que acabara de acontecer. Lótus me contara que o professor de karatê precisaria liberar os alunos mais cedo para ceder o espaço à turma de balé que teria um ensaio de uma apresentação para o dia das mães. Era um momento um tanto tenso, o professor voluntário poderia se sentir ofendido e desistir das aulas com as crianças e jovens. A mediação feita por Flor e Dona



Orquídea - com o professor e com a professora de balé, com os alunos que saíram um pouco tristes -, ainda que de uma forma agitada, intempestiva, “a forma delas”, comprovava o quando existia ali uma energia nova, voltada para o serviço, que as faziam aventurar-se na vivência em grupo. (Diário de campo, 10/05/2017).

Delory-Momberger (2006) põe ao lado dos saberes formais e exteriores ao sujeito os saberes subjetivos e não formalizados que os indivíduos colocam em prática nas experiências de suas vidas, em suas relações sociais. “Esses *saberes* internos possuem um papel primordial na maneira como os sujeitos investem nos espaços de aprendizagem, e sua conscientização permite definir novas relações com o saber e com a formação.” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 361). Em uma conversa informal ao final do mesmo dia, ao elogiar a postura das duas mulheres mães, Flor e Dona Orquídea, acabei por captar parte dos seus aprendizados com o serviço voluntário realizado na associação:

Sendo voluntária eu aprendo a ter mais paciência. É uma coisa que eu não tinha, mais hoje eu tenho de sobra. Às vezes a pessoa vem reclamar e eu respondo rindo. Se fosse a Flor de antes eu já tava estressada, falando. Às vezes dá vontade de esganar! Aí eu respiro fundo. Já tratei gente com ignorância. [...] Mesmo que a gente não agrade a todo mundo, mas é com as críticas que eu aprendo a ser uma pessoa melhor. Às vezes eu tô aqui e tô de mau humor, mas quando eu tô lá, eu mudo completamente. Eu fico alegre, eu rio com todo mundo. Minha mãe é que diz: “Flor você está tão melhor! Você já era boa, mas você está ainda melhor, o que você está fazendo? Eu digo: “Ah mãe, eu sou voluntária num projeto social.” No projeto eu aprendi a ser mais humana, a ter mais amor ao próximo. Tem gente que chega e diz: “Na minha casa não tem nada, tem como tu conseguir uma cesta?” E eu poder colocar isso pro grupo e conseguir. Eu aprendi a ser mais solidária. Eu não sabia o que é ter tanto amor ao próximo como hoje. Ver as crianças sorrindo, felizes na contação de histórias é algo muito bom [...] O projeto Amo Cuidar mudou muito a comunidade. Não tinha nada pras crianças. Hoje tem capoeira, contação de histórias, cineminha, tudo de graça. Estamos formando um grupo de idosos. Fizemos já uma festa pra eles na escola Delma Hermínia. Aqui tava muita poeira por causa da obra aqui do lado. (Flor. Entrevista em 18/10/2017).

Figura 57 – Festa com os idosos do Gereba



Fonte: Facebook do coordenador do Projeto Amo Cuidar (20/10/2017).

Antes eu olhava pro grupo e dizia: “Ai meu Deus que pessoa arrogante!”, ou: “Ai meu Deus! Essa criança não para!” Hoje em dia aquela pessoa pra mim é a melhor pessoa do mundo! Eu falo com as senhoras que as meninas diziam: “Não chega perto daquela mulher que ela é chata!” Aí eu chego perto da mulher, a mulher me trata bem. Eu digo: “Valha meu Deus do céu! Como a gente se engana com as pessoas...” Eu não falava com ninguém aqui. Hoje eu falo com todo mundo. Todo mundo me vê, todo mundo fala comigo. [...] Eu sinto que o povo me vê com outros olhos. Outro dia eu tava conversando com uma pessoa e ela disse: “Lai vai! Tu que é a famosa Flor ! Todo mundo fala de ti. Pois eu quero saber sobre o projeto, me tira umas dúvidas.” Uma das melhores coisas que o projeto me deu foram as amizades. Eu não tinha uma amiga. Tinha gente do grupo que eu fazia era dizer: “Eu tenho é nojo dessa mulher!” Hoje nós somos unidas, damos as mãos. E se no grupo a gente brigar passa uns dias sem se falar depois volta tudo as boas. São amizades que eu quero levar para a vida toda. (Flor. Registro de conversa informal em 10/05/2017).

Os relatos de Flor revelam como as experiências com as práticas de serviço por ela desenvolvidas no projeto Amo Cuidar são experiências formativas por meio das quais ela como um agente ativo pode transformar-se. Essa relação “experiência- formação” é um dos principais campos de estudo de Delory-Momberger (2008, p. 99-100):

Essa valorização da experiência problematiza e alarga o conceito de formação; questiona o seu quadro de referência habitual, centrado em objetivos técnicos e profissionais; entrega ao próprio sujeito o encargo de seus procedimentos de formação e a definição de suas necessidades.

A formação entendida dessa maneira dá-se ao longo da vida, em diferentes espaços e tempos que se entrelaçam. Não só a escola, mas também espaços de religiosidade, movimentos sociais, relações de amizade e amorosas, pra citar alguns, são campos formadores

que o indivíduo pode escolher acessar no processo de produção de si mesmo. Participar dessas instâncias parece ter sido desde sempre a opção feita por Dona Orquídea: “E o que eu faço tanto lá na associação, como na época da igreja eu acho que o fim é o mesmo!”. Por sua vez a agente de saúde preocupa-se também com a auto formação das juventudes e vê no cotidiano das práticas de serviço realizadas na associação significativas oportunidades para o seu cultivo:

Eu acho que aqui a gente fez um trabalho maravilhoso. A gente tem que valorizar o que a gente faz, não interessa o que o outro acha. [...] Quando não tem atividade os menino ficam tudinho na minha porta. Vem perguntar por que não teve. Ontem veio um menino aqui pegar a chave, porque ele queria limpar, eu já tinha limpado meio dia, mas ele pediu pra limpar e eu deixei, porque serve de incentivo se eu não tiver aqui, ir lá e limpar. Isso melhora muito a comunidade. De 2000 pra cá essa comunidade parou demais e essa comunidade não pode parar. Depois que o nosso amigo saiu (aquela pessoa que eu te falei)... Tinha um pessoal que dizia que ele não faia nada, mas antes de sair ele deixou tudo pronto. Calçamento, água, luz, ele deixou tudo pronto. Ele saia daqui ia lá pro Cambeba, ia pegar uma ficha pras outras pessoas encontrar ele lá 11h e levar um almoço pra ele porque ele tava lá desde cedo, pra pegar as coisas pra comunidade, falar com o governo. Eu não sei se o povo lembra, mas eu lembro (Dona Orquídea. Entrevista em 27 de outubro de 2017).

Dona Orquídea mesmo que envolvida vez por outra pelo sentimento de nostalgia em relação a um passado de serviço que interpreta como melhor, e ainda que pretenda futuramente ir morar em outro lugar, não perde o vínculo com o serviço voluntário desenvolvido na associação, por mais desafios e sobressaltos que ele possa abranger. Dias depois do fato que envolvera a professora de balé e o professor de Karatê, este veio a falecer de modo inesperado. As crianças e jovens ficaram tristes, as mães. O padre fez uma homenagem pública e todos experienciaram “de novo” o aprendizado da impermanência das coisas, do cultivo da esperança e do exercício de uma vontade de potência alta, como disse Suely Rolnik (2014) em uma entrevista:

Isso não é estável, porque eu, você, em alguns momentos estamos com uma vontade de potência alta, em outros baixa, umas vezes nós somos escravos, outras nobres. “Batalhar pela ativação dessa capacidade (vontade de “potência alta”) é o foco principal de uma luta micropolítica.”

O que tenho experienciado no decorrer da pesquisa com as mulheres mães no Gereba, desde quando ela ensaiava os seus primeiros passos, anos atrás, assim como em 2016, ano mais calmo, e mesmo com toda a desafiadora eferescência de 2017, é que episódios limites vividos na comunidade no mesmo espaço tempo em que parecem desencadear um desejo minguante naqueles sujeitos, sugerem que ali podem também habitar territórios educativos, experiências propulsoras do fomento de saberes sutis, e que há sempre o risco do

surgimento de uma nova corrente de ar, capaz de possivelmente tecer em suas subjetividades a capacidade de fazer fluir o desejo como algo indestrutível por excelência. Josso (2010) distingue a experiência de uma vivência qualquer. Para a autora, a tomada de consciência do sujeito acerca de vivências significativas torna-as experiências propriamente ditas: experiências formadoras.

Na semana seguinte fico sabendo que um grupo de mulheres seria criado como parte das ações do projeto. Uma colega do padre, assistente social, seria a facilitadora e a ideia da formação do grupo trouxe alegria para as mulheres na comunidade. Os meses seguintes trariam muitas dificuldades para a continuidade das práticas de serviço, mas traria também o delinear de uma nova conjuntura para a o trabalho realizado pelas mulheres mães na associação a partir do segundo semestre do ano de 2017.

#### ***4.3.1 Desafios e mudanças no trabalho junto à associação – novas experiências para as mulheres mães e novas desterritorializações para a pesquisadora***

A segunda metade do ano de 2017 acabou por esboçar um novo contexto para as mulheres mães que realizam o serviço voluntário na antiga sede da associação Dom Aloísio Lorscheider. Além da perda do professor de capoeira que resultou na suspensão temporária das aulas, uma das mais importantes atividades com as juventudes, e do fato da comunidade ainda sofrer com a violência atrelada ao narcotráfico e a ação das facções<sup>110</sup>, tanto o padre quanto Dona Orquídea adoeceram, o que resultou na diminuição das atividades culturais e na inadimplência em relação a contribuição mensal dos associados e associadas ao projeto Amo Cuidar. Mas é justamente nesse amalgamar de idas e vindas, avanços e recuos, perdas e conquistas que as mulheres mães vão ganhando experiência, descobrindo dons, expressando-se mais, reconstruindo-se a cada novo impasse e abrindo-se a impermanência da vida, como afirma Dona Orquídea:

Quando a associação fechou, no passado, ficou bem parado. A gente conseguiu levantar muito. Hoje a gente tá um pouco fraco, porque tudo é fraco. Um dia tá forte, um dia tá fraco. A gente tá vivendo esse momento fraco. [...] Quando o nosso professor de capoeira faleceu os alunos dele ficaram com um astral lá embaixo, nós também. Fizemos a festa do dia das crianças quase sem poder, o nosso padre ainda por cima ficou doente. Passou a vir menos e as pessoas quase que deixaram de contribuir. Acabaram cortando a nossa água e a nossa luz. Estamos arrecadando dinheiro porque não dá pra ele se virar sozinho. Eu tenho que conversar com as

<sup>110</sup>Somente ao final do ano de 2017 houve uma diminuição no índice de crimes ligados ao tráfico no Gereba, dado ao expressivo aumento do aparato policial, fato esse que, paradoxalmente, também produziu de certo modo um maior cerceamento da comunidade no seu direito de ir e vir, sobretudo das juventudes.

meninas direto sobre isso, senão tudo vai cair. (Dona Orquídea. Entrevista em 27 de outubro de 2017).

Em a *Sobrevivência dos Vagalumes* Didi-Huberman (2011) tece reflexões numa linha muito próximas às de De Certeau quanto à grandiosidade que reside potencialmente nas coisas simples, corriqueiras, banais, coisas invisíveis. Afirma que os vagalumes, inicialmente simbolizando as resistências frente aos holofotes do fascismo, representam de modo mais ampliado as diversas formas de resistência da cultura, do pensamento e do corpo diante das luzes ofuscantes do poder da política, da mídia e da mercadoria. Eles emitem sinais discretos na maioria das vezes. Caracterizam-se por sua intermitência, sua fragilidade, seu intervalo de aparições, de desaparecimentos, de reaparições e de redesaparecimentos incessantes. O relato de Dona Orquídea expõe parte dessa impermanência, desse ir e vir cambaleante ante as adversidades, mas também dessa resistência.

A fala da agente de saúde, e uma das principais lideranças na associação, sinaliza por outro lado o início de uma transformação que ocorreria gradualmente, afetando a subjetividade das mulheres mães e o desenrolar das práticas de serviço no Gereba e das atividades junto ao projeto Amo Cuidar. Possivelmente dado o trabalho do projeto em outras comunidades, mesmo recuperado o padre passou a faltar os encontros com o grupo. Eu soubera por algumas pessoas que ele andava preocupado com a inadimplência dos associados e associadas ao projeto e iria dialogar com a comunidade. Em contrapartida, as mulheres mães inventavam alternativas, formas de arrecadar dinheiro e manter as atividades, como mostra o trecho de um diário de campo, fruto de um diálogo com Dona Orquídea em sua casa:

Estava quase na hora do encontro com o grupo de gestantes na associação. Passo antes na casa de Dona Orquídea e ela me diz que naquele dia o padre mais uma vez não iria facilitar a atividade. Elas aproveitariam para vender as cartelas de um bingo. “Eu vou dar uma colcha pro bingo. As meninas não colocaram no face porque, porque elas são muito chatas (diz rindo). Vou lá pegar pra tu ver! (diz entrando em casa)”. Ao voltar ela continua: “Essa colcha não tem em canto do mundo nenhum! Eu comprei ela pra botar na minha cama de casal, mas aí eu dei a minha cama de casal pro meu filho quando ele casou, mas eu não acho legal dar pra ele, porque essa colcha aqui parece mais coisa de mulher. (cor salmon) Eu nem abri ainda porque eu tenho pena. O pessoal também pode dizer que já foi usada né? O grupo estava rifando brinquedos também [...]

O nosso problema maior aqui é falta de verba, falta de dinheiro. Na nossa comunidade nada vai pra frente por isso. A gente é pobre e é rico, porque quem tem saúde é rico. Eles aqui já trabalham com esse lixo, se a gente pedir como agora uma cooperação de R\$ 10,00 eles não têm essa capacidade. Até maio eles tavam cooperando bem direitinho, umas 30 pessoas, aí teve essa parada. Mensalmente a gente se reunia com a comunidade. Eu fiquei doente quase junto com ele, mas eu acho que a gente não devia ter parado de conversar com eles. Mesmo assim tá tendo aula de violão, deu dez pessoas na primeira, ficou foi gente de fora, teve duas turmas direto, uma atrás da outra (Diário de campo, 04/ 11/ 2017).

Eis o registro dessa atividade:

Figura 58 – Professor, alunos e alunas durante aula de violão



Fonte: facebook das mulheres mães (19/10/2017).

No sábado tem contação de histórias pra criança. Pena que o povo aqui não tem aquela determinação, começa as coisas e depois não termina. Teve uma mãe do projeto que chegou pra mim e disse: “Orquídea, eu queria dizer...” Aí eu digo: “Não não, não! Não venha me dizer que você vai sair. Você não vai sair!” .” (Diário de campo, 04/11/2017).

Os moradores e moradoras do Gereba, oscilam entre crer e não crer num horizonte melhor e menos cinzento. Como ter sonhos, esperanças, projetos nos quais se valha a pena investir, quando a cidade os trata como gente menor, como “ninguéns”? Aqueles e aquelas para os quais, como diria Eduardo Galeano (1995) “nem uma chavinha cai do céu da boa sorte mesmo que a mão esquerda coce [...] ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.” Gente descartável, gente - lixo. (LAROSSA, 2014). Não obstante, Dona Orquídea não se deixa abater. Ao contrário, ela e as demais mulheres mães desenvolvem uma incessante pedagogia da resistência:

Eu preciso conseguir alguém para fazer a contação de histórias para as crianças!” disse Dona Orquídea enquanto varria a área onde conversaríamos. Parecia mais estar pensando em voz alta: “Essa comunidade não pode parar. As ações estão se acabando.” No intuito de ajudar perguntei: “Orquídea vocês cuidam da comunidade por meio das ações, mas quem cuida de vocês?” - “Ninguém!” “- Pois eu pensei em fazer vivências com vocês. Algo como cuidar do cuidador.” “- Seria bom mesmo, mas sabe eu preferia que você ajudasse a fazer para eles. A senhora não é pedagoga também?” Respondi que sim. Dona Orquídea perguntou-me se eu não poderia realizar algumas das atividades com as crianças, caso conseguisse juntar um pequeno grupo de facilitadoras para intercalar as atividades. Ficamos de amadurecer a ideia. “Ah, a gente vai fazer um desfile também, de criança, porque de adulto a gente não faz. As meninas desfilam e os jurados escolhem as que vão ganhar prêmios. (Diário de campo, 11/11 /2017).

Lembro-me ter pensado comigo mesma naquele momento: um desfile? Achei aquilo curioso, sorri... Mas novamente senti que um preconceito subliminar me ocorria. Aquele era um sorriso além de um tanto desdenhoso, hipócrita. Foi preciso lembrar-me que apesar da timidez, quando pequena eu mesma participava dos desfiles no bairro da Parangaba onde cresci. Isso me faz concordar com Victor Valla quando diz que é necessário que o esforço de compreender as condições e experiências de vida, como também a ação política da população seja acompanhado por uma maior clareza de suas representações e visões de mundo. Se não, corre-se o risco de procurar uma suposta identidade, consciência de classe e organização que, na realidade, é uma fantasia de muitos mediadores (VALLA, 2000).

Pesquisar trajetórias, saberes, práticas sociais, ou seja, as experiências das mulheres mães no Jangurussu pressupõe que se entenda a complexidade simbólica desses mesmos saberes, práticas e experiências, apesar da simplicidade dos gestos, das ações quase invisíveis e irrelevantes, que se expressam também na dinâmica do serviço voluntário. Esse é o território por excelência das táticas e das *artes de fazer*, do agir das heroínas anônimas, e justamente a esse caráter “menor” De Certeau dedica a maior parte dos seus estudos. Um bom exemplo disso foi a redefinição e a consolidação do novo grupo de mulheres no Gereba, processo sobre o qual me debruço a seguir.

#### *4.3.1.1 O Grupo de Mulheres na associação: novo formato, novos sujeitos e uma nova postura em relação às práticas sociais desenvolvidas no Gereba*

Soubera por meio de Dona Orquídea, dias depois de tê-la encontrado e conversado sobre o recém criado grupo de mulheres, que a facilitadora não poderia mais ficar a frente das reuniões. Eu havia ido a um dos encontros desse grupo, mas o caráter técnico da atividade não me mobilizara o suficiente para continuar. Soubera também que a mesma Dona Orquídea fizera alguns contatos e conseguira sensibilizar outra pessoa que concordara em facilitar as ações e rodas de conversa sobre relações de gênero com as mulheres no Gereba. Passados dois encontros da nova facilitadora com o grupo era possível ver o entusiasmo das mulheres: “O grupo da Calliandra é muito bom! As mulheres têm a mente mais aberta. A gente teve uma palestra sobre DST muito boa e vamos ter sobre drogas” disse-me certa vez Dona Orquídea. Dias depois eu pude conhecer de perto essa experiência, cujo relato se faz na forma de diário de campo:

Ao chegar ao prédio da antiga associação encontrei somente D. Orquídea e uma moradora sentadas conversando. Elas estavam saboreando frutas e aguardando as outras mulheres chegarem para mais um encontro do grupo. Conversavam sobre a conta da luz que naquele dia fora paga e sobre a conta da água ainda por pagar. “A rifa e o bingo que a gente fez não deu pra cobrir tudo Ciça, estamos pelejando ainda!” – Disse D. Orquídea. Naquela tarde haveria uma sensibilização sobre produtos recicláveis e o planejamento das atividades de final de ano. D. Orquídea convidara o Sr. Manoel, participante da REAJAN e morador do conjunto São Cristovão. Ele ficara de levar a facilitadora da oficina e também moradora daquele conjunto. Aos poucos mais mulheres foram chegando, ficamos conversando descontraidamente. Elas se divertiram vendo vídeos no meu celular até os convidados e a coordenadora do grupo chegarem. Dona Orquídea, sentou-se ao lado do Sr Manoel, um senhor negro e simpático, um dos coordenadores da REAJAN. Ela abriu a atividade fazendo as apresentações e contextualizando o tema do encontro. Pude conhecer Anis, a facilitadora e Calliandra a coordenadora do grupo, ambas aparentando meia idade, mulheres jovens ainda. O senhor Manoel contou um pouco de si, fez uma pequena explanação da reciclagem do ponto de vista ambiental e socioeconômico e chamou a frente a facilitadora, terminando a sua fala dizendo que nesse encontro viera mais para acompanhá-la, pois ela não costumava realizar aquele tipo de atividade. Anis por sua vez disse ser uma pessoa um pouco tímida, mas reconheceu que estava feliz em estar ali. Tratava-se de uma mulher muito simples, mas com um grande talento para reciclagem. Nunca fizera cursos, tudo o que aprendera fora por meio de internet. Ela dispôs vários objetos no chão. Disse que apenas utilizando tesoura, cola, tecido e tinta ela fazia estojos escolares, porta maquiagem, porta pano de prato e outros utensílios domésticos. A medida que falava mostrava cada objeto. O senhor Manoel pôs um chapéu de formatura na cabeça e arrancou risos do grupo. Pude perceber o olhar de encantamento das mulheres a cada peça apresentada. Anis fazia percorrer o objeto no grupo e as mulheres aproveitavam para fazer perguntas. O grupo demonstrou bastante interesse em ter oficinas propriamente ditas, sendo tirada uma agenda para os encontros. Após a saída dos convidados a coordenadora de modo bastante descontraído constatou junto às mulheres que a atividade fora de fato bastante exitosa, mas observou a importância da participação feminina e comentou que gostaria que Anis tivesse se pronunciado mais. (Diário de campo, 13/11/2017).

Figura 59 – Reunião do grupo de mulheres na associação



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (13/11/2017).



Figura 60 – Facilitadora do Jangurussu em apresentação sobre artesanato e reciclagem



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (13/11/2017).

Uma semana depois eu participaria de mais um encontro onde seria discutido o formato do grupo e feito um pequeno planejamento das atividades seguintes. O diário de campo, a seguir, revela um importante momento para a história da associação, para a vida das mulheres na comunidade e principalmente para as mulheres mães voluntárias:

Esse foi um momento bastante participativo, onde o grupo manifestou alegremente o interesse em aprender outras coisas e de preferência valorizando os saberes e experiências das mulheres moradoras do Gereba. “Ah, a Azaleia e a Dália também sabem fazer artesanato!” Disse Dona Orquídea, a gente pode chamar elas.” - Tem também a D. Hortência que faz remédios caseiros, seria muito bom se ela viesse também!”, diz outra. Aos poucos as ideias iam se amalgamando e a agenda ia sendo formada num clima de descontração e amizade. Uma oficina de produtos natalinos foi confirmada e outra de crochê. Até dezembro o grupo teria mais um momento temático, uma palestra sobre menopausa, além de uma sensibilização sobre como se forma uma cooperativa – sugestão da coordenadora, amplamente aceita pelo grupo. O encontro terminou mais cedo porque outras duas reuniões estavam agendadas ainda para aquele dia: uma com as famílias do grupo de capoeira, que passaram a ter um novo facilitador e outra com as famílias interessadas em formar um grupo de balé. As atividades dependeriam de uma contribuição de 1,00 por atividade, como forma de contrabalançar o índice de inadimplência dos últimos meses: de 70 participantes o projeto estava contando com a contribuição sistemática de apenas 7 pessoas. (Diário de campo, 13 de novembro de 2017).

As oficinas sobre saberes populares femininos não só aconteceram como foram bastante exitosas. “Ah Ciça a oficina sobre remédios caseiros foi tão boa!” disse-me Flor, posto que um compromisso acadêmico impedira a minha participação. Do mesmo modo, a oficina de artesanato previamente agendada além de realizar-se acabou originando um grupo

permanente. Duas facilitadoras se revezavam nos encontros, Anis e Dona Amarílis ex moradora do Gereba e irmã de Violeta, participante do grupo. Assim como Anis, a moradora do Conjunto São Cristovão levada a associação pelo Sr. Manoel, Dona Amarílis aprendera artesanato pela internet (canal *You Tube*) e dizia dar aulas de graça pelo simples prazer de ensinar. Ela levava para o grupo a maior parte do material, além de doar o tecido. As mulheres ajudavam a levar mais tesouras e o que mais tivessem em casa, normalmente, material da usina.

Contra-pondo-se à lógica do sistema capitalista, quase sem saber, com a vivência do trabalho em grupo as mulheres fortaleciam saberes femininos e populares, desenvolviam valores de cooperação, solidariedade e união, além do que, reinventavam usos, a seu favor, a favor de seus desejos, para as sobras do que a sociedade não mais queria - como é possível ver nas fotos:

Figura 61 – Artigos de artesanato produzidos pelas mulheres da associação



Fonte: Facebook das mulheres (15/11/2017).

Desses saberes táticos (DE CERTEAU, 1990), microcosmos de subversão, surgia beleza. Por meio das mãos das mulheres mães no Gereba o lixo transmutava-se em arte, na forma de transcendência e encantamento, como sugere Porto (2008, p. 211):

O objecto de arte resulta de capacidades qualificadas como transcendentais, como algo que não faz parte deste mundo [...] é uma tecnologia no sentido em que transforma, materialmente, produtos materiais. E é uma tecnologia de encantamento na medida em que essa transformação (material) produza efeitos sociais.

Um mês depois as mulheres realizariam uma confraternização natalina com o grupo. Por questões de saúde eu ficara impossibilitada de participar do evento. Soube

posteriormente o que Flor e Alfazema tinham achado desse momento. Esta havia perdido o companheiro recentemente e havia encontrado conforto e acolhimento no grupo, como revela um trecho do diário de campo:

Na cozinha da associação, enquanto eu ajudava a preparar um lanche, Alfazema e Flor me contaram suas impressões sobre a festa do grupo de mulheres: “Ah foi emocionante!” diz Alfazema. “Foi mesmo muito bom”, concorda Flor. Foi tão legal Ciça! Cada mulher falou um pouco sobre o que tinha representado o grupo neste ano. “A Flor foi a que mais chorou” – continua Alfazema. Elas riem. Pergunto então sobre os detalhes desse momento: “Ah, ela chorou porque disse que não tinha família em Fortaleza”. “Foi desse jeito mesmo” concorda Flor: “ Eu disse que elas eram a minha família.” “E você Alfazema, o que falou quando chegou a sua vez?” perguntei - “Ah eu disse que não era fácil perder um companheiro com quem você viveu mais de 12 anos e que elas estavam sendo muito importante pra mim.” “Que bonito...” comentei. Sálvia juntou-se a nós em seguida. Elas também comentaram sobre o almoço do dia anterior. “Foi lindo mesmo.” Disse Dália. “E foi farto! Até Chester teve!” completa Sálvia. Pedi então para que avaliassem a importância do grupo de mulheres de um modo geral. Flor pronunciou-se: “O grupo de mulheres é uma das coisas que eu mais gosto na associação. É onde eu me sinto bem. É onde uma ouve a outra É maravilhoso! Não é só um dia na semana, agora que tem o grupo de artesanato. Esse grupo foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida. Isso pra mim é gratificante. É como eu falo pra elas, elas são a minha família do Gereba. Eu amo elas.” (Diário de campo, 16/12/2017).

Figura 62 – Confraternização do grupo de mulheres no Gereba



Fonte: *Facebook* das participantes do grupo de mulheres (15/12/2017).

“São esses momentos de graça, frágeis e fugazes, que resistem ao mundo do terror” – diz Didi-Huberman (2011) em alusão aos vagalumes. Aos poucos as mulheres no Gereba começavam a se fortalecer. Era a mudança de si promovendo afetações no outro e no mundo. O cotidiano da pesquisa passava a me revelar, cada vez mais, pequenos sinais que evidenciavam a fecundidade de um possível novo ciclo no trabalho junto à associação – em

relação ao modo como se viam e se organizavam –, nas práticas de serviço e na vida das mulheres.

#### ***4.3.2 Novos aprendizados, novas provocações e parcerias - sementes de mudança em relação às práticas sociais e ao serviço voluntário desenvolvido pelas mulheres mães no Gereba***

Pretendo expor neste tópico experiências que no final de 2017 apontaram para uma mudança de olhar e de atitude em relação às práticas de serviço desenvolvidas pelas mulheres mães junto à antiga associação Dom Aloísio Lorscheider. Elas revelam o cotidiano como espaço de produção de saberes e de resistências, pano de fundo para aprendizagens individuais e coletivas. Escolho três momentos que avalio como significativos (e também perturbadores). Vejamos a seguir.

##### ***4.3.2.1 A Festa de Natal das Crianças – Potências e desafios diante de um Gereba que resiste em meio a deslocamentos e capturas***

Era quase antevéspera de natal. Flor havia me pedido com certo constrangimento alguma ajuda com roupas usadas para os filhos. Eu arrecadara com parentes algumas coisas semi novas para a menina, incluindo alguns brinquedos e para os dois garotos eu comprara uma peça de roupa. Comprara também um brinquedo para cada uma das filhas de Lótus. Embrulhei tudo em papel de presente, com a ajuda de familiares já envolvidos com a pesquisa por meio de alguns dos meus relatos. Eu levaria as coisas no dia seguinte e aproveitaria para participar da festa de natal das crianças na associação, promovida pelo projeto Amo Cuidar. Por meio de trechos do longo diário de campo movimentos de contração e expansão na comunidade se fazem esboçar:

Cheguei mais cedo que o previsto e a associação ainda estava fechada. Me ocorreu de ir a casa de Flor e no caminho encontrei Alfazema que estava indo buscar a chave para limpar o local. Cumprimentei-a e iniciamos uma conversa enquanto esperávamos que Flor aparecesse. Minutos depois uma jovem de uns 15 anos chega com um copo de café para Alfazema: “Tu hein? Sai de casa sem nem esperar pelo café!”. Percebo tratar-se de sua filha. Sinto-me tocada com a delicadeza daquele gesto. Alfazema ficara viúva há dois meses..Eu continuava com a impressão que ela tinha um agir comigo diferente das demais mulheres. Meia calada, aparentemente desconfiada e de pouco riso. Tento puxar uma conversa, mas nessa hora Flor surge a porta e entrega as chaves, dizendo que irá em seguida. Enquanto Alfazema abria a associação eu apreciava uma exposição de fotos com pessoas e cenas cotidianas do Gereba, organizada por jovens do Cuca Jangurussu. Fico sabendo que eles têm o projeto de implantar em parceria com a comunidade uma biblioteca naquele espaço

e que pretendem realizar um evento cultural ainda no mês de janeiro. As fotos retratavam a infância, como a de um boneco do Hulk (colorido) em frente a um grupo de crianças (em preto e branco), os afetos, como a de um idoso e uma catadora ambos com os seus cachorros;. A pobreza-riqueza das casas e barracos, com suas cores e arranjos estéticos com material reciclado: flores no Gereba. (Diário de campo, 23/12/2017).

Figura 63 – Exposição de fotos sobre o Gereba



Fonte: Acervo do Cuca Jangurussu (23/12/2017).

Tudo ali captava um Jangurussu que o saber sensível permite (re) conhecer. Aquele que não é retratado nos programas policiais, mas que torna a vida dos moradores e moradoras menos amarga e abre portas para a intensidade e a delicadeza dos afetos e acontecimentos. ”Eu acho isso tudo tão bonito Ciça!” – exclamou Lótus aquele dia ao chegar e igualmente apreciar as fotos da exposição. Novamente eu reconhecia De Certeau em todas as expressões que me rodeavam, em todos os fluxos com os quais a pesquisa me fazia entrelaçar. As anotações do diário de campo que vão aos poucos se complexificando:

Alfazema começou a varrer o chão do salão e Flor logo chegou com o filho de uns 10 anos. Eu entreguei a sacola com os presentes para ela, que a repassou ao garoto dizendo do que se tratava. Ele sorriu e saiu agradecendo. A água ainda não tinha sido paga e tiveram que ir pegar na vizinhança. O carro com a alimentação chegou juntamente com o padre e outras voluntárias. Me propus a ajudá-lo a limpar o salão e aproveitei para conversar um pouco com ele. Comento sobre a ideia da criação da biblioteca, mas ele não se entusiasma. Em outro momento comentei sobre a atividade cultural prevista para janeiro, em parceria com jovens artistas da cidade. Ele ri e diz que não estava sabendo. (Diário de campo, 23/12/2017).

Mais uma vez certifiquei-me da minha relativa condição de estrangeira naquele lugar. Minha intuição me fez concordar com Gauthier quando diz: “Existem poços, rios, trilhas, avenidas, terras, ventos, fronteiras, fluxos, toda uma geografia onde as palavras se juntam, comem, pegam, apagam, superpõem, parasitam, traem, espalham, escondem. (GAUTHIER, 2004, p. 129). O diário de campo agora nos apresenta um Gereba por meio dos fluxos dionisíacos dos seus sujeitos:

Vou ajudar na cozinha e vejo Flor e Alfazema animadas, rindo, ainda contando sobre o almoço do grupo de mulheres -“Mulher foi muito massa! E depois, oh esculhambação!” diz Alfazema. Elas trocam um olhar cúmplice e começam a rir descontroladamente. Pergunto o que aconteceu. “Quando terminou a gente ficou conversando, dançando e acabou até bebendo! diz Flor. “Essas meninas faziam cada coreografia! Flor referia-se as músicas de funk que escutaram já no final da tarde, acabado o evento. Percebi a conotação subliminar do comentário. “Foi mesmo?” - perguntei. “Foi mulher! A gente ficou dançando depois, conversando, acabamos bebendo uma cervejinha. Tava com uns dois anos que eu não bebia” afirma Flor. Mais uma vez ambas riem desmesuradamente. Mulher, essas meninas dançavam umas dança tão esculhambada! Desceram até o chão, ouvindo funk até umas horas.” Flor continua. “A gente tem que fazer isso pra desopilar de vez em quando.” (Diário de campo, 23/12/2017).

Uma vez mais o caminho investigativo na comunidade junto às mulheres mães parecia me revelar: se eu quisesse interagir mais profundamente com aquele grupo eu teria que conhecê-las a partir do seu mundo. Seus universos simbólicos e culturais e por vezes daquilo que eu poderia considerar como seus excessos. Em sua delicada apreensão da corporeidade Melucci (2004) afirma que o interesse pelo corpo atende a um apelo do mercado, elevando-o a produto, sujeito, e, simultaneamente, objeto. O autor atenta para a dimensão do tempo interno que corresponde ao tempo de eros, descontínuo, subjetivo, reversível e imprevisível, que depende da percepção, das situações e das experiências de cada um. Tempo interno e tempo social precisam coexistir. Não raro, o tempo interno, o tempo do corpo, submete-se ao tempo social, desencadeando conflitos e angústia, esses ocasionados pelo excesso de possibilidades que nos são oferecidas e que excedem aquilo que realmente podemos viver.

A continuação do diário nos mostra a entrada sutil de mais duas mulheres na cena da pesquisa: Sálvia e Dália, ambas voluntárias no Projeto Amo Cuidar. Vejamos:

A entrega dos bolos chegou e as duas foram ajudar a trazer os refrigerantes. Eu permaneci na cozinha, agora ajudando Dália e Sálvia a cortar os pedaços.. Sálvia era a tesoureira do projeto e eu só a conhecia de vista. Naquele momento pude saber um pouco da sua história. “Depois que eu tive câncer, a vontade de ajudar aumentou. Os médicos disseram que eu ia morrer, mas algo dentro de mim não aceitava isso. Fiz quimioterapia, fiquei careca. Diz me mostrando a foto no celular. Um ano depois eu estava curada. Meu marido me ajudou muito, ficou sem trabalhar pra cuidar de

mim.” Eu tinha sido da Universal (igreja evangélica), mas neste momento a minha ligação foi com Deus. Hoje eu ajudo o padre aqui. (Diário de campo, 23/12/2017).

Sálvia era a responsável por cuidar das finanças do projeto. Por não aparecer com tanta frequência na associação, ela foi uma das últimas mulheres do grupo com as quais eu passei a ter contato. Quantas coisas eu não ficara sabendo naquele dia sobre aquela mulher, sobre a sua estória de superação e a sua relação anterior com as práticas de serviço, não em uma entrevista propriamente dita, mas ajudando a cortar e a separar pedaços de bolo em uma mesa de cozinha? Nas possibilidades emanadas pelo cotidiano reconhece-se a necessidade da força da vida, potencializada num presente que traz a importância do minúsculo e carrega o olhar sobre as minúcias e sobre a relevância dos detalhes como afirma Maffesoli (1984) – o “lado de sombra” da realidade. A leitura de mais um trecho do diário de campo nos apresenta novamente a cotidianidade em sua dimensão desafiadora:

Muitas crianças entraram e sentaram no chão. Algumas convidadas sentaram em umas poucas cadeiras, dentre elas eu e uma senhora que doou a alimentação. Mães de pé na entrada do salão. Algumas olhavam as fotos do bairro ainda expostas na parede. Sorriam ao reconhecer as pessoas retratadas, uma ou outra parecia reconhecer sua própria casa ou barraco. A filha de Flor apareceu toda contente com as botas que eu havia dado. O padre iniciou o evento com um bom dia e uma oração. A seguir pediu para as convidadas deixassem também uma mensagem. Minha fala foi breve. Por meio dela tentei interagir mais diretamente com as crianças. A primeira atração do dia, foi chamada. Tratava-se do grupo de funk coordenado por Flor, formado por crianças e jovens. A maioria mulheres. Naquela apresentação porém, quase todo o grupo estava representado por crianças de uns 10, 11 anos. Um garoto um pouco mais velho parecia coordenar o grupo. Vestiam blusas ou *tops* e *shorts*. A música começou e o filho mais velho de Flor tentou acompanhar os passos. Confesso que fiquei constrangida com a sensualidade politicamente incorreta da letra e com a objetividade da dança. Todos ali pareciam estar descontraídos, as crianças observavam a apresentação atentamente, enquanto eu sentia uma profunda sensação de desencaixe. O número acabou e todos aplaudiram. Outros números semelhantes se seguiram, com letras que igualmente apelavam para o sexismo. O filho de flor ensaiou os passos com um ar de inocência e fixei nele, nas crianças e nas mães a maior parte da minha atenção. (Diário de campo, 23/12/2017).

Lembro-me que Flor me dissera que formara o grupo de funk porque foi o ritmo que os meninos e meninas pediram. Eu havia sentido um constrangimento inicial ao ver um vídeo do grupo postado no *facebook* das mulheres, mas não dei muita atenção para esse fato. Hoje avalio que poderia ter perguntado sobre as interpretações de Flor sobre esse estilo, poderia com isso ter acessado elementos que talvez ajudassem a dilatar o meu olhar. Porque não o fiz? Perguntar “por que” coloca o entrevistado na situação de intérprete das situações que estão sob o foco de interesse do pesquisador, afirma Diógenes (1998, p. 92).

Em seus estudos sobre a influência do *funk* e do *rap* na socialização das juventudes Dayrell (2002) analisa que esses estilos têm origem na música negra americana – que incorporou a sonoridade africana, baseada no ritmo e na tradição orais:

Eles são herdeiros do *soul* que, depois de ser a trilha sonora dos movimentos civis americanos da década de 1960 e um símbolo da consciência negra, perdeu essas características revolucionárias com a sua massificação. O funk radicalizou o soul, empregando ritmos mais marcados e arranjos mais agressivos, mas o funk também sofreu um processo de comercialização, com a remoção de sua base cultural, tornando-se uma música mais digerível do grande público. (DAYRELL, 2002, p. 125).

Ainda segundo o autor, no Brasil, a propagação do funk e do hip hop remonta aos anos 1970, quando da proliferação dos chamados “bailes black” nas periferias dos grandes centros urbanos. Desenvolveram-se nos mesmos espaços, por jovens pobres e negros, na sua maioria. Embalados pela black music americana, principalmente o soul e o funk, milhares desses jovens viram nos bailes de finais de semana uma opção de lazer até então inexistentes.

Ao investigar como as jovens dançarinas de um grupo de funk do bairro Barra do Ceará vivenciam suas experiências com o corpo, com o gênero e com a sexualidade Souza (2014), observa que por meio do grupo de funk as jovens ganham certa visibilidade não só em relação a outros jovens, como também a própria família. “Para essas jovens, diante das poucas possibilidades de que dispõem, o funk é um dos poucos espaços para se reinventarem, construir sonhos e pensarem no futuro.” (SOUZA, 2014, p. 116). Neste caso o funk aparece como uma possibilidade, ainda que remota, de ascensão social. Tal como o garoto pobre que inspira-se em determinado jogador de futebol de origem humilde, as jovens tem como referências as cantoras vindas também de periferia e que através do funk conseguiram fama e dinheiro.

O fato de sentir-me atravessada de diferentes maneiras durante o trabalho de campo, como naquele momento da apresentação de um grupo de crianças e jovens dançando funk, me faz refletir com Larrosa (2002, p. 25): “É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.” Do mesmo modo que tentava disfarçar o meu desconforto com receio de alguém havê-lo percebido eu resistia a aceitar como bom, bonito e válido tudo o que emanava das classes populares, apenas pelo fato de serem também expressões dessas mesmas classes. Aprendera com Paulo Freire que essa postura revelava mais sobre basismo do que sobre reconhecimento e afirmação dos saberes populares. Diante daquela experiência eu não conseguia fazer ponte com elementos da arte ou



com a noção de corporeidade enquanto potência propriamente dita, mas com consumo, sexismo e basismo – e isso me incomodava.

Que produção de sentidos haveria no consenso e convivência entre as mulheres, aparentemente entre todos, que meu olhar em algum grau cristalizado, possivelmente moralizado e exigente não conseguia perceber? Assim como no bairro Jardim Catarina analisado por Denise Cordeiro (2009), a vida no Gereba se dava “entre potências e capturas” - era o que eu via em situações como aquela. Porém confesso que sentira um fio de inveja dessa autora quando ao discorrer sobre o Jardim Catarina no Rio de Janeiro conseguiu captar elementos de resistência nas letras de apologia ao sexo e ao tráfico compostas por um DJ do bairro. Freire (2011b) pareceu acalentar-me mais uma vez, ao lembrar sua *Pedagogia da Esperança*, livro onde ele deveras se expõe e analisa o risco de enquanto educadores e educadoras cairmos num perfeccionismo que pouco ou nada contribui com o fortalecimento dos saberes populares. Em relação ao basismo afirma o educador em outra obra:

Esse negócio de superestimar a massa popular é um elitismo às avessas. [...] O fundamental é que minha contribuição só é válida, na medida em que sou capaz de partir do nível em que a massa está e, portanto, aprender com ela. Se não for assim, a contribuição de nada vale ou é muito pouca. Independente das técnicas, o que vale é o princípio: estar com o povo e não simplesmente para ele e jamais sobre ele. Isso é o que caracteriza a postura libertadora. (FREIRE, 2011b, p. 1).

Mais do que negar a minha inquietude, o potencial educativo capaz de transformar aquele fato em “experiência” (LAROSSA, 2002) residia, parece-me, em poder avaliar também o que sobre mim dizia aquela situação. Concordo com Jacques Gauthier (2004, p. 1):

Quando você atua na área da educação popular você aprende necessariamente a lidar com a complexidade. Você aprende a ouvir as razões e as desrazões do outro. Suas sabedorias e loucuras e também suas emoções e intuições. Você está de repente diante de um mundo muito estranho. Isso nos ajuda na percepção da nossa própria loucura e sabedoria.

E de onde vem o impulso em compartilhar tudo isso em uma tese? Talvez porque queira pesquisar com o corpo todo. Talvez porque só acredite num conhecimento que advenha da experiência. Denise Najmanovich (2001) afirma que a objetividade defendida e praticada pela ciência moderna influenciou a maneira como o corpo do sujeito foi percebido “[...] porque as emoções, a forma de perceber, sentir e agir, e os vínculos do pesquisador com o mundo, devem ser extirpados para que ele produza um conhecimento válido.” (NAJMANOVICH, 2001, p. 19). Por sua vez Larrosa (2002) apregoa um conhecimento que seja fruto da experiência. E o sujeito da experiência seria algo como um território de

passagem, como lugar de chegada e/ou como espaço do acontecer. Algo como “[...] uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos [...] o sujeito da experiência é, sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos.” (LARROSA, 2002, p. 24).

A continuação da leitura do diário de campo nos conduzirá ao final da festa de natal das crianças:

Os números de dança acabaram, mas a música continuou. As mulheres mães foram convidadas a dançar para ganharem brindes, mas nenhuma se propôs a ir. Após essa não adesão, sugeriram que dançassem o estilo forró, porém, sem reação da plateia, os brindes acabaram sendo entregues mediante uma dança de cadeiras da qual várias mães concordaram em participar. O lanche é servido e por fim brinquedos foram entregues. As mulheres que coordenam o projeto contribuíram desde a entrada, no recebimento dos convites, na limpeza e arrumação do ambiente, na organização das filas e no preparo e distribuição do lanche, servido várias vezes - chamou a minha atenção o carinho com que as crianças foram tratadas pela equipe, o cuidado para que ninguém ficasse sem comer ou beber. Por fim contribuíram na organização das filas para a distribuição dos brinquedos que eram recebidos alegremente pelas crianças, e na saída das pessoas. Mais uma vez encontro Flor que me disse radiante: “Minha filha está chegando de Recife! Ela vem passar o natal e uns dias comigo. Eu falo com ela todo dia pelo zap, as irmãs dela também. Momentos depois vi um garoto que estava chorando por sempre ganhar bolas. De modo muito gentil Flor foi consolá-lo. Um instante e ela conseguiu lhe dar um outro brinquedo. Acabei saindo discretamente da associação. Era mais de meio dia e eu ainda tinha os presentes das filhas de Lótus para entregar. (Diário de campo, 23/12/2017).

A experiência com a festa de natal me leva a refletir sobre as expectativas criadas muitas vezes por pesquisadores e pesquisadoras no decorrer de seus estudos. Expectativas que versam sobre o próprio campo, sobre os sujeitos e/ou sobre a fluidez de suas abordagens. Leva-me a relembrar outra experiência vivida durante o período que estive na Índia e partilhada inicialmente em minha página de *facebook*:

Algumas pessoas mais próximas sabem que na viagem que fiz recentemente a Índia me afeiçoei profundamente a uma família que mora na beira do Rio Ganges. Eles eram tão pobres que algumas vezes cheguei a ajudá-los com alimento e roupas doadas. Eles eram tão ricos que me deram jóias como essa: Houve um dia que eu levei frutas para comermos todos juntos, na beira do rio; já podia ver-nos brincando, rindo, comendo, sendo felizes. Era esse o plano traçado na minha cabeça. O garoto mais velho Acás, aparentando uns 6, 7 anos, contudo veio ao meu encontro com um sorriso, pegou as frutas de minha mão com um olhar firme e as levou para a casa. Não adiantou nem falar, com o meu péssimo inglês, do meu plano de felicidade. Perto de voltar para o Brasil, conseguimos finalmente fazer um piquenique simples com frutas e biscoitos. Convidei Arti, a mãe, para participar conosco daquele momento. Ela só veio momentos depois. Encostou-se em uma pedra, talvez achando pequena a toalha estendida na beira do rio, sobre a qual comíamos. Isso foi bom e prazeroso, mas curiosamente naquele dia eles discutiram muito, quase sempre por comida. Eu tentava apaziguar os ânimos, mas sem entender direito o que se passava. Uma das pessoas que mais me surpreendeu foi Arti, que em vários momentos pareceu irritar-se com Deba, o jovem vendedor de flores, amigo da família e meu. Ao passo que falava, ora ela jogava pedrinhas na areia, ora gesticulava com a pequena serrinha de mesa que eu havia levado. Tudo acabou bem, mas eu tive que lidar com a minha frustração e dentre outras coisas redefinir o que

na minha cabeça eu entendia como “um piquenique perfeito” e “como deveria ser um lugar espiritualizado”. Ao entrar depois na casa barraca daquela família e ver a forma como viviam, os sacos sobre os quais dormiam, e o modo que a mãe fazia para alimentá-los, entendi um pouco da preocupação daquele garoto e de sua mãe. Era a Índia me ensinando sobre ter empatia com o ritmo e as motivações do outro e sobre a necessidade de readequar “os meus planos”, “as minhas crenças” e “as minhas rotas de felicidade previamente programadas” para então poder vivenciar interações mais genuínas. (publicado no *facebook* em 20 de abril de 2017).

Figura 64 – Eu e família indiana as margens do Rio Ganges



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (25/03/2017).

Figura 65 – Família indiana em sua moradia



Fonte: arquivo da pesquisadora (29/03/2017).

Tal como acontecera no desfecho do fato ocorrido na Índia, ao sair da casa de Lótus, após a festa de natal, no caminho de volta pra casa e mesmo depois, apesar do meu fio de frustração, levei em conta que a formação do grupo de mulheres na associação era algo recente, e conseqüentemente o potencial de discussão sobre gênero entre elas. Recordei aos poucos as coisas boas e potentes que vira naquele mesmo dia: o empenho do grupo em bem realizar a atividade, a alegria das mulheres e a sensação de pertencimento e visibilidade diante das fotos da exposição, o entusiasmo das crianças com os brinquedos distribuídos na antevéspera de natal, o reencontro com Lótus e a boa notícia da vinda de sua filha, a delicadeza do gesto de Flor para com a criança que se entristecera com o brinquedo que ganhara... Para além do meu desassossego, essas “minúcias cotidianas” e os versos de Nando Reis para o filho de 6 anos me lembravam:

Por que o Sol saiu  
 Por que o seu dente caiu  
 Por que essa flor se abriu  
 Por que iremos viajar no verão  
 Por que aqui o mundo não será cão  
 “O mundo é bão Sebastião...”<sup>111</sup>

<sup>111</sup>CD Titãs, Gravadora WEA, 1984.

#### 4.3.2.2 *As oficinas de artesanato impulsionando os afetos, os saberes, a sociabilidade entre as mulheres mães no Gereba e o sentimento de pertença da pesquisadora*

Flor havia me dito por *whatsapp* que havia sido decidido no grupo de mulheres que logo depois do natal haveria uma oficina de artesanato dada por uma ex moradora da comunidade e irmã de uma das integrantes do grupo. A participação nessa atividade transformou-se em “experiência” registrada no diário de campo - um dos mais longos e importantes para a pesquisa:

Cheguei à comunidade um pouco antes do horário previsto. A associação estava fechada ainda. O movimento no depósito ao lado do salão Mariahs era intenso, muitos caminhões faziam manobras pelas ruas estreitas. Esperei alguns minutos na entrada da associação. Um senhor me perguntou se haveria atividade naquele dia. Respondo que fui informada que sim. A demora me fez ir à casa de Flor. Ela estava diferente, desarrumada e com um ar distante e apreensivo. Eu ouvira boatos de que ela não estava muito bem. Nas semanas anteriores, por duas vezes tentei entrar em contato com a desculpa de pedir a agenda das atividades. Ela disse que estava pensando em sair da associação, que estava com uns “problemas”, mas não quis aprofundar o assunto. Para a minha surpresa ela disse que não iria participar da atividade porque estava com muita dor de cabeça, mas confirmou a realização da oficina. Dias antes ela me dissera quando eu pedira mais informações sobre o andamento das atividades: “O que falar do grupo de artesanato? Ah... o grupo de artesanato é maravilhoso! Você aprende, você ensina, aí vem aquela união. Eu já aprendi a fazer tanta coisa! É maravilhoso Ciça! Maravilhoso...” Mesmo estranhando, levantei a hipótese dela estar realmente doente e a intuição guiou-me pelo caminho da objetividade. Avisei que a associação estava fechada e ela pediu para o filho mais velho de uns 9 anos ir comigo até a casa de Dália que estava com as chaves. Pela primeira vez eu andava por entre os barracos sob a primeira rampa, a mais segura. O aterro funcionara no passado na segunda, mais para trás, já quase na divisa com o bairro Barroso. Ali moravam Dália e a irmã Alfazema. A casa de Alfazema chamou a minha atenção pela composição estética na entrada: tratava-se de um barraco ornamentado com inúmeras flores feitas de garrafas PET. Sorri e deixei-me encantar por alguns instantes. (Diário de campo, 26/12/2017)

Figura 66 – Entrada da casa de Alfazema



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (26/12/2017).

O barraco de Dália ficava mais à frente. O garoto chamou por ela e pediu as chaves. Ela trouxe e disse que iria a seguir. Me cumprimentou alegremente. Retornei com o garoto, despedindo-me dele ao passar novamente em frente à casa de Flor. Voltei para a associação sem entender muito bem o que estava acontecendo com ela um dia depois do dia de natal. Acabei levando em conta que o feriado pudesse ter influência no seu modo de agir. (Diário de campo, 26 /12/2017).

Rerler agora este diário faz lembrar-me de como de fato ficara impressionada com Alfazema naquele momento. Aquela mulher aparentemente desprovida de tudo que é material e socialmente valorizado, conseguia doar-se num serviço voluntário e produzir beleza, “*artes de fazer*” (DE CERTEAU, 1990) sem ser tragada pela revolta e pela frustração. Tal composição estética mereceu registro na exposição fotográfica realizada por jovens ligados ao Cuca Jangurussu, naquele período ainda a mostra na sede da associação. As anotações que seguem relatam um outro encontro genuíno:

Retornei a associação quase juntamente com as mulheres que acabavam de chegar: a facilitadora Amarílis, a irmã Violeta e suas filhas que aparentavam uns 9, 10 anos. Cumprimentei-as e entreguei as chaves para Violeta abrir a associação. Entramos e conversamos um pouco. Dona Amarílis se mudara após terem matado um dos seus filhos: “Eu hoje moro no José Walter, mas venho visitar minha irmã, a Violeta, que mora aqui e que me ajuda nas aulas porque já aprendeu muita coisa”. Ouvindo Dona Amarílis eu sentia estar diante de outra heroína anônima que entrelaçava a sua vida a vida no Gereba. Como, ou melhor, porque disfarçar a minha admiração por aquela mulher que tão belamente se entregava ao serviço na comunidade que não mais era a dela e que tanta dor lhe causara no passado ? Alfazema e Dália chegaram juntas e Sálvia veio em seguida. Naquele dia elas fariam um porta jóias de papelão na forma de coração e eu seria uma das alunas. Amarílis deu as primeiras orientações,

distribuiu o material e ficou disponível para tirar dúvidas. Entre uma e outra orientação, falava sobre como começou esse trabalho e dava dicas de onde comprar material mais barato. O clima era de total descontração. A facilitadora pediu para se retirar por alguns minutos, faltava papelão ela iria conseguir com outras mulheres da comunidade material coletado da usina. (Diário de campo, 26/12/2017).

Aquilo tudo me causava ondas de entusiasmo – a desprezenciosidade das ações, os saberes e bricolagens (DE CERTEAU, 1990) das mulheres fluindo com o correr do rio em suas vidas, abrindo-se a novas possibilidades, inventando maneiras de fazer possíveis seus desejos...

Sálvia trouxera uma caixinha de som e colocou músicas para o grupo ouvir enquanto manuseavam os materiais: tesoura, cola, panos. Tudo era motivo para risos. Mais uma vez pude comprovar a importância da alegria, da amizade e dos afetos para aquele grupo. (Diário de campo, 26/12/2017).

As amigadas, assim como a família, adquiriam uma posição central nos círculos de afetos das mulheres mães no Gereba. Quase todas as mulheres do grupo moram próximo a mães, irmãs e irmãos. Sobre essa questão as anotações do diário de campo trazem mais elementos:

Ao fazer o seu coração Dália demonstrou ter bastante habilidade manual, ganhando elogios da professora. “Ah, ela tem prática!” diz a irmã Alfazema. Foi ela que fez a mesa dos 15 anos da minha filha. Disse mostrando a mim e as demais mulheres do grupo, as fotos tiradas pelo celular. Ela utilizara em boa parte, material reciclado da usina. Coincidentemente minutos depois uma das músicas tocadas pela caixinha de Sálvia foi a música tema da festa, diz Alfazema emocionada. Todas por sinal possuíam smartphone [...] A filha de Sálvia chegou com um bebezinho, acompanhada da filha adolescente de Alfazema. “A gente veio aqui só passear mesmo.”, afirmaram. Uma das mulheres comentou: “Ah, aqui se a gente não tiver nada pra fazer a gente vem pra associação só pra se ver e conversar.” Foi o que aconteceu logo em seguida com Orquídea que ao entrar na associação ecoou um sonoro “Cheguei !” Sentou-se, observou um pouco o trabalho e ao ser convidada a participar disse que não: “ Eu vim só ver vocês mesmo, eu não faço essas coisas aí não!”. (Diário de campo, 26/12/2017).

Figura 67 – Oficina de artesanato realizada pelo grupo de mulheres



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (26/12/2017).

Michel Maffesoli (1995, 1998) afirma que há possibilidade de criação na vida banal, diária. O que compromete esse olhar é a tônica prescritiva ocidental que só associa criatividade a atividade. Nesta lógica, não fazer nada, não pode ser algo propulsor. Todavia conversar, rir, estar junto, “jogar o tempo fora” promovia microcosmos educativos: fortalecia laços, mobilizava conexões, cultivava afetos, estimulava as sensibilidades e as expressões de si, mitigava as dores e os problemas vividos num cenário que às vezes parecia de quase guerra.

Para Eva Illouz (2011), as descrições sociológicas sobre as rupturas que levaram à era moderna contêm, se não uma teoria sobre os afetos, pelo menos diversas referências a eles: rivalidades, indiferenças, culpa, angústia, amor, amizade são expressões de comportamentos que demarcaram inúmeras relações sociais. Segundo a autora, “[...] o afeto diz respeito ao eu e à relação do eu com o outro culturalmente situado e, dessa forma, muitos arranjos sociais são arranjos afetivos.” (ILLOUZ, 2011, p. 100). As mulheres mães voluntárias na associação em momentos como aquele sentiam-se cuidadas. Elas experienciavam estabilidade, sentimento de pertença, calma – não se ouvia falar em violência –, e eu deparava-me com outro imaginário sobre como é viver em áreas periféricas. Continuemos com as observações do diário de campo, ele nos traz novos atravessamentos e desterritorializações:

Mesmo contente com o clima de descontração, aos poucos fui notando certo incômodo com as duas primeiras músicas escolhidas por Sálvia, posto que podiam



ser facilmente enquadradas nas chamadas músicas de gosto duvidoso, produtos da indústria de massa, o que se comprovou no meu impulso de apresentá-las a uma das “minhas músicas”. Elas ouviram. Não desgostaram, mas também não demonstraram entusiasmo, o que me deixou um pouco frustrada. Então colocaram mais uma música “comercial”. Seus primeiros acordes e versos me causaram desconforto por possivelmente ter que ouvir “mais do mesmo”. Fui percebendo, todavia, tratar-se de uma letra mais sutil, bonita até e com uma mensagem de superação. Senti-me tocada. Seria a minha música na versão delas...? Ou seria parte da “música delas” que eu até então não tinha ouvidos para ouvir? Sorri. Pouco tempo depois me surpreendo ao achar bonita não só a letra, mas a melodia de outra canção referente a um estilo que me é um tanto indiferente: sertanejo universitário. Isso me fez pensar por mais alguns segundos no meu preconceito velado. Por fim escutaram uma última. Apreciamos uma letra que era pura poesia e uma melodia suave e conhecida, que aos poucos foi cantada em coro. (Diário de campo, 26 /12/2017).

A título de ilustração sobre as sutilezas educativas e a diversidade de saberes contidas em experiências como essas, sinto-me inspirada a partilhar a letra da canção que ouvimos, Trem Bala, da jovem cantora Ana Vilela:

Não é sobre ter todas pessoas do mundo pra si  
 É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti  
 É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz  
 É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós  
 É saber se sentir infinito  
 Num universo tão vasto e bonito é saber sonhar  
 Então, fazer valer a pena cada verso  
 Daquele poema sobre acreditar  
 Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu  
 É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu  
 É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações  
 E assim ter amigos contigo em todas as situações  
 A gente não pode ter tudo  
 Qual seria a graça do mundo se fosse assim?  
 Por isso, eu prefiro sorrisos  
 E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim  
 Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar... [...] <sup>112</sup>

Aprofundar-me nas sutilezas do dia-a-dia da pesquisa possibilitava-me apreender de perto, especialmente em momentos como aquele, que os saberes surgem nas relações estabelecidas entre as pessoas e o mundo – e através dessas relações são desenvolvidos diferentes processos educativos que não se dão apenas nas relações sociais travadas no âmbito escolar, mas também nas mais diversas práticas sociais, que aqui se fazem dialogar com o trabalho voluntário. Desse modo estabelecem-se circuitos, agenciamentos, conexões que dão novos sentidos a ideia de filantropia.

Por outro lado, novamente vejo-me atravessada por lembranças de quando dava aulas de serviço social no interior do Ceará. Certa vez discorrendo sobre o conceito de cultura, tomando por base as ideias de Marilena Chauí que abrangiam a análise da cultura de massa,

<sup>112</sup>2017, Gravadora SLAP/Som Livre.

ao apresentar algumas músicas regionais mais caricatas, alguns forrós politicamente incorretos, com problemas no tocante a gênero e a apologia ao álcool e ao sexo, várias alunas provenientes das classes média e média baixa, demonstravam resistência em partilhar das reflexões da autora, assumindo uma postura de defesa daquelas músicas, não sendo esse, portanto, um comportamento exclusivo das pessoas de periferia. Sinto-me também inspirada por Freire (2008, p. 156) nesse momento:

A multiculturalidade não se constitui na justaposição de culturas, muito menos no poder exacerbado de uma sobre as outras, mas na liberdade conquistada, no direito assegurado de mover-se cada cultura no respeito uma da outra, correndo risco livremente de ser diferente, sem medo de ser diferente, de ser cada uma “para si”, somente como se faz possível crescerem juntas e não na experiência da tensão permanente, provocada pelo todo-poderosismo de uma sobre as demais proibidas de ser.

Penso ser importante para pesquisadores e pesquisadoras em educação, ainda mais em estudos etnográficos, investigar mais a fundo suas crenças, valores e seus preconceitos. Acredito que se olharmos com mais escrutínio, abertura e delicadeza para as experiências de interação com nossos interlocutores e interlocutoras, veremos que a maior parte das diferenças que emanam no campo empírico proporcionam um vínculo mais genuíno com os saberes populares, um dilatamento do olhar, transcendente e criador, que nos ensina novas posturas humanas e conseqüentemente educacionais que promovem um menor espaço para a classificação e hierarquização dos sujeitos, das suas experiências e dos seus saberes.

A continuação do diário de campo nos traz elementos de gênero e questões ligadas a conflitualidade nos grupos de um modo geral:

Com exceção de Violeta, todas as mulheres que participavam da atividade faziam parte da coordenação do projeto Amo Cuidar. Elas conversavam sobre vários assuntos enquanto eu fazia também o meu coração e dizia vez por outra alguma coisa no grupo. Em determinado momento elas comentaram sobre o ocorrido com Flor. O marido havia bebido e passado a madrugada de natal discutindo com ela, em alguns momentos na frente dos filhos. Os conflitos eram de longa data, mas ela ainda permanecia com ele. “Uma moça tão jovem, tão bonita né?” Disse uma. “Tá tendo também a maior polêmica no grupo do *whatsapp* com as gestantes”, afirma Sálvia. Tudo se dera por conta da suposta má divulgação da festa das crianças ocorrida dias antes. Alguém tinha assumido a responsabilidade de convidar as pessoas e dito que poderia fazer isso sozinha. “É, a gente precisa conversar”, escuto uma delas dizer.” O padre parece que não gostou muito não.” -“Por isso que eu gosto da minha função na coordenação, de tesoureira”, diz Sálvia rindo. Eu fico só no anonimato!” -“Ah pois eu gosto também da minha”, falam Dália responsável pela limpeza e Alfazema pela alimentação. “O padre fala essas coisas no grupo, mas tem coisas que ele não sabe não!” – Sálvia observa. “Eu por exemplo, mesmo ele mandando a gente trancar o portão na festa das crianças (após ver um grupo de mulheres sair durante o evento), deixei várias pessoas voltarem no final para o sorteio e a distribuição dos brinquedos, porque elas me pediram para sair.” - conclui. (Diário de campo, 26/12/2017).

Só então entendi o comportamento e a aparência de Flor aquele dia. Como diz Suely Rolnik (2014): “é o corpo que sabe quando a vida está vingando e quando ela está mingando. Essa capacidade do corpo, que não é o corpo dos órgãos da medicina, nem do *fitness*, mas é esse corpo em sua vulnerabilidade ao mundo.”

Minutos depois acabei por me prontificar a ir ao supermercado comprar lanche para o grupo e Orquídea me acompanhou. “Vumbora! Já que eu num tô fazendo nada mesmo!” No caminho ela comentou que todas tinham combinado de ter um recesso de final de ano e que aquela atividade nem era para estar acontecendo. Apenas escutei, mesmo achando que se as mulheres foram e a facilitadora também, então de algum modo aquela “decisão” não se consolidou. Eu entrei para fazer a minha compra e Dona Orquídea despediu-se. Momentos depois estávamos eu e as mulheres lanchando juntas em um clima descontraído. Senti de fato naquele dia, e de modo mais especial, o quanto aquelas mulheres não desperdiçavam a chance de estar juntas, o quanto isso era importante para elas e o quanto aquele local possuía um significado afetivo para aquele grupo e para aquela comunidade. “Às vezes a gente tá por aqui e aí eu vou e digo: “Vumbora lá pra associação?” Dissera Flor em outro momento. Não é a toa que elas usam o termo associação mesmo que juridicamente a associação de moradores esteja desativada e o que exista ali sejam as ações desenvolvidas pelos projetos e grupos sociais. Aquele era um espaço onde as mulheres mães se associavam, para rir e se emocionar nos momentos de confraternização, para chorar em algum eventual velório, para dançarem ao término dos eventos, como a querer que ele se prolongasse, sem hora pra acabar. Para muitos, uma família ampliada. Lugar de conflitos que faziam parte do dia-a-dia do grupo, mas também da leveza, onde elas podiam lembrar que a vida era mais do que pobreza e violência. Lugar de ver, ser vista, dizer a sua fala, trocar saberes, relembrar os momentos bons das atividades mais recentes (como quando se vai a uma festa que se gostou e se passa dias falando sobre ela), e celebrar a vida em suas diferentes nuances e intensidades. Um lugar onde elas existiam. Não como carentes. Ao contrário, por diversas vezes senti que era como se elas rissem dessa coisa toda de exclusão. Foi ali também, naquele momento, que ouvi Alfazema me chamar de Ciça pela primeira vez e referir-se a mim ao falar no grupo sobre os trabalhos manuais que ficaram mais bonitos. Eu que de início a achara a menos simpática, ganhara um elogio e começava a querer saber mais sobre ela, talvez para entender o porque da sua aparente sisudez. Senti-me agradecida pela atenção recebida por ela e pelo grupo. Corações prontos, pedi para tirar uma foto do grupo e de seus trabalhos. Era como se eu também ali, passasse a existir entre elas. (Diário de campo, 26 /12/2017).

Eis o registro:

Figura 68 – Mulheres expõem o resultado da oficina de artesanato



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (26/12/2017).

Não obstante o ocorrido com Flor, fiquei pensando o quão rico como pesquisadora era participar de momentos como aquele, tidos como banais até, em que os facilitadores e facilitadoras não eram os “doutores e doutoras” que costumavam ministrar as atividades, eram gente da comunidade. Era ali (talvez justamente por isso) onde sutilmente a cotidianidade emergia revelando as contradições, os dilemas, os conflitos, assim como a amizade, a alegria e a celebração por estarem juntas. (Diário de campo, 26 /12/2017).

Mesmo horas depois, mesmo em casa já, sentia-me feliz em participar de uma experiência tão aparentemente simples, e ao mesmo tempo tão diferente. Esse caráter mais visual da comunicação ocasionou uma ampliação quanto à maneira por mim apreendida de fazer pesquisa. Recursos que eram normalmente empreendidos como o ato de ver e escutar, passavam a ser mobilizados de um modo novo em momentos como aquele. A outra razão da minha alegria era por mais uma vez ter tido oportunidade de perceber as minúcias criativas presentes na vida cotidiana (MAFESSOLI, 1987). Embora situados em contextos precários referentes às formas de segurança, trabalho, higienização, moradia, alimentação, a periferia e os sujeitos que nela constroem seus modos de vida, e especialmente as mulheres mães, são produtores e produtoras de outras formas de interações diferentes das que recebem o nome de escassez e carência. Há vida (pulsante) no Gereba.

#### **4.4 Um novo ano, novos desafios e possibilidades para as mulheres mães e suas práticas de serviço no Gereba**

No final de 2017 as mulheres mães voluntárias na antiga associação Dom Aloísio Lorscheider, ligadas ao grupo de mulheres, grupo de artesanato e ao projeto Amo Cuidar foram procuradas por jovens artistas e educadores e educadoras populares de Fortaleza. Preocupados com a questão da violência no Gereba por todo aquele ano e também com a militarização da comunidade, única resposta do Estado, eles e elas aproveitaram o que pareceu ser uma fase “mais tranquila” quanto à ocorrência de crimes e após alguns encontros com o grupo, propuseram uma parceria para dinamizar a cultura local em duas frentes: através da realização de uma grande Ação Cultural e da criação da biblioteca na sede da associação, um antigo sonho das mulheres e da comunidade.

##### ***4.4.1 A Ação Cultural no início de 2018: Fluxos de inventividade, resistência e subversão – novas desterritorializações para a pesquisadora***

Seguindo o curso das mudanças que já começavam a se fazer sentir na comunidade, as mulheres acolheram com entusiasmo o apoio dos jovens e das jovens artistas e decidem por conta própria pela realização de ambos os projetos. Uma grande ação cultural foi planejada para as primeiras semanas de janeiro. A ideia era fazer algo que impactasse a comunidade positivamente, uma injeção de ânimo que preparasse as bases para os passos seguintes. Parte do que significou essa grande experiência já foi relatada anteriormente no segundo capítulo, quando da apresentação do bairro e do Gereba, mas dada a sua relevância em termos conjunturais e educativos, tanto para as mulheres mães, para a comunidade e para a pesquisadora, a ela retorno em parte, na forma de trechos e de análises de um longo e simbólico diário de campo:

Eu nunca vira a associação tão repleta de gente. Gente jovem, do teatro, da música, das artes, dos movimentos sociais, das ONGs, dos coletivos juvenis de cultura da cidade - por todo o dia passaram pelo local. Muitos dentro da associação, mas a maioria concentrava-se do lado de fora, quer conversando sobre a difícil conjuntura da comunidade ou fortalecendo afetos, possivelmente articulando também novas parcerias. Nos dois salões crianças de um lado para o outro, passando em meio ao “povo de fora”, aos instrumentos musicais, as roupas e adereços. Barulho e agitação. Algumas já conversavam com os artistas, faziam perguntas, riam, abraçavam e eram por eles e elas abraçados [...] Após a contação de estórias que iniciou o dia, começava outra atividade para as crianças. Uma educadora sugere uma atividade recreativa. Elas vibram com o trabalho corporal: pulam, se agacham, mexem mãos, pernas, quadris. Seguem como hipnotizadas, os movimentos da professora. Mais pro canto da sala um garoto descobre um atabaque e começa a tocá-lo. Aos poucos

outros garotos chegam seduzidos pelo som do tambor. Pessoas passando freneticamente de um lado para o outro, a maioria jovens. Mais crianças se juntam a vivência corporal. Uma profusão de sons, cores, corpos. Um êxtase coletivo invade o salão. Tudo, ao mesmo tempo, agora. Gritos, risos, o som do tambor, o fluxo de pessoas indo realizar outras atividades simultâneas. Desmesura. (Com) fusão. Desordem generalizada. Agora é uma garota que descobre o tambor. Alheia a tudo ela parece só ter olhos para ele. Um garotinho puxa a minha roupa e me pergunta onde se coloca o lixo. Acho aquilo bonito. Acho curioso. Conduzo-o até o local, enquanto reflito que tento estimular essa consciência em casa com os meus sobrinhos, sem muito êxito. (Diário de campo, 13 /01/2018).

Eis o registro de alguns desses momentos:

Figura 69 – Vivência corporal com as crianças



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (13/01/2018).

Figura 70 – Crianças e jovens divertem-se com um tambor



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (13/01/2018).

“No princípio era o movimento”, nos diz José Gil (2001, p. 56). E Freire já afirmava que “corpo consciente é a consciência intencionada ao mundo” (FREIRE, 1977, p. 51). Isso implica dizer que o humano é também uma existência corporal e como tal não aprende e nem se conscientiza apenas com a mente. Segundo Freire, para a educação se configurar como uma prática transformadora, corpo e mente só podem ser vistos em sua unidade dialética. Damasceno (2005a, p. 99) por sua vez, analisa de modo muito preciso essa dimensão mágica, o potencial de transcendência da arte e da brincadeira em nossas subjetividades:

As experiências artísticas e lúdicas, por serem singulares favorecem uma interação criadora do homem na sua relação com o mundo natural e social, situações como brincadeiras, produção de uma obra de arte, a participação em canto, dança ou teatro, criam uma atmosfera de equilíbrio e de harmonia capaz de estimular a criação e a fantasia; todo este processo exerce uma função de encantamento que alimenta a magia, o fantástico, que constitui núcleo daquilo que temos de mais singular no humano, a transcendência. (DAMASCENO, 2005a, p. 99).

No período da tarde mais duas atividades infantis iriam acontecer como parte da programação cultural no Gereba: uma oficina de colagem e outra de pintura das paredes de um dos salões da associação - vivências comentadas por meio das anotações de nosso diário de campo:

A oficina de colagem foi facilitada por uma antiga conhecida do meu bairro (isso me fez pensar no quanto o mundo às vezes parece ser pequeno). Ela e o companheiro estariam à frente das atividades com as crianças após o almoço. Aos poucos, meninos e meninas sentaram-se no chão. O barulho de atividades múltiplas acontecendo no mesmo espaço não me deixou escutar direito, mas a jovem pareceu começar a contar uma estória, a qual deveria ser representada por meio de colagens individuais. As crianças pareceram divertir-se apesar do ir e vir de adultos e jovens e da oficina de xadrez que ocorria ao lado. (Diário de campo, 13 /01/2018).

Figura 71 – Oficina de colagem



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (13/01/2018).

O rapaz que facilitaria a oficina de pintura começou a juntar um pequeno grupo, formado por crianças que chegaram já ao final da atividade. Ele se apresentou e pediu que elas se apresentassem também. Concluída a oficina de colagem ele começou a distribuir os pincéis e a preparar as tintas. Deu algumas orientações para o grupo, agora maior. Parte das crianças optou por brincar simplesmente. Para isso usaram o que viram pela frente: um pneu, uma caixa, galões grandes passaram a servir de “esconderijo”. Vez por outra alguma criança chegava pedindo para eu brigar com o colega que estava mexendo com ele: “Olha aí tia, diz pra ele parar!”.

Figura 72 – Crianças brincam com pneus



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (13/01/2018).

O rapaz com as tintas começou a pintar a palavra Afeto no alto da parede. Aos poucos as crianças foram colocando as próprias mãos lambuzadas de tinta nas paredes. Um garoto perguntou se eu tinha celular e pediu para que eu lhe mostrasse. Queria mexer um pouquinho. Deixei. Em outro local, uma moça começou a escrever



a palavra liberdade, O grupo foi se dispersando à medida que as crianças pegaram o jeito. Um garoto negro começou a pintar sozinho num espaço que parecia “seu.” Passou com força o pincel de cor azul na parede, subiu na escada e pintou Azul de cima abaixo. Nada mais. Um rapaz começou a grafitar a palavra Amor em um cantinho perto do banheiro que divide os dois salões. Não terminou, foi atraído para outra atividade. Daí a pouco uma garota continuou o painel, completando com a palavra Deus. Vez por outra olhava pros lados. Depois ganhou coragem e pintou um coração no meio. Era difícil eu me concentrar em uma única cena ali. Uma garota puxou a minha roupa e me pediu para tirar uma foto. Fez pose. Sabia que não ia ficar com a foto, apenas queria se ver. As crianças foram pintando espontaneamente espaços ainda inexplorados das paredes. A garota que pediu para que eu tirasse sua foto começou a pintar a palavra Amizade. Outra me fez o mesmo pedido, quis uma foto sua sentada. As duas eram amigas e começaram a pintar a parede juntas. Colocaram os seus nomes ao lado da palavra amizade e completaram com um “para sempre”, rodeado de corações. Achei bonito e fiz mais um registro. (Diário de campo, 13 /01/2018).

Figura 73 – Oficina de pintura em parede



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (13/01/2018).

Orquídea foi passando, olhou pra tudo a sua volta e se assustou com o que as crianças estavam fazendo. Eu ri um riso discreto e ela disse que eles não tinham combinado que seria daquele jeito. Sai apressada e eu me distrai novamente com mais uma criança que me abordou. Vi Dália reclamar mais incisivamente com o

instrutor. Deu pra ouvir quando ela disse: “Vocês estão fazendo uma sujeirada!” Disse e saiu “com cara de quem não gostou”. Confesso que estranhei aquilo. O rapaz ficou perplexo e comentou cabisbaixo com a companheira: “Mas isso não é sujeira. Isso é educação.” Dona Orquídea voltou a falar com o instrutor. Dália reapareceu, com um tom que pareceu mais amigável. Ouvi elas dizerem: “Não ficou tão ruim, tudo bem, é só limpar o chão.” O rapaz juntou o material com a ajuda da companheira e ambos tiraram o excesso de tinta do chão. (Diário de campo, 13 /01/2018).

A experiência servira em parte para eu perceber que criara uma ideia equivocada sobre a relação das mulheres mães com os facilitadores e facilitadoras das atividades na associação. As relações se davam em pé de igualdade. Elas não se sentiam diminuídas por cozinhar, varrer, limpar. Fazer parte da coordenação da associação também lhes conferia certo tipo de poder. Juntamente com as coordenações do projeto Amo Cuidar e do Grupo de Mulheres elas também planejavam, supervisionavam e avaliavam as atividades. Até que ponto a minha ideia inicial também não expressava um preconceito? Hoje reconheço que me incomodava um pouco o “protagonismo relativo” de algumas das mulheres mães no tocante às práticas de serviço desenvolvidas pela associação, principalmente no início da pesquisa. Demorei para entender o valor das práticas “miúdas” e das diversas formas de participação. Ou entendia desentendendo. Foi preciso conhecer mais De Certeau... senti-lo, compreender mais a visão de processo que envolvia as significações de cada uma das diferentes mulheres do grupo e confiar no movimento da vida e na sabedoria do tempo.

Em relação à postura do grupo com o instrutor de pintura, penso ter sido esse um momento de formação para as mulheres mães voluntárias, para ambos. Se o resultado não foi considerado esteticamente bom, certamente foi fruto da expressividade e do imaginário das crianças na periferia. Seu mundo subjetivo passara por ali e só isso já poderia instigar no grupo uma boa reflexão. Essa experiência me faz reafirmar que por várias vezes em meu caminhar de educadora, e mesmo na pesquisa, me via resvalando vez por outra no basismo – a ideia equivocada e já discutida anteriormente de que tudo o que é popular é bom, ou como se “o popular” fosse uma espécie de oásis, um território “protegido” e habitado por violeiros, poetas antigos, cordelistas e não houvesse hoje um grande caleidoscópio, um caldeirão onde dentro pululam ao mesmo tempo as tradições, os valores ancestrais e também os apelos de consumo, os signos sedutores da sociedade da imagem – a liquidez (BAUMAN, 2008). De outro modo havia o risco de resvalar também no elitismo – ideia igualmente equivocada de que algo “por ser popular, não é bom”. Como encontrar um ponto de equilíbrio entre esses extremos, reconhecendo a possibilidade de no meio desse caminho haver fluxos de inventividade e importantes territórios educativos?

O diário de campo revela a partir de suas anotações novos desafios em torno da busca desse olhar mais mediador:

A cada intervalo entre as atividades uma música animada tocava e as pessoas começavam a dançar. Ao ouvirem um conhecido funk uma roda foi formada por jovens e crianças. A sala borbulhava com os corpos dançantes. A filha de Alfazema atraiu olhares. A mãe foi para a roda também. Resisti em prestar atenção na letra da música, talvez para não julgar. Toda aquela sensualidade transbordante me assustou um pouco. Moças de fora, que pareciam engajadas, se uniram ao grupo. A sala ficou repleta de pessoas e o som ensurdecedor. Optei por ir até a futura sala da biblioteca, de onde dava para ver o salão e ao mesmo tempo manter-me minimamente reservada. Uma garotinha chegou e ficou maravilhada com os livros sobre a mesa. “Nossa! Eu amo ler!” Pegou um sobre política, provavelmente sem ilustrações, e para a minha surpresa, sentou-se no chão e começou a lê-lo, ou pareceu fazê-lo. Estranhei o fato dela preferir estar ali, ao invés de dançar com os outros, bem como o estilo de livro que escolhera. Uma onda de alegria me invadiu. Ela tivera e fizera uso da opção. Avalio que esse meu entusiasmo também tivera um sentido moralizante, hierárquico e classificatório do que é cultura. Até que ponto eu não me vira naquela garota? Meu corpo suportaria tantos atravessamentos em um único dia? (Diário de campo, 13/01/2018).

Parafraseando Joca (2013) o pesquisador não é, nem pode ser invisível. Sua visibilidade se materializa por meio do corpo que se insere no espaço de observação e leva consigo, para seu lócus de investigação, informações que são captadas pelos demais sujeitos com os quais interage. Estamos sempre imbuídos de códigos, de símbolos portadores de valores e crenças, provocadores de atitudes, de sentimentos e sensações que coexistem em meio à pesquisa etnográfica. Naquelas horas eu sempre me perguntava: Será que alguém percebia o meu desassossego?

Assim como acontecia com os garotos e garotas nas ruas de Teresina analisados por Adad (2004, p. 74) que “[...] ao brincar, dançar, gritar, sorrir, jogar e transfigurar seus corpos [...] transformam suas vidas trágicas em epopéias – grandes espetáculos”, também no Gereba, dançando no salão da associação, aqueles eram, ao modo daqueles e daquelas jovens, “corpos excessivos”, “corpos garantidos”<sup>113</sup>. Como tudo ali era movediço, ditado pelo contingente, circunstancial, a começar pela própria vida, era preciso romper as fronteiras do mundo apolíneo e aproveitar cada momento. Renascer na alegria após cada vivência de exclusão e humilhação. Para tanto, as emoções, sensações, os corpos precisavam estar em alto relevo. Se a cidade lhes virava o rosto, ali as pessoas existiam. E demarcavam isso com força: nas roupas, na dança, nos gestos, na sexualidade, no êxtase: “[...] tentativa de ganhar

---

<sup>113</sup>O corpo excessivo segundo a autora é regido pelos fluxos dionisíacos de alegria e prazer, a diferença é que nesse caso, o corpo garantido das mulheres é regido não pela malandragem, esperteza, malemolência ou resistência a dor, mas pelo apelo erótico.

visibilidade, de romper com a indiferença violenta e feroz do estigma territorial que os tornam continuamente proscritos do reino da cidade.” (ADAD, 2004, p. 73).

O Gereba naquele momento era um cenário fervilhante que parecia oculto nas entranhas de Fortaleza, como um segredo. Assim como os jovens nas ruas de Teresina, eles e elas “[...] fazem eclodir forças dionisíacas e, com seus corpos, única arma, lutam contra a ordem titânica da Cidade Conceito.” (ADAD, 2004, p. 69). Tudo ali parecia dominado por eles e elas, como na letra da canção que se seguiu, sucesso da cantora Ludmila:

Cheguei!  
 Cheguei chegando, bagunçando a zorra toda  
 E que se dane, eu quero mais é que se exploda  
 Porque ninguém vai estragar meu dia  
 Avisa lá, pode falar!  
 Se não gosta, senta e chora  
 Hoje eu tô a fim de incomodar  
 Se não gosta, senta e chora  
 Mas saí de casa pra causar<sup>114</sup>

Figura 74 – Garotas dançando funk na associação



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (13/01/2018).

Corpos em ebulição, sobretudo os das mulheres, diante dos olhares masculinos. Educadoras e artistas, mulheres mães do grupo e jovens da comunidade embevecidas com a força da letra da música. O constrangimento passa novamente por mim. Do alto das minhas crenças idealizadas do que seria ser mulher, talvez eu esperasse signos mais militantes por parte das educadoras e mais politicamente corretos por parte das mulheres mães, voluntárias na associação. Definitivamente em momentos como aquele elas me tiravam da minha zona de conforto. (Diário de campo, 13 /01/2018).

<sup>114</sup>CD A Danada Sou Eu, Gravadora Warner Music, 2017.

Eu vivo essa vida e ela merece ser vivida. Era isso o que algumas mulheres mães do grupo pareciam me dizer. E de um modo subliminar: Não é você com o seu novo estilo, seus valores e a “sua pesquisa” que vai me dizer o contrário. Souza (2014), no já referido estudo sobre jovens funkeiras de periferia em Fortaleza, ressalta principalmente que as jovens revelaram a realidade perversa na qual estão inseridas, um cenário de desigualdades sociais, onde muitos direitos lhes são negados e quase nenhuma perspectiva lhes é oferecida. A autora observa que o grupo de funk também se apresenta para estas jovens como uma opção de lazer, de sociabilidade, de criação de vínculos e de troca de saberes sobre corpo e sobre sexualidade. Considerado “[...] símbolo e instrumento de comunicação e canal da nossa afetividade, o corpo é nossa propriedade única e inalienável, que permite que sejamos reconhecidos quando outras formas de identificação vacilam.” (MELUCCI, 2004, p. 93).

Por meio da observação das redes sociais das mulheres mães, suas páginas de *facebook*, pode-se perceber também que às vezes os corpos na periferia tidos como “invisíveis” precisam existir de modo dilatado: festas de aniversário, eventos na escola dos filhos e filhas ou na própria associação, são ocasiões onde elas vestem longo, se pintam, fazem penteado, dançam e se divertem – reconstróem-se. Valem-se para tanto, das possibilidades e dimensões que conseguem acessar.

Diante disso, pergunto-me até que ponto seriam as mulheres no Gereba, jovens e adultas, seriam simples consumidoras passivas do *mass media*? Até que ponto eu não reproduzia o simbolismo tradicional de mãe, o mesmo rechaçado por Badinter (1985)? Até que ponto eu não estaria fechando-me numa territorialização prévia? Mattos (2001) parece sentir o meu desassossego:

Ao escrevermos uma narrativa, temos que colocar os atores como eles se apresentam sob a perspectiva deles. Para isso, é importante se conhecer o significado local da ação. Ao tentarmos escrever sobre o outro, o *ethnoe*, de uma maneira em que o ponto de vista dele seja considerado, estamos tocando num ponto frágil da utilização da abordagem etnográfica: a tentativa de fazer sentido, das maneiras de organização dos outros de um modo que não seja comprometedor, não seja invasor, não seja discriminatório, não seja opressor, ou não seja excludente. (MATTOS, 2001, p. 8).

Em relação às significações dos jovens e das jovens a respeito do funk, Dayrell (2002) observa que os sentidos que lhe são atribuídos refletem não só as condições estruturais nas quais se situam, mas também o próprio contexto cultural do meio social no qual se construíram como sujeitos. O autor aponta algo para além do mero consumo passivo e comercial, percebe nuances de reapropriações que me fazem lembrar De Certeau (1990):

O que podemos constatar é um processo por meio do qual os jovens se apropriam do estilo difundido pelos meios de comunicação e o reelaboram a partir das condições concretas em que vivem, dos recursos de que dispõem, excluindo elementos ou resignificando práticas. [...] O estilo funk, mas também o estilo rap, como expressões de uma cultura juvenil, não podem ser vistos como resultado de uma progressiva homogeneização e massificação cultural, que homologaria a um único registro uma produção cultural juvenil, independentemente das condições estruturais concretas nas quais esses jovens estariam inseridos. (DAYRELL, 2002, p. 126).

Mesmo não sendo esse o tema de nosso estudo, as experiências que envolvem a relação mulheres corpo e dança no Gereba parecem constituir-se num referencial de explicação dos seus modos de existir – tal como acontece com as jovens funkeiras do bairro Barra do Ceará na pesquisa de Souza (2014). Ao desfigurar a complexidade de simbolismos contidos nas formas de expressividade das mulheres eu corria um grande risco de, em função das limitações dos meus contextos culturais, equivocarme, para mais ou para menos, não apenas quanto à extensão de seus saberes, fazeres e poderes, quanto ao desvelar dos seus próprios contextos.

Se eu quisesse captar de fato o olhar “de dentro” (MAGNANI, 2002) e perceber as minúcias educativas daquela experiência, uma vez mais eu precisaria romper com minhas idealizações ou qualquer intuito conscientizador. De outro modo sou também instigada por Deleuze e Guatarri (1995, p. 14): “Não há significância que seja independente dos significados dominantes, não há subjetivação que seja independente da ordem estabelecida de sujeição.” O que fazer? Recorro a Brandão (2002, p. 92-93):

As culturas do povo não existem como “coisas feitas”, como um estado de, prontos, atrasados e acabados, sobre o qual o educador atua como o restaurador que recupera com outras cores o que sobrou de um velho quadro, obra de um pintor morto. [...] aquilo que parece ser um conjunto mais ou menos fragmentado de conhecimentos, arte, tecnologia rústica, sistema de crenças, mitos e rituais é, ao contrário, uma ativa estrutura social de produção simbólica que a cada dia de muitos modos se reproduz a si mesma, criando e recriando, preservando e modificando, fazendo circular entre uns e outros, através de redes de pessoas, grupos e instituições populares, tudo aquilo que pessoas reais, em situações concretas, fazem através de seus trabalhos culturais.

As palavras de Brandão me inspiram a voltar às observações do diário de campo. Nele percebemos que eu não estava num espaço – tempo de fixidez. No Gereba a vida pulsa:

Na rodada musical seguinte, pouco mais de uma hora depois, eis que tocou para minha surpresa uma música muito bonita, cujos acordes eu já tinha ouvido em algum lugar, mas cuja letra eu ainda não conhecia:

“Era uma vez

O dia em que todo dia era bom

Delicioso gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão

Dava pra ser herói no mesmo dia em que escolhia ser vilão

E acabava tudo em lanche

Um banho quente e talvez um arranhão

É que a gente quer crescer  
 E quando cresce quer voltar do início  
 Porque um joelho ralado dói bem menos que um coração partido  
 Dá pra viver  
 Mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau  
 É só não permitir que a maldade do mundo  
 Te pareça normal  
 Pra não perder a magia de acreditar  
 Na felicidade real  
 E entender que ela mora no caminho  
 E não no final.”<sup>115</sup>

Alfazema e Dália abraçaram Flor nesse momento, as três começaram a chorar enquanto a música continuava. Outros grupos de pessoas fizeram parecido, ou ficaram dançando de mãos dadas. Eram os mesmos corpos de antes experimentando outros fluxos e significações. As três mulheres ficaram dançando e chorando abraçadas. Emocionada, tomada por fluxos intuitivos sobre o sentido daquele abraço, principalmente para Flor, eu desviava a atenção e olhava de novo, enquanto ficava atenta a poesia da letra. Por um momento tive a impressão que elas também me olhavam. Eu estava atônita, deveras surpresa com a magia daquele lugar que parecia me desconstruir por dentro. (Diário de campo, 13 /01/2018).

Para Luhmann (1991) os indivíduos não estão fixos a um único lugar social; eles se movimentam, ocupam posições diferentes, possuem atuações diversas nos subsistemas sociais e, desse modo, ampliam as múltiplas combinações que compõem suas características individuais. Nas sociedades complexas, há uma relação estreita entre a multiplicidade de relações anônimas e a intensidade das relações íntimas e pessoais, o que Luhmann (1991) define como o cenário propício para a amizade se desenvolver como um código de comunicação que media as relações entre as pessoas, aproximando-as a partir de significados comuns. A amizade das mulheres mães no Gereba demonstrava que é possível ter essa cumplicidade, do sofrer junto e principalmente, da superação, confiando e acreditando na força da vida e dos afetos. Parafraseando Milton Santos (1997) os homens e mulheres juntos criam outra coisa. E muito disso se dá através da emoção. A emoção é que permite a comunicação.

Ao observar Alfazema, Dália e Flor aquele dia pude constatar que a comunicação afetiva não acontece exclusivamente através de expressões discursivas. Além dos diálogos e narrativas afetivas, a comunicação íntima entre duas ou mais pessoas acontece também através do não dito, de troca de olhares, do contato corporal e vivências compartilhadas que evocam o “ser mais”, tão propagado por Paulo Freire.

Alfazema e Dália, aliás, são duas mulheres mães voluntárias na associação, que mesmo antes, por meio das análises de suas redes sociais, já haviam me mostrado muito sobre a construção e importância dos vínculos afetivos, dessa amizade e comunicação,

---

<sup>115</sup>Era uma vez (Kell Smith – CD cujo nome é o mesmo da cantora). Midas Gravadora, 2017.

principalmente no âmbito familiar, e também desse outro movimentar de corpos. Duas irmãs que moram em frente à primeira rampa do Gereba, mais próxima da avenida Perimetral, uma das áreas mais desassistidas da comunidade. Em suas páginas de *facebook* há toda uma riqueza de sentidos que flui abundantemente a partir da cotidianidade de ambas. O ato de cozinhar ganha ares de celebração quando a comida é feita pela mãe que mora vizinho – com direito a foto de todos os filhos e filhas ao lado da panela onde a senhora prepara uma sopa. A ida ao supermercado com o pai merece destaque por parte de Alfazema que interpreta o momento como o evento do dia. Uma outra saída com ele, dessa vez ao centro da cidade, ganha não apenas fotos, mas um vídeo onde Dália expressa a alegria de estar com o pai, ambos admirando a paisagem pela janela – cenas de um Gereba possível.

Continuemos com a leitura de trechos do diário de campo, ele nos traz mais um simbólico momento com as mulheres mães e aponta importantes elementos conjunturais para o trabalho e organização das mulheres mães na associação, no início de 2018:

Uma oficina de maquiagem começaria em instantes. Muitas mulheres adultas e jovens e uma jovem travesti, estavam sentadas em volta da mesa. A instrutora, bastante jovem e simpática, logo fez empatia com o grupo. Perguntei se eu podia tirar algumas fotos elas responderam afirmativamente. Das mulheres que compunham a coordenação das ações na associação, apenas Orquídea não participou dessa atividade. Elas que normalmente cuidavam, ali estavam sendo cuidadas. E como elas brincavam entre si! Quase sempre em tom de implicância uma com a outra. Se fazia evidente mais uma vez a importância da socialidade e dos afetos naquele grupo. A oficina de maquiagem demorou bastante tempo. Envolvia muitos passos, etapas. A base, o corretivo, o blush, o pó, o rímel, o delineador, o iluminador, a sombra, o batom... Pouco a pouco era como se vistosas máscaras estivessem sendo moldadas em seus rostos. Mas não será isso o que se quer de fato, ser outra coisa? A maquiagem ali era como um dispositivo propiciador dessa transformação. Ao olharem-se nos espelhos dispostos pela mesa elas sentiam-se como rainhas – dava pra perceber. Ao modo delas, agiam como Lótus que quando dormia dizia dizer-se transportada para um mundo que para ela era a sua realidade, uma realidade melhor, daí preferir dormir a estar acordada. Para cuidar do outro, da comunidade, elas precisavam cuidar de si. Não era esse o sub texto por trás da minha pergunta inicial? Como ser mãe mulher no Gereba e ainda por cima realizar um serviço voluntário? (Diário de campo, 13 /01/2018).



Figura 75 – Oficina de Maquiagem no Gereba



Fonte: *Facebook* das mulheres mães (15/01/2018).

Alguns curiosos apareceram no portão vez por outra. Dava pra ver gente dos movimentos sociais circulando, da REAJAN, alguns dos jovens educadores que trabalham no CUCA, lideranças antigas na área da juventude, moradores de outros bairros periféricos da cidade. A facilitadora do grupo de mulheres, Calliandra, apareceu para prestigiar o evento, parecia amiga de muitas daquelas pessoas. Fiquei na parte de dentro observando o movimento, da salinha que futuramente seria a biblioteca. Lá, muitos livros empilhados. Dona Orquídea passou para supervisionar a oficina. Aproveitei para elogiar a iniciativa da biblioteca e o espaço físico. Ela puxou-me pela mão: “Eu tô querendo mesmo falar contigo!” Perguntei como estavam as coisas no projeto Amo Cuidar e ela me disse com o seu jeito agitado, sempre com uma fala que envolve o corpo todo, que estavam retomando as atividades após um pequeno recesso de final de ano. Comenta que várias coisas estavam acontecendo “na associação” e que pretendiam reativá-la oficialmente: “Olhe! Temos o grupo de artesanato, o grupo de mulheres que querem fazer uma cooperativa. Continuamos com as atividades do projeto Amo Cuidar e estamos arrecadando livros para a nossa biblioteca!” Perguntei quem ficaria responsável por mais essa iniciativa: “Eu e a Flor!” O grupo de mulheres tá recebendo crítica, mas nós vamos em frente! O padre tá preocupado com essa coisa da biblioteca, não queria muito essa ação aqui hoje também, mas o pessoal veio conversar com a gente e a gente topou fazer, estamos dando suporte. Oh Ciça, porque tu não vem morar aqui? É! Aí tu vem e traz um monte de mulheres pro grupo! (Diário de campo, 13 /01/2018).

Estar ali fazia-me perceber mais claramente que as relações de força que atravessavam as práticas políticas produzidas pela associação de moradores, cada vez mais estavam sinalizando mutações nos agenciamentos estabelecidos no jogo de interesses diante da questão social, do ocaso do Estado e da gestão da pobreza urbana, e que isso incidia diretamente na vida das mulheres. Lembro-me que aquele momento fora importante pra mim

também devido a outro aspecto: ser convidada para ir morar no Gereba era aproximar-me de Dona Orquídea com outro nível de envolvimento, era como adquirir um status de membro (CORSARO, 2005). Analisando o evento como um todo, pude conhecer mais de perto algumas das outras mulheres mães. Reconheço hoje que por um bom tempo tive mais contato com Lótus, Flor e a própria Dona Orquídea e isso pode ter comprometido em parte minha relação com as demais. Estar ali, portanto, era como adentrar um novo portal de interação com o grupo:

A entrada no campo é crucial na etnografia, uma vez que um de seus objetivos centrais como método interpretativo é estabelecer o status de membro e uma perspectiva ou ponto de vista de dentro [...] Exige que os pesquisadores entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem [...] “um tornar-se nativo”. (CORSARO, 2005, p. 46).

Prestes ao final da programação cultural daquele dia, no início da noite, uma conhecida peça de teatro ocorreria na rua principal da comunidade. Um espetáculo sobre racismo e abuso policial, em meio às viaturas que por ali, no fim de tarde, passavam a circular com uma intensidade maior. Eis as anotações do nosso diário de campo:

Flor, Dona Orquídea, Azaleia, Dália, as mulheres mães voluntárias na associação pareciam satisfeitas com o evento. Pude vê-las em duplas ou pequenos grupos durante o dia, conversando sobre as atividades, tecendo as primeiras avaliações. “Mas como esse rapaz toma café!”, exclamou uma delas sobre um dos artistas que vez por outra adentrava a cozinha. “Não é café...é vinho”. Disse outra. Dona Orquídea exclamou: “Pois isso não pode não! Vou falar com ele agora!” Na volta ela passou avisando: “Daqui há pouco eles vão carregar o pessoal lá pra cima pra ver a peça! Aí a gente fecha a associação.” Um pouco antes da hora prevista decidi ir até o local, pensei em passar no mercantil para comprar alguma coisa para comer. No caminho desisti da ideia, havia uma viatura policial fazendo uma abordagem (baculejo) na entrada da comunidade. Fui tomada por uma onda de apreensão. Como segunda opção, lembrei-me da bodega que há em frente o local da apresentação e decidi ir até lá. Senti todo um clima de expectativa no ar. Os atores chegando, alguns artistas ligados à cultura e a movimentos sociais na cidade, muitas roupas coloridas espalhadas numa mesa, som sendo testado, cenário em fase de montagem. Na bodega que escolhi para lanchar, um pouco daquela sociabilidade: jovens passando para jogar bola, moradores passavam e se cumprimentavam, cumprimentavam os grupinhos de rapazes sentados nas calçadas das casas, diante do que seria o palco. Uns paravam e conversavam um pouco. Um dos jovens da organização circulava com uma câmera, registrando o que parecia lhe afetar. Ao meu lado alguns jovens sem entender direito aquele rebuliço. Um garoto me perguntou, talvez achando que eu era da organização: O que vai haver mesmo hein? Tentei explicar falando um pouco sobre a peça. O mesmo garoto comenta: “Eles, os policiais disseram que esse pessoal não tem autorização pra fazer isso aí não.” Uma garota participou da conversa: “Eles acabaram de bater em fulano! Acho que ainda estão lá perto do campo.” Uma senhora idosa se aproximou de alguns dos organizadores do evento, pareceu conhecê-los. Vi quando os abraçou e também quis saber do que se tratava. Ela entrou depois na bodega e comentou que conhecia os rapazes. São meus colegas de ocupação dos Sem Terra! Nós vivia nas ocupação! Um artista conhecido por seu trabalho ligado aos movimentos sociais da cidade, do Jangurussu e a um partido de esquerda se aproximou da equipe organizadora. O local escolhido para o espetáculo, uma das esquinas da rua São Francisco, principal rua da comunidade, fora o mesmo

de uma outra importante ação social ocorrida no final de maio de 2017, da qual pude participar. O mesmo local onde ocorrera o assassinato dos dois jovens 15 dias depois. Um deles perdera a vida saindo da bodega onde agora eu estava. Pra terminar, um sarau aconteceria à noite no campo de futebol. Nesse constante movimento de cair e levantar o Gereba segue vivendo... (Diário de campo, 13/01/2018).

Figura 76 – Grupo de teatro se preparando para a apresentação na rua principal



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (13/01/2018).

Figura 77 – Pessoas da comunidade observam os preparativos para a apresentação de teatro



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (13/01/2018).

No decorrer dos dias seguintes a Ação Cultural, pude observar que as interpretações de algumas das mulheres do grupo sobre o serviço e sobre a participação aos poucos foram ganhando novos contornos, novas matizes, na medida em que elas iam

expandindo-se nos seus desejos, na sua coragem, na confiança e na visão de si enquanto grupo e indivíduo. O correr da vida na comunidade Gereba revelava movimentos que expressavam linhas de forças que desestabilizavam campos sociais prévios, redefiniam, deslocavam suas fronteiras, como vaza no relato de Flor por meio de trecho do diário de campo:

Flor estava diferente naquele dia. Havia um clima de certo desgaste no ar. Há mais de um mês não havia reuniões do grupo de gestantes e as mulheres estavam perguntando as organizadoras pelo futuro das atividades. Havia um desconforto por parte do padre em relação às novas parcerias e ações que passavam a ocorrer na associação. “Estamos querendo uma reunião séria com ele, porque desse jeito o projeto aqui vai acabar. Agora por mim as atividades na associação vão continuar. Estamos “firme e forte” com o grupo de mulheres e eu vou continuar ensaiando dança com o meu grupo. A gente precisa definir tudo isso e decidir o que a gente vai fazer. Eu não quero que o projeto acabe, mas do jeito que está também não dá certo.” (Diário de campo, 23 de janeiro de 2018).

Acredito na importância de se encarar os conflitos de frente ao invés de negá-los. “Multiplicar as variações, deshomogeneizar, é criar a autonomia, resistir à média onde mora a maioria. Criar ligações inesperadas é uma outra forma de resistência. É a desterritorialização, a emergência de desejos instituintes.” (GAUTHIER, 2004, p. 130). O sujeito que se constitui no processo de “singularização”, termo proposto por Guattari (1996, p. 45) “[...] para designar os processos disruptores no campo da produção do desejo”, é o indivíduo da criação, capaz de afirmação de sua alteridade por meio da capacidade de imaginar, propriedade do ser enquanto agente desejanter. Concordo com Gauthier (2004, p. 128) quando afirma:

Corpos atraem-se, repulsam-se, alteram-se, fazem alianças, combinam-se em aliagens, expandem-se, penetram-se, excluem-se. Esses corpos podem ser corpos ou partes ou grupos de corpos humanos, e seres naturais, ferramentas, máquinas, energias, que se compõem ou transformam segundo regras, em tempos e lugares instituídos.

Uma semana depois Flor me disse que havia saído do Projeto Amo Cuidar. A partir daquele momento iria se dedicar ao grupo de mulheres e ao grupo de artesanato e estava assumindo junto com Dona Orquídea e com o apoio do grupo de arte educadores e educadoras o processo de implantação da biblioteca na associação. A atitude tomada por Flor me faz concordar com Larrosa (2002, p. 25):

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.

As ações do Projeto Amo cuidar continuariam. As demais mulheres ocupariam os espaços nas diferentes frentes de serviço desenvolvidas na antiga associação de acordo com suas afinidades, interesses, disponibilidades e visões de mundo.

#### ***4.4.2 A implantação da biblioteca – mudanças, desafios e oportunidades em relação às práticas de serviço desenvolvidas pelas mulheres mães na associação***

Não se vive a vida sem antes sonhá-la. O cotidiano das práticas de serviço configurava-se na comunidade Gereba como campos de exercícios onde se podia vivenciar a autoralidade do próprio pensamento e das escolhas. No mês de fevereiro a biblioteca comunitária do Gereba é finalmente implantada por meio da parceria entre as mulheres mães e o grupo de artistas e educadoras e educadores da cidade, a maior parte deles ligados aos movimentos sociais e a experiências em educação popular, alguns são moradores também da periferia de Fortaleza e do próprio Jangurussu. A associação recebe um volume de livros maior que o esperado. Flor passa a dedicar-se quase que exclusivamente a esse trabalho. Aqui, por meio de trecho de uma entrevista, alguns dos seus sentimentos são expressos:

Gente... a biblioteca... Era uma coisa que eu não esperava que ia ter tanto propósito! Tantas pessoas ajudando... Porque a gente tá ganhando doações de todo canto de Fortaleza. Então as nossas salas... Tem duas salas que tá cheia, lotada de livros. Sábado nós vamos começar a organização dos livros. Nós vamos bem dizer fazer a inauguração da biblioteca! Nós vamos arrumar, nós ganhamos prateleiras, nós ganhamos alguns brinquedos pra enfeitar, nós ganhamos luminárias, nós ganhamos tapetes para as crianças sentar. Então a biblioteca é uma coisa que vai ficar pra sempre marcada! É uma coisa pra comunidade, da comunidade. É uma coisa que tá mexendo comigo de um jeito que... não tem explicação. O que eu tô sentindo é maravilhoso. Até porque eu sou uma das voluntárias. Recebi esse convite maravilhoso. Não tive a mínima dúvida do que eu queria. Na hora só respondi que sim! Por que a biblioteca veio numa hora certa. Numa hora em que a comunidade tá precisando disso, que as crianças tá precisando desse momento. De nós pegarmos uma tarde e nós poder ler um livro pra elas e elas poder ler um livro para nós! Então elas estavam precisando disso. É incrível, maravilhoso... Toda vez que chega a doação de um livro... é maravilhoso... (Flor. Entrevista, 02/02/2018).

Penso que parte da tarefa de educar seja transformar o interior de cada um de nós, e a partir daí poder contribuir com a transformação das coletividades que, por sua vez, incidem diretamente em nossas subjetividades. De uma ação de abrir-se, outras aberturas podem vicejar. Em meio ao fluxo de mudanças Flor e D. Orquídea receberam também a colaboração da coordenadora do grupo de mulheres. Atividades com as crianças envolvendo leitura passam a acontecer.

Figura 78 – Atividades com crianças na biblioteca



Fonte: *Facebook* das mulheres mães (16/02/2018).

Uma festa de carnaval é preparada com a participação das crianças, celebrando o direito daquelas pessoas a alegria e marcando possivelmente o início de um novo ciclo na associação e na comunidade. A antiga aluna do projeto Crescer com Arte Jangurussu que frequentava as atividades em arte educação dentro da usina de reciclagem e no passado fora uma das jovens a criar o Cordel do Lobisomen, hoje artista universitária e feminista passa a contribuir com o grupo de mulheres da associação. Ela vai à festa com a blusa do lobisomen!

Figura 79 – Preparação da festa de carnaval com as crianças e as mulheres mães voluntárias.



Fonte: *Whatsapp* da coordenação da biblioteca.

Figura 80 – Festa de carnaval das crianças



Fonte: *Whatsapp* de uma das coordenadoras da biblioteca (16/02/2018).

O delinear de um novo cenário político expresso na diversidade das ações e das visões de mundo que as norteavam, bem como o surgimento de novos sujeitos, acabou por trazer desafios para a convivência entre as mulheres mães e para a realização das práticas de serviço, contudo. Já prestes a concluir a pesquisa, ao entrar em contato para saber como fazer as doações dos livros e revistas infantis que prometera a biblioteca, uma das voluntárias do grupo ampliado demonstrou certa contrariedade. O grupo de mulheres também passou a receber um número maior de críticas por parte de várias pessoas. Aos poucos, não sabendo lidar com a nova correlação de forças em relação às práticas de serviço desenvolvidas no Gereba algumas mulheres se afastaram da associação, Sálvia fora uma delas.

Tudo isso me faz refletir com Larrosa (2002, p. 28) quando diz que “[...] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”.” Como não lembrar-me de Victor Valla (1996) e de suas análises sobre previsão e provisão? Lembro-me também de Melucci (2004) ao dizer que a construção de si mesmo não se opera numa mecânica estruturada sobre uma engrenagem fixa. Cada ser busca, de um lado, o impulso dinâmico para criar o espaço e os conteúdos da experiência e, de outro, a necessidade de considerar os limites naturais intrínsecos dessa mesma experiência.

Ao final desse último capítulo, deparo-me novamente com a impermanência das coisas - distante das paisagens idílicas em relação aos contextos de nossas pesquisas de teor etnográfico, portanto, e tendo que reconhecer a sinuosidade que envolve o ato de investigar, assim como sinuosa é a própria vida na periferia e das pessoas que delas fazem parte. Mas como afirma Didi-Huberman (2011) é justamente esse cenário instável que demarca o surgimento dos vaga-lumes:

Não vivemos em apenas um mundo, mas entre dois mundos pelo menos. O primeiro está inundado de luz, o segundo atravessado por lampejos. No centro da luz, como nos querem fazer acreditar, agitam-se aqueles que chamamos hoje - por uma cruel e hollywoodiana antifrased - alguns poucos people, ou seja, as stars [...] Mas, nas margens, isto é, através de um território infinitamente mais extenso, caminham inúmeros povos sobre os quais sabemos muito pouco, logo, para os quais uma contrainformação parece sempre mais necessária. Povos vagalumes, quando se retiram na noite, buscam como podem sua liberdade de movimento, fogem dos projetores do “reino”, fazem o impossível para afirmar seus desejos, emitir seus próprios lampejos e dirigi-los a outros. (HUBERMAN, 2011, p. 155, grifos nossos).

Afirmamo, pois, que é somente na construção paulatina de outros sentidos e outros olhares para os movimentos cotidianos, que valorem as minúcias dos seus territórios educativos - mesmo nos campos de vida e morte, nos seus fluxos e refluxos, e apesar das contradições e dos conflitos que envolvem a complexidade humana -, que descobrimos a capacidade de pensar-nos como sujeitos de criação, transformando, ainda que de modo sutil, formas de viver coletiva e individualmente.

Ao longo deste último capítulo, procuramos visibilizar como na corda bamba entre as capturas materiais e simbólicas do sistema capitalista, que incidem diretamente nas nossas subjetividades, e a irrupção de práticas miúdas, luminosas e diversificadas que o enfraquecem, as mulheres mães voluntárias no Gereba - seja no terreiro, na ASCAJAN, no MNCR, na antiga associação de moradores e moradoras ou com o raminho de reza na mão em qualquer lugar ou casa de qualquer morador ou moradora que precise na comunidade ou fora dela -, esgarçam os fios invisíveis de controle de suas vidas e amplificam a sonoridade dos



seus campos de possibilidades, lajedos “de pedrinha miúda, de pedrinha graúda...”, como no ponto de umbanda citado no início. Seguem emitindo os seus próprios lampejos – através das diferentes expressões de resistência diante do ocaso do Estado, que se materializam nas astúcias e táticas que utilizam para se reinventarem –, dirigindo-os a outros e outras na periferia por meio de seus saberes, suas *artes de fazer*, de sentir e de viver, como mães e mulheres que são – por meio de suas “experiências” e de suas práticas de serviço.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi fácil começar a traçar essas linhas. A ideia inicial era expor os meus sentimentos, emoções e sensações, nessa espécie de “desembarque” que é a conclusão de uma pesquisa. Mas por vários minutos a sensação (estranha) que eu vivi foi a “do nada em meio ao tudo”. A tela do computador desafiou-me de um modo inédito, parecendo-me dizer metaforicamente: “E agora? Para onde ir?” E ao mesmo tempo uma cobrança: “Se cheguei até aqui, “qual o porquê desse branco?”” Cansei de tentar. Mês que vem faço 45 anos e vejo-me mais predisposta a fluir como um rio... Pendurada na estante vejo uma tira de papel, na verdade um exercício realizado quando participava da então turma do curso de pedagogia, apresentado como Fita de Moebius, e proposto pela professora de arte educação: uma fita de papel era cortada e nela traçava-se um caminho com inúmeras possibilidades... Para qual lado ir? Havia riscos. O de perder-se, o de acabar partindo a própria fita, enfim, mas o sentimento de liberdade e alegria vivida por mim (com aquela tesoura na mão!) eram tamanhos, que aquilo tornou-se “uma experiência.” (LARROSA, 2002).

Mais tarde eu viria a saber, que “o exercício” tratava-se na verdade da composição “Caminhando” de Lygia Clark (1964).<sup>116</sup> Movida por essa energia, eis que diante ainda do computador, e ainda sem (me) entender direito, decidi então pular o que seriam um ou dois parágrafos (sobre o meu entrelaçamento com a pesquisa) e ir diretamente ao encontro de minhas interlocutoras, as mulheres mães no Gereba, para só agora, feito quase todo o texto, retornar.

O que dizer, quando tanto já foi dito, durante esse estudo, aludindo à questão principal desta pesquisa? Ao final do trabalho posso afirmar a partir das experiências das mulheres mães, nossas interlocutoras, que elas produzem saberes e práticas sutis de resistência, em prol de uma melhoria individual e coletiva. Os saberes, as práticas sociais e as experiências protagonizadas por elas e que dialogam com o serviço comunitário, notadamente serviço voluntário, reverberam positivamente em suas vidas e no modo como se veem, minorando os desafios de ser mãe e mulher na periferia e os danos de se viver em um cotidiano de escassez e violência.

---

<sup>116</sup>Uma produção da artista em 1964. Trata-se “de uma tentativa de negação do objeto artístico. Uma tentativa de transformar o produto num gesto, numa expressão de liberdade, para livrá-lo dos fetiches e das vaidades do mercado e ao mesmo tempo mostrar que sozinho a obra não existe, o artista está a mercê do público.” (CLARK, 1964).

Lembro-me, porém, que no período de maior violência e precarização social, ano de 2017, as indagações sobre esse estudo fervilhavam ainda mais na minha cabeça, normalmente enquanto eu caminhava pelas ruas enlameadas da comunidade, vendo lixo por todos os lados, casas “caindo aos pedaços” e ouvindo os sucessivos e dramáticos relatos de violência. Perguntava-me, ousando aqui partilhar o não dito - entre parênteses: Como é (possível) ser mãe e mulher no Gereba? E, partindo em alguma medida desse lugar (que envolve um grande nível de dor, tensão e conflito), é possível contribuir para um melhor viver para além do espaço doméstico, e assim colaborar na construção de outro Gereba?

Assim sendo, ousou ainda dizer, que mesmo que eu afirmasse claramente a possibilidade de linhas de fuga (naquele momento eu já havia conhecido pelo menos duas mulheres mães que sinalizavam intensamente isso), a dramaticidade daquele cenário era tamanha, que o não dito dos meus enunciados sobre a potência desses sujeitos, sugeria subliminarmente quase uma impossibilidade, evocava de certa forma algo próximo à ideia de exceção, conseqüentemente de carência; era quase uma provocação, tal a que acontece quando se reconhece o folclore das classes populares, mas não de todo os seus valores culturais. Foi preciso caminhar... “A vida é um processo, a criação é um ato, tudo o que produzimos nasce de um gesto” – me diz Eduardo Almeida (2012, p. 1).

Um desafio se fez presente desde sempre: as mulheres participantes da pesquisa apresentam um perfil muito diverso: diferentes faixas etárias, diferentes práticas sociais, diferentes espaços de interação, diferentes sociabilidades, diferentes valores, diferentes práticas de serviço. Elas têm em comum, além do fato de viverem uma vida “no limite”, o fato de serem mães, em alguns casos avós, de valorizem suas famílias, de terem trabalhado na usina de reciclagem (quase todas), de terem medo da violência, e também medo da polícia, de acreditarem em Deus e conectar-se com o sagrado por meio de ritos (rezar, ir à missa, a novena, ao terreiro), e de gostarem da comunidade, apesar dos problemas que incidem sobre ela. Esse olhar positivo para o Gereba, que valoriza o vínculo “apesar de”, possivelmente se relaciona com o fato de todas contribuírem, individual ou coletivamente, para melhorar a realidade da comunidade.

Ainda que não se esteja no campo da homogeneidade – o texto da pesquisa nos mostrou isso - as significações e interpretações dessas mulheres a respeito de ser mãe e mulher no Gereba estão entrelaçadas aos próprios desafios que enfrentam cotidianamente: “Ser mulher é só coragem!”, é a fala dita por uma delas (e a que abre o título desse trabalho) e que alude à pobreza e a violência. Dessa maneira, ser mulher e mãe no Gereba “é ter praticamente as mesmas responsabilidades que os homens.” (outra fala de outra mulher mãe).

É ter quase sempre que trabalhar fora, a maioria delas como recicladora. É também experienciar os desafios da monoparentalidade (perfil familiar de mais da metade das nossas interlocutoras).

Posso afirmar, desse modo, que ser mãe e mulher na comunidade atualmente é, antes de tudo, viver “o desafio de ser e de se fazer no bairro” (CORDEIRO, 2009, p. 98). É tentar proteger os filhos e filhas dos crimes relacionados ao tráfico. É procurar mantê-los em casa, principalmente quando são pequenos, é orientar para que não se envolvam com drogas, à medida que crescem; (e não abandoná-los quando isso acontece) para que estudem e não se deixem abater pela dura realidade que lhes oprime. É dar e receber amor. É junto com eles e elas acessar, em meio às suas cotidianidades, dimensões miúdas, mas relevantes - tais como a afetividade e a alegria -, capazes de resistir aos conflitos familiares e aos abalos externos, decorrentes principalmente dos males do capital.

A maior parte delas carrega ainda fortes dores emocionais, fruto de experiências ruins com as quais tiveram que lidar de modo muito precoce. Aprenderam a alquimizar parte dessas dores, todavia, em função de algo que desse um maior sentido à vida. Desenvolveram ao longo do tempo diferentes táticas e astúcias (DE CERTEAU, 1990): o sofrimento experienciado no passado no âmbito familiar, transformou-se no desejo de um fazer e de um viver diferente no presente. Assim elas pensam menos nos rancores e mais nos amores: dos filhos e filhas, e/ou dos companheiros, e/ou de irmãos e irmãs, e/ou de mãe, e tudo isso vai alimentando o seu amor-próprio; de outro modo, uma vivência longa e dolorosa na função de catadora fez com que investissem mais na educação dos filhos e filhas e por vezes na própria - duas das nossas interlocutoras concluíram o ensino médio e uma está concluindo o curso superior.

A escassez material, aliás, faz com que até hoje questionem e até burlem algumas regras ditadas pelos poderes instituídos. Por meio de brechas intersticiais que vão sendo descobertas e/ou (re) construídas elas recompõem a própria vida, a partir da produção de si, traduzida em astúcias, táticas e práticas de resistência (DE CERTEAU, 1990). Assim é que, por exemplo, no retorno para casa, quando o material coletado na usina não cabe nas mãos, ou no carrinho, elas fazem uso do corpo para guardar “as valiosas sobras da cidade” que em grande parte são destinadas aos filhos e filhas: roupas “de marca”, algumas semi novas, são colocadas dentro da blusa ou vestido, ou presas no elástico da calcinha. Em outros casos elas aumentam um pouco a idade para poder andar de ônibus sem pagar o valor da passagem, fazem isso sem culpa, pois sabem que envelheceram precocemente em função do trabalho árduo exercido durante anos na usina de reciclagem.

Ademais, é comum reapropriarem-se dos códigos associados à pobreza, dotando-os de novos significados e atribuições, desenvolvendo *artes de fazer* (DE CERTEAU, 1990): embelezam suas casas a partir de bricolagens, usando o material coletado “no lixo”. É assim que um lençol colorido transforma-se em um exuberante papel de parede, painéis areadíssimos são como joias brilhantes, expostas em suas cozinhas; garrafas *pets* viram flores, muitas flores dispostas na entrada de seus barracos, dividindo o espaço com outros enfeites reciclados e símbolos de religiosidade; caixas de papelão viram porta-joias ou maquiagem.

A casa, aliás, e o sentido de família, como sugere Lasch (1991), simboliza um “refúgio num mundo sem coração”. Principalmente porque é onde as mulheres protegem os filhos e filhas da violência, e também onde mais fazem orações com esse intuito. Precisa ser, portanto, mesmo as moradias mais humildes, como os barracos na beira da rampa, um lugar de aconchego e celebração - palco para a grandiosidade das alegrias miúdas. Como elas celebram? A sala é onde assistem TV, riem e cultivam boa parte dos afetos. Há momentos até (digo porque felizmente flagrei), em que as mulheres mães mais jovens ligam o som no volume mais alto e dançam intensamente com os filhos e filhas. No entanto, a cozinha é o local mais procurado por todas. É onde sentam-se em volta da mesa com os filhos/as e netos/as, seja em cadeiras ou batentes para conversar e rir (como riem!). É também onde mais conversam com amigas, enquanto os filhos e filhas pequenos brincam na sala. Afora isso, costumam comemorar aniversários, ou qualquer outra data especial, de modo simbólico ou mais elaborado – como a decoração da festa dos 15 anos da filha de uma das mulheres mães voluntárias, feita com material reciclado e visibilizada nas redes sociais. Elas querem que os filhos e filhas estudem e tenham um trabalho digno. Uma delas afirmou que tudo o que mais deseja é que seus filhos “sejam felizes” – a maneira deles. Nessa relação das mulheres mães consigo, com os filhos e filhas e com a casa, enquanto lar, tanto a corporeidade quanto a espiritualidade, assim como a emoção e a intuição, são dimensões que produzem saberes – movimentos de experiências de si.

Ao longo do estudo pude perceber que várias mulheres mães usufruem ao máximo dos prazeres de viver em uma família grande e unida. Há quase sempre um irmão ou irmã, ou mãe que mora por perto. Até o ato de cozinhar, ao tratar-se da mãe de uma delas, mereceu registro também nas redes sociais – como na foto da família em volta dessa mãe, que ao fogão preparava alegremente um panelão de sopa: “Mãezinha fazendo a sopa não sobra nem a panela!” (Alfazema, 25/11/2017). A ida ao supermercado com o pai, ou ao centro da cidade, de ônibus, também são fatos que ganham esse tipo de registro. As mais introspectivas, uma

minoria, normalmente as de mais idade, celebram não só com filhos e filhas, mas também cuidando de plantas e animais.

Sendo o Gereba um lugar de tantas privações, a maior parte das mulheres participantes da pesquisa entendem que os prazeres precisam ser dilatados. O tempo que habita seus corpos é fincado no aqui e no agora. Por isso normalmente elas querem ocupar as ruas. O acesso a livre circulação pelo bairro é restrito, porém, em função dos conflitos de território. Nem elas nem os filhos e filhas podem andar próximo ao bairro Barroso e ao Conjunto São Cristóvão, e os filhos e filhas são impedidos de frequentar o Cuca Jangurussu. Em virtude disso, elas apropriam-se, da forma que podem da comunidade: vão a aniversários, festas na escola, na associação, participam de passeios organizados por colegas ou projetos sociais. Aos sábados, algumas costumam ir ao bingo e se entristecem pelo fato de, com a entrada massiva da polícia no Gereba no final do ano de 2017, verem cerceado parte desse direito de ir e vir - como o churrasquinho após o bingo vendido na rua, que outrora comiam tranquilamente com os amigos e amigas, regado a uma ou outra cerveja.

Geralmente a revolta ou tristeza com as “questões limites” que afetam a comunidade, transforma-se num desejo de contribuir, seja no plano individual, como as mulheres mães que realizam um serviço por meio da espiritualidade, ou num movimento de gregarismo. Diante da quase ausência de políticas públicas, de lazer, saúde, cultura, trabalho e geração de renda, estas buscam espaços de participação, voltados para o serviço comunitário e expressos principalmente na forma de voluntariado: movimentos sociais como o MNCR, associações como a ASCAJAN ou antigas associações de moradores e moradoras que por meio da sua ação transformam-se em centros sócio-culturais.

Essas duas possibilidades de agir em prol do bem comum e de um melhor viver no Gereba, dão novos contornos as trajetórias das mulheres mães. As que expressam o serviço por meio da espiritualidade, manifestam saberes e dons específicos, e nessa conexão com o sagrado desenvolvem resiliência diante das dificuldades, cultivam afetos com os moradores e moradoras de modo mais pessoal e podem atuar como canais de curas para muitas doenças. As demais ampliam seus horizontes formativos a partir do cotidiano da vivência grupal, um exercício de idas e vindas, a partir do qual aprimoram habilidades técnicas e emocionais: comunicação, organização, planejamento, além de uma maior capacidade de escuta e empatia. Juntas têm a possibilidade de reivindicar coletivamente os direitos para si e para a sua comunidade. Elas pagam um preço por isso, contudo. Diante do ocaso do Estado, da quase inexistência de políticas públicas, as mulheres mães enfrentam uma tripla jornada: precisam readaptar horários, acordando mais cedo muitas vezes, fazer negociações, nem sempre fáceis,

com os companheiros e lidar com os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos e filhas, normalmente ainda pequenos ou adolescentes, tendo que abrir mão de parte do tempo destinado a convivência familiar - várias desistem no meio do caminho.

Há compensações nesse percurso e isso elas reconhecem. As que são ligadas mais diretamente aos movimentos sociais, passam a conhecer melhor a cidade, vão a manifestações, frequentam espaços institucionais, espaços de poder e chegam a viajar pelo país. Por meio da militância crescem politicamente e afirmam-se como lideranças. Aquelas vinculadas a projetos sociais e a espaços como à antiga associação de moradores e moradoras Dom Aloísio Lorscheider, adentram na esfera micropolítica e nela constroem territórios educativos: conhecem pessoas, expressam-se mais, minimizam traços da timidez que porventura tenham, descobrem dons e talentos, sentem-se menos só em seus ideais, cultivam e socializam saberes, ensinam e aprendem. Por meio de suas ações veem jovens, crianças, idosos e idosas terem mais acesso a arte e a cultura, ao conhecimento e muitas mulheres parecidas com elas beneficiarem-se com ações de promoção à saúde, geração de renda e de desenvolvimento dos valores humanos.

As mulheres mães que exercem algum tipo de voluntariado, tem a oportunidade também de serem cuidadas em algumas atividades – principalmente naquelas realizadas em parcerias com sujeitos externos à comunidade. Nesses momentos, elas relaxam e, sem tantas responsabilidades, acabam experienciando aquilo que mais gostam: a alegria. Fortalecem também os vínculos afetivos e a amizade. Não é o ato em si de agrupar-se que as mobiliza, ainda que isso também para elas seja importante, mas a intensidade da experiência que vivenciam, em seu poder reestruturador. A vivência coletiva se dá em meio a uma trama de relações cotidianas que acolhe lutas, tristezas, alegrias, decepções e esperanças.

Conversar, rir, pensar juntas, buscar saídas para os problemas, dançar, abraçar, brigar, arrepender-se, celebrar os bons momentos, consolar nos momentos difíceis, fazer algo novo, diferente, superar-se, fazer algo por alguém que conhecem, ou por desconhecidos - gestos que ativam a possibilidade de “ser mais” (FREIRE, 1969, p. 127), possibilidade essa que se traduz no brilho do olhar, no sorriso aberto, na confiança em refazer-se a cada dia. Em meio a tiros e detritos elas resistem, como na canção de Cazuza: “Mas se você achar que eu estou derrotado, saiba que ainda estão rolando os dados...”<sup>117</sup>

O que essas mulheres mães mais querem é que a sua comunidade “não caia” (como disse certa vez uma delas). Lutam por um Gereba onde as mulheres, por um lado, não

---

<sup>117</sup>CD Ideologia, Gravadora Som Livre, 1988.

se envergonhem de ser catadoras – acessando condições de trabalho mais dignas –, ou, onde aquelas que não quiserem, tenham outras opções, e onde todas tenham um acesso maior a bens de consumo. Movem-se principalmente por desejarem um Gereba melhor: onde haja uma incidência menor de tráfico e onde os filhos e filhas não venham a ser mortos dado o conflito entre as facções; onde a juventude tenha acesso a trabalho digno e a educação de qualidade; onde as crianças possam brincar mais nas ruas e as mães tenham menos preocupações e mais alegrias.

Desenvolver práticas de serviço é como fomentar o acesso a um microcosmo da realização dos seus desejos – parece-me. Nesse sentido, as que são ligadas a antiga associação de moradores, grupo de mulheres mães com o qual interagi mais tempo, costumam postar em redes sociais as ações socioculturais que conseguem realizar. Apresentam desse modo outro Gereba para o mundo: resistente, alegre, solidário. Divulgam fotos, vídeos, mensagens, comentários e depoimentos que confrontam a imagem negativa que dele se tem.

Ao conseguirem manter uma vida cheia de trocas afetivas e ações solidárias, não obstante a ocorrência de conflitos, essas mulheres, no exercício da grupalidade, desmontam em alguma medida, os valores e padrões da sociedade atual, ressaltando aqui a competitividade e a ambição por dinheiro, poder e sucesso. Manifestam socialmente a existência no ser humano de forças interiores capazes de mitigar as mais duras adversidades. Promovem a criação de lugares potentes (internos e externos), pedaços ressignificados pelas práticas de aprendizagem, pelas redes de acolhimento, pelas teias afetivas que tecem, pelo envolvimento e mobilização e pelas singularidades produzidas. Esses lugares atuam como “campos de possibilidades insurgentes” (CORDEIRO, 2009, p. 217). No encontro com o outro, com a outra, as mulheres mães são motivadas pelos encantos das múltiplas possibilidades existenciais da vida, pelos caminhos e atalhos que podem trilhar, experimentar, abandonar, por movimentos de idas e vindas.

Várias delas, contudo, em algum momento manifestou o desejo de deixar a comunidade, principalmente no contexto mais violento vivenciado durante a pesquisa, o ano de 2017. Algumas carregam ainda esse sonho, ou porque descreditaram no alcance e interesse dos poderes públicos ou porque têm pressa – há casos em que o Gereba se torna pequeno para os sonhos de algumas mulheres. Mas se permanecer no bairro é o limite do possível, enquanto a aposentadoria, ou “o bom emprego” não vem, elas seguem estimulando o cuidado consigo, com o outro e com a comunidade; desestabilizando estigmas, produzindo subjetividades mais afirmativas e desenvolvendo ferramentas – por meio de seus saberes e de suas práticas sociais de resistência, suas experiências, – para o enfrentamento de uma vida de



negação de direitos e de privação material, dentre as quais destaco a afetividade, a alegria, a sociabilidade, a solidariedade e a espiritualidade – campos educativos reestruturadores de si.

Conhecer os saberes tecidos pelas mulheres mães no Jangurussu, por meio de suas experiências na comunidade Gereba e as suas práticas sociais de resistência, me faz reiterar que a periferia não é um lugar só de morte, há uma vida pulsante expressa por meio de inventivas práticas protagonizadas na cotidianidade dessas pessoas comuns, para além dos espaços formais, que brotam na cotidianidade desses sujeitos e contribuem para um viver melhor individual e coletivo.

Há quem olhe para tudo isso e julge os saberes e práticas dos moradores e moradoras de periferia não como expressões de resistência, mas como formas de passividade ou conformismo em relação aos males do capital. Penso que mais do que emitir conclusões, a finalização de uma pesquisa deve lançar elementos para novas análises. Nesse sentido, o delicado documentário *Janela da Alma*, anteriormente citado, sugere que às vezes é preciso mais que o olho para ver. Nele, nomes importantes, como José Saramago e Manoel de Barros, mostram a beleza com que olham o mundo, e a si mesmos, apesar (e de certo modo “por causa”) das limitações que enfrentaram ao longo da vida, dado ao comprometimento em algum grau da própria visão. Dessa forma, entendo o seu título como um questionamento à valorização, talvez excessiva, atribuída a esse sentido. É preciso aprender a ver com outros olhos. Como diz o próprio poeta: “A expressão reta não sonha [...] É preciso transver o mundo.” (BARROS, 2010, p. 75).

Quanto a mim... até que ponto meus olhos foram capazes de captar os atos instituintes do mundo das mulheres mães no Gereba? Sinto que por meio delas pude compreender melhor não só as possibilidades de ruptura e reinvenção, mas também como se dão essas rupturas e reinvenções dos diferentes modos de se viver. É como se elas entendessem a vida como uma obra de arte (parafraseando Lygia Clark na proposta de “Caminhando”), da qual têm certo acesso ao molde, e soubessem que lhes cabe soprar dentro dele o sentido da existência. Confesso que através de suas trajetórias eu várias vezes, de certo modo me vi (porque não, não existe neutralidade! E porque sim, há um tanto de projeção em uma tese!).

Cada vez que me orgulhava delas, que chorava lendo e refletindo sobre seus relatos, relembando seus corpos e jeitos, vendo suas fotos (quantas vezes não experienciei isso?), eu também me vi um pouco refletida. Certamente elas não vão provocar grandes abalos, sequer alterar as estruturas da cidade que lhes vira as costas – é justamente de fazer pular sutilezas e irrelevâncias (DE CERTEAU, 1990) que as heroínas anônimas vivem -,

mas penso que mudam um pouco o mundo, quando mudam seus mundos internos e fazem florescer práticas sociais de resistência que reverberam num Gereba menos difícil de viver.

Por fim quero dizer que penso cada vez mais, que se existe “o real” – lembro-me aqui novamente de Duarte Júnior (2004) a me provocar: “O que é realidade?” – ele parece se dar quando caem os maniqueísmos e as idealizações de toda ordem. E também quando enquanto pesquisadores e pesquisadoras descemos da nossa torre de marfim, habitada por nossa indiferença velada, nossos medos, preconceitos, certezas e vaidades intelectuais; quando assumimos que lá faz frio e nos deixamos levar pelos sujeitos da periferia, nesse caso, pelas mulheres mães e por suas *artes de fazer*, de sentir e de viver e quando deixamo-nos permeáveis aos abalos, fricções e rupturas que esse encontro provoca, sem que isso turve o sol bonito que faz hoje.

E eis que escrevendo esse texto diante do computador, me vem a compreensão – depois de tanto haver “me visto” – que há heroínas anônimas também em minha família, dentro de minha casa que até então não percebera (tive que parar por alguns instantes, estou emocionada). Esse é um trabalho que me move para o outro, para a outra, para as outras... de fato. Talvez por isso o silêncio “e a sensação inicial de branco” ao tentar falar sobre mim. E tudo isso de algum modo me transforma, me atravessa e me deixa feliz. Principalmente ao lembrar-me de ter sido por tantas vezes e de forma tão radical, ao longo de todo esse estudo, atravessada pelo medo e pela angústia.

Posso dizer, ao final, que ouço outras notas no ar... Há algo além de um *antropological blues* nas pesquisas de tom etnográfico que versam sobre as periferias. As mulheres mães no Gereba me mostraram isso com a sua alegria – suas *artes de fazer*, de viver e de sentir. Há o pulsar da vida.

Um *antropological soul*?

## REFERÊNCIAS

- ACCIOLY, Izabel; LINS, Ana Letícia. **Cadeia ou cemitério**: o que temos a oferecer à juventude periférica cearense? Fortaleza, 7 dez. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/midium/cadeia-ou-cemit%C3%A9rio-o-que-temos-a-oferecer-%C3%A0-juventude-perif%C3%A9rica-cearense-526d47ebec7>>. Acesso em: 9 dez. 2017.
- ADAD, Shara Jane H. Costa. **Jovens e educadores de rua**: itinerários poéticos que se cruzam pelas ruas de Teresina. 2004. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.
- ALMEIDA, Eduardo A. A. **Sempre em frente**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.artefazparte.com/2012/09/sempre-em-frente.html>>. Acesso em 21 jun. 2017.
- ALVES, Andréa Moraes. **Leis do feminino**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/09/23/leis-do-feminino/>>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- ALVES, Rubem. **A arte de educar**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://psicologiaacessivel.net/2015/07/15/a-arte-de-educar-um-lindo-texto-de-rubem-alves/>>. Acesso em: 29 maio 2018.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A flor e a náusea. *In*: \_\_\_\_\_. **A rosa do povo**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ANTIGO lixo gera impactos. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 22 jun. 2015. (Caderno Cidade). Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/antigo-lixao-ainda-gera-impactos-1.1321532>>. Acesso em: 21 fev. 2018.
- ARAÚJO, Francimara Carneiro. **Ser criança**: um estudo etnográfico sobre as práticas infantis no Parque Santa Filomena Jangurussu. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- AREOSA, Virginia Coutinho; BULLA, Leonia Capaverde. O envelhecimento humano e as novas configurações familiares: o idoso como provedor. **Psicologia**, Lisboa, v. 24, n. 1, p. 161-171, 2010.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AZEVEDO, Débora Costa de. Voluntariado corporativo: motivações para o trabalho voluntário. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 17., 2007, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu, 2007.

BABA, Sri Prem. **Espiritualidade é mais simples do que parece**: é colocar o amor em movimento. [S. l.], 2018. Disponível em: <<https://prembaba.blogosfera.uol.com.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

BABA, Sri Prem. **Propósito**: a coragem de ser quem somos. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

BABA, Sri Prem. **Sacha dham ashram**. [S. l.], 2014. Disponível em: <<https://www.sriprembaba.org/transcricoes/satsang-07-01-14-sachcha-dham-ashram/>>. Acesso em 2 jul. 2018.

BABA, Sri Prem. **Transformando o sofrimento em Alegria**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BAIRRO Jangurussu recebe 25 edição do “Tô na praça”. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 11 ago. 2017. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/bairro-jangurussu-recebe-a-25-edicao-do-to-na-praca-1.1803006>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

BARREIRA César (Coord.). **Ligado na galera**: juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza. Brasília, DF: UNESCO, 1999.

BARREIRA César. Violência difusa, medo e insegurança: as marcas recentes da crueldade. **Revista Brasileira de Sociologia**, Aracaju, v. 1, n. 1, p. 219-242, jan./jul. 2013.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros/iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005. v. 1, 2.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Ed., 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2007.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. **DOU**, Brasília, DF, 16, jul. 1990.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Brasília, DF, 1996.

CANTUÁRIO, Maria Zelma de A. Madeira. **A maternidade simbólica na religião afro-brasileira**: aspectos socioculturais das mães-de-santo na Umbanda em Fortaleza-Ceará. 2009. 250 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

CANTUÁRIO, Maria Zelma de A. Madeira. **Maternidade e conjugalidade**: múltiplos discursos na construção de um devir mulher. 1998. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade federal do Ceará, Fortaleza, 1998.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da violência 2016**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/160322\\_nt\\_17\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2016\\_finalizado.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/160322_nt_17_atlas_da_violencia_2016_finalizado.pdf) >. Acesso em: 20 set. 2018.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da violência 2017**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2017.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2018.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

CLARK, Lygia. 1965: a propósito do instante. *In*: CLARK, Lygia. **Lygia Clark**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980. p. 27.

CLARK, Lygia. **Caminhando**. Lisboa, 1964. Disponível em: <<http://www.lygiac Clark.org.br/arquivoPT.asp>>. Acesso em: 1 jul. 2018.

CORDEIRO, Denise. **Juventudes nas sombras**: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedades. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, 2009.

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005.

DAMASCENO, Maria Nobre. **Artesania do saber**: tecendo os fios da educação popular. Fortaleza: Ed. UFC, 2005a.

DAMASCENO, Maria Nobre. **O caminho se faz ao caminhar**: elementos teóricos e práticos na pesquisa qualitativa. Fortaleza: Ed. UFC, 2005b.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. Antropologia da saudade. *In*: \_\_\_\_\_. **Conta de mentiroso**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. *In*: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 23-35.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DE CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o barroco**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papirus, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 2.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume, 1998.

DIÓGENES, Glória. Enigmas do medo: juventude, afetos e violência. *In*: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL Márcia (Org.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011. p. 209-228.

DIÓGENES, Glória. Signos urbanos juvenis: rotas da piXação no ciberespaço. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 22, p. 45-61, 2013.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O que é realidade**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação do sensível**. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

ENTUSIASMO. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2018]. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Entusiasmo>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

ESPINOSA. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. 12. ed. Rio de Janeiro, 1999.

ESTUDANTES resgatam a história do bairro Jangurussu. Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.jangurussudigital.xpg.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

FONTENELE, Inambê Sales. **Pedagogia do griô**: customizando experiências de vidas e culturas educacionais. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1997.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal. Ação jovem Jangurussu. **Jangurussu.Doc Proposta**. Fortaleza, 2015. Disponível em: <[http://culturadigital.br/2acaojovemjangurussu/2015/12/20/jangurussu-doc\\_proposta/](http://culturadigital.br/2acaojovemjangurussu/2015/12/20/jangurussu-doc_proposta/)>. Acesso em: 3 abr. 2017.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal. Rede Cuca. **Sobre**, Fortaleza, 2018. Disponível em: [https://www.facebook.com/redecuca/info/?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/redecuca/info/?tab=page_info). Acesso em: 2 abr. 2018.

FOUCAULT, Michel. Gerir os ilegalismos. *In*: FOUCAULT, Michel. **Entrevistas**. Tradução Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p. 41-52. Entrevista concedida a Roger Pol-Droit, em jan. 1975.

FOUCAULT, Michel. Poderes e estratégias. *In*: \_\_\_\_\_. **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 241-252.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRANCO, Márcio Flávio Amorim. **Percepção dos catadores do lixão do Jangurussu em face dos riscos ambientais e ocupacionais à saúde**. 2007. Dissertação (Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra. 1984.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. O papel da educação na humanização. **Revista Paz e Terra**, São Paulo, ano 4, n. 9, p. 123-132, out. 1969.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Sobre a metodologia popular**: princípios do trabalho popular. Porto Alegre, 2011b. Disponível em: <<http://recid.redelivre.org.br/2011/10/27/metodologia-popular-principios-trabalho-popular/>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. A gênese do Decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. *In*: FRIGOTTO, G. *et al.* (Org.). **Ensino médio integrado**: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005. p. 21-56.

FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem**. Tradução Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GADELHA, Descartes. **Catadores do Jangurussu**. Fortaleza, 1980a. 1 óleo sobre tela. Disponível em: <<http://notasdator.blogspot.com/2016/01/>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

GADELHA, Descartes. **Pôr do sol atrás da Rampa**. Fortaleza, 1980b. 1 óleo sobre tela. Disponível em: <<http://notasdator.blogspot.com/2016/01/>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GAUTHIER, J. H. M. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 127-142, jan./abr. 2004.

GAUTHIER, J. H. M. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: CRV, 2012.

GAUTHIER, Jacques. O fundador da sociopoética no mundo. Entrevista. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 24 jul. 2004. Caderno 3. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/o-fundador-da-sociopoetica-no-mundo-1.220916>>. Acesso em 21 jul. 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. *In*: GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 85-107.

GESTALT: significado e princípios básicos. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/gestalt-significado-e-principios-basicos/52547>>. Acesso em: 4 maio 2018.

GIL, José. **Movimento total**: o corpo e a dança. Lisboa: Relógio D'Água, 2001.



GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRUPO MUSICAL CAIXEIROS VIAJANTES. **Música O lobisomem do Jangurussu**. Fortaleza, 30 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XG9rWPfn0gY>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

GRUPO RELATO ATIVO. **Na luta, nos corre e vencendo**. Fortaleza, 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/relatoativorap/>>. Acesso em 15 abr. 2018.

GUARDIÕES do Estado. WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2018]. Disponível em: Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Guardi%C3%B5es\\_do\\_Estado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guardi%C3%B5es_do_Estado)>. Acesso em: 19 fev. 2018.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GULLAR, Ferreira. **Poema sujo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. FGV- Consult. Informalidade na construção civil. **Conjuntura da Construção**, São Paulo, ano 3, n. 3, set. 2005. Disponível em: <<http://www.cbicdados.com.br/constructnumeros2.asp>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

IZAIAS, Fabiana Maria de Carvalho. **Na rota do lixo**: percursos de vida e trabalho de catadores do complexo de tratamento de resíduos sólidos do Jangurussu. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

JANELA da alma: documentário. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4F87sHz6y4s>>. Acesso em: 15 maio 2018.

JOCA, Alexandre Martins. **Levados por anjos**: modos de vida, educação e sexualidades juvenis. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

JOSSO, Marie Cristhine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 157-171.

KOGA, D. **Medida de cidades**: entre territórios de vida e territórios vividos. São Paulo: Cortez, 2003.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./ abr. 2002.

LAROSSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LAROSSA, Jorge; NUÑES, Violeta. A educação social e a gestão de resíduos humanos: um experimento com a arte, a educação social e o lixo na Universidade de Barcelona. *In*: MARTINS, Fabiana Fernandes, NETTO, Maria Jacintha; KOHAN, Walter Omar (Org.). **Encontrar escola**: o ato educativo e a experiência da pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração – a família**: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LINHARES, Ângela Maria Bessa; PIMENTEL, Lídia. A Construção do sentido do ser amador. *In*: MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade III**. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 241-259. (Coleção Diálogos Intempestivos).

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **O primeiro beijo**. São Paulo: Ática, 1996.

LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MADEIRA, Zelma. **A maternidade simbólica na religião afro-brasileira**: aspectos socioculturais da mãe-de-santo na Umbanda em Fortaleza-Ceará. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Tradução Márcia C. de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta-feira**, São Paulo, n. 1, maio 1997. Disponível em: <[http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/o%20velho%20e%20bom%20caderno\\_de\\_campo.pdf](http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/o%20velho%20e%20bom%20caderno_de_campo.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2017.

MAIAKÓVSKI, Vladimir. **Poemas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

MARQUES, Vânia Maria Veras. **O conjunto São Cristóvão como estudo de caso**: análise das políticas públicas em áreas habitadas e degradadas. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os economistas, v. 1, t. 1).

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

MELUCCI, Alberto. Conclusões: métodos qualitativos e pesquisa reflexiva. In: MELUCCI, Alberto (Org.). **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 315-338.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.

MORENO, Antonia, Imaculada. **Avances recientes em la investigación económica sobre el voluntariado**: valoración económica del trabajo voluntario, costes de gestión del voluntariado y voluntariado corporativo. Madri: CIRIEC. 2008.

MORAN, José. **A importância de construir projetos de vida na educação**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/10/vida.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

MORAN, José. **Bases para uma educação inovadora**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/bases.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado**: questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo. Grandes Mães, Reais Senhoras. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Guerreiras de natureza**: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 49-52.

OLIVEIRA, Dannilo Duarte. **Jornalismo policial na televisão**: gênero e modo de endereçamento dos programas Cidade Alerta, Brasil Urgente e Linha Direta. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <[http://www.poscom.ufba.br/arquivos/Poscom-Producao\\_Cientifica-annilo\\_Duarte\\_Oliveira.pdf](http://www.poscom.ufba.br/arquivos/Poscom-Producao_Cientifica-annilo_Duarte_Oliveira.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2017.

PAIS, José Machado. **Sexualidade e afectos juvenis**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

PINTO, Rosa Maria Ferreiro *et al.* Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 105, p. 167-179, jan./mar. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282011000100010&lng=pt&nrm=is&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282011000100010&lng=pt&nrm=is&tlng=pt)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

PONTES, Cícera de Andrade. O que dizem as juventudes do Jangurussu? O diário de campo como ferramenta para possíveis respostas. *In*: DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Celecina de Maria Veras; ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de. (Org.). **Pesquisa qualitativa**: formação e experiências. Curitiba: CRV, 2016.

PONTES, Cícera de Andrade. **Onde mora a esperança?** Um estudo das culturas juvenis no Jangurussu: As Meninas do Rap e os Meninos e as Meninas de Deus. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

PORTO, Nuno. Objectos em exposição: a mediação visual como experiência situada. *In*. PAIS, José Machado; CARVALHO, Clara; GUSMÃO, Neusa Mendes de (Org.). **O visual e o cotidiano**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2008. p. 207-233.

PROJETO CRESCER COM ARTE. **Cordel O lobisomem do Jangurussu**. Fortaleza: FUNCÍ, 2006.

REDE DE ARTICULAÇÃO JANGURUSSU E ANCURI. **Fotos da REAJAN**. Fortaleza, 8 out. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=600263963349000&set=g.422651447801404&type=1&theater&ifg=1>>. Acesso em: 3 abr. 2017.

RIBEIRO, Aline; CORRÊA, Hudson; FONSECA, Helena. **O crime está em guerra**: as maiores facções brasileiras romperam. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:

<<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/10/o-crime-esta-em-guerra-maiores-faccoes-brasileiras-romperam.html>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

ROLNIK, Suely. **Entrevista com Suely Rolnik**: a hora da micropolítica. Entrevista concedida a Fernández Polancos e Antonio Pradel. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/entrevista-com-suely-rolnik-a-hora-da-micropolitica/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

ROLNIK, Suely. **Entrevista**: Suely Rolnik – Suely Rolnik. [S. l.], 2014. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/10/24/entrevista-suely-rolnik-suely-rolnik/>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Criações coletivas da juventude no campo político**: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

SALES, Celecina de Maria Veras. Os jovens como experimentadores e produtores de devires. *In*: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (Org.). **Trajetórias da Juventude**. Fortaleza, LCR, 2001. p. 25-40.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Fórum Social Mundial**: manual de uso. Madisson, 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/fsm.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós modernidade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Jonabio Barbosa dos; SANTOS, Morgana Sales da Costa. Família monoparental brasileira. **Rev. Jur.**, Brasília, DF, v. 10, n. 92, p. 1-30, out./2008-jan./2009.

SANTOS, Milton. **Entrevista sobre globalização**. [S. l.], 1997. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xPfkIR34law>>. Acesso em: 3 maio 2018. Entrevista concedida a Matinas Suzuki Jr. do programa Roda Viva.

SARUBBI, F. M.; ALPERSTEDT, G. D.; FEUERSCHÜTTE, S. G. O trabalho voluntário em organizações do terceiro setor: caracterização dos saberes necessários para atuar na questão do Hiv/Aids. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAD, 33. 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2009. 1 CDROM.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, n. 16, p. 297-325, 1998.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Rebecca Isabelle Herculano. Projeto “Jangurussu, reciclando a vida”: uma análise sócio-ambiental na visão do catador. 2007. *In*: CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE NORDESTE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA, 2., 2007, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2007. Disponível em: <[http://web-resol.org/textos/20080212\\_092159\\_meio-029.pdf](http://web-resol.org/textos/20080212_092159_meio-029.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2017.

SOUZA, Ana Paula de. **Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas e monoparentais femininas**: a influência do genitor no desenvolvimento familiar. 2008. Dissertação (Mestrado em Serviço) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2008.

SOUZA, Francisca Lidiane Araújo de. **Corpos e saberes em movimento**: as jovens dançarinas de funk da Barra do Ceará. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TALICY, Eduarda. Polícia acha pedaços de corpos em apartamento no Jangurussu. **O Povo**, Fortaleza, 27 set. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/09/policia-acha-pedacos-de-corpos-em-apartamento-no-jangurussu.html>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

THIOLLENT, Michell. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1982.

TV DIÁRIO. **Polícia investiga cemitério clandestino no Jangurussu**. Fortaleza, 1 nov. 2017. Disponível em: <<http://tvdiario.verdesmares.com.br/noticias/policia/policia-investiga-cemiterio-clandestino-no-jangurussu-1.1844550>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

UNISINOS. **Orçamento 2018 ampliará desigualdade social no Brasil**. São Leopoldo, set. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/572081-orcamento-2018-ampliará-desigualdade-social-no-brasil>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

VALLA, Victor. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21 p. 179, jul./dez. 1996.

VALLA, Victor. **Redes sociais, poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise**. São Paulo, 2000. Apresentado na mesa-redonda “Comunicação e Redes de Poder em Saúde”, no 2º Congresso Brasileiro de Ciências Sociais em Saúde, São Paulo, ago. 2000.

VALLA, Victor. Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, sup. 2, p. 7-18, 1998.

VASCONCELOS, Eymard. Espiritualidade na educação popular em saúde. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 29, n. 79, p. 323-334, set./dez. 2009.

VELHO, Gilberto (Org.). **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. v. 1.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: \_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

WEIL, Pierre. **O corpo fala**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.